

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Daniela Borja Bessa

Literatura de auto-ajuda cristã: em busca da felicidade ainda na terra e não só
para o céu

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Daniela Borja Bessa

Literatura de auto-ajuda cristã: em busca da felicidade ainda na terra e não só
para o céu

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Doutora em
Ciências da Religião sob a orientação do Prof.
Doutor João Edênio dos Reis Valle.

SÃO PAULO
2008

Banca Examinadora

A meus pais, Roberto e Estela Bessa, que com presença, apoio, consolo, encorajamento têm me permitido sempre arriscar novos caminhos.

AGRADECIMENTOS

Ao contrário da auto-ajuda, que se centra no sujeito, há muito a agradecer...

A Deus, doador de esperança, vida e capacitação.

A meus irmãos, Roberto e Gustavo, e cunhadas, Carolina e Ana Paula, que sonharam comigo e estimularam a prosseguir nas pesquisas.

A André, Arthur, Isaque e Alice Bessa, futuros leitores, expressões de graça, alento e esperança.

A Súsie Helena Ribeiro, cuja amizade preciosa, encorajamento e orientações foram bálsamo durante a escrita desse trabalho.

A Vanessa Dutra Menezes, pela organização precisa e cuidadosa de todos os dados estatísticos do trabalho.

Aos amigos e familiares que sonharam junto e estimularam com palavras, orações, presença: Andreza, João Marcos, Dorcas, Vó Carina, tia Helenita.

Aos alunos e alunas da FATEBH da disciplina Pesquisa Teológica I em 2007 pela coleta de dados, e que também se transformaram em parceiros.

A Ricardo Bibiano Dias, pela revisão competente das normas.

Ao meu orientador, prof. Dr. João Edênio dos Reis Valle, pela acolhida, oportunidade e estímulo à autonomia.

Aos professores do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, pela competência, seriedade e estímulo à pesquisa.

À Andréia Bisuli, secretária do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, que, com competência, gentileza e segurança, facilita a adaptação a todas as demandas do curso.

À CAPES, pelo incentivo importante para concretização desse projeto pessoal.

RESUMO

Esta tese tem como tema a literatura de auto-ajuda cristã. Os objetivos gerais que motivaram a pesquisa foram: compreender os pressupostos do gênero auto-ajuda, relacionar literatura de auto-ajuda secular e literatura de auto-ajuda cristã, verificar o papel que a literatura de auto-ajuda desempenha junto aos cristãos protestantes. Buscou-se estudar a literatura de auto-ajuda cristã por ser um gênero em expansão a partir dos anos 80 e ser um segmento importante do mercado editorial evangélico. Formada de escritos de norte-americanos, essa literatura une os discursos religioso e psicológico, através do uso de versículos bíblicos e termos da Psicologia Humanista e Psicologia Positiva e alcança respeitabilidade entre os evangélicos. A hipótese que sustenta esse trabalho é que a literatura de auto-ajuda cristã apropriada pelos cristãos, ao unir os discursos psicológico e religioso, contribui para a humanização de seus leitores, tornando-se instrumento promotor de saúde emocional e espiritual. Para verificar esse hipótese, esse trabalho foi dividido em dois grandes blocos: no primeiro, observaram-se as influências social e psicológica recebidas pela literatura de auto-ajuda, e, no segundo, analisou-se a auto-ajuda cristã. No intuito de verificar as influências da literatura de auto-ajuda cristã sobre seus leitores, foram realizadas pesquisas com evangélicos de Belo Horizonte e das cidades circunvizinhas. Os livros mais mencionados por eles foram objeto de análise ao final da tese. Percebeu-se que a literatura de auto-ajuda cristã, ao contrário da literatura de auto-ajuda secular, vista como prejudicial e espoliadora, contribui tanto para o crescimento pessoal, quanto para o desenvolvimento da espiritualidade, desempenhando, portanto, um papel positivo junto à comunidade evangélica.

Palavras-chave: Literatura de auto-ajuda; Pós-Modernidade; Psicologia Humanista; Protestantismo.

ABSTRACT

The theme of this thesis is about Christian *Self-Help* Literature. The research was motivated by the following general objectives: to understand the presuppositions of *self-help* genre; to identify a possible relationship between Secular *Self-help* Literature and Christian *Self-Help* Literature; to verify a role of *Self-Help* Literature among Protestant Christians. The study of Christian *Self-help* Literature was elected because it is a genre in expansion since 1980s as a relevant segment of evangelical publishing market. From American writers, such literature has linked religious and psychological discourse by using biblical verses and psychological technical terms from Transpersonal, Humanist and Positive Psychology and also it has achieved great respectability among Evangelical Christians. The hypothesis that supported its investigation is that Christian *Self-Help* Literature is received by Christians as a welcome initiative once it links psychological and religious discourse and it contributes to humanization of its readers as instrument which promotes emotional and spiritual health. In order to verify such hypothesis, the thesis was divided in two major blocks or parts. In the first block, social and psychological influences which have impacted *Self-Help* literature are analyzed. In the second block, the Christian *Self-help* is analyzed. As it was intended by this thesis, to verify what has provoked such Christian *Self-Help* Literature on its Christian readers, a research was carried with Evangelical Christians from Belo Horizonte and neighbouring cities. The books with more indications in the research were analyzed in the final chapter. It could be perceived that Christian *Self-Help* Literature, in opposite way to Secular *Self-Help* Literature, which is seen as prejudicial and abusive, was considered as contributive to personal growth and spiritual development. In other words, the research has pointed out a positive role of Christian *Self-Help* Literature as a perception of evangelical community.

Key-words: *Self-Help* Literature; Post-Modernity; Humanist Psychology; Protestantism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representações de escolaridade, sexo e faixa etária na pesquisa 1	124
Figura 2 - Igreja de pertença e tempo de conversão na Pesquisa 1	125
Figura 3 - Escolaridade, sexo e faixa etária.....	144
Figura 4 - Igreja de pertença e tempo de conversão	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Livros mais lidos e relação com escolaridade e sexo.....	126
Tabela 2 - Livros mais lidos e relação com faixa etária.....	127
Tabela 3 - Livros mais lidos e relação com igreja de pertença.....	127
Tabela 4 - Livros mais lidos e relação com tempo de conversão.....	127
Tabela 5 - Temas dos livros e igreja de pertença.....	131
Tabela 6 - Temas dos livros, sexo e faixa etária.....	132
Tabela 7 - Temas dos livros e escolaridade.....	133
Tabela 8 - Temas dos livros e tempo de conversão.....	134
Tabela 9 - Razões para leitura e faixa etária.....	135
Tabela 10 - Razões para leitura e escolaridade.....	135
Tabela 11 - Razões para leitura e igreja de pertença.....	136
Tabela 12 - Fonte para resolução de problemas, sexo e igreja de pertença.....	137
Tabela 13 - Fonte para resolução de problemas e escolaridade.....	138
Tabela 14 - Benefícios da leitura e escolaridade.....	139
Tabela 15 - Benefícios da leitura e faixa etária.....	139
Tabela 16 - Benefícios da leitura e igreja de pertença.....	139
Tabela 17 - Benefícios da leitura e tempo de conversão.....	140
Tabela 18 - Problema resolvido e faixa etária.....	141
Tabela 19 - Problema resolvido e escolaridade.....	142
Tabela 20- Problema resolvido e igreja de pertença.....	142
Tabela 21 - Livros mais lidos e igreja de pertença.....	148
Tabela 22 - Livros mais lidos e tempo de conversão.....	149
Tabela 23 - Livros mais lidos e escolaridade.....	149
Tabela 24 - Livros mais lidos, sexo e faixa etária.....	150
Tabela 25 - Temas dos livros, sexo e faixa etária.....	157
Tabela 26 - Temas mais lidos e igreja de pertença.....	158
Tabela 27 - Temas mais lidos e escolaridade.....	159
Tabela 28 - Temas mais lidos e tempo de conversão.....	160
Tabela 29 - Razões para leitura, sexo e faixa etária.....	162
Tabela 30 - Razões para leitura e igreja de pertença.....	163

Tabela 31 - Razões para leitura e tempo de conversão.....	163
Tabela 32 - Benefícios da leitura e igreja de pertença.....	164
Tabela 33 - Benefícios da leitura, sexo e faixa etária.....	165
Tabela 34 - Benefícios da leitura e escolaridade	165
Tabela 35 - Problema resolvido na leitura, sexo e faixa etária.....	166
Tabela 36 - Problema resolvido na leitura e escolaridade	167
Tabela 37 - Problema resolvido na leitura e igreja de pertença.....	168
Tabela 38 - Categorização dos problemas, sexo e faixa etária.....	169
Tabela 39 - Categorização dos problemas e igreja de pertença.....	171
Tabela 40 - Categorização dos problemas e escolaridade	172
Tabela 41 - Categorização dos problemas e tempo de conversão	172
Tabela 42 - Fonte para resolução de problemas e igreja de pertença	174
Tabela 43- Fonte para resolução de problemas, sexo e faixa etária	175
Tabela 44 - Fonte para resolução de problemas e escolaridade	176

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Problematização	12
1.2 Hipótese	13
1.3 Justificativa.....	14
1.4 Objetivos e metodologia.....	17
1.5 Estrutura do trabalho	18
2 LITERATURA DE AUTO-AJUDA	23
2.1 Em busca do conceito	23
2.2 Histórico	27
2.3 Dimensões presentes na literatura de ajuda.....	36
2.4 Críticas à literatura de ajuda	38
3 INFLUÊNCIAS NA LITERATURA DE AUTO- AJUDA	41
3.1 O Novo Pensamento	41
3.2 A Nova Era.....	48
3.3 A pós-modernidade.....	51
3.3.1 Pós-modernidade: ruptura ou continuidade?	51
3.3.2 A identidade do sujeito pós-moderno.....	56
3.3.3 Felicidade midiática.....	60
4 CORRENTES PSICOLÓGICAS SUPORTES DA AUTO-AJUDA.....	63
4.1 A psicologia humanista	63
4.2 A psicologia transpessoal	74
4.3 A psicologia positiva	83
5 AUTO-AJUDA CRISTÃ	95
5.1 O protestantismo brasileiro.....	95
5.2 Principais denominações protestantes	102
5.2.1 Batistas	102
5.2.2 Presbiterianos	105
5.2.3 Assembléia de Deus	107
5.2.4 Igreja do Evangelho Quadrangular.....	109

5.2.5 Neopentecostais	111
5.3 A psicologização da fé: literaturas de auto-aconselhamento.....	113
6 O LEITOR PROTESTANTE E A LITERATURA DE AUTO-AJUDA CRISTÃ	121
6.1 Metodologia das pesquisas	121
6.2 Primeira pesquisa.....	123
6.2.1 O perfil dos entrevistados	123
6.2.2 Análise das questões	125
6.2.2.1 2ª questão: “Você leu algum livro evangélico, exceto a Bíblia, nos últimos dois anos? Por favor, cite o nome de dois desses livros”	125
6.2.2.2 3ª questão: “Qual o principal tema destes livros?”	130
6.2.2.3 4ª questão: “Por que você leu esses livros?”	134
6.2.2.4 5ª questão: “Onde você busca ajuda para resolver seus problemas pessoais?”	136
6.2.2.5 6ª questão: “A leitura de livros já o ajudou a resolver seus problemas pessoais?” ..	138
6.2.2.6 7ª questão: “Qual problema ajudou a resolver?”	140
6.3 Segunda pesquisa.....	143
6.3.1 O perfil dos entrevistados	143
6.3.2 Análise das questões	146
6.3.2.1 1ª questão: “Cite um livro, exceto a Bíblia, que você leu no último ano e gostou muito”	146
6.3.2.2 2ª questão: “Qual o principal tema desse livro?”	156
6.3.2.3 3ª questão: “Por que você leu esse livro?”	161
6.3.2.4 4ª questão: “A leitura desse livro o ajudou a resolver seus problemas pessoais?” ..	163
6.3.2.5 5ª questão: “Qual problema ajudou a resolver?”	165
6.3.2.6 6ª questão: “Onde você busca ajuda para resolver seus problemas pessoais?”	173
6.4 Sínteses das pesquisas	176
7 ANÁLISE DE LIVROS	180
7.1 Análise do livro: Uma vida com propósitos	181
7.2 Análise do livro: Bom dia, Espírito Santo.....	189
7.3 Observações sobre os dois textos	196
8 CONCLUSÃO.....	199
REFERÊNCIAS	207

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação se insere na linha de pesquisa Religião e produções simbólicas, orais e literárias do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desde o espaço acadêmico em que é construída, já se definem alguns pressupostos que nortearão as escolhas e os caminhos percorridos nesta tese. O espaço teórico é o das Ciências das Religiões na compreensão das manifestações socioculturais da religiosidade. Justamente por isso, o diálogo interdisciplinar se faz imprescindível para a compreensão do ser humano religioso no mundo e suas manifestações. Especificamente, assumiu-se como objeto de estudo a literatura cristã de auto-ajuda, sob a perspectiva da Psicologia da Religião. Uma série de implicações se estabelece desde essa perspectiva. O olhar da psicologia busca as representações religiosas presentes no fazer cotidiano de um grupo nomeado como cristãos e cristãos protestantes, mas não abre mão da contribuição de outras construções teóricas em torno da religião, como a sociologia, a filosofia e a literatura.

O título da tese, *Literatura de auto-ajuda cristã: em busca da felicidade ainda na terra e não só para o céu*, quer carrear toda uma carga de ironia ao indicar o deslocamento do imaginário cristão e protestante do futuro para o presente e o esforço psicológico e religioso que os cristãos e cristãs têm investido na busca de vivenciar sua religiosidade na contemporaneidade, com vistas à realização pessoal, social e religiosa. É desse deslocamento no imaginário que o que se identifica e denomina aqui como literatura de auto-ajuda apresenta indícios e rastros que se procura desvendar, desvelar e compreender.

1.1 Problematização

A constatação do crescimento acentuado de uma literatura cristã que se pretende promotora de cura interior e autoconhecimento, notadamente após a década de 80 do século passado, fez com que se questionassem as razões de tal expansão. Muitos dessas obras não apresentam suporte teórico consistente, seja da teologia, seja da psicologia, e parecem se configurar como literatura de auto-ajuda travestida em linguagem religiosa permeada de termos técnicos e próprios da psicologia.

A classificação de material literário sob a expressão literatura de auto-ajuda é, geralmente, compreendido em perspectiva negativa. A literatura assim denominada é alvo de

críticas, concebida apenas como deletéria, portanto, condenável.

Há, no entanto, considerável produção de literatura de auto-ajuda no mercado editorial brasileiro. Dentre essas, constata-se a produção e tradução de literatura com temas e formas específicos, em obras que poderiam ser classificadas como auto-ajuda, destinadas ao público especificamente religioso de cristãos da tradição protestante, também conhecidos como evangélicos.

Como o instrumental de análise empregado nesta investigação não é o da teoria literária, o critério para avaliação do gênero da auto-ajuda não é o da qualidade literária ou valor artístico do material. Ao contrário da tendência de outras formas de avaliação da literatura de auto-ajuda, e, em particular da literatura cristã de auto-ajuda, assume-se que tais obras têm seus méritos, como o resgate da humanização, na medida em que oferecem apoio e diretrizes para os cristãos urbanos da Pós-Modernidade, ao tempo em que trabalham a auto-estima e encorajam a reconstrução emocional. Como já se mencionou acima, tais obras permitem reconhecer os vestígios de certo deslocamento no imaginário religioso brasileiro dos evangélicos.

Com tais concepções em mente, busca-se, neste trabalho, responder a duas questões, referências primeiras de toda a investigação: 1) compreender como as premissas da auto-ajuda podem ser percebidas na literatura cristã; e, 2) compreender qual papel a literatura de auto-ajuda cristã desempenha junto aos cristãos protestantes. Como resposta a essas questões é que se delinea a hipótese que se segue.

1.2 Hipótese

A hipótese que se busca demonstrar nesta tese de doutorado é a de que há uma literatura de auto-ajuda cristã, construída sobre bases psicológicas humanista e transpessoal, apropriada pelos cristãos, especialmente na área de cura interior. Esse discurso da literatura de auto-ajuda cristã mescla os discursos psicológico e religioso para oferecer orientação não somente religiosa, mas para a vida e se torna instrumento promotor de saúde emocional e espiritual. A literatura de auto-ajuda, ao preencher o vácuo que o discurso religioso e o psicológico isoladamente não conseguem preencher revela certo deslocamento do imaginário cristão protestante, com a afirmação da pessoa através da saúde física, psíquica e espiritual no presente e não somente para um futuro além-morte.

1.3 Justificativa

A literatura de auto-ajuda é considerada pela Câmara Brasileira do Livro um gênero em expansão. Em 2000, o segmento das “obras gerais”, no qual a literatura de auto-ajuda se insere, cresceu 7%¹. Em 2003, foram vendidos quase três milhões de obras desse gênero no país².

Essa literatura é considerada produto da cultura de massa, ou, pensada a partir do critério de genericidade, é qualificada como gênero marginal, desenvolvida por “pessoas sem formação, que fazem psicologia barata”³. Generaliza-se a literatura de ajuda, compreendendo-a apenas como danosa ou uma espécie de subliteratura, que se vale de fórmulas simplistas, com o objetivo de solucionar problemas, alcançar progresso social e bem-estar pessoal em termos pragmáticos⁴. Ou seja, presume-se que o leitor passará da leitura à ação após contato com o material veiculado.

As críticas ao gênero da auto-ajuda são várias. Quanto ao conteúdo, são acusadas, primeiramente, por explorar ou abusar de certa ingenuidade dos leitores através da linguagem pseudocientífica que emprega, ou, pelo menos, por abusar da demanda da ingenuidade própria como condição humana, como diz Pedro Demo, “[...] auto-ajuda não é coisa que se possa erradicar, assim como ingenuidade não se pode erradicar [...]. Por nossa própria condição humana, precisamos de ajuda sempre”⁵. É visto, também, como gênero espoliativo, pois promove a dependência de mais leituras do mesmo tipo⁶. As obras de auto-ajuda são acusadas de promover o individualismo, no sentido pejorativo do termo, e ignorar o cotidiano ao venderem a ilusão de que as soluções dos conflitos da existência, oriundos em grande parte das contingências da realidade, da finitude e limitação humanas, dependem apenas das pessoas⁷. Mauro Maestri mostra que essa literatura contribui com a reafirmação das concepções capitalistas, que promovem o mundo de aparências e reforçam a crença de que o individualismo e a irracionalidade são aceitáveis como formas de agir no mundo⁸.

Quanto à forma, as críticas se referem ao discurso e aos recursos empregados tipicamente nesses textos como a negação da criatividade, o excesso de superlativos e

¹ MAESTRI, 1999.

² AOYAGUI, 2005, p. 144.

³ AOYAGUI, 2005, p. 144.

⁴ KIVITZ, 2002.

⁵ DEMO, 2005, p. 100-101.

⁶ Cf. DEMO, 2005, p. 102-105.

⁷ BIDERMAN, 2004.

⁸ MAESTRI, 1999.

adjetivos, as estratégias de convencimento e o fato de não darem conta do cotidiano: “os livros de auto-ajuda exploram essas condições cruéis e desacreditam as soluções coletivas, vendendo ao leitor normas individualistas de sobrevivência na selva”⁹. Quanto ao discurso dessas obras, olhares criteriosos identificam que nelas se abusa de narrativas em primeira pessoa e exemplos de situações para respaldar as idéias defendidas, acusando-o de autoritário, de se valer de argumentação apelativa e manipuladora e de promover um hipertrofiado individualismo¹⁰.

A literatura de auto-ajuda teve início no século XVII, atrelada à religião cristã, ao autoconhecimento como condição essencial para a santidade e ao serviço cristão. Tudo o que fosse desenvolvido e aprendido pela pessoa, individualmente, deveria ser colocado a serviço da coletividade. Foi somente no final do século XIX que o apelo à coletividade cedeu lugar à individualidade como exigência. O conceito de auto-ajuda passou a ser a busca desmedida pelo sucesso pessoal e pela aquisição de habilidades, tendo como foco o aprimoramento pessoal.

A relação com a religião, contudo, não foi de todo excluída. A Nova Era e a religiosidade esotérica respondem por muitos elementos nessas obras e a religião cristã manteve-se em outras obras associada à Psicologia. A literatura de Norman Vincent Peale, pastor metodista, exemplifica a ligação com o elemento religioso. Desde sua primeira obra, *A arte de viver* (1937), destaca-se a proximidade entre a religião cristã e a busca por sucesso pessoal: “o cristianismo aplicado ajuda as pessoas a acessarem a reserva interna de poder”¹¹. Para Peale, a fé é o suporte para o autoconhecimento. Contudo, o apelo à coletividade, marca da literatura de auto-ajuda cristã, fica distante da literatura pós industrialização ou pós século XIX.

Em finais da década de 80 do século XX, a literatura de auto-ajuda cristã reassumiu o enfoque do autoconhecimento e, com ele, estreitou-se, novamente, sua relação com os pressupostos bíblicos da religião cristã. Essa nova literatura busca promover a cura interior e a libertação de problemas, trauma e dificuldades pessoais. Esses textos são denominados de “aconselhamento cristão popular” por Gary Collins, conselheiro cristão estadunidense, autor de várias obras sobre a aproximação entre teologia e psicologia.¹² Caracterizam-se, assim, por serem relevantes, simples, práticas, utilizarem linguagem de apelo pessoal e não acadêmica e oferecerem orientação bíblica. Considerando-se tais obras como difusoras do autoaconselhamento, sugere-se que, talvez, esses livros produzidos em contexto religioso

⁹ SADER *apud* BIDERMAN, 2004.

¹⁰ Cf. PEREIRA, 2005.

¹¹ Tradução livre: “[...] applied Christianity helps people to tap [the] reservoir of power within themselves” (PEALE *apud* MEYER, 1965, p. 260).

¹² COLLINS *apud* BLAZER, 2002, p. 178.

protestante possam ser considerados também como pertencentes ao gênero da auto-ajuda, nos quais se buscam respostas rápidas para os problemas, auto-realização imediata e valorização da auto-estima. Neles, a preocupação com o autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades se alia à busca por responder a demandas do contexto eclesial cristão.

A literatura de auto-ajuda cristã responde à busca pela felicidade, aqui e agora, da qual os cristãos não estão isentos¹³. Outro mérito da literatura cristã de auto-ajuda, segundo Blazer, está na possibilidade de se negar o desconforto do cotidiano: “Por meio de pequenas passagens das Escrituras, através dos livros de psicologia popular, os escritores cristãos firmam sua credibilidade dentro da comunidade evangélica, sem preocupação com suas mensagens”¹⁴. Generosamente, Blazer denomina a literatura de auto-ajuda cristã de livros de “psicologia popular”, pela exploração que fazem de termos da psicologia, especialmente da abordagem humanista; pela narrativa repleta de exemplos de sucessos na aplicação das terapêuticas mencionadas; pelo discurso em primeira pessoa; e pelo uso de imperativos que corroboram para afirmar a postura autoritativa.

Percebe-se muita semelhança entre essas obras e a literatura geral de auto-ajuda, especialmente na vertente clássica do gênero auto-ajuda, que associa sucesso a crescimento pessoal, atrelada à aquisição de bens e concepção de um mundo utópico ou regido pela ideologia da retribuição temporal automática, própria do senso comum da religiosidade popular. Essa concepção de auto-ajuda se sustenta tanto na vitimização, quanto na autorização, ao partir do pressuposto de que as pessoas não são responsáveis pelos males que lhes sobrevêm e da premissa de que cada um tem controle sobre as circunstâncias da vida¹⁵. Em contextos protestantes, esses dois pólos podem ser exemplificados através de dois movimentos: cura interior e batalha espiritual. A literatura de cura interior contribui para reforçar a vitimização e a literatura de batalha espiritual trabalha com as duas possibilidades: tanto se é vítima de um inimigo espiritual, o diabo, como se afirma ter poder sobre ele e sobre o futuro.

O discurso de vitimização passou a ser a resposta para a angústia da sociedade pós 1960 e se tornou mola propulsora para uma literatura cuja mensagem é a da cura interior. O princípio operacional da cura interior exige que se encontrem objetos externos à psique humana para culpabilização, sejam pessoas, seja a história, sejam instituições, sejam objetos, seja o demônio.

O discurso de autorização se manifesta no direito à felicidade e no autoconhecimento

¹³ Cf. BLAZER, 2002, p. 171.

¹⁴ BLAZER, 2002, p. 172.

¹⁵ SALERNO, 2005.

como pré-condição à realização do indivíduo. Na auto-ajuda, o conceito de felicidade está relacionado ao conceito de auto-estima. Quanto maior a auto-estima, melhor será o desempenho da pessoa e mais feliz ela será. O conceito de autorização sobressai na valorização de si, das possibilidades e projetos pessoais.

Para compreender os deslocamentos no imaginário religioso cristão evocados na literatura cristã de auto-ajuda, questiona-se a relação entre a literatura de auto-ajuda cristã e a pós-modernidade. Essa última é caracterizada pelo individualismo e aquela o reforça. Ao sustentar o sucesso; defender o êxito constante no lidar com o trabalho, a família, o corpo, e, no caso de livros religiosos cristãos, o êxito em melhorar o relacionamento com Deus, oferecer ferramentas ou instrumentos para o autoconhecimento através de textos psicológicos mesclados a versículos bíblicos, a literatura de auto-ajuda cristã encoraja o individualismo.

Percebe-se, no entanto, que essa não é a única tarefa ou resultado da literatura de auto-ajuda cristã, pois também se constata que tal material contribui para a resolução de problemas emocionais, na medida em que supre o seu leitor com informações sobre o comportamento humano. E, para pessoas avessas ao aconselhamento, ou inseguras em dividir seus temores em um contexto de extrema competitividade, essas obras oferecem possibilidades de superar conflitos e se autoconhecerem.

1.4 Objetivos e metodologia

Esta pesquisa tem como objetivos gerais:

- I. compreender os pressupostos do gênero auto-ajuda;
- II. buscar inter-relações entre a literatura de auto-ajuda e a literatura de auto-ajuda cristã;
- III. demonstrar que a literatura de auto-ajuda cristã, em função de suas características peculiares, desempenha papel positivo e humanizante junto ao público a que se destina na Pós-Modernidade.

E, são seus objetivos específicos:

- I. recuperar o histórico da literatura de auto-ajuda e as influências que recebeu;
- II. verificar a inter-relação entre escolas psicológicas e literatura de auto-ajuda cristã;
- III. identificar as características da literatura de auto-ajuda cristã;
- IV. analisar o tipo de literatura cristã lido por evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas no ano de 2007;
- V. buscar elementos de auto-ajuda cristã nos autores mais mencionados na pesquisa de campo.

Como marcos teóricos principais estão a Psicologia da Religião e a Psicologia Humanista, apoiados por estudos de Sociologia da Religião e textos sobre movimentos religiosos, com destaque para o Novo Pensamento e a Nova Era.

Quanto à metodologia, a pesquisa bibliográfica é a opção preferencial no primeiro bloco da tese, para a construção do referencial teórico que se apresenta nos capítulos de dois a quatro. No segundo bloco, parte substancial do esforço de demonstração da hipótese está concentrada na pesquisa do tipo *survey* desenvolvida no ano de 2007 em Belo Horizonte e arredores, em que se buscou constatar a utilização da literatura de auto-ajuda pelos cristãos protestantes. Os resultados da pesquisa de campo, analisados a partir do quadro teórico desenvolvido nos capítulos de dois a quatro, foram testados na análise de duas obras, identificadas na pesquisa.

1.5 Estrutura do trabalho

A organização da pesquisa, em função da metodologia adotada, obedeceu à divisão em dois blocos; o primeiro bloco, formado pelos capítulos dois a quatro, analisa a literatura de auto-ajuda sob um prisma geral e tem o objetivo de oferecer fundamentação teórica para as análises que serão desenvolvidas à frente. O segundo bloco, formado pelos capítulos cinco a sete, tem como foco a literatura de auto-ajuda cristã.

Inicialmente, busca-se caracterizar essa literatura e apontar suas principais influências sociológicas, religiosas e psicológicas. O conceito de genericidade não é trabalhado, porque essa literatura é considerada literatura de tarefa e se aproxima da literatura pós-moderna, marcada pelo hibridismo e pelo pragmatismo. Para discutir as especificidades da literatura de auto-ajuda, foram utilizadas prioritariamente referências que versavam sobre a literatura de auto-ajuda, especialmente as que apontavam sua vertente psico-espiritual que é a opção de trabalho nesta tese. Nessa primeira parte da tese privilegiou-se a pesquisa bibliográfica e, com ela, a construção da base teórica para a temática da literatura de auto-ajuda. Destaca-se, inicialmente, o uso da nomenclatura literatura, uma vez que o termo auto-ajuda tem alcance mais amplo que o texto escrito.

Ainda no segundo capítulo é questionado o conceito de literatura de auto-ajuda como detentor de uma única definição, e se mostra a polissemia da expressão, tendo como referências básicas a dissertação de Francisco Rudiger, pioneira na análise desse gênero, a tese de Adair Sobral, apresentada na PUC-SP no departamento de Lingüística Aplicada e Estudos de Linguagem no ano de 2006, e o livro, *Oracles at the supermarket*, de Steven Starker.

A origem da nomenclatura, sua ligação inicial com a religião e a evolução do conceito de literatura de auto-ajuda também são abordados. Mostra-se a relação entre industrialização e a ênfase no sucesso, um dos destaques da literatura de auto-ajuda empresarial e são apontadas críticas a esse gênero sob as perspectivas psicológica e sociológica. Autores brasileiros e estadunidenses, pesquisadores da área, oferecem referência e suporte para as elaborações críticas desenvolvidas. Marca comum da bibliografia selecionada é o questionamento acerca da permanente sensação de fragilidade, considerado o maior malefício da literatura de ajuda.

No terceiro capítulo são abordadas as influências sociológica e religiosa recebidas pela literatura de ajuda. Como influências religiosas, são destacados dois movimentos: Novo Pensamento e Nova Era. Como influência sociológica, a sensação de desamparo provocada pela sociedade de consumo que é fortalecida pelo sistema neoliberal. Para tratar do Novo Pensamento, recupera-se a história do movimento e as pressuposições de seus principais representantes. Faz-se opção por relata a contribuição dos principais expoentes do Novo Pensamento, em lugar de apenas citá-los, pela identificação da presença de suas idéias na atual literatura de auto-ajuda cristã. A relação entre Nova Era e literatura de auto-ajuda é abordada a seguir. Distingue-se Nova Era e Novo Pensamento, pois este último parte de pressupostos cristãos, ainda que os abandone posteriormente, e aquela parte de pressupostos esotéricos e matrizes de religiosidade oriental. Embora se tente fazer a conexão entre esses dois movimentos, são distintos. A maior ênfase ao Novo Pensamento em detrimento da Nova Era justifica-se porque as obras de literatura de auto-ajuda cristã, foco deste trabalho, possuem matriz religiosa cristã e se aproximam mais do Novo Pensamento. Ainda que essa premissa discorde da apresentada por Alexandre Fonseca, em seu artigo sobre a presença da Nova Era na literatura cristã psicológica (nome que ele prefere utilizar em lugar de auto-ajuda cristã), nesta tese se sustenta que o Novo Pensamento é o movimento predominante no gênero de auto-ajuda¹⁶.

Na terceira parte do terceiro capítulo, trabalha-se com o conceito de pós-modernidade. Há, inicialmente, preocupação em definir os termos pós-modernidade e pós-modernismo, por vezes utilizados como sinônimos e, posteriormente faz-se a opção metodológica pelos textos de Anthony Giddens para trabalhar com essa temática. Giddens não utiliza o termo pós-modernidade e nem percebe ruptura em relação com a Modernidade, como o faria Baumann, outro interessante referencial teórico. Além de fazer diagnóstico menos carregado de pessimismo, a visão de Giddens, de continuidade entre a Modernidade e a contemporaneidade, facilita compreender o ser humano que busca a literatura de ajuda e a

¹⁶ Cf. FONSECA, 1998.

convivência com a velocidade e o imediatismo, como marcos identificadores da atualidade. Para falar do desamparo do sujeito na atualidade, foi importante recorrer a Baudrillard, que fala da sociedade de consumo, Christopher Lasch, que trata da cultura narcísica que a pós-modernidade sustenta e Lipovetsky, como mais um teórico que enfatiza a mudança de relações desse sujeito no atual período histórico vivido pela humanidade.

No quarto e último capítulo desse primeiro bloco, analisam-se as influências psicológicas sobre a literatura de ajuda. Três correntes psicológicas são resgatadas para compor o capítulo e analisadas sob estrutura semelhante, a saber, principal representante, principais pressupostos dessa corrente, críticas que são construídas acerca dela. A valorização do ser humano e da espiritualidade é a marca do quarto capítulo. Este se inicia com a Psicologia Humanista, matriz das demais. A Psicologia Humanista valoriza o ser humano e suas realizações. Valoriza a consciência em detrimento do inconsciente e estimula o campo experiencial do sujeito. Para Abraham Maslow, seu principal representante, as pessoas buscam satisfazer suas necessidades, e, entre elas, a necessidade de crescimento ou auto-realização. A busca pela satisfação dessa necessidade traz o estímulo ao intrapessoal em detrimento do interpessoal, o que leva à auto-análise, ao auto-conhecimento e, conseqüentemente, à auto-ajuda. Outra escola psicológica importante para se compreender as influências da literatura de ajuda é a Psicologia Transpessoal. Conforme os pressupostos da Psicologia Transpessoal, cada pessoa é responsável por moldar sua vida. Para isso, precisa conhecer suas potencialidades e desenvolvê-las. Todas as dimensões do humano são importantes, entre elas a dimensão espiritual, que trata dos valores últimos. Há o estímulo ao aprimoramento da consciência e, nesse processo, experiências extáticas ou místicas são importantes. Ela colabora para a literatura de auto-ajuda na medida em que aponta para a existência de potencialidades desconhecidas às quais cada pessoa precisa ter acesso para se aprimorar. Por fim, como outra corrente que influencia a literatura de auto-ajuda, analisa-se a Psicologia Positiva. Idealizada pelo norte-americano, Martin Seligman, valorizam-se emoções positivas, caráter positivo, instituições positivas. A valorização do que é positivo é que possibilita o acesso à felicidade, o alvo dessa escola. Para ser feliz basta cultivar essas três características que mudarão a maneira de lidar com os desafios da vida.

A segunda parte da tese enfoca a literatura de auto-ajuda cristã e também está dividida em três capítulos. Ao contrário dos capítulos iniciais, que se caracterizaram pelo uso único de pesquisa bibliográfica, os demais capítulos apresentam outras metodologias: a pesquisa do tipo *survey*, para averiguar a relação entre os cristãos evangélicos e a literatura de auto-ajuda, e a da análise de livros.

Para se compreender o que é literatura de auto-ajuda cristã, faz-se, necessário, inicialmente, caracterizar quem é o cristão de que se fala na tese. Esse cristão é o cristão evangélico ou cristão protestante¹⁷. As características dos protestantes no Brasil e o número de protestantes no país abrem o quinto capítulo, tendo como referência o Censo 2000 e estudos do campo religioso brasileiro, a partir de pesquisadores como Antônio Gouvêa de Mendonça e Émile Léonard, e novos teóricos como Adilson Schultz. Após identificação das características do protestantismo no Brasil, recupera-se a história das principais denominações protestantes em Belo Horizonte. Essa recuperação se justifica por ser Belo Horizonte a cidade escolhida para a pesquisa de campo sobre o tipo de literatura consumida por evangélicos e os benefícios auferidos por eles no contato com essa literatura, que foi objeto de estudo do capítulo subsequente. São mencionadas as histórias de surgimento das denominações batista, presbiteriana, Assembléia de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular, que são as maiores denominações presentes na capital mineira, conforme os dados do Censo religioso¹⁸. Ainda no capítulo cinco se menciona a relação entre protestantismo e o movimento de cura interior. Há um item nesse capítulo, intitulado Psicologização da fé, em que se procura analisar dois movimentos presentes nas igrejas evangélicas brasileiras da atualidade, que são a cura interior e a batalha espiritual. A batalha espiritual parece deslocar a responsabilidade dos males que afligem os seres humanos para o diabo. A cura interior culpabiliza outras pessoas e instituições pelos males, mas indica a pessoa como responsável por seu bem.

No capítulo seis, há a descrição e os resultados das pesquisas realizadas com os evangélicos. Para averiguar a presença da literatura de auto-ajuda cristã e seus benefícios entre os cristãos protestantes, foram realizadas duas pesquisas descritivas de tipo *survey*, com evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas: Contagem, Betim, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas e Pedro Leopoldo. As duas pesquisas foram realizadas em 2007, uma no primeiro semestre, com 274 entrevistados, e outra, no segundo semestre, com 494 entrevistados, totalizando 768 entrevistas. A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista semi-dirigida, uma vez que foram utilizadas questões abertas e fechadas. Através delas se buscou perceber as relações entre sexo, idade, escolaridade, tempo de conversão à fé evangélica, igreja de pertença, tipo e quantidade de literatura consumida pelos usuários da

¹⁷ Não se pretende, nesta tese, tratar da diferença entre os termos evangélico e protestante. Embora haja diferença no uso desses termos, essas são sutis e muitas vezes os dois termos são intercambiáveis. Esta foi a opção adotada para o uso de evangélico e protestante. Optou-se pela utilização do primeiro termo por ser o utilizado no Censo religioso 2000 para definir esse grupo.

¹⁸ Os dados do Censo religioso em Belo Horizonte foram obtidos com a missão SEPAL cuja preocupação é a evangelização do Brasil e mantém um site com informações missiológicas relevantes, que é o Ministério de Apoio com Informação (MAI). (Cf. MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO, 2005).

literatura cristã de auto-ajuda. As relações entre indicação de leitura e opção por fazê-la, além da relação entre leitura de livros e resolução de problemas pessoais, foram pesquisadas.

Os livros mais mencionados nas duas pesquisas são os objetos da análise empreendida no capítulo sete. Esses livros são: *Uma vida com propósitos*, de Rick Warren, mencionado por 43 pessoas, sendo 20 pessoas na primeira pesquisa e 23, na segunda, e *Bom dia, Espírito Santo*, de Benny Hinn, mencionado por 42 pessoas, 14 delas na primeira pesquisa e 28, na segunda. Antes da análise de cada obra é recuperada breve biografia de seus autores. A seguir, cada obra é analisada quanto ao conteúdo e à relação com a literatura de auto-ajuda, tendo como referenciais os capítulos dois a quatro dessa tese, que mencionam as principais referências desse gênero literário.

A título de conclusão, recupera-se o percurso investigativo desenvolvido. Considera-se que a hipótese e objetivos foram alcançados e que há contribuição significativa para a compreensão dessa manifestação religiosa literária de cristãos protestantes na Modernidade, denominada literatura cristã de auto-ajuda. Cumpre salientar que questões relevantes, como a discussão das bases epistemológicas da auto-ajuda no Pragmatismo ou no Utilitarismo anglo-saxão não puderam ser desenvolvidas, por questões de tempo e espaço próprios do tipo de trabalho aqui elaborado. Também, as implicações teológicas da produção de auto-ajuda e seu impacto na piedade cristã, na teológica prática, seja a respeito do agente ministerial, seja a respeito do sujeito teológico, não foram analisadas, pelas mesmas razões citadas.

Dentre as várias possibilidades de continuidade do presente estudo, avultam-se as do campo transdisciplinar do Aconselhamento Cristão com base nas correntes psicológicas aqui identificadas e estudadas.

2 LITERATURA DE AUTO-AJUDA

Neste capítulo se busca definir a literatura de auto-ajuda em seus múltiplos conceitos. Ao contrário do que apregoa o senso comum, não se pode falar em literatura de auto-ajuda tendo como referência um único conceito. Busca-se apresentar não apenas a polissemia da literatura de auto-ajuda, como também questiona-se o emprego do termo literatura para esse gênero, que, para alguns teóricos, é apenas uma expressão da literatura de massa, desmerecendo, portanto, uma categorização própria¹⁹. As dimensões abarcadas por essa literatura e seu histórico também são enfocados nessa parte.

2.1 Em busca do conceito

Conforme dados da Câmara do livro na pesquisa sobre o retrato da leitura no Brasil realizada em 8 capitais do país²⁰ entre dezembro de 2000 e janeiro de 2001, 19% dos brasileiros alfabetizados acima de 14 anos de idade lêem livros sobre filosofia e psicologia²¹. Este gênero é o mais lido por homens e mulheres, após 30 anos, com escolaridade média ou superior, pertencentes às classes econômicas A, B ou C e moradores de cidades com mais de 500 mil habitantes. É nesse gênero literário que pode ser encontrada a auto-ajuda. Como um dos sub-gêneros nesse gênero maior, a literatura de auto-ajuda é a preferida por 6% dos brasileiros. A pesquisa também mostra que o gênero religião é o que encontra um maior número de leitores: 39% dos consultados lêem literatura religiosa, destes 45% são mulheres e 31%, homens. E seu público é o oposto do anterior, majoritariamente feminino, acima de 40 anos, com escolaridade entre 1ª a 4ª séries e pertencentes às classes D e E. A relação entre religião e auto-ajuda ou a aproximação entre textos religiosos e textos de auto-ajuda parece ser mais estreita.

Segundo José H. Grossi, vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro, as vendas de literatura de auto-ajuda saltaram de 1,1 milhão para 2,1 milhões de exemplares em 1997 e 1998.²²

¹⁹ Cf. RUDIGER, 1996a.

²⁰ As capitais pesquisadas foram São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Manaus, Brasília, Porto Alegre, Fortaleza e Salvador.

²¹ RETRATO ..., 2001.

²² Cf. MAESTRI, 1999.

A expansão da literatura de auto-ajuda, não apenas no Brasil, poderia ser explicada a partir de algumas premissas. Ao questionar o crescimento do mercado de auto-ajuda, Steve Salerno²³ levanta a hipótese de que ele se dá por preencher a carência por absolutos, instaurando um deles: todos são poderosos, capazes e, ao mesmo tempo, frágeis, doentes, necessitando se conhecer.

O discurso que sustenta esse mercado responde à indústria da cultura, que defende o consumismo e a aquisição de bens como resposta à sensação de inadequação. Nessa cultura, as mercadorias são mais que objetos, elas sinalizam quem as pessoas são ou, ao menos, como gostariam de ser vistas.²⁴ Ou, como menciona Rudiger: “[...] parece-nos correta a hipótese de que as tendências de auto-ajuda surgidas nos últimos anos na verdade são, genericamente, uma forma de conciliar os valores hedonistas, promovidos pela indústria da cultura com as demandas profissionais do sistema empresarial”²⁵. Com ele concorda Mário Maestri, doutor em história, para quem a literatura de auto-ajuda é empobrecedora, por defender soluções mágicas, pautada por uma ótica capitalista, que privilegia a irracionalidade.²⁶

O sujeito da auto-ajuda se constrói independente e tem como alvo a busca pelo sucesso, ainda que, para isso, precise lançar-se em competições exacerbadas e em jogos de poder. Rudiger mostra que, ao valorizar a capacidade humana de superar as circunstâncias relacionadas ao viver humano e fazer a apologia a um sujeito sobre-humano, a literatura de auto-ajuda constrói um protótipo de sujeito: alguém cada vez mais semelhante a outros e cada vez menos interessado no outro, como se percebe pelo trecho a seguir:

A literatura de auto-ajuda revela-se, por tudo isso, portadora de um projeto que se, por um lado, veicula as técnicas de governo compatíveis com uma sociedade de indivíduos livres e iguais, elevada à escala de massas, é movida, por outro, por uma vontade de conferir um *ethos* à figura do sujeito egoísta (narcisista, se quisermos) produzido por nossa civilização. Em outros termos, a exemplo dos esforços no sentido de construir um fundamento moral para a personalidade livre criada pelos modernos, ela se estrutura como uma tentativa de solucionar com um enfoque terapêutico, os problemas resultantes de sua posição em nossa sociedade.²⁷

A delimitação do gênero auto-ajuda exige cuidados. Perloff mostra que o uso de um gênero é determinado pela relação como outros gêneros, o que permite identificar relações

²³ SALERNO, 2005.

²⁴ SUNG, 2005, p. 32

²⁵ RUDIGER, 1996a, p. 128.

²⁶ MAESTRI, 1999.

²⁷ RUDIGER, 1996a, p. 182.

intertextuais nos vários textos²⁸. Pode-se dizer, assim, que todo texto é resultado de um ou mais gêneros. O que deveria ser estudado, segundo ela, são os efeitos de um texto sobre os leitores. Percebe-se, nos textos de auto-ajuda, a presença de vários gêneros e vários tipos textuais, como narrativas, descrições, conselhos, ordens, receituários. O gênero auto-ajuda tem como especificidades o estímulo ao autoconfronto e à resolução de dificuldades. A dificuldade para definir a auto-ajuda seria sanada, dessa forma, na medida em que respondesse aos anseios dos leitores e lhes oferecesse o que anseiam.

Adair Sobral a define como um gênero parasitário por incorporar traços ou características de outros gêneros²⁹. Adotando a definição de gênero, do círculo de Bakhtin, Sobral considera genericidade um recorte ideológico do mundo que recorre a discursos ou textos relativamente estáveis. O texto é o plano material dos discursos e dos gêneros e manifesta-se através de quatro formas preferenciais: descritivo, narrativo, dissertativo e institutivo, ou manuais que instituem saberes e formas de agir.

Em muitos textos de auto-ajuda, os gêneros psicológico e espiritual são os mais adotados. Ao se apropriar de outros gêneros para criar um novo, essa literatura adotaria uma forma parasitária de gênero: “Nessa fase parasitária, os discursos/gêneros não refutariam diretamente os gêneros a que se opõem, nem se comprometeriam diretamente com aqueles que buscam incorporar para seus fins específicos”³⁰.

Essa literatura se apropria tanto de características dos gêneros científicos, especialmente das literaturas psicológica e médica, quanto da literatura espiritual, dos chamados livros de aconselhamento religiosos, que trazem não apenas instruções espirituais, como também preceitos morais. Enquanto gênero ambivalente ou híbrido, a auto-ajuda se encontra em uma posição ambígua: precisa se aproximar das utopias, ou do desconhecido, sem negar, contudo o conhecido³¹.

Júlio Pereira, em sua tese sobre auto-ajuda, também a concebe como um gênero diferenciado, impulsionado pela pós-modernidade³². Como Sobral, ele também toma como referência a conceituação de gênero de Bakhtin, que atrela seu surgimento às condições sócio-econômicas em que estão imersos os sujeitos da comunicação. Como o gênero é resultante de um processo interativo socioletal e ideoletal e é uma forma relativamente estável de ancorar os textos, o gênero auto-ajuda se define a partir de um modelo ou de uma forma em que a

²⁸ Cf. PERLOFF, 1989, p. 3-10.

²⁹ SOBRAL, 2006.

³⁰ SOBRAL, 2006, p. 155.

³¹ SOBRAL, 2006, p. 154.

³² PEREIRA, 2005.

persuasão e a manipulação são relevantes³³.

O fato desse tipo de texto ser disseminado na pós-modernidade também dificulta sua taxionomia, como sugere Ralph Cohen. Cohen menciona a dificuldade em definir o gênero pós-moderno³⁴. Esse gênero teria como características a transgressão de linguagem e a tentativa de ultrapassagem das fronteiras genéricas, entretanto, tal limite tênue entre as fronteiras não é novo, sendo perceptível mesmo nos textos de Homero, cujo trabalho era considerado recuperação de outros.

Quanto ao termo literatura de auto-ajuda, há quem critique, para esse gênero, a definição de literatura, uma vez que nesses textos, por vezes, prevalece um tipo instrucional. Sobre a relação entre texto e literatura, é interessante mencionar Haroldo de Campos³⁵. Ele mostra que o conceito de texto se relaciona mais ao fazer, à estrutura, à linguagem, ao passo que o conceito de literatura se aproxima mais de estilo: “Naturalmente, a literatura é sempre texto e o texto nem sempre é literatura [...] O conceito de estilo é adequado à literatura; o de estrutura ao texto, vale dizer, no segundo caso a linguagem ingressa, essencialmente no domínio da Microestética”³⁶.

O mesmo Haroldo de Campos menciona a influência dos meios de comunicação de massa na literatura e no questionamento da pureza de gêneros literários, em que uma literatura como a de auto-ajuda se encaixa. Embora não trate da literatura de ajuda, pode-se pressupor que, mesmo sem a pureza de estilos, a literatura de auto-ajuda mereceria o rótulo de literária por propor um novo estilo e aceitar o hibridismo, como o fazem os textos pós-modernos.

Ao analisar as estratégias lingüístico-discursivas do gênero auto-ajuda em sua tese, Júlio Pereira aponta como marcantes: a concepção de um narrador onisciente dotado de conhecimento sobre os dilemas e conflitos humanos, falas ou provérbios de fechamento, que atribuem ao leitor o poder de mudar sua vida, perguntas como estratégia de manipulação do leitor, uso de casos particulares como instrumentos persuasivos, ênfase na mudança comportamental, reforço à imitação de modelos, ainda que religiosos, enunciados de recomendação, que camuflam hierarquia entre sujeitos enunciadorees, discurso da certeza: aproxima-se do discurso religioso que não questiona a verdade.³⁷

Para Rudiger, no entanto, não é possível falar em literatura para a produção escrita que

³³ PEREIRA, 2005, p. 24.

³⁴ Cf. COHEN, 1989.

³⁵ Cf. CAMPOS, 1977.

³⁶ CAMPOS, 1977, p. 44.

³⁷ Cf. PEREIRA, 2005.

aborda o cuidado de si³⁸. Ele prefere defini-la a partir de sua relação com o mercado e a conceitua como “um conjunto de práticas articulado textualmente que, embora variado em sentido e campo de aplicação baseia-se em um mesmo motivo: o princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na resolução de todos os nossos problemas”³⁹. Essas práticas são oriundas da cultura popular norte-americana e têm como alvo a transformação da subjetividade⁴⁰.

Pereira considera a auto-ajuda como herdeira do conceito de *self-made-man*, ou do indivíduo que se faz por si mesmo, que deve descobrir seus potenciais e cultivá-los⁴¹. Enquanto tal, ela leva à reflexão sobre a subjetividade e media a relação do homem com sua necessidade de construção do eu, mas também é um produto mercadológico.

O histórico da literatura de auto-ajuda será abordado a seguir, bem como os principais usos que foram feitos do termo ao longo dos anos.

2.2 Histórico

Alguns autores sustentam a literatura de auto-ajuda é um gênero pós-moderno, por promover o individualismo, responder a questões urgentes, desconsiderar o futuro, oferecer respostas prontas para uma geração que tem a informação como valor supremo. Entretanto, embora a literatura de auto-ajuda tenha se expandido na chamada pós-modernidade, e, especialmente após os anos 80, não é essa a origem desse gênero literário, se consideradas as quatro definições já apresentadas. A busca por uma literatura que possibilitasse o autoconhecimento como estratégia para superar dificuldades e obter êxito nas tarefas tem origem no século XVII e se relaciona, proximamente, com a religião. Uma das obras clássicas da literatura cristã, *O Peregrino*, do inglês, John Bunyan, é um dos exemplos dessa aproximação entre autoconhecimento e religião. Traduzido para várias línguas, o livro é uma alegoria da vida cristã e mostra as dificuldades enfrentadas por Cristão até chegar à Cidade Celestial.

A relação entre literatura de auto-ajuda e religião está nas bases desse gênero. Steven Starker, professor de Psicologia em Oregon Health Sciences University, a considera um novo

³⁸ Cf. RUDIGER, 1996a.

³⁹ RUDIGER, 1996a, p. 17.

⁴⁰ Cf. RUDIGER, 1996a, p. 11.

⁴¹ Cf. PEREIRA, 2005.

oráculo, que aponta a verdade e deve ser consultada acerca de quaisquer dilemas⁴². Visando atender a um número cada vez maior de pessoas, essa literatura é diretiva e tem se expandido graças ao baixo custo, à facilidade para aquisição, à privacidade que enfatiza e também ao sentido de pertença que instaura. Starker apresenta a dificuldade em definir esse gênero e considera como literatura de auto-ajuda obras que ofereçam a um público variado e massivo, orientações e direções para obter sucesso em qualquer área da vida. As raízes desse gênero estão com os protestantes norte-americanos em final do século XVII.⁴³

Esse grupo possuía um intenso desejo de aprender como conduzir suas vidas a fim de agradarem a Deus e surgiram obras com tais orientações; portanto, a auto-ajuda inicialmente era um guia moral. Valores como o trabalho, o respeito, o compromisso, o dinheiro, a família não eram separados da dimensão religiosa. Fazem parte desse grupo os livros: *The practice of piety* (1611), escrito pelo bispo Bayly, e *Guide to heaven* (1673), de Samuel Hardy. Starker os considera os pioneiros no gênero auto-ajuda.

A auto-ajuda deixa de ser considerada apenas guia moral no século XVIII com a publicação de obras seculares visando à resolução de questões práticas. Ainda apoiados na ética protestante, surgem livros que orientam sobre o aprimoramento pessoal. O pioneiro nessa nova concepção de auto-ajuda foi Benjamim Franklin. Em seu livro, *The way to wealth* (1757), Franklin aborda virtudes fundamentais para o sucesso no ambiente não religioso. Não apenas o conteúdo das obras sofre alterações, mas também o discurso que se torna menos prescritivo, mais informativo e mais aberto a preocupações práticas e não apenas a conflitos religiosos, como os anteriores.⁴⁴

A separação entre religião e auto-ajuda se acentua na primeira metade do século XIX, com a eleição de Andrew Jackson como presidente dos Estados Unidos. Seu governo trouxe mudanças sociais e econômicas relevantes, entre elas, o crescimento da urbanização e seus problemas.

Apesar de prometerem riquezas, percebe-se, ainda, em textos do século XIX, um conteúdo moralista. Starker comenta que as virtudes protestantes de cautela e responsabilidade social se mantiveram nos livros que circularam na época, como se percebe pela citação a seguir: “Apesar dos livros de auto-ajuda do período prometerem sucesso em seus títulos, muitos permaneceram moralistas. As velhas virtudes protestantes de autocontrole

⁴² STARKER, 2002.

⁴³ Cf. STARKER, 2002.

⁴⁴ STARKER, 2002, p. 15.

e responsabilidade social continuavam a ser vendidas em forma de manuais de sucesso”⁴⁵. Uma das denominações que se destaca nas publicações é a Congregação Cristã. Advertências contra o perigo da urbanização e orientações sobre como escapar das tentações demoníacas fazem parte dos livros de auto-ajuda que tentam atrelar sucesso e virtude. Com essa mesma ênfase surge, na Inglaterra, um livro intitulado *Self Help with illustrations of conduct and perseverance*, escrito pelo médico escocês, Samuel Smiles em 1859.

Seu livro é dividido em 13 capítulos, em que há não apenas orientações sobre virtudes a serem cultivadas, como também vários exemplos que funcionam como estímulo para quem os pratica. Há duas versões em português, ambas da mesma editora: H. Garnier Livreiro-Editor. A primeira versão traz o título de *Ajuda-te* e data de 1859. A segunda possui o título de *O poder da vontade ou carácter, comportamento e perseverança* e estava na sexta edição em 1870.

Na justificativa para a obra, Smiles já aponta seu alvo: instruir meninos que já se reuniam nas noites de inverno para trocar conhecimentos, mostrando-lhes o que cada um poderia fazer por si e indicando que sua felicidade e seu bem-estar dependiam única e necessariamente deles, “da cultura diligente e da disciplina de si mesmos, assim como do poder sobre si próprios, e sobretudo do cumprimento exato do dever individual em que consiste a glória de um caráter varonil”⁴⁶

A primeira versão em português foi feita a partir do texto em inglês e traz duas citações: uma de Stuart Mill (“O valor de um Estado é, em summa, o valor dos indivíduos que o compõem.”) e outra de B. Disraeli (“Confiamos bastante nos sistemas, e não prestamos bastante atenção aos homens”)⁴⁷. Já a segunda é resultado de uma tradução francesa feita por Alfredo Talandier e recomendada por Samuel Smiles. Ela difere da anterior por substituir a citação de Disraeli por uma citação de Alex de Torqueville (“A vida não é um prazer, nem uma dor, mas um negócio grave de que estamos encarregados e que devemos tratar e terminar de modo honroso para nós”)⁴⁸.

Outro diferencial das duas versões em português é que a traduzida do francês possui mais exemplos que a obra primitiva e menciona-se que tais acréscimos foram apoiados por Smiles.

⁴⁵ Tradução livre: “Although the *self-help* books of this period promised wealth in their titles, most remained moralistic in tone. The older Protestant virtues of *self-restraint* and social responsibility [...] were still sold to the public in the form of success manuals” (STARKER, 2002, p. 18).

⁴⁶ SMILES, 1859, p. V-VI.

⁴⁷ SMILES, 1859.

⁴⁸ SMILES, 1870.

Francisco Rudiger considera Smiles o pioneiro do gênero⁴⁹. Seu foco de auto-ajuda era o trabalho, considerado, inicialmente uma virtude que, pela perseverança, se transformava em hábito. Sobre isso comenta Rudiger:

O sucesso na vida, por conseguinte, não consiste na satisfação dos desejos individuais, como se tornará regra na maioria dos manuais de auto-ajuda posteriores, mas no desenvolvimento do caráter. O caráter constitui, precisamente, a mediação individual da ordem moral legada pelas gerações passadas num mundo em que a vida humana ainda não é vista como território para satisfação de necessidades individuais, mas uma realidade moral, ou melhor, moralista, dependente, em última instância, do trabalho.⁵⁰

A concepção de auto-ajuda apregoada no texto de Smiles não apenas valoriza o empenho, a perseverança, o dever, como percebe o ser humano como histórico e social. Como ele mesmo diz em seu texto: “O espírito da auto-ajuda é a base para o crescimento genuíno do indivíduo; e, exibido na vida de muitos, constitui a fonte para o vigor nacional e a força. A ajuda de fora é geralmente mal-sucedida em seus efeitos, mas a ajuda de dentro geralmente revigora”⁵¹. E, mais à frente, o autor destaca que a experiência diária mostra que é a força individual que produz efeitos mais positivos na vida de quem a tem e a na vida de outros.

Como em outras obras, o livro de Smiles sustenta a concepção de que é na ajuda a si que se possibilita a ajuda a outros. Percebe-se que a auto-ajuda não visa a um fim egoísta. Ela visa à melhoria da vida de outros e à produção criativa no meio social, além de corroborar para a manutenção dos laços de filiação a um grupo religioso.

Em sua obra, Smiles dá ênfase ao cumprimento do dever e este se estabelece em três termos: com Deus, consigo, com o próximo. Nesse livro, o autor mostra que o caráter só pode ser formado através da prática de bons hábitos, resultado de uma vida ativa, e através do trabalho, seja ele, governo da casa, criação mecânica e artística, produção dos meios de subsistência, governo das comunidades humanas.

O jornalista Steve Salerno destaca outro ano como inaugurador da auto-ajuda⁵². Tendo como referência a área jurídica, Salerno considera o ano de 1784 como o início do segmento de auto-ajuda, quando se publica a obra: *Every man his own lawyer*, em Londres. Escrito para ser útil aos leigos, a obra visava orientar sobre procedimentos legais para quem não possuía conhecimento acadêmico. Percebe-se a mesma ênfase do livro de Smiles, de possibilitar a

⁴⁹ Cf. RUDIGER, 1996a.

⁵⁰ RUDIGER, 1996a, p. 39.

⁵¹ SMILES, 1870, p. 1.

⁵² SALERNO, 2005.

cada pessoa o conhecimento de si e o aperfeiçoamento de habilidades para cooperar com o bem-estar da coletividade.

Conforme mostra Starker é no final do século XIX e início do século XX, que o pensamento que sustenta a auto-ajuda experimenta uma mudança⁵³. O pensamento deixa de ser cristão e passa a existir um novo pensamento. O Novo Pensamento, movimento que acredita no poder da mente para propiciar mudanças externas, surgiu nessa época e vai influenciar não só a literatura, como também a religiosidade norte-americana. Como a concepção cristã parecia não oferecer mais respostas ao ser humano urbano, a nova filosofia, que valorizava o deus interior e as infinitas possibilidades que residem no interior de cada um e são a fonte de inspiração, saúde, poder, sucesso, encontram facilidade de absorção. No Novo Pensamento, cultua-se o poder da mente e valoriza-se o ensino sobre como comunicar os desejos a Deus. No entanto, não é o Deus bíblico de que se fala, e, sim, de uma força capaz de mudar o mundo. Uma das premissas desse movimento é a possibilidade de mudar o mundo com o poder de sua mente. O otimismo, o ensino de pensamentos corretos são expandidos através de textos de Orison Swett Marden e, posteriormente serão incorporados por Norman Vincent Peale.

No início do século XX, as duas grandes guerras trouxeram um novo foco para a auto-ajuda, não apenas o poder do pensamento, mas também o poder da psicologia. O descrédito com o valor dos auto-sacrifícios exercidos nas duas guerras fez com que preocupações morais ou responsabilidades fossem preteridos em detrimento do autoconhecimento. A preocupação com a vida interior assume proeminência, e tanto o Behaviorismo quanto a Psicanálise se tornam os porta-vozes da verdade. A literatura de auto-ajuda assume características de psicologia popular.

Muitas igrejas protestantes norte-americanas adotam o discurso psicologizante e o incorporam em sua literatura nesse período. O “Como fazer” se torna frase inicial de várias obras religiosas⁵⁴. Psicologia e Novo Pensamento se fazem, então, presentes no discurso religioso, associados, algumas vezes, a valores religiosos.

A obra de maior sucesso de auto-ajuda surge nesse período, com Dale Carnegie. Seu livro: *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, publicado em 1937, une Novo Pensamento, Psicologia e negócios, tornando-se não apenas um best-seller, pelos milhões de cópias vendidas (fala-se entre 30 a 50 milhões), como também por se mostrar como um marco na nova configuração da literatura de ajuda.

⁵³ Cf. STARKER, 2002, p. 20.

⁵⁴ STARKER, 2002, p. 47.

O período pós-guerras traz outro sucesso editorial na literatura de ajuda, que é Norman Vincent Peale. Ordenado pastor metodista, Peale se transferiu mais tarde para a Igreja reformada e por 52 anos foi pastor em Marble Collegiate Church (Manhattan). Escreveu 46 obras, unindo técnicas de marketing, valorização do poder interior e Cristianismo. Seu primeiro livro, *Arte de viver*, escrito em 1937 não teve boa vendagem, entretanto, nele, Peale apresenta seu tema para todas as outras obras: a defesa de um cristianismo que capacite as pessoas a viverem uma vida vitoriosa⁵⁵. Seu best-seller foi *O poder do pensamento positivo*. Escrito em 1952, foi traduzido para mais de 41 línguas e vendeu mais de 20 milhões de cópias. Ele defende o otimismo como melhor estratégia para vencer problemas, além de se ater a questões psicológicas, como o complexo de inferioridade e questões religiosas, como o poder da oração. Esse poder será o destaque dos movimentos de cura interior e batalha espiritual após os anos 90. “O segredo da oração de poder, como formulada por Peale, era este: ore, imagine, atualize”⁵⁶. Ele defendia a oração como um aspecto da vida diária e acredita que o poder da oração era a chave. Peale concebia oração como a ativação de vibrações entre o fiel e Deus. Seu sucesso poderia ser explicado a partir de quatro variáveis: apelo ao individualismo, promessas de saúde e bem-estar com pouco esforço, retorno da religião como fonte de sucesso (evangelho de autoconfiança), valorização do modo de fazer, valorização do poder pessoal⁵⁷.

Peale é também referência para a literatura de auto-aconselhamento ou psicologia popular cristã que vai se disseminar nos contextos protestantes na década de 80. Essa literatura une elementos religiosos e psicológicos sob dois objetivos: eliminar problemas e proporcionar cura interior.

Nas décadas de 60 e 70, a literatura de auto-ajuda alcança seu apogeu e deixa sua marca como uma literatura centrada no narcisismo e que traz respostas a todas as perguntas que as pessoas se fazem. A expansão dessa literatura é favorecida por livros que prometem resolver problemas emocionais, empresariais, físicos, relacionais, bem como os baixos custos de tais obras e a manutenção da privacidade do leitor, que vê suas mazelas expostas em exemplos de outros, o que possibilita a identificação.

Na década de 80, segundo Starker, a auto-ajuda mais uma vez muda seu foco⁵⁸. Tendo como contínuas referências a Psicologia e o novo pensamento, a preocupação com o interior

⁵⁵ Cf. MEYER, 1965, p. 260.

⁵⁶ Tradução livre: “The secret of prayer power, as formulated by Peale, was this: (1) prayerize, (2) picturize; (3) actualize” (STARKER, 2002, p. 106).

⁵⁷ Cf. STARKER, 2002.

⁵⁸ STARKER, 2002.

cede lugar à preocupação com a estética e com a economia. A ética do compromisso ocupa o lugar da ética da vitimização. A preocupação com os cuidados corporais e com o bem-estar econômico assumem proeminência. Além do bem-estar emocional, mostra-se importante também o bem-estar orgânico e o bem-estar financeiro. A literatura sobre alimentação saudável e cuidados com a aparência prolifera, juntamente com livros que tratam de carreira e sucesso no mercado de trabalho. A preocupação com doenças, a ênfase ao auto-conhecimento e a busca constante por aperfeiçoamento, uma vez que se percebe constantemente falho são manifestações da vitimização.

A publicação dessa literatura no Brasil começou em final do século XIX, com a tradução do livro, *Self-help*, de Samuel Smiles, se populariza na década de 40 com o lançamento das obras de Napoleon Hill e Dale Carnegie e começa a se fazer mais valorizada a partir da era JK, quando cerca de 5 milhões de exemplares de autores norte-americanos de auto-ajuda são vendidos no país.⁵⁹

A relação entre economia e consumo dessa literatura merece ser pesquisada. Júlio Neves Pereira aponta que, no Brasil, essa literatura alcança maior mercado na era Collor em 1990⁶⁰. O confisco de bens promovido por nesse governo e as crises decorrentes desse momento político impulsionaram as vendas.

A psicologia é a disciplina mestra da auto-ajuda. Christina Sommers e Sally Satel sustentam que o mito da fragilidade é a principal marca da auto-ajuda. E ele demanda atendimento psicoterápico⁶¹. Elas pontuam que a preocupação com os sentimentos não é idéia recente. A esfera psíquica sempre foi um dos objetos preferenciais da literatura. No meio científico, tal preocupação pode ser percebida desde o século XVIII com Jean Jacques Rousseau, para quem a expressão dos sentimentos era crucial a qualquer desenvolvimento moral e espiritual. No século XIX, a Psicologia surge enquanto ciência com Wilhelm Wundt, e Freud constrói a Psicanálise (teoria, método de interpretação e prática profissional) para análise da vida psíquica. Contudo, não é à Psicanálise que se atribui o mérito da psicologização da sociedade. Este cabe à Psicologia Humanista, corrente que surgiu após a 2ª Guerra Mundial, tendo como berço não a Europa, continente matriz para surgimento de várias linhas psicológicas, mas os Estados Unidos. Arelada à cultura norte-americana do *self made man*, essa teoria psicológica sustenta o movimento de auto-ajuda.

⁵⁹ RUDIGER, 1996b, p. 188.

⁶⁰ PEREIRA, 2005.

⁶¹ “The popular assumption that emotional disclosure is always valuable, and that without professional help, most people are incapable of dealing with adversity, has slipped its clinical moorings and drifted into all corners of American life” (SOMMERS; SATEL, 2005, p. 9).

Apoiado na psicologia humanista de Abraham Maslow e, posteriormente, seu discípulo, Carl Rogers, o movimento de auto-ajuda valoriza a preocupação não apenas com o bem-estar, como também com o autoconhecimento.

Ambos estão convencidos de que a auto-estima é a mola principal para uma vida saudável. Ambos oferecem felicidade completa e pessoal, especialmente para as crianças. Mais que isso, Maslow e Rogers tinham uma solução para o problema do mal [...]. O que muitos de nós chamaríamos de comportamento ‘mal’ ou ‘imoral’, é descrito como frustração dos desejos saudáveis.⁶²

A valorização excessiva da subjetividade revela-se o principal problema da sociedade norte-americana que constrói mitos como o da fragilidade infantil e que deixa os indivíduos cada vez mais com a sensação de inadequação e incapacidade, ou ainda, sem coragem de tomar decisões ou assumir um discurso próprio⁶³.

Steve Salerno mostra que a literatura de auto-ajuda se divide em duas temáticas: poder ou autorização e vitimização⁶⁴. Eles se opõem quanto à proposta. Fazem parte da primeira, obras que apontam para o poder pessoal como capaz de realizar tudo o que se deseja. E, na segunda, notam-se obras que sustentam a não-responsabilidade pessoal, ou que consideram as pessoas sempre vítimas. Ao mesmo tempo que busca se conhecer e se percebe faltosa, a geração consumidora da auto-ajuda valoriza-se como sendo detentora de todo o poder para mudar as circunstâncias de maneira mágica. O sucesso é resultado de compromisso e desejo e o insucesso é fruto de desordens orgânicas, emocionais, sociais, das quais não se tem controle. O discurso do poder sustenta a busca pelo sucesso e pela felicidade desmedida a partir da auto-realização. Esse discurso encontra eco também nos escritos de John Stuart Mill para quem a felicidade é um estado de grande bem, advindo da completude dos desejos humanos, e todos os homens têm direito a ela. Porém, há limitações para a felicidade plena, como se percebe na citação a seguir:

Todos os homens, tendo igual direito a reclamar a felicidade, têm igualmente direito, na opinião do moralista e do legislador, a reclamar todos os meios de alcançá-la, salvo quando as inevitáveis condições da vida humana e o interesse geral, que compreende o de cada indivíduo, imponha limites à regra, limites esses que devem ser rigorosamente determinados.⁶⁵

⁶² “Both psychologists were persuaded that *self*-esteem is the mainspring of a healthy life. Both proffered fulfillment and personal happiness - especially to children. More than that, Maslow and Rogers had a solution to the problem of moral evil [...] What most of us call ‘evil’ or ‘immoral’ behavior is ascribed to the frustration of healthy desires” (SOMMERS; SATEL, 2005, p. 75).

⁶³ SOMMERS; SATEL, 2005.

⁶⁴ SALERNO, 2005.

⁶⁵ MILL, 2000, p. 275.

Sommers e Satel criticam a falácia da relação entre felicidade, bom desempenho e auto-estima, pois a felicidade sem uma base ética pode caracterizar uma pessoa convencida, uma pessoa sem sentimentos e uma pessoa exploradora e perigosa, sendo, portanto, um desejo tolo⁶⁶. E elas tomam Stuart Mill como referência, quando ele diz que a felicidade tem um apelo à coletividade, pois

só são felizes aqueles que fixam sua mente em algum outro objeto que sua própria felicidade; na felicidade dos outros, no aperfeiçoamento da humanidade, até em alguma arte ou ocupação [...]. A única chance é tratar, não a felicidade, mas alguma coisa externa a ela, como um propósito para a vida.⁶⁷

Disseminado nas escolas, o discurso da auto-estima justifica erros, desvios de caráter, insucessos, além de reforçar o sentimento de vitimização e o desinteresse pelo outro⁶⁸. Christina Sommers e Sally Satel também colocam a psicologização e a expressão auto-estima como elementos que destruiriam a autoconfiança⁶⁹. A psicologização colabora para patologizar todos os desvios, o que promove a anulação da responsabilidade pessoal e o reforço da vitimização. Os defensores da auto-ajuda tendem a considerar as fraquezas pessoais não em termos de falha de caráter ou de consciência ou má fé. Eles concebem tais fraquezas como doenças, síndromes, desordens, patologias que necessitam de tratamento e emoções reprimidas. Entretanto, as duas autoras mostram que a preocupação excessiva consigo, ao invés de minimizar as sensações de inadequação, desespero e desilusão contribui por aumentá-las.

O desenvolvimento da personalidade, no entanto, não se constitui à parte do desenvolvimento da espiritualidade. Tanto habilidades técnicas, como o cultivo da formação espiritual, são essenciais para o bem-estar no mundo e ambos são estimulados na literatura de auto-ajuda. O êxito dessa literatura pode ser explicado tanto pelo contexto social ao qual pretende responder, quanto pelo status do grupo que a difunde.

Quanto às influências recebidas por esse gênero literário, merecem ser destacadas a influência filosófico-teológica do movimento Novo Pensamento a partir do século XIX e a influência esotérica do movimento Nova Era, além do contexto da pós-modernidade.

⁶⁶ SOMMERS; SATEL, 2005, p. 32.

⁶⁷ MILL *apud* SOMMERS; SATEL, 2005, p. 113.

⁶⁸ SALERNO, 2005.

⁶⁹ SOMMERS; SATEL, 2005.

2.3 Dimensões presentes na literatura de ajuda

Ao se falar em literatura de auto-ajuda não se está adotando uma conceituação única ou simplista. Embora, em um primeiro momento, venha se referir a uma ajuda independente para a resolução de questões pessoais, a amplitude do termo merece ser destacada. Para Francisco Rudiger, o campo da auto-ajuda se limita a duas categorias: textos que visam ao desenvolvimento de capacidades objetivas e textos que estimulam o desenvolvimento de capacidades subjetivas⁷⁰. Na primeira categoria, estão os textos que trazem orientações sobre êxito nos negócios e orientações práticas sobre como desenvolver habilidades; e, na segunda parte estão os textos que valorizam o autoconhecimento para uma vida plena. Rudiger defende que essas duas categorias podem possibilitar o surgimento de textos com três enfoques: o primeiro se refere às práticas de autoconhecimento e superação e é regido pela concepção terapêutica de mundo, além da crença no poder da mente para superar as dificuldades existenciais; o segundo traz uma concepção ética, por reunir “práticas através das quais os indivíduos procuram constituir-se em sujeitos morais de uma conduta”⁷¹ e, como tais, ser bem sucedidos; e o terceiro enfoque é uma junção dos dois anteriores, pois o sucesso decorre de uma manipulação psicológica, em que se enaltece o individualismo.

Adair Sobral amplia o campo da auto-ajuda, postulando quatro sentidos para o termo: formação de um caráter individual para colaborar com o grupo, estímulo ao potencial interno e ao bem viver, reflexão sobre a vida para transformá-la ou autocompreensão que gera mudanças de comportamento, apoio grupal para resolução de questões comuns⁷². Essas quatro possibilidades de compreensão do termo serão analisadas a seguir e, a partir dessa compreensão é que esse trabalho será conduzido.

O primeiro conceito se refere à busca pelo conhecimento de si como estratégia para colaborar com outros. À medida que a pessoa se conhece e adquire habilidades, pode ajudar outros. Enfatiza-se a inter-relação. Cursos que enfatizam o aprendizado autodidata são exemplos dessa ênfase de auto-ajuda.

O segundo conceito associado à auto-ajuda é o conceito de bem-viver. Esse conceito associa o pragmatismo norte-americano e princípios da religião “em termos de caráter dos seres humanos, não da individualidade, e destaca a ética protestante em toda a sua

⁷⁰ Cf. RUDIGER, 1996a.

⁷¹ RUDIGER, 1996b, p. 192.

⁷² Cf. SOBRAL, 2006.

compatibilidade com o capitalismo, mas mantendo certa piedade cristã, a do como fazer”⁷³. Percebe-se, também aqui, a influência do movimento Novo Pensamento, que será abordado posteriormente nesta pesquisa.

Nessa definição está implícita a relação com o consumo, um dos pilares da modernidade. Na modernidade, o consumo se tornou a medida de sucesso, felicidade e vida bem sucedida na cultura ocidental. “Com isso, a noção de limites para os desejos humanos foi apagada e se instaurou a idéia de que todos têm o direito e a obrigação de realizar todos os seus desejos de consumo”⁷⁴. A literatura contribui para isso ao fortalecer nos leitores a pressuposição de que podem e devem ser felizes, mediante a aquisição de bens de consumo, e fornecer-lhes orientações de como fazer isso. Uma vez que a valorização social está atrelada ao poder do capital, à posse do dinheiro e à aquisição de bens, tal consumismo é defendido pela literatura de ajuda. A aquisição de bens pressupõe uma subjetividade adequada a tal exigência, como mostra Chagas, o que sugere relacionar a auto-ajuda a escolas psicológicas que sustentem o poder pessoal para tal:

Porém, para obter o que se deseja, o sujeito terá de se envolver com o psicologismo que a auto-ajuda prega, isto é, terá de controlar melhor a si, para depois controlar os outros. Em tal caso, todos os leitores estão convocados, de modo ‘um tanto perverso’, a aniquilar seu semelhante pela manipulação e pela competição estabelecida pela ética do consumo.⁷⁵

A terceira definição de auto-ajuda é a de um instrumento que possibilita a reflexão sobre a condição do sujeito para transformar sua vida. Busca-se a solução de problemas pessoais. Valoriza-se o autoconhecimento como condição para superar obstáculos e vencer crises. Ela se apóia nas escolas psicológicas de Abraham Maslow, Carl Rogers e também na Psicologia Positiva de Martin Seligman, que serão melhor trabalhadas posteriormente.

Rudiger a apresenta como uma literatura que busca resolver problemas com um remédio supramoral,

no contexto da qual a preocupação consigo mesmo começou a expressar uma necessidade de relaxamento, mas também de potencialização do eu que, em última instância, representa o sinal de percepção social em relação a um conflito que se mostra agora interior à própria personalidade.⁷⁶

⁷³ SOBRAL, 2006, p. 224.

⁷⁴ SUNG, 2005, p. 34.

⁷⁵ CHAGAS, 2002. p. 57.

⁷⁶ RUDIGER, 1996a, p. 85.

E o quarto conceito refere-se se a grupos para troca de experiências e ajuda mútua, em que a experiência assume o lugar da terapia. Em tais grupos se estimula a auto-responsabilização se valoriza o individualismo, embora haja condições para compartilhá-lo.

Dos quatro conceitos, os conceitos de bem-viver e de valorização da interioridade são os mais difundidos na literatura de auto-ajuda. Por isso, a definição de auto-ajuda de Júlio Pereira, doutor em língua portuguesa, é bastante adequada. Ele a conceitua como um “conjunto de práticas articuladas textualmente, baseadas no princípio de que todos possuem um poder interior solucionador de todos os problemas, os quais, embora se originem de fatos sociais, apresentam-se como de natureza pessoal”⁷⁷.

2.4 Críticas à literatura de ajuda

Há algumas críticas acerca do gênero auto-ajuda. A maior parte delas é negativa e desqualifica esse gênero, acusado de lesivo e ilusório. No entanto, acredita-se que essa literatura possa trazer benefícios, o que será abordado em outros momentos desta tese.

A abordagem de Júlio Pereira se aproxima da abordagem utilizada por Pedro Demo para definir auto-ajuda⁷⁸. Ele a conceitua como “a transudação natural de um ser extremamente frágil, que não dá conta de si mesmo e precisa de transcendência e tende a colocar seu destino em mãos que imagina superiores”⁷⁹. Demo trabalha a partir dos conceitos de psicologia positiva e felicidade autêntica propostos por Martin Seligman.

Martin Seligman, professor de psicologia na Universidade da Pensilvânia, recupera a dimensão positiva dessa área de conhecimento e trabalha com a concepção de que o trabalho dos psicólogos deveria ser um trabalho preventivo, e, não apenas curativo, como se tornou a foco da Psicologia após a 2ª Guerra Mundial. A Psicologia Positiva tem como principal objetivo, ampliar as capacidades das pessoas, como: coragem, otimismo, honestidade, perseverança, habilidades interpessoais, habilidade de solucionar problemas e tem, como alguns de seus precursores, Gordon Allport e Abraham Maslow⁸⁰.

A Psicologia positiva, ao proporcionar o emergir de emoções positivas, conforme Seligman, oferece felicidade autêntica. A auto-ajuda se apóia nessa premissa, de que se devem cultivar sempre emoções positivas. Pedro Demo mostra que, ao defender unicamente

⁷⁷ PEREIRA, 2005, p. 26.

⁷⁸ DEMO, 2005.

⁷⁹ DEMO, 2005, p. 9.

⁸⁰ SELIGMAN, 2006.

as emoções positivas, banaliza-se a felicidade, reduzindo-a a aquisições materiais, promove-se a dependência de cada vez mais livros, cria-se a ilusão de uma felicidade rápida e simplista, impede-se o desenvolvimento da capacidade crítica⁸¹.

A valorização da auto-ajuda é explicada por Demo como uma demonstração da ingenuidade humana e como uma prática de espoliação⁸². Por ingenuidade, ele compreende a confiança cega, a ausência de questionamentos, ou o que Libânio⁸³ aponta como uma das modalidades de pensamento, o pensamento espontâneo, que se constrói a partir da cultura da informação e se fixa no objeto, em vez de interrogá-lo. “A auto-ajuda, num sentido específico, é inevitável, porque é tradição humana recorrente, mais que ajudar, explorar a credulidade do ajudado”⁸⁴.

E ela poderia ser considerada espoliação, conforme Demo, por trazer promessas falsas e promover o aprisionamento do leitor na crença de que, quanto mais livros ler e quanto mais se esforçar, mais facilmente resolverá seus dilemas⁸⁵. Nesse momento, ela se aproxima do que Marx considerou característica da religião, ser o ópio do povo. Demo a considera um elemento alucinógeno, que afasta da realidade, apela para o absoluto e o definitivo, coloca o destino de cada um como sendo prerrogativa pessoal, critica o conformismo e promove a salvação⁸⁶.

Apesar de ingenuidade e espoliação, Demo mostra que essa literatura tem alguns benefícios: ela proporciona entretenimento, pode produzir conhecimento efetivo e funciona como elemento dialógico para os seres humanos carentes de ajuda⁸⁷.

Armando Chagas, em sua dissertação sobre a relação entre auto-ajuda e subjetividade, a concebe como promotora e perpetuadora da ilusão⁸⁸. Ao sustentar um discurso de ideal impossível, ela mantém as pessoas na ilusão de possibilidade. Chagas explica pela teoria psicanalítica lacaniana, que se impede a castração e se mantém a promessa de um gozo pleno⁸⁹. Na busca de referenciais, as pessoas encontram nas respostas simples da auto-ajuda a possibilidade de resolução de conflitos complexos, o que se revela falacioso. Ele destaca também que, por se valerem de recursos manipulatórios e incentivarem a competição e o

⁸¹ Cf. DEMO, 2005, p. 55-57.

⁸² DEMO, 2005, p. 99.

⁸³ LIBÂNIO, 2001, p. 38.

⁸⁴ DEMO, 2005, p. 108.

⁸⁵ DEMO, 2005, p. 103.

⁸⁶ DEMO, 2005, p. 105.

⁸⁷ DEMO, 2005, p. 59-60.

⁸⁸ CHAGAS, 2002.

⁸⁹ CHAGAS, 2001, p. 111-116.

consumo, os livros de auto-ajuda fragilizam os laços sociais⁹⁰. Ao fragilizarem os relacionamentos, tornam as pessoas ainda mais dependentes de sua leitura, uma vez que se perderam a confiança e a cumplicidade, elementos que possibilitam o olhar crítico e orientam o comportamento.

Os conceitos de bem-viver e desenvolvimento do potencial assumem destaque nesta pesquisa. Ao longo desse trabalho será analisada a literatura de ajuda que defende a busca da felicidade como maior alvo do ser humano e oferece condições para alcançá-la. Para que a felicidade seja alcançada é fundamental não apenas adquirir dons e habilidades considerados os ideais, como aprimorar os que se têm. Esses conceitos, especialmente se vinculados à religião, encontram maiores possibilidades de disseminação e de alcance de leitores. A relação entre a literatura de ajuda e os livros de aconselhamento cristãos será objeto de outras discussões ao longo desse texto.

⁹⁰ CHAGAS, 2001, p. 48.

3 INFLUÊNCIAS NA LITERATURA DE AUTO- AJUDA

Neste capítulo serão abordadas as influências de três movimentos sobre a literatura de ajuda com enfoque psico-espiritual. O primeiro deles data de fim do século XIX, que é o movimento Novo Pensamento. Os outros dois referem-se ao século XX, que são a Nova Era e a Pós-Modernidade. A relação entre a literatura de ajuda e esses movimentos ou momentos interessa a este trabalho, especialmente, porque se busca compreender a expansão desse gênero e sua relação com a religião cristã.

3.1 O Novo Pensamento

O Novo Pensamento é considerado um movimento filosófico-espiritual-religioso, que associa idéias cristãs e idéias metafísicas.⁹¹ Alguns autores como Donald Meyer e William James o consideram uma religião. O adjetivo novo já esclarece uma das principais premissas do movimento, de que a mente e o corpo estão em constante evolução. Esse conceito se opõe à dicotomia corpo-mente ou à dicotomia entre ciência e religião.

A incompatibilidade entre fé e ciência, entre corpo e alma, foi questionada no século XIX pelo neurologista George Beard, que exercia sua clínica em New York entre 1870-1890. Ele foi uma das primeiras vozes a mostrar a relação entre o estilo de vida norte-americano e o adoecimento emocional. Ao analisar a imagem de seus conterrâneos do século XVII, Beard os percebe como sofrendo de exaustão nervosa. Seu livro, *Nervous exhaustion*, publicado em 1870, explicita tal patologia, que decorre da incompatibilidade entre o aparato neuronal humano e a sociedade moderna, com suas exigências⁹². Contribui para isso a construção identitária norte-americana, marcada pela busca de êxito, excesso de atividades, aspirações e propósitos elevados, imagem essa também apoiada pelas igrejas protestantes do século XIX⁹³. Beard sugere que a identidade norte-americana é mais definida pelas aflições do que pelo bem-estar e que os norte-americanos estavam desorientados. Sua concepção é inovadora, por apontar a relação entre adoecimento, emocional humano e contexto social. William James

⁹¹ QUIMBY'S ..., 2006.

⁹² Donald Meyer, estudioso do Novo Pensamento, mostra que Beard foi precursor de Freud e Alex de Torquville com suas análises sobre a relação entre sociedade e adoecimento mental. Somente em seu texto, *O mal estar na civilização*, de 1931, é que Sigmund Freud constrói essa relação. E Torquville o faz 50 anos depois. (Cf. MEYER, 1965)

⁹³ Cf. MEYER, 1965, p. 23.

também contribui com essa premissa ao defender o mau uso do tempo como responsável pelo adoecer americano, o que o aproxima do pensamento puritano que tem como principal exigência o autocontrole⁹⁴. E a cura deve vir de dentro, da mudança de mente, tendo como foco a busca pela felicidade, o que se entende ser também a vontade de Deus⁹⁵.

As concepções do teólogo e cientista sueco, Emanuel Swedenborg, para quem fé, ações e poder da mente caminham juntos, funcionaram como base teórica relevante para esse movimento. Tendo escrito obras sobre assuntos diversos, tanto na área científica (possuía formação em Matemática e Engenharia de Minas), como em filosofia e teologia, Swedenborg se destaca na teologia por defender o sentido espiritual oculto na Bíblia. Ele se dizia capaz de dialogar com anjos, espíritos e seres humanos e postulava não apenas a existência de um mundo espiritual, como se considerava porta-voz dessa revelação, através de uma aparição do próprio Deus em 1744⁹⁶. Suas experiências espirituais atraíram muitos seguidores, especialmente na literatura. Swedenborg defendeu em alguns de seus escritos teológicos, a inter-relação entre alma e corpo, como em *De Comercio animae e corporis* (1769 - Londres). Ainda quanto à sua teologia, Swedenborg valorizava a Bíblia como palavra de Deus e rejeitava o conceito de pecado original⁹⁷. O novo pensamento também vai rejeitar esse conceito, que exige arrependimento e confissão para que haja cura⁹⁸. William James mostra que a negação do pecado se relaciona à recusa do mal e à concepção da felicidade como “congênita e irrevogável [...] quando a infelicidade lhes é oferecida ou proposta, se recusam positivamente a senti-la, como se fosse alguma coisa mesquinha e errada”⁹⁹.

Alan Anderson pontua que esse movimento filosófico-religioso tem raízes orientais e ocidentais¹⁰⁰. As referências orientais se referem principalmente ao hinduísmo e sua visão de ser humano, de unidade de si e da divindade, e as referências ocidentais se referem à concepção norte-americana e européia, de que a realidade é subjetiva. Glenn Mosley, pastor e presidente da Associação Internacional de Igrejas Unitaristas, amplia as referências do movimento, apontando a contribuição de oito religiões [sic]: Islamismo, Confucionismo, Hinduísmo, Judaísmo, Cristianismo, Budismo, Taoísmo e religiões indígenas¹⁰¹.

O movimento do novo pensamento começa a se organizar com a difusão das práticas

⁹⁴ JAMES *apud* MEYER, 1965, p. 30

⁹⁵ Cf. MEYER, 1965, p. 31.

⁹⁶ VIDA e ..., 2006.

⁹⁷ Cf. MOSLEY, 2006, p. 45.

⁹⁸ Cf. MEYER, 1965.

⁹⁹ JAMES, 1995, p. 60.

¹⁰⁰ ANDERSON, 1993.

¹⁰¹ Cf. MOSLEY, 2006, p. 62.

terapêuticas de Phineas Parkhurst Quimby (1802-1866), relojoeiro e fotógrafo em Maine, New England. Quimby é considerado o pioneiro do movimento, embora este tenha alcançado maior proeminência com os escritos de seus discípulos. Sua curiosidade espiritual, exemplificada por interesses sobre espiritismo, hidroterapia, mesmerismo, espiritismo e a experiência pessoal de cura pelo hipnotismo levaram-no a se tornar um curador, quando contava com cerca de 60 anos. Há divergências quanto à patologia da qual Quimby foi curado; fala-se tanto em tuberculose¹⁰², quanto em invalidez decorrente de neurastenia¹⁰³. Sua prática não apenas atrai muitos doentes, e conta com a inoperância da medicina como contribuinte para sua difusão, como também resgata a relação entre cura do corpo e poder mental. Ele valorizava o ministério de Cristo como curador, o que sugere uma reaproximação com a fé cristã, embora não freqüentasse igreja ou cultos. James Lawrence menciona que, embora a cura fora da medicina estivesse presente na religião cristã desde seus primórdios¹⁰⁴, o desenvolvimento da ciência no século XIX se encarregou de dissociar fé e cura ou oração e cura física, o que o novo pensamento aproxima.

A referência teórica mais forte de Phineas Quimby foram as teorias do austríaco Franz Anton Mesmer, que conheceu em 1838. Mesmer acreditava na cura a partir da transferência de energia de um corpo para outro. Valendo-se da sugestão e do magnetismo da água e de alguns objetos, Mesmer apregoava ter o poder de curar as pessoas. Rejeitado tanto pela religião quanto pela ciência, sua teoria chegou à América através de Benjamim Franklin. Franklin havia feito parte de uma comissão que, analisando a teoria de Mesmer, verificou que a imaginação, e, não o magnetismo produzia mudanças¹⁰⁵. Percebe-se uma evolução do pensamento de Paracelso no século XVI, que defendia que a crença dos seres humanos, independente de ser verdadeira ou falsa, produzia efeitos¹⁰⁶.

Quimby, enquanto praticava o mesmerismo, defendia que a premissa de que a mente, por ser espiritual, poderia ser transformada. A mudança no padrão mental levaria a mudanças orgânicas e à cura. Nota-se que, para Quimby, a doença era considerada um erro mental, sem uma base explicativa, que precisaria ser resolvido pela fé¹⁰⁷. Ele recusava associações com médicos e com crenças espiritualistas e sustentava a originalidade de sua concepção.

¹⁰² LAWRENCE, 2002.

¹⁰³ A última hipótese, sustentada por Donald Meyer, parece ser a mais correta a partir da leitura de outros textos do movimento.

¹⁰⁴ MEYER *apud* LAWRENCE, 2002.

¹⁰⁵ Cf. MEYER, 1965, p. 68. O mesmerismo refere-se ao uso do hipnotismo e do magnetismo para cura de doenças.

¹⁰⁶ MEYER, 1965.

¹⁰⁷ QUIMBY'S ..., 2006.

Quanto a seus escritos, estes só foram publicados em 1921, o que fez com que outros teóricos do movimento ganhassem proeminência, em detrimento dele. Dois de seus pacientes, Warren Felt Evans e Mary Baker Eddy, não apenas se tornaram discípulos de Quimby, como também contribuíram para sua divulgação. O primeiro se encarregou de sistematizar o movimento através da literatura, e a segunda viu a possibilidade de lhe atribuir feições religiosas, o que fez com a criação da Ciência Cristã. Outros nomes importantes que possibilitaram a disseminação das idéias de Quimby foram Anneta Seabury Dresser e Julius Dresser¹⁰⁸.

A primeira obra do novo pensamento, *The mental cure*, foi construída em 1869 por Warren Evans, pastor metodista e discípulo do cientista e teólogo sueco, Emanuel Swedenborg. Evans escreveu seis livros sobre o assunto e se tornou um dos importantes teóricos e difusores desse movimento. Seu conhecimento filosófico e seu conhecimento teológico, bem como sua familiaridade com a história de alguns místicos cristãos, deram ao novo pensamento o embasamento que esse movimento demandava¹⁰⁹.

Quanto à outra discípula proeminente no movimento, Mary Baker Eddy (1821-1910), ela foi curada de invalidez por Quimby em 1862 e se tornou não apenas discípula, como também divulgadora da cura pela mente. Em 1881, fundou o *Metaphysical College*, dois anos após ter criado a igreja Ciência Cristã, da qual foi ordenada pastora em 1879¹¹⁰. A Ciência Cristã é descrita por Steven Starker como uma filosofia fechada, que recusa a dor e a doença, cuja origem estaria no padrão mental¹¹¹. Entre as características da Ciência Cristã estão a recusa a médicos e medicações, além da objeção a outras leituras que não a Bíblia e as obras escritas por Eddy¹¹². Merecem ser destacadas sua concepção sobre Deus, masculino-feminino, nomeado a partir de seus atributos: mente, espírito, bom, vida, verdade, amor, sua recusa à idéia da queda e a negação do mal, uma vez que não pode haver outro poder que rivalize com o poder de Deus e o combate à pobreza¹¹³.

Além de Warren Felt Evans e Mary Baker Eddy, merecem ser citados como pessoas relevantes no movimento: Emma Curtis Hopkins, Myrthes e Charles Fillmore (fundadores do Unitarismo e discípulos de Hopkins).

Emma Hopkins foi curada por Mary Baker Eddy em 1883, e após um tempo de trabalho juntas, não apenas muda de cidade, como funda centros de estudo e associações,

¹⁰⁸ Cf. MOSLEY, 2006, p. 46.

¹⁰⁹ Cf. BRADEN *apud* LAWRENCE, 2002.

¹¹⁰ Cf. MEYER, 1965

¹¹¹ Cf. STARKER, 2002, p. 29.

¹¹² STARKER, 2002, p. 30.

¹¹³ Cf. MICHEL, 2002.

como *Emma Curtis Hopkins College of Christian Science*, posteriormente transformado em seminário teológico para preparação ao ministério de cura. Até 1893, 350 alunos haviam completado o ciclo básico e 111 haviam sido ordenados ministro nessa escola¹¹⁴. A expansão do trabalho de Hopkins parece ter sido motivada por três fatores: cura, escritos e ensino, especialmente no século XIX¹¹⁵, segundo Deidre Michell, cujo doutorado teve como tema a Ciência Cristã. Hopkins sustentava a necessidade de cada um ter suas próprias convicções para experimentar um crescimento pessoal¹¹⁶. Michell apresenta algumas diferenças entre as concepções de Eddy e Hopkins, como ampliação do conceito de Deus (é também substância, saúde, auxílio, defesa, proteção, inteligência), expansão do conceito de verdade, que não se limita ao Cristianismo, mas pode ser encontrada em outras formas de religiosidade, crença de que os princípios de cura são antigos: “Para Emma Hopkins, Ciência Cristã era o resgate de verdades antigas encontradas não apenas na tradição oriental, como também no pensamento ocidental do bispo Berkeley, Plotino e Platão”¹¹⁷. Hopkins concebia Deus como pai, filho, mãe ou espírito, sendo esta última pessoa a que conforta. Ela amplia a recusa à pobreza expressa por Eddy, ao sustentar que Jesus foi o primeiro a ensinar sobre prosperidade como sinal da presença divina.¹¹⁸ As teorias de Mary Baker Eddy e Emma Curtis Hopkins serão retomadas posteriormente neste trabalho, uma vez que sustentam a Teologia da prosperidade e muitos livros de auto-ajuda cristã.

Quanto a Myrthes e Charles Fillmore, é relevante destacar sua ênfase no poder da oração, especialmente silenciosa, como instrumento de cura. Inicialmente membros da Ciência Cristã, estudaram com Emma Hopkins, de quem se tornaram não apenas discípulos, mas também amigos¹¹⁹. Eles fundaram a Igreja Unitarista em 1890. Como todos os principais representantes do Novo Pensamento também defendem que a saúde é o estado normal do ser humano e que o primeiro passo para a cura está na fé¹²⁰. A oração de poder, ou a confissão positiva, em que as palavras pronunciadas funcionam como proteção ao mal, às fraquezas e doenças fazem parte das práticas adotadas na Igreja Unitarista¹²¹. Quanto a suas concepções, defendem a interpretação metafísica da Bíblia, tendo, inclusive, publicado uma obra

¹¹⁴ Cf. MICHELL, 2002.

¹¹⁵ MICHELL, 2002, p. 9

¹¹⁶ Cf. MOSLEY, 2006, p. 8.

¹¹⁷ Tradução livre: “For Emma Hopkins, Christian Science as a ‘restatement of age-old truths’ found not only in the Eastern tradition, but also in the Western thought of Bishop Berkeley, Plotinus and Plato” (MICHELL, 2002, p. 11).

¹¹⁸ MICHELL, 2002, p. 12.

¹¹⁹ Cf. MOSLEY, 2006, p. 9.

¹²⁰ Cf. STARKER, 2002, p. 35.

¹²¹ STARKER, 2002, p. 35.

denominada *Dicionário Metafísico da Bíblia*¹²².

No Novo Pensamento, a questão principal é pensar os pensamentos de Deus. Contudo, o Deus a que se referem não é pessoal. Este é nomeado por seus atributos, com exceção da vontade ou da soberania¹²³. Deus é a mente suprema, a consciência universal, fonte de saúde, poder, riqueza, pai-mãe que apóia e supre os desejos humanos¹²⁴, desejos estruturados como metafísica, e, portanto, absolutos: “[...] como aquele que supre, como consciência universal, todo-bondade, todo amor e todo poder, Pai-Mãe é o desejo infantil sobre os pais, perfeito em suas gratificações a todas as necessidades”¹²⁵. Alan Anderson pontua que o Novo Pensamento é a prática da presença de Deus com objetivos práticos. Ele defende que, nesse movimento, Deus se oferece ao ser humano para que este utilize dele¹²⁶. Essa concepção de Deus de forma impessoal leva a se conceber o Novo Pensamento como uma religião metafísica. Alguns autores optam por definir esse movimento como religião, principalmente por pressupor uma espiritualidade e é metafísica, por alimentar-se da intuição e crer na verdade do ser absoluta e aplicável a todas as áreas da vida¹²⁷. Essa idéia vai se fazer presente mais tarde na Nova Era e na Teologia da Prosperidade, vertente teológica adotada em muitas comunidades protestantes.

O pressuposto básico desse movimento é que as pessoas podem estar fisicamente saudáveis e felizes pela força do pensamento. Para ativar essa força, são necessários o pensamento positivo, orações, palavras afirmativas, meditação¹²⁸. Em um dos sites do movimento, há uma frase atribuída a Quimby que exemplifica essa premissa:

[...] o problema está na mente, pois o corpo é apenas a casa em que a mente mora [...]. Se sua mente se decepcionou com alguns inimigos invisíveis em uma crença, você coloca isso como doença, com ou sem seu conhecimento. Através de minha teoria ou verdade, eu entro em contato com seu inimigo e lhe restauro a saúde ou a felicidade.¹²⁹

O pensamento é visto como força atrativa de sucesso, capaz de transformar a realidade. E, para que essa força seja ativada, as pessoas precisariam se conscientizar de seu poder pessoal e exercitar a fé. Como as pessoas desconhecem seu potencial, precisam ser

¹²² STARKER, 2002, p. 23, 31.

¹²³ Cf. MEYER, 1965, p. 75-79.

¹²⁴ MEYER, 1965, p. 81-82.

¹²⁵ Tradução livre: “[...] as Supply, as Universal Consciousness [...] as all-good, all-love and all-power, Father-Mother was the child’s wish about his parents, perfect in their gratification of every need” (MEYER, 1965, p. 82).

¹²⁶ ANDERSON, 1995.

¹²⁷ ANDERSON, 1999.

¹²⁸ NEW thought movement. In: Wikipedia: a enciclopédia livre.

¹²⁹ “[...] the trouble is in the mind, for the body is only the house for the mind to dwell in [...] If your mind has been deceived by some invisible enemy into a belief, you have put it into the form of a disease, with or without your knowledge. By my theory or truth I come in contact with your enemy and restore you to health and happiness” (QUIMBY’S ..., 2006, p. 208).

instruídas para desenvolvê-lo, o que é possível através da meditação silenciosa, do relaxamento, de exercícios de concentração¹³⁰. Outra de suas premissas é de que a mente não se satisfaz com as conquistas do passado, mas busca sempre novas conquistas.

Conforme a organização que abarca todas as instituições que fazem parte do Novo Pensamento, International New Thought Alliance (INTA)¹³¹, além dos princípios já citados, também fazem parte do movimento, o poder da oração, o respeito à diversidade de crenças, valorização da dignidade humana, crença de que todos são seres espirituais que habitam um mundo governado por leis espirituais, defesa da manifestação do Reino dos céus aqui e agora, definição do amor incondicional, do ensino, da cura, da paz e do serviço ao outro como os maiores princípios espirituais, consciência de que a vontade de cada um orienta suas crenças¹³².

Donald Meyer, historiador e estudioso do Novo Pensamento, o define como um protesto contra a medicina inadequada, contra uma teologia que inibe a criatividade e não alimenta e também um protesto feminino contra a sociedade que se isola e ignora as necessidades dos outros. Por outro lado, ao lutar por uma ciência efetiva, uma medicina relevante e maior riqueza de expressão é um movimento libertador¹³³.

A literatura de ajuda se apropriou não apenas da teologia do Novo Pensamento, ao defender um Deus menos pessoal e mais próximo do conceito de Mente, ou um Deus mãe dádioso, mas também da psicologia desse movimento, que valoriza o poder pessoal e as capacidades não conscientes de cada um para tornar seus desejos acessíveis e reais. Além disso, a ética protestante repressora, controladora é substituída por uma nova ética em que a satisfação dos desejos assume relevância e se nega a infelicidade. Essa negação é expressa através não apenas do pensamento positivo, mas também no uso de frases assertivas e no imperativo. Ou como menciona James, ao tratar do movimento.

A atitude de infelicidade não é somente penosa, mas também mesquinha e feia, que é o que pode ser mais baixo e indigno do que o estado de espírito choramingas, lamurioso, mal-humorado, sejam quais forem os males externos que o possam ter engendrado? Que é menos útil como meio de livrar-se da dificuldade? Ele apenas fixa e perpetua o problema que o ocasionou, e aumenta o mal total da situação [...] nossa resolução de não condescender com o sofrimento, começando num ponto relativamente pequeno dentro de nós, pode não se interromper enquanto não tiver colocado toda a estrutura da realidade sob uma concepção sistemática tão otimista que se torna congenial às suas necessidades.¹³⁴

¹³⁰ Cf. JAMES, 1995, p. 81.

¹³¹ O primeiro congresso do INTA foi realizado em 1914 na cidade de Londres, e desde aquela data aconteceram 89 congressos ao redor do mundo. (Cf. MOSLEY, 2006, p. 50).

¹³² MOSLEY, 2006, p. 51-52.

¹³³ MEYER, 1965, p. 312-314.

¹³⁴ JAMES, 1995, p. 66.

Conforme Louise Woodstock, a literatura de auto-ajuda entre os anos de 1880 a 1910 teve o pensamento positivo como sua principal influência. Esta é retomada entre os anos de 1980 a 1990 ao incorporar psicologia popular e uma espiritualidade híbrida, o que possibilita não apenas o trabalho com o passado, mas também vislumbrar o futuro¹³⁵. A literatura de ajuda defende não apenas o poder da fé, como mostra recursos para alcançá-la, valendo-se de técnicas como mentalização, relaxamento, confissão positiva ou sugestão.

3.2 A Nova Era

Muitas crenças do Novo Pensamento se assemelham a crenças da Nova Era. Magnani defende que o novo pensamento sustenta a Nova Era, movimento de contracultura norte-americano dos anos 50, que valoriza a filosofia e os valores orientais e se caracteriza pela busca de renovação espiritual e redirecionamento de vida¹³⁶. A mesma premissa é defendida por Deidre Michell, teóloga australiana, para quem o Novo Pensamento contribuiu para a expansão da Nova Era e sua popularidade¹³⁷.

Embora o Novo Pensamento seja a influência que prevalece na auto-ajuda, esta também é marcada pela Nova Era. A presença da Nova Era pode ser percebida nessa literatura, tanto pela concepção de Deus presente nessas obras, o Deus imanente, quanto pela valorização da espiritualidade. Se, no Novo Pensamento, os conceitos cristãos prevalecem, ainda que modificados, na Nova Era o que predomina é a religiosidade oriental.

A valorização do poder pessoal e das dimensões afetiva e emocional, a afirmação de que soluções para os problemas humanos e sociais são simples e que a felicidade não somente é possível, mas pode ser mantida¹³⁸, são algumas das características da Nova Era.

Aldo Terrin aponta duas exigências ou critérios para se definir a Nova Era; a primeira se refere à sua concepção como um pentagrama regido por intuição, experiência, espontaneidade, romantismo, união entre Deus e mundo, e a segunda é a necessidade de se superar limites para novas experiências, para a busca da plenitude. Para se adquirir novas experiências, a Nova Era se utiliza de técnicas para expansão do campo da consciência, afirma a indissociabilidade entre mente e corpo, defende a premissa de que o mundo espiritual domina o mundo físico e acredita que é o método místico, e, não mais o analítico que

¹³⁵ Cf. WOODSTOCK, 2005.

¹³⁶ Cf. MAGNANI, 2000.

¹³⁷ MICHELL, 2002.

¹³⁸ GIL; NISTAL, 1994.

caracteriza a ciência, o que possibilita melhor compreensão do mundo¹³⁹. A partir dessas exigências, Terrin conceitua Nova Era como moda ou ainda como cultura com pretensões de movimento religioso, uma vez que resgata a espiritualidade, “enfraquecida pelos vários derreamentos e desfalecimentos da religião provocados pelos ‘emancipados’ dos grandes *maitres a penser*¹⁴⁰. Esse movimento ou essa nova forma de viver caracteriza-se por errância, sincretismo, privatização do sagrado¹⁴¹.

Com ele concordam Gil e Nistal, ao conceituarem-na como uma nova cosmovisão marcada por consciência integral ecológica e holística, que encontra seu corpo de doutrinas na dimensão religiosa e como expressão de uma espiritualidade panenteísta, cósmica e imanente¹⁴². Edênio Valle a concebe como “um novo modo de sentir, pensar e relacionar-se com o universo interno ou o mundo intrapsíquico, o universo externo e o transcendente. Deus é pensado quase sempre em termos imanentes, como energizador e movente último”¹⁴³.

A Nova Era surgiu em final do século XIX, a partir de uma desilusão com a ciência e a religião, e, em meados do século XX, ela ressurgiu nos Estados Unidos, tendo como fortes aliados, a religiosidade e o pensamento oriental. A mudança astrológica, da constelação de peixes para a de aquário, inaugura essa nova era, em que solidariedade, felicidade, harmonia são palavras-chave.

Conforme Libânio, a Nova Era anuncia um novo tempo, uma nova religiosidade e o retorno às utopias românticas, além de privilegiar a razão emocional, em detrimento da razão instrumental. A experiência espiritual ocupa o lugar anteriormente concedido à fé e aquela serve como referência para esta, como pode ser percebida na seguinte citação:

A New Age cria uma atmosfera religiosa [...] a fé, enquanto verdade e ensinamento, a razão, enquanto luz crítica, não desempenham praticamente nenhum papel. Recorre-se antes a outro universo de experiências, que se nutrem de elementos da psicologia, especialmente transpessoal, de tradições e práticas religiosas orientais, de exercícios mentais orientados a um encontro com a profundidade do próprio eu ou a um envolvimento totalizante com a natureza.¹⁴⁴

A espiritualidade da Nova Era privilegia a crença no poder da mente, as concepções mentalistas de que a realidade pode ser alterada ou manipulada pelo pensamento e de um Deus imanente. A imagem de Deus que a Nova Era constrói se relaciona à epistemologia da

¹³⁹ Cf. TERRIN, 1996.

¹⁴⁰ TERRIN, 1996, p. 14.

¹⁴¹ Cf. GUERRIERO, 2003.

¹⁴² Cf. GIL; NISTAN, 1994.

¹⁴³ VALLE, 1998, p. 198.

¹⁴⁴ LIBÂNIO, 2002, p. 37.

Nova Era que privilegia a subjetividade e “na necessidade de limpar a relação sujeito-objeto que havia enrijecido todos os conhecimentos e tornado estéril todo tipo de conhecimento”.¹⁴⁵ Deus é encontrado em toda parte e o ser humano o busca em suas energias mais instintivas, o que leva à concepção de um instinto religioso natural. “E esse retorno traz a marca da visão oriental em que o divino não é deduzido da razão, não é fruto do raciocínio e de uma concepção filosófica aristotélica, como em São Tomás, mas está bem próximo do ‘sagrado’ de R. Otto e do imediatismo do ‘sentimento criatural’ como primeira e inalienável experiência religiosa”¹⁴⁶.

Os ensinamentos e valores da Nova Era são expressos através da literatura que promove sociabilidade, vida comunitária, busca por sentido para a vida, rejeição aos modelos eclesiais tradicionais, valorização do holismo ou desenvolvimento integral dos planos mental, corporal e espiritual¹⁴⁷. É importante mencionar que os conceitos de espiritual e religioso não se equivalem; o primeiro é mais valorizado que o segundo, que supõe uma institucionalização contra a qual a Nova Era se rebela.

Os gurus da Nova Era expandem seu pensamento através dos meios de comunicação de massa, especialmente escritos. Suas ideias são transmitidas em linguagem simples e são bastante ecléticos quanto à sua concepção de espiritualidade. Para difundir-las, defendem uma religiosidade alternativa, recusam as instituições sociais e valorizam a autonomia. Steven Sutcliffe menciona que o discurso presente nessas obras é: “Se funciona, ótimo; se, não, troque”¹⁴⁸.

Alan Anderson, um estudioso do Novo pensamento, aponta semelhanças entre os dois movimentos como: o otimismo vindo da crença em um Deus imanente e bom, valorização da meditação, uso da medicina alternativa, interesse pela nova concepção da física, com um teor mais filosófico e idealista. No entanto, Anderson sustenta que, embora semelhantes, os dois movimentos são distintos. A principal diferença se refere à base religiosa que os sustenta. O Novo Pensamento tem uma base religiosa cristã e se reafirma como tal, ao passo que a Nova Era tem uma base religiosa oriental e esotérica. O movimento de cura pela mente descarta o ocultismo e tem Jesus Cristo como principal exemplo de curador. A cura espiritual também recebe maior destaque no Novo Pensamento¹⁴⁹.

Como foi mencionado anteriormente, a crença no poder pessoal para transformar a

¹⁴⁵ LIBÂNIO, 2002, p. 75.

¹⁴⁶ LIBÂNIO, 2002, p. 77.

¹⁴⁷ GUERRIERO, 2006.

¹⁴⁸ SUTCLIFFE, 2000, p. 17-36.

¹⁴⁹ ANDERSON; WHITEHOUSE, 1995.

vida faz parte do Novo Pensamento e também está presente na Nova Era, como se percebe na citação a seguir: “Os problemas que enfrentamos na vida originam-se dentro de nós, são provocados por desequilíbrios espirituais que, todavia, podem ser solucionados, através do recurso a diferentes exercícios de mentalização”¹⁵⁰.

No entanto, há diferenças entre o movimento e o modo de vida. No Novo Pensamento, a crítica institucional não é marcante e se buscam alternativas de cura para responder ao fracasso do sistema institucional, especialmente o médico, e atender aos que estão à margem. A ênfase no poder da mente visa libertar as pessoas para expressarem seu potencial e se curarem. Na Nova Era, a cura também faz parte do processo, mas também se enfatizam elementos preventivos ao adoecimento, seja ele, físico, emocional, mental ou espiritual. Essa prevenção se manifesta na ênfase holística desse modo de pensar e na valorização do potencial humano, uma vez que nada é mais importante do que o *self* individual. As pessoas são compreendidas como um todo que precisa funcionar em harmonia: mente, corpo e espírito integrados. Fazem parte do movimento, críticas ao modo de vida da sociedade industrial e ao sistema religioso que promove culpa.

O Novo pensamento por vezes é assumido pela Nova Era e ambos se fazem presentes na literatura de ajuda. O primeiro, destacando o potencial humano para transformar a vida pessoal e a segunda, ressaltando uma compreensão holística da vida para transformar a si e ao mundo.

3.3 A pós-modernidade

A pós-modernidade e sua relação com a literatura de auto-ajuda são os temas principais desse item. Busca-se analisar o conceito de pós-modernidade e pontuar, dentre suas principais características, aquelas que contribuem para o êxito da literatura de ajuda.

Embora, como já tenha sido mencionado, esse gênero literário seja anterior à chamada pós-modernidade, ele encontra nos elementos desse momento histórico um espaço adequado e estimulador a seu crescimento.

3.3.1 Pós-modernidade: ruptura ou continuidade?

Há vários termos que traduzem esse momento, como: modernidade tardia ou modernidade radical, pós-modernidade, hiper-modernidade ou simplesmente modernidade. A

¹⁵⁰ RUDIGER, 1996b, p. 192.

terminologia reflete uma das seguintes concepções acerca do sentido desse momento histórico: ruptura e continuidade¹⁵¹, contraface da modernidade ou sua suplantadora¹⁵².

A pós-modernidade como ruptura se refere à compreensão desse momento histórico como novo momento ou rompimento de laços com o momento anterior, que é a Modernidade, “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”¹⁵³.

O conceito de pós-modernidade decorre da teoria do pós-estruturalismo, “que sustenta a fragmentação do ‘eu’ e o desaparecimento do sujeito como indivíduo”¹⁵⁴. Pode-se tentar compreender a globalização a partir desse pressuposto. Na pós-modernidade, haveria a aniquilação do indivíduo, ou, como amplia o filósofo inglês, Anthony Giddens, esta é reflexo do distanciamento entre tempo e espaço e aponta para a inter-relação entre eventos e relacionamentos sociais distantes com comunidades locais¹⁵⁵. Giddens define como características fundamentais da modernidade: o descolamento das instituições sociais dos contextos locais, a reflexividade e a separação entre tempo e espaço¹⁵⁶.

Jean Lyotard é considerado o pioneiro do uso do termo ao falar em condição pós-moderna em seu livro de mesmo título em 1979. Ele a analisa enquanto prática discursiva e se vale do conceito de jogos de linguagem de Wittgenstein para trabalhar com sua premissa¹⁵⁷. Lyotard sustenta que o discurso científico, enquanto saber, é um bem a ser consumido. E aponta para a descrença nos grandes relatos ou nas metanarrativas como um elemento relevante da condição pós-moderna, uma vez que não se pode falar em unidade na pluralidade¹⁵⁸.

Como ruptura, a pós-modernidade sustenta o desencanto com a razão iluminista, a perda de fundamentos, o fim das metanarrativas, a valorização das particularidades locais, a busca pelo sentido da história¹⁵⁹. Os mesmos conceitos são apontados como indicadores da pós-modernidade por José J. Queiroz. Ele sustenta que a pós-modernidade é uma era pós-industrial, que tem o mercado e o consumo como elementos fundamentais. Instabilidade, velocidade, impulso à tecnologia e valorização da chamada memória eletrônica são algumas

¹⁵¹ WESTHELLE, 1992.

¹⁵² SIEPIERSKI, 1992.

¹⁵³ GIDDENS, 1991, p. 11.

¹⁵⁴ WESTHELLE, 1992, p. 148.

¹⁵⁵ Cf. GIDDENS, 1991.

¹⁵⁶ Cf. GIDDENS, 2002.

¹⁵⁷ LYOTARD, 2004.

¹⁵⁸ LYOTARD, 2004.

¹⁵⁹ Cf. MARDONES, 1988.

características desse tempo¹⁶⁰.

Esses indicadores também são os que Sérgio Paulo Rouanet considera referências para se discutir o conceito de pós-modernidade como ruptura. Ele os sintetiza sob duas expressões: modernidade social, que se refere a mudanças econômicas, e modernidade cultural, que se refere a transformações no saber, na moral e na arte¹⁶¹.

A pós-modernidade é considerada a sucessora da modernidade regida pela razão, pela ciência e pela tecnologia. Para o teólogo, José Ignacio Gonzalez Faus, a pós-modernidade não se resume a uma filosofia ou sistema racional; ele a considera uma experiência e um estado de ânimo sob o signo do desencanto. Apostando também na pós-modernidade como ruptura ou como antimodernidade, Faus considera o prefixo pós limitado e opta pela oposição total à modernidade, lançando mão do prefixo anti-, embora não desconsidere que vários fatores pós-modernos são marcados pela modernidade, como se percebe pela citação a seguir: “[...] a pós-modernidade não se limita unicamente a suceder no tempo a modernidade, mas reage (e de forma bem dura) contra ela. Por isso, é mais antimodernidade do que pós-modernidade”¹⁶². Ele defende que, na antimodernidade vários mitos são destruídos, como os mitos do progresso, da diversão, do compromisso ético, da política, da ciência, do amor romântico. Tais destruições, segundo Faus, promovem o descompromisso¹⁶³. Tem-se a impressão de que a modernidade representaria o antigo, ou aquilo que foi destruidor. E, em seu lugar surgiriam novos valores e novos paradigmas.

Steven Connor também adota a nomenclatura pós-modernidade. No entanto, faz a diferenciação entre os termos pós-modernismo e pós-modernidade. Ele defende que o primeiro se refere a uma função discursiva, que reajusta as relações de poder nas instituições culturais e crítico-acadêmicas e o segundo a novos arranjos sociais, econômicos e políticos ou a um novo modo de pensar e conceber a realidade¹⁶⁴.

O termo pós-modernismo se cristalizou apenas em meados da década de 70, embora já fosse utilizado desde os anos 50 nos Estados Unidos: “quando afirmações sobre a existência desse fenômeno social e cultural tão heterogêneo começaram a ganhar força no interior e entre algumas disciplinas acadêmicas e áreas culturais”¹⁶⁵. Perry Anderson aponta a origem do

¹⁶⁰ QUEIROZ, 1996.

¹⁶¹ ROUANET, 1987.

¹⁶² FAUS, 1996.

¹⁶³ FAUS, 1996, p. 25.

¹⁶⁴ CONNOR, 1992.

¹⁶⁵ CONNOR, 1992, p. 13.

termo pós-modernismo nos anos 30 e na América hispânica¹⁶⁶. O termo surgiu com Federico de Onís para descrever um novo momento estético cujas marcas eram a radicalidade e o apoio às vanguardas. Nos Estados Unidos, a expressão pós-modernismo ressurgiu no final dos anos 50 com outro significado: como categoria de época, e, não uma categoria estética¹⁶⁷. O conceito de pós-modernismo atravessou uma polissemia de sentidos: foi utilizado como sendo “uma época na qual os ideais modernos do liberalismo e do socialismo tinham simplesmente falido, quando a razão e a liberdade se separaram numa sociedade pós-moderna de impulso cego e conformidade crítica”¹⁶⁸, segundo o sociólogo C. Wright Mills; como “uma ficção contemporânea incapaz de sustentar a tensão modernista com uma sociedade circundante cujas divisões de classe tornavam-se cada vez mais amorfas com a prosperidade do pós-guerra”¹⁶⁹, conforme o crítico Irving Howe; como “uma literatura derivada que havia renunciado aos rígidos padrões intelectuais do modernismo em prol de uma relaxada meia síntese”¹⁷⁰, nos dizeres de Harry Lewis; como uma literatura que possibilita “o cruzamento de classes e uma mistura de gêneros, repudiando as ironias e formalismos modernistas [...] numa volta desinibida ao sentimental e ao burlesco”¹⁷¹. A associação inicial entre pós-modernismo e estética literária será, posteriormente estendida a outras expressões culturais e à arquitetura.

Para outros teóricos, no entanto, a pós-modernidade não existe enquanto um novo momento. Eles defendem que a modernidade não terminou e não há mudanças radicais ou mudanças significativas nos campos social e cultural; para eles o que houve foi uma exacerbação de características desse momento histórico, como o individualismo.

Um dos representantes dessa concepção é Sérgio Paulo Rouanet. Ele mostra que as transformações sociais da realidade não são diferentes o suficiente de outros períodos históricos para demandar o prefixo pós. Ele aponta para paradoxos dessa era, mas defende que, na modernidade, tais características já se manifestavam. O modo de produção continua capitalista e, quanto ao consumismo, ao primado da mídia dominando os comportamentos das pessoas, ao hedonismo, estes já haviam sido descritos por filósofos modernos da Escola de Frankfurt, como se percebe na citação a seguir:

¹⁶⁶ Cf. ANDERSON, 1999.

¹⁶⁷ ANDERSON, 1999, p. 10.

¹⁶⁸ ANDERSON, 1999, p. 18.

¹⁶⁹ ANDERSON, 1999, p. 19.

¹⁷⁰ ANDERSON, 1999, p. 19.

¹⁷¹ ANDERSON, 1999, p. 19.

Foram Adorno, Horkheimer e Marcuse que descreveram os mecanismos de unidimensionalização das consciências, a moldagem do indivíduo pela publicidade e pela indústria cultural, a erotização do mundo das mercadorias, o confisco da psicologia individual pelo todo, a dessublimação repressiva e todos os mecanismos que caracterizam a fetichização integral do mundo da cultura, sua subordinação absoluta ao valor de troca [...] não há corte no cotidiano contemporâneo: no máximo há uma intensificação de características já antigas.¹⁷²

Como Rouanet, podem ser citados Gilles Lipovetsky, criador do termo hipermodernidade, e Anthony Giddens, que cunhou o termo modernidade tardia. O primeiro associa os termos pós-modernismo e pós-modernidade e considera pós-modernismo, “a passagem lenta e complexa para um novo tipo de sociedade, cultura e indivíduo, que nasce do interior e no prolongamento da era moderna”¹⁷³. É dele o termo hipermodernidade para se referir a essa era, caracterizada pela ruptura com hierarquias, pelo hedonismo, pelo consumismo, pela busca intensa por identidade, diferença e satisfação imediata, pelo narcisismo. Lipovetsky utiliza o prefixo hiper por compreender que nesse momento ocorre não uma recusa à modernidade, mas, sim, uma exacerbação dela. Valores da modernidade, como o hedonismo e o consumismo, bem como o apego à tecnociência se tornam primordiais após a década de 60.

Com ele concorda Anthony Giddens, que prefere falar não em ruptura, mas, sim, em rupturas ou em descontinuidades. Giddens critica o termo pós-modernidade, porque este aponta para o fim da história: “Falar da pós-modernidade como suplantando a modernidade parece invocar aquilo mesmo que é (agora) declarado impossível: dar alguma coerência à história e situar nosso lugar nela”¹⁷⁴.

Conforme menciona Sérgio Paulo Rouanet, a consciência pós-moderna não se refere à crença em uma outra realidade, mas, sim, à sensação de mal-estar diante da modernidade e seus efeitos danosos¹⁷⁵. A pós-modernidade é apresentada como um novo momento de desamparo do sujeito, uma vez que precisaria lidar com instabilidade, mudanças rápidas, certezas incipientes, primado das sensações. Ou, como comenta Anthony Giddens, convive-se com perda de fundamentos, rapidez de mudanças, capitalismo como principal força do mundo, separação entre tempo e espaço, história sujeita a interpretações constantes e a reflexividade da vida, que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas,

¹⁷² ROUANET, 1987, p. 259.

¹⁷³ Cf. LIPOVETSKY, 1983.

¹⁷⁴ GIDDENS, 1991, p. 53.

¹⁷⁵ ROUANET, 1987.

alterando assim constitutivamente seu caráter”¹⁷⁶.

A concepção de pós-modernidade como rupturas ou descontinuidades, em detrimento do seu conceito como uma ruptura marcante e definitiva, também é adotada por José J. Queiroz, que à semelhança de Rouanet, pontua as alterações sócio-culturais como marcantes desse novo momento:

A cultura, também, embora adquira novas conotações, permanece gravitando na esfera do capitalismo, seja para reforçá-lo (cultura de massa, consumismo), seja para contestá-lo (movimentos ecológicos, experiências de economia alternativa), seja para expressar as suas perversidades (cultura da violência, exclusão, limpeza étnica, genocídios, terrorismo). Por isso, não deixam de ter razão os que apontam que a Pós-Modernidade é ainda a Modernidade gerindo e parindo as suas crises.¹⁷⁷

Independentemente do nome que se adote, diante das rupturas da pós-modernidade, nomenclatura que será utilizada nesta tese, embora se compartilhe da premissa de que não há uma ruptura marcante, levantam-se questionamentos acerca do sujeito pós-moderno. Giddens destaca que esse período traz mudanças importantes nas relações sociais, que passam a se primar pela busca de mais intimidade, mais expressividade, mais riscos e, conseqüentemente, mais perigos¹⁷⁸. Lipovetsky também defende que nessa era se destacam valores fundamentais, como o respeito à dignidade da pessoa humana, o pluralismo, o respeito às diferenças¹⁷⁹.

3.3.2 A identidade do sujeito pós-moderno

O sujeito pós-moderno vive uma crise de identidade; diante de uma multiplicidade de possibilidades identitárias, ele se mostra fragmentado e, por vezes, assume identidades contraditórias, como aponta Stuart Hall: “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais podemos nos identificar - ao menos temporariamente”¹⁸⁰. Detendo-se em questionamentos sobre a relação entre cultura nacional e globalização, Hall sugere uma oposição entre duas possibilidades: hibridismo x nacionalismo ou sincretismo x fundamentalismo.

A dificuldade em definir-se ou construir-se identitariamente é também apontada por

¹⁷⁶ GIDDENS, 1991, p. 45.

¹⁷⁷ QUEIROZ, 2006.

¹⁷⁸ Cf. GIDDENS, 2002.

¹⁷⁹ LIPOVETSKY *apud* FRAGA, 2004.

¹⁸⁰ HALL, 2002, p. 13.

Anthony Giddens, que defende como principal característica da modernidade¹⁸¹, a interconexão entre influências globalizantes e disposições gerais, promovendo novos mecanismos de auto-identidade: “[...] ao forjar suas auto-identidades [...] os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas conseqüências e implicações”¹⁸².

Por auto-identidade, Giddens compreende a construção de uma identidade que passa pela contínua reflexividade do eu e demanda narrativas, apropriação do passado e planejamento de futuro, controle do tempo com o estabelecimento do tempo pessoal, consciência corporal, equilíbrio entre oportunidade e risco, autenticidade, percepção da vida como uma série de passagens, integridade pessoal¹⁸³. O termo reflexividade do eu se refere, para Giddens, à capacidade de fazer revisões acerca da “maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza”¹⁸⁴ a partir de um novo conhecimento ou informação.

Segundo o filósofo Gilles Lipovetsky, vive-se sob o advento do *homo psychologicus*, em busca de seu ser e do seu bem estar. Como a lógica psicológica é a que prevalece na era pós-moderna, todas as esferas da vida serão analisadas à luz da subjetividade. Lipovetsky se vale do termo narcisismo para situar o ser humano pós-moderno; este resulta da soma de uma lógica social individualista e uma lógica terapêutica e psicológica, como se percebe pela citação a seguir: “quando o social é afetado, o desejo, a fruição, a comunicação tornam-se os únicos ‘valores’ e os ‘psi’ os grandes sacerdotes do deserto. A era ‘psi’ começa com a deserção de massa e a libido é um fluxo do deserto”¹⁸⁵.

Lipovetsky é bastante crítico ao mencionar a cultura narcísica. Ele defende que ela estimula mais o autodesprezo do que o amor por si, na medida em que aponta para o desejo insatisfeito todo o tempo. No entanto, ele não é de todo pessimista com a cultura narcísica. Se, por um lado, ela permite a negação de limites, por outro, impõe limites, aos quais as pessoas obedecem.

O termo narcisismo é utilizado por Lipovetsky e por outros teóricos, tendo como referência sua concepção na psicanálise freudiana. Para Freud, o termo narcisismo se refere a dois momentos: primário e secundário. No narcisismo primário, há um estado hipotético em que a criança acredita na onipotência de seus pensamentos e toma a si como objeto de amor, antes de escolher outros; e, no narcisismo secundário, após o contato com o meio externo,

¹⁸¹ Giddens opta pelos termos modernidade tardia e alta modernidade no lugar do termo modernidade.

¹⁸² GIDDENS, 2002, p. 9.

¹⁸³ Cf. GIDDENS, 2002, p. 70-103.

¹⁸⁴ GIDDENS, 2002, p. 26.

¹⁸⁵ LIPOVETSKY, 1983, p. 41.

tem-se a retração da libido sobre o sujeito. Ou, como o define Freud, “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo”¹⁸⁶. Laplanche e Pontalis, ao analisarem o termo, sugerem que, no narcisismo, o ego, em sua totalidade, é tomado como objeto de amor¹⁸⁷. E, como tal, tem-se o gosto pela interioridade ou uma preocupação com dilemas internos¹⁸⁸.

Christopher Lasch utiliza a expressão narcisismo para se referir à exacerbação do individualismo e à busca hedonista dessa era ou ao ego que se toma como objeto de amor, o narcisismo secundário freudiano. Lasch define a sociedade atual como marcada por um individualismo competitivo, em que a busca pela felicidade é a palavra de ordem. E, com tal alvo, apenas o presente interessa; passado e futuro são desconsiderados, o que promove não apenas a pobreza interior, mas também a ausência de valores: “permitimos com que especialistas definam por nós nossas necessidades e, depois, nos surpreendemos desejando saber por que essas necessidades jamais parecem satisfeitas”¹⁸⁹. Giddens critica a utilização do conceito de narcisismo por Lasch, pontuando que as pessoas não são acrílicas, mesmo diante de influências da mídia ou do mercado¹⁹⁰. No entanto, mesmo que sejam críticas diante da mídia, as pessoas se deixam influenciar por valores midiáticos, que promovem o individualismo, relacionamentos utilitários, consumismo.

Para Enrique Rojas, o ser humano pós-moderno levanta uma bandeira composta por uma tetralogia niilista: hedonismo-consumismo-permissividade-relativismo. Essa tetralogia se organiza da seguinte maneira: o hedonismo tem como código a permissividade e tem no consumismo um vetor importante. O relativismo, por sua vez, é o código ético que sustenta os juízos humanos: “Tudo depende, qualquer análise pode ser positiva e negativa [...] Desta intolerância interminável nasce a indiferença pura”¹⁹¹. Ou a constante sensação de vazio, que promove a solidão e a apatia, o que Lipovetsky exemplifica apontando o deserto como metonímia do ser. “O deserto já não se traduz pela revolta, o grito ou o desafio da comunicação; nada para além de uma indiferença pelo sentido, uma ausência inelutável, uma estética fria de exterioridade e da distância, mas nunca de distanciamento”¹⁹².

Retomando a relação hedonismo- consumismo, tem-se a premissa de que, para ser

¹⁸⁶ FREUD, 1974, p. 91.

¹⁸⁷ LAPLANCHE; PONTALIS, 1988.

¹⁸⁸ Cf. LALANDE, 1999.

¹⁸⁹ LASCH, 1983, p. 16.

¹⁹⁰ GIDDENS, 2002.

¹⁹¹ ROJAS, 1996, p. 18.

¹⁹² LIPOVETSKY, 1983, p. 36.

feliz, é importante atender a uma série de existências marcadas pelo imperativo do consumo. A sociedade de consumo é abordada pelo filósofo, Jean Baudrillard, em uma obra do mesmo nome. Ele não apenas explica o sentido do consumismo na era contemporânea, como mostra os efeitos dessa prática. Consumo e felicidade estão próximos, como pode ser percebido no texto abaixo: “Ao nível do vivido, o consumo faz da exclusão maximal do mundo (real, social e histórico) o índice máximo de segurança. Tende para a felicidade por defeito, eliminando as tensões”¹⁹³. A sociedade de consumo decorre “do compromisso entre princípios democráticos igualitários, que conseguem agüentar-se com o mito da abundância e do bem-estar, e o imperativo fundamental de manutenção de uma ordem de privilégio e de domínio”¹⁹⁴. Para Baudrillard, o crescimento do mercado e a impossibilidade de separar domínios econômico e produtivo são as principais marcas da sociedade pós-moderna ou sociedade de consumo¹⁹⁵.

Essa era do consumo “desmultiplica as referências e modelos, destrói as fórmulas imperativas, exacerba o desejo do indivíduo de ser plenamente ele próprio e de gozar da vida, transforma cada um num operador permanente de seleção e de combinação livre, é um vetor de diferenciação dos seres”¹⁹⁶. Consomem-se tanto bens tangíveis como bens culturais e simbólicos.

O valor e a dignidade das pessoas são medidos tanto pela sua capacidade de consumir, quanto pelos produtos que consomem. No mundo das mercadorias ou do consumo, prevalecem as aparências e impressões que as pessoas deixam sobre outras. Christopher Lasch pondera que essa lógica do consumo como demarcador de identidade acaba por criar um mundo de ilusões, além de colaborar para que o sujeito se assujeite diante do objeto: “O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu [...] O consumidor vive rodeado não apenas por coisas como por fantasias”¹⁹⁷.

Consumo e inclusão no mercado de trabalho são co-dependentes e determinantes para identidade do sujeito pós-moderno. Afinal, como mostram Hugo Assmann e Jung Mo Sung, a exclusão “do mercado consumidor significa ter um baixo nível de auto-estima e estar fora das relações sociais significativas e reconhecidas pela sociedade”¹⁹⁸.

Aqueles que são impossibilitados de usufruir do consumo como “direito/dever” universal têm sua identidade questionada e apelam para a violência, muitas vezes, como

¹⁹³ BAUDRILLARD, 1968.

¹⁹⁴ BAUDRILLARD, 1968, p. 52.

¹⁹⁵ BAUDRILLARD, 1968.

¹⁹⁶ LIPOVETSKY, 1983, p. 101.

¹⁹⁷ LASCH, 1990, p. 22.

¹⁹⁸ ASSMANN; SUNG, 2000.

forma de se constituírem como sujeitos¹⁹⁹.

O consumo é um valor propagado e disseminado nos veículos de comunicação de massa. Segundo Jung Mo Sung, a cultura mostrada e defendida na mídia elabora e propaga uma visão de mundo, valores, um senso identitário individual e grupal e um sentido de vida para as pessoas²⁰⁰. Como é através da cultura de consumo que as pessoas se percebem e ao mundo, e, para atender tais exigências, deve-se possuir determinadas capacidades ou habilidades interpessoais, é importante suprir a ausência de tais atributos a fim de ser aceito socialmente, o que justificaria, portanto, a procura pela literatura de ajuda que contribuiria para aquisição de capacidades e habilidades prezadas pelo mercado.

3.3.3 Felicidade midiática

A relação entre felicidade e consumo se estabelece com a cooperação da cultura de massa e conta com o discurso neoliberal como seu propagador. Esse discurso defende a liberdade do mercado, ou a intervenção cada vez menor do Estado na economia como condição para o desenvolvimento e o progresso. Valorizam-se a competitividade, a privatização de bens e serviços, a livre escolha pelo consumo.

O mito da felicidade se relaciona, conforme Baudrillard, ao mito da igualdade, que é mensurável por objetos e signos. Esse mito é sustentado pela cultura de massa e propagado pelos meios de comunicação de massa. A cultura de massa não apenas defende a igualdade entre todos, como o faz tendo como marco o consumo: todos são livres para consumirem o que quiserem, o que cria a ilusão de escolha, como mostra Umberto Eco na citação a seguir:

Os *mass media*, colocados dentro de um circuito comercial, estão sujeitos à lei da oferta e da procura. Dão ao público, portanto, somente o que ele quer, ou, o que é pior, seguindo as leis de uma economia baseada no consumo e sustentada pela ação persuasiva da publicidade, sugerem ao público o que este deve desejar.²⁰¹

A cultura de massa é sustentada pela lógica cultural do sistema capitalista, que Theodor Adorno denomina de indústria cultural. As críticas feitas a essa cultura, chamada de terceira cultura por Edgar Morin²⁰², referem-se ao fato de se centrarem na divulgação de uma cultura homogênea, destruindo características próprias de diferentes grupos, privilegiarem o já conhecido, promoverem uma visão acrítica e passiva da realidade, inibirem a consciência

¹⁹⁹ SUNG, 2005.

²⁰⁰ SUNG, 2005, p. 78.

²⁰¹ ECO, 2004, p. 41.

²⁰² Cf. KIENZT, 1973. As culturas anteriores são, respectivamente, a cultura clássica e a cultura nacional.

histórica, reduzirem a individualidade²⁰³.

Essa cultura encontrou na pós-modernidade a possibilidade de expansão, segundo Connor, “não por causa de algum aumento real de oportunidades e de variedades de experiência cultural, mas em função de uma expansão e diversificação das formas pelas quais a experiência cultural é mediada”²⁰⁴. Essas múltiplas possibilidades de mediação da experiência cultural responderiam ao que essa cultura tem de mais positivo: homogeneização de gostos, eliminando diferenças entre os grupos, disponibilidade excessiva de informações produzindo, também, formação, difusão entre os que não tinham acesso a bens culturais e sensibilização diante do mundo²⁰⁵.

Contando com o apoio da mídia que reforça a sensação de desamparo e vulnerabilidade e promove o consumo, a literatura de ajuda se apresenta como capaz de fornecer respostas diante de uma ausência ou impermanência delas, além de sustentar a cultura do narcisismo. A literatura de ajuda é também reflexo de um discurso psicológico que se insere no social. Além de se manifestar na literatura, manifesta-se através de uma prática discursiva que colabora para a sensação constante de inadequação e incapacidade ou ainda, sem coragem de tomar decisões ou assumir um discurso próprio²⁰⁶.

Lipovetsky, valendo-se da dinâmica psíquica psicanalítica, explica a literatura de ajuda e seus efeitos, defendendo que, sob a primazia do ego, o êxito não apenas é estimulado, como também exibido, a fim de suscitar admiração de outros. Entretanto, a esse sujeito pós-moderno pesam várias demandas. Embora a subjetividade seja a referência básica desse período, ou se possa pensar na ausência de limites, representado pela noção freudiana de superego, este continua atuante e culpabilizante: “O Superego apresenta-se atualmente sob a forma de imperativos de celebridade, de sucesso, que, se não forem cumpridos, desencadeiam uma crítica implacável contra o Eu”²⁰⁷.

Na impossibilidade de decidir sozinho, uma vez que o isolamento é incentivado pelo discurso pós-moderno, o indivíduo dessa era encontra, na literatura de ajuda, a possibilidade de conhecer-se e de descobrir respostas que amenizem sua sensação de vulnerabilidade. Arnaldo Chagas pontua que essa literatura não apenas orienta as pessoas diante de um mundo instável e inseguro, como também as capacita a encontrarem em seu mundo imaginário, em

²⁰³ Cf. ECO, 2004, p. 40-43.

²⁰⁴ CONNOR, 1992, p. 22.

²⁰⁵ Cf. ECO, 2004.

²⁰⁶ Cf. SOMMERS; SATEL, 2005.

²⁰⁷ LIPOVETSKY, 1983, p. 69.

seu interior, forças para se auto-ajudarem²⁰⁸.

Essas concepções encontram semelhança com a concepção de Giddens, para quem a literatura de ajuda é reflexo da mercantilização da vida, como se percebe no trecho a seguir:

Não só os estilos de vida, mas também a auto-realização é empacotada e distribuída segundo critérios de mercado. Livros de auto-ajuda [...] ficam numa posição precária em relação à produção mercantilizada da auto-realização. De certa maneira, tais obras se afastam do consumo padronizado e empacotado. Mas quando são colocadas no mercado como teoremas pré-empacotados sobre como 'seguir em frente' na vida, são aprisionadas no próprio processo a que nominalmente se opõem.²⁰⁹

No vocabulário da auto-ajuda, o conceito de indivíduo (marcado pelo desejo de liberdade pessoal, mas também influenciado pela liberdade coletiva) é substituído pelo conceito de sujeito (desejoso de diferenciação), como sugere Rudiger:

O capitalismo criou em seu progresso as condições para que os homens se liberassem da tutela dos poderes tradicionais e se diferenciasssem entre si: à sociedade burguesa pertence o período de florescimento do indivíduo, célula da economia de mercado. O sujeito surgiu no bojo do mesmo processo, porque se a categoria do indivíduo, por um lado, constitui em princípio expressão de uma sociedade que se mantém viva em virtude da mediação do mercado livre, no qual uns indivíduos independentes e livres se encontram para negociar, por outro a capacidade de refletir sobre si mesmo, representar plenamente a realidade para si e conduzir-se como único senhor de suas ações coincide com o contexto idealista de sujeito.²¹⁰

O estilo dos textos de auto-ajuda, por adotarem um discurso prescritivo, propondo regras de conduta e fornecendo conselhos, contribui para reforçar o argumento de que cada um é responsável por seu futuro e por sua estabilidade, seja ela emocional, física, intelectual, econômica, espiritual²¹¹.

A seguir serão analisadas as correntes ou escolas psicológicas que sustentam essa literatura. Percebe-se influência tanto da psicologia humanista de Abraham Maslow, quanto da psicologia transpessoal e da psicologia positiva na literatura de auto-ajuda, especialmente a vertente que defende o autoconhecimento como exigência fundamental na vida pós-moderna.

²⁰⁸ Cf. CHAGAS, 2002, p. 31-33.

²⁰⁹ GIDDENS, 2002, p. 184.

²¹⁰ RUDIGER, 1996a, p. 160.

²¹¹ A base epistemológica para a literatura de auto-ajuda pode ser referenciada no pragmatismo ou no utilitarismo anglo-saxão. Ambos se ocupam na busca de verdades práticas a partir de fatos e dados concretos da realidade, sem considerações acerca da transcendência, seja humana, seja divina. A aproximação entre essas duas epistemologias e a discussão de qual delas subsidia a literatura de auto-ajuda é tema importante e relacionado à hipótese desta tese. No entanto, os recursos e o espaço necessário para essa discussão ultrapassam em muito os limites desta investigação.

4 CORRENTES PSICOLÓGICAS SUPORTES DA AUTO-AJUDA

Neste capítulo serão trabalhados os pressupostos de três escolas: a Psicologia Humanista, a Psicologia Positiva e a Psicologia Transpessoal. Essas três abordagens têm como características comuns a valorização do trabalho de Abraham Maslow e a defesa de uma cultura não patogênica ou não adoecedora, o que coincide com as propostas da literatura de auto-ajuda.

A Psicologia Humanista defende o autoconhecimento e a autovalorização como essenciais no processo de amadurecimento dos seres humanos. Abraham Maslow, um de seus principais nomes, é considerado a referência tanto para a auto-ajuda, quanto para a psicologia transpessoal. Tanto sua percepção do papel da motivação na personalidade, quanto sua análise dos fenômenos religiosos são analisados na primeira parte desse capítulo.

A seguir, será estudada a Psicologia Transpessoal. A análise sobre essa escola não tem como referência um único autor; mas serão abordados seus pressupostos gerais. A Psicologia Transpessoal não só se preocupa com o desenvolvimento da consciência, como também com seu aprimoramento e busca associar filosofia, psicologia e espiritualidade. Tanto pela ênfase ao auto-aprimoramento como pelo apelo à espiritualidade e sua proximidade com a Nova Era e a literatura de ajuda é relevante trabalhar os pressupostos dessa corrente.

Em seguida, será analisada a Psicologia Positiva de Martin Seligman. Ele defende uma visão mais positiva da Psicologia, em que se considerem os potenciais, as capacidades e motivações humanas. Para Seligman, deve-se buscar o que há de positivo na vida das pessoas. Ela se centra nas habilidades positivas das pessoas e tem como objetivo ampliar as forças das pessoas em vez de corrigir suas fraquezas como o fazem outras escolas psicoterápicas.

4.1 A psicologia humanista

A psicologia humanista surgiu como movimento em uma conferência em Saybrook no ano de 1964 que reuniu cerca de 25 psicólogos, tanto idealizadores da Psicologia da personalidade, como Allport, quanto representantes do movimento humanista. Estiveram presentes representando a Psicologia Humanista, Carl Rogers, idealizador da abordagem centrada na pessoa, Rollo May, principal referência para a psicologia existencial norte-americana e Abraham Maslow, um de seus mais conhecidos difusores²¹².

²¹² Cf. SMITH, 1982, p. 48.

O apogeu dessa escola psicológica foram as décadas de 60 e 70 e, atualmente tem se reerguido com a retomada de estudos de personalidade²¹³. Para Smith, a psicologia humanista assume relevância ainda hoje, quando aponta para a necessidade de autoconhecimento como fundamental para elevar a liberdade e a dignidade das pessoas²¹⁴.

A psicologia humanista é considerada a terceira alternativa na Psicologia ou a terceira força na Psicologia²¹⁵. A primeira força é o Behaviorismo, inicialmente centrado em Pavlov, e, posteriormente Skinner, e a segunda força é a Psicanálise Freudiana. Essa terceira força teve início em meados dos anos 50²¹⁶ e, para Maslow, é a preparação para “uma Quarta Psicologia ainda mais elevada, transpessoal, transumana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses humanos, indo mais além do humanismo, da identificação, a identidade, da individuação”²¹⁷. Essa terceira alternativa psicológica não se coloca em competição com as demais, mas é um suplemento daquelas²¹⁸. Em sua obra, *Motivation and personality*, Maslow aponta que, embora aceite elementos do Behaviorismo e da Psicanálise, a Psicologia Humanista rejeita a imagem de ser humano dessas duas escolas, o que é o diferencial de sua teoria²¹⁹. Conforme J. Bugental, a psicologia humanista tem como pressupostos principais: a concepção do valor do ser humano e de que ele é mais que a soma de suas partes, não podendo, portanto, ser reduzido a elas, a premissa de que o ser humano se realiza em um contexto humano, a defesa da consciência e da capacidade de assumir responsabilmente suas escolhas²²⁰. Nessa abordagem, o campo experiencial e o momento presente são muito valorizados, ao contrário da concepção psicanalítica freudiana, para quem o passado é o tempo preferencial.

Os pressupostos humanistas desenvolvidos por Abraham Maslow são relevantes nesse trabalho uma vez que influenciam a literatura de auto-ajuda. E, como aborda Hoffman em uma entrevista realizada com Maslow, termos de sua abordagem, como experiências de culminância (*peak experiences*), auto-realização (*self-actualization*), motivação, auto-estima foram incorporados e são reproduzidos pela cultura popular²²¹. A teoria da auto-realização fornece orientações para o viver e o comportamento humanos e apontam para a ambigüidade

²¹³ Cf. SMITH, 1982, p. 49.

²¹⁴ Cf. SMITH, 1982, p. 51.

²¹⁵ Cf. ASSOCIATION FOR HUMANISTIC PSYCHOLOGY, 2001.

²¹⁶ Cf. ASSOCIATION FOR HUMANISTIC PSYCHOLOGY, 2001.

²¹⁷ MASLOW, 1968, p. 12.

²¹⁸ Cf. BUGENTAL, 1964, p. 22.

²¹⁹ Cf. MASLOW, 1970, p. ix-x.

²²⁰ Cf. BUGENTAL, 1964, p. 24-25.

²²¹ Cf. HOFFMAN, 1992, p. 1.

entre o sentido de ser humano e como a humanidade se desenvolve²²².

Maslow começou seu trabalho como psicólogo behaviorista, tendo estudado em Wisconsin sob a influência de idealizadores do Behaviorismo. No entanto, como menciona em uma entrevista, abriu mão dessa escola ao perceber sua limitação para lidar com as emoções humanas²²³. Ele construiu sua teoria a partir de suas experiências clínicas e teve como referência seu trabalho com adultos criativos e independentes ou pessoas que tendem à atualização ou que realizam seu potencial²²⁴. Sua influência na Psicologia acadêmica parece ter sido menor que sua influência na cultura popular, notadamente na cultura de auto-ajuda²²⁵. Abraham Maslow também foi editor fundador de dois jornais: *Journal of humanistic psychology* (fundado em 1961) e *Journal of transpersonal psychology* (1969).

Entre suas teorias, destaca-se a teoria da motivação, apresentada pela primeira vez em 1943 e, com ela, a hierarquia das necessidades humanas, teoria que foi adotada por outras áreas de conhecimento que não apenas a Psicologia e a análise de fenômenos transcendentais ou *peak experiences*. Em um de seus primeiros esboços sobre essa teoria, Maslow menciona sua base teórica, bastante eclética: William James, John Dewey, Max Wertheimer, Kurt Goldstein, Sigmund Freud, Alfred Adler²²⁶ e, em outra obra acrescenta a essa lista as contribuições de Erich Fromm, D.M. Levy e Karen Horney²²⁷.

A teoria da motivação se baseia em um conceito denominado tendência organísmica ou a capacidade de integrar vários elementos na vida. A concepção de ser humano nessa teoria é de “um animal constantemente insatisfeito”²²⁸, o que a Psicanálise freudiana já pontuava, ao atentar para as pessoas como seres de desejos. Para falar das carências humanas, ele adota o termo necessidade e a entende como uma carência ou falta que pode ser satisfeita através de alguns padrões de ação, e a compreende também como um impulso que demanda satisfação²²⁹. A satisfação de uma necessidade oferece condições para que outras necessidades também busquem satisfação, além de contribuir para a saúde psíquica. O inverso também é verdadeiro: a não gratificação de uma necessidade promove disfunção no organismo. Essa premissa se aproxima da desenvolvida por Karen Horney, para quem a personalidade resulta

²²² Cf. GELLER, 1982, p. 57.

²²³ Cf. HOFFMAN, 1992, p. 6.

²²⁴ Cf. UNDERWOOD, 1975, p. 148.

²²⁵ Cf. SOMMERS; SATEL, 2005.

²²⁶ Cf. MASLOW, 1943.

²²⁷ Cf. MASLOW, 1970, p. xi.

²²⁸ Tradução livre: “Man is perpetually wanting animal” (MASLOW, 1943, p. 1).

²²⁹ Cf. GELLER, 1982, p. 63-68.

da interação entre forças biológicas e psicossociais²³⁰.

As necessidades humanas para Maslow são instintóides ou inatas²³¹. Elas podem ser organizadas conforme uma hierarquia, em que as preponderantes ou mais fortes, que são as necessidades fisiológicas, ocupam a base. Sua insatisfação não apenas leva à desconsideração das demais, como também altera os projetos humanos. O contrário também é verdadeiro. Se essas necessidades são sempre satisfeitas, elas deixam de funcionar como organizadoras do comportamento²³². É interessante perceber que, para Maslow, o limite e a frustração a todos os desejos também é elemento saudável. O adoecimento psíquico não decorre da frustração, e, sim, da privação. A frustração fornece valores e referenciais que são relevantes para a vida em sociedade, ao passo que a privação promove insegurança²³³.

As necessidades humanas podem ser divididas em dois grupos: necessidades de deficiência e necessidades de auto-realização. As necessidades de deficiência são “buracos vazios que devem ser preenchidos a bem da saúde e, além disso, devem ser preenchidos de fora por outros seres humanos que não sejam o próprio sujeito”²³⁴. Fazem parte do primeiro grupo as necessidades biológicas, de segurança, de amor ou pertencimento e de auto-estima.

As necessidades biológicas são as que exercem mais força sobre o ser humano. Elas respondem à busca por homeostase ou equilíbrio e os apetites revelam ausência de determinada substância no organismo. Essas necessidades, assim como as necessidades de segurança, surgem na infância, ao passo que as necessidades de amor, afeto e estima surgem na adolescência.

Por necessidades de segurança ou proteção se compreendem aquelas em que limites e lei estão presentes, ordenando comportamentos. Por necessidade de amor e afeto se compreende a ânsia por relações de afeto com outros seres humanos ou por pertencimento²³⁵. A busca por prestígio ou valorização, ou a necessidade de estima aparece como outra categoria de necessidades: “A satisfação das necessidades de auto-estima conduz a sentimentos de autoconfiança, valor, força, capacidade, adequação, de sentir-se útil e necessário ao mundo. A recusa a essas necessidades, no entanto, produz sentimentos de

²³⁰ Cf. KAREN Horney. In: Wikipedia: a enciclopédia livre.

²³¹ A nomenclatura instintóide é criação de Maslow para definir as necessidades inatas, constitucionais ou hereditárias das pessoas. Ele recusa o nome instintivas, porque este tem como apoio a teoria behaviorista, além de se referir a necessidades urgentes, facilmente perceptíveis e que demandam satisfação imediata como ocorre com animais. Outra justificativa para esse termo é que essas necessidades oscilam entre biológico e psicológico.

²³² Cf. MASLOW, 1943, p. 6.

²³³ Cf. MASLOW, 1970, p. 71.

²³⁴ MASLOW, 1968, p. 49.

²³⁵ Cf. MASLOW, 1970, p. 37-44.

inferioridade, fraqueza ou desamparo”²³⁶. Essas necessidades se referem à auto-avaliação favorável e também à avaliação favorável de outros. Fazem parte dela a busca por adequação, força, liberdade, independência, além das necessidades de reconhecimento, atenção, apreciação. Para Maslow, “o grau de satisfação de necessidades básicas se relaciona positivamente com o grau de saúde psicológica”²³⁷ e a não satisfação das necessidades instintóides de segurança, de amor, de significado pode resultar em neuroses²³⁸. Nessa última premissa de Maslow percebe-se a influência da teoria da neurose de Karen Horney, para quem há movimentos a favor das pessoas ou saudáveis, como as necessidades por afeto, aprovação e companhia, que o psicólogo humanista denominou, respectivamente, de necessidades de amor e auto-estima²³⁹. Leonard Geller, ao criticar a teoria de Maslow, destaca que a não satisfação de necessidades desse grupo pode produzir neurose, contudo a premissa inversa não é verdadeira; sua satisfação não é capaz de produzir bem-estar. Apenas as necessidades do último grupo, destacado a seguir, por serem desafiadoras, é que são capazes de trazer esse bem-estar²⁴⁰.

Faz parte do segundo grupo de necessidades, a necessidade de auto-realização ou de crescimento, que será melhor trabalhada a partir do próximo parágrafo. E o terceiro grupo de necessidades, também inatas, que Maslow destacou da sua pirâmide de necessidades são as cognitivas, ou o impulso para o conhecimento, o desejo por conhecer, sistematizar, organizar, explicar e entender, a busca pelo saber, a curiosidade, e as necessidades estéticas ou o apreço pelo belo.

A necessidade de auto-realização refere-se ao cumprimento dos potenciais e habilidades ou ao uso pleno dos talentos, capacidades e potencialidades. Esse tipo de motivação para a auto-realização é denominada metamotivação ou *B-needs* (necessidades do ser). Há um impulso para a criatividade e para a vida plena e as pessoas saudáveis fazem parte desse grupo. Uma vez que já têm suas necessidades básicas e as necessidades de amor e filiação satisfeitas, as pessoas saudáveis “são primordialmente motivadas pelas tendências para a individuação (definida como o processo de realização plena de missão (ou vocação, destino, apelo), como um conhecimento mais completo e a aceitação da própria natureza

²³⁶ Tradução livre: “Satisfaction of the *self*-esteem need leads to feelings of *self*-confidence, worth, strength, capability, and adequacy, of being useful and necessary in the world. But thwarting of these needs produces feelings of inferiority, of weakness, and of helplessness” (MASLOW, 1970, p. 45).

²³⁷ Tradução livre: “[...] degree of basic need gratification is positively correlated with degree of psychological health” (MASLOW, 1970, p. 67).

²³⁸ Em um texto posterior, *Introdução à psicologia do ser*, Maslow amplia o conceito de neurose, definindo-o como doença de deficiência pela privação de satisfações ou necessidades. (MASLOW, 1968, p. 47).

²³⁹ Cf. KAREN Horney. In: Wikipedia: a enciclopédia livre.

²⁴⁰ Cf. GELLER, 1982, p. 64.

intrínseca da pessoa”²⁴¹. Ou seja, tendem para a aceitação de si mesmas e para a busca de plenitude ou integralidade, para um melhor contato interpessoal, maior busca por experiências culminantes (*peak experiences*), maior espontaneidade, vida psicológica mais adequada. Essa tendência para a auto-realização ou para alcançar seu potencial faz parte da natureza humana²⁴². Todas as pessoas têm em si tanto a motivação para a deficiência, quanto a motivação para a totalidade e singularidade do Eu. No entanto, apenas quem se conhece e se sente seguro no ambiente e nas relações é motivado para a auto-realização.

Ao contrário das necessidades por deficiência, que dependem do ambiente e de outras pessoas para serem satisfeitas e que se caracterizam por uma satisfação episódica, as necessidades de crescimento dependem apenas do sujeito para serem realizadas, primam por relações desinteressadas ou autônomas e se caracterizam pela busca por um desenvolvimento contínuo e progressivo e maior abertura ao ambiente²⁴³. A pessoa movida por necessidades de crescimento, conforme Maslow:

É justamente essa pessoa, em quem o vigor do ego está no auge, aquela que mais facilmente esquece ou transcende o ego, mais espontânea em suas atividades, a que pode ser mais centrada no problema, mais desprendida do ego [...] Quanto mais motivada para o crescimento a pessoa for, mais centrada no problema poderá ser, e, quanto mais deixar para trás a consciência de si própria, mais envolvida estará com o mundo objetivo.²⁴⁴

Maslow diferencia os efeitos da satisfação das necessidades por deficiência dos efeitos da satisfação das necessidades por crescimento; nas primeiras visa-se evitar a doença e, nas segundas, busca-se a produção de saúde. Ele, ao falar sobre isso se torna precursor da psicologia positiva, que Martin Seligman irá recuperar alguns anos mais tarde e que será abordada ainda nesse capítulo²⁴⁵. Por psicologia positiva ou o que denomina de ortopsicologia ou psicologia do ser, Maslow entende uma abordagem que “trata de seres humanos sadios e em pleno funcionamento e não apenas dos normalmente doentes [...]. Chamo-lhe Psicologia do Ser porque se interessa mais pelos fins do que pelos meios [...] pelas pessoas como fins”²⁴⁶.

Quem está motivado pelo crescimento não apenas se centra no problema, mas prefere resolvê-lo sozinho, “recolhendo-se à meditação, isto é, analisando-se e perscrutando o seu

²⁴¹ MASLOW, 1968, p. 52.

²⁴² Cf. GELLER, 1982, p. 65.

²⁴³ Cf. MASLOW, 1968, p. 53-79.

²⁴⁴ MASLOW, 1968, p. 64.

²⁴⁵ Cf. VITZ, 2005, p. 19.

²⁴⁶ MASLOW, 1968, p. 101-102.

íntimo em vez de procurar a ajuda de outrem”²⁴⁷. Privilegia-se o intrapessoal em detrimento do interpessoal. E, juntamente com a valorização do intrapessoal, há a busca por auto-perfeioamento e auto-análise, por crescimento pessoal, por abertura a novas experiências, bem como para a imersão em seu interior, a fim de investigar o eu²⁴⁸. Maslow se mostra defensor da autoterapia ou da auto-ajuda para promover autoconhecimento, perceber lacunas na satisfação de desejos, produzir cura emocional, levar as pessoas a se conscientizarem do poder que há nelas para realizarem suas necessidades, exceto em casos de psicopatologias, nos quais a ajuda externa profissional não deve ser negligenciada²⁴⁹.

A necessidade de auto-realização se refere também à busca por experiências religiosas de culminância (*peak experience*). Para Maslow, essas experiências se aproximam das experiências místicas ou transcendentais, tanto por serem privadas, quanto por lidarem com altos valores espirituais, desconsiderados pelos sistemas religiosos tradicionais²⁵⁰. São características desse grupo de experiências, a percepção integrada do universo, vivências individualizadas e inexplicáveis, percepção do meio externo, das pessoas e objetos com mais cuidado, ausência de consciência de tempo e espaço. Além disso, elas oferecem sentido à vida e alteram tanto a percepção de mundo: belo, bom, desejável, quanto as relações interpessoais, pois as pessoas se tornam mais amáveis, espontâneas, receptivas, honestas. O mal é visto como resultado de uma visão distorcida ou entendimento egoísta²⁵¹. Durante ou após experiências de culminância, as pessoas se descrevem como agraciadas: “Uma reação comum é ‘Eu não mereço isso’. Uma consequência comum é o sentido de gratidão, em pessoas religiosas, a seu Deus, em outras, ao destino ou à natureza ou à sorte”²⁵².

Embora o ser humano tenha a tendência à auto-realização, essa essência é influenciada pelo contexto cultural em que as pessoas estão imersas, uma vez que “a cultura tem importante função para nutrir o crescimento pessoal”²⁵³.

A cultura e os relacionamentos sociais que ela promove são elementos fundamentais na abordagem psicológica humanista. Cabe à cultura promover a saúde psíquica, na medida em que permite ou inviabiliza a satisfação de necessidades básicas. Ela determina e orienta os

²⁴⁷ MASLOW, 1968, p. 64.

²⁴⁸ Cf. MASLOW, 1968, p. 71-76.

²⁴⁹ Cf. MASLOW, 1970, p. 262.

²⁵⁰ Cf. MASLOW, 1994, p. 19-29.

²⁵¹ Cf. MASLOW, 1994, p. 59-68.

²⁵² Tradução livre: “A common reaction is ‘I don’t deserve this’. A common consequence is a feeling of gratitude, in religious persons to their God, in others, to fate or to nature or to just good fortune” (MASLOW, 1994, p. 68).

²⁵³ Tradução livre: “culture has the positive role of nurturing personal growth” (UNDERWOOD, 1975, p. 151).

comportamentos humanos e, não apenas providencia condições para sobrevivência, como também propicia satisfação, conserva valores, estimula o surgimento dos valores de ser e possibilita o crescimento pessoal e sustentação da criatividade, além de fornecer orientações de que se é amado e aceito²⁵⁴. Por outro lado, experiências culturais negativas, em que o estímulo e o encorajamento inexistem, podem produzir não apenas doenças, como impedir o desenvolvimento de cada pessoa em direção a seu potencial ou em direção à auto-realização.

Se a cultura modela o ser humano, este é uma *tabula rasa*, assim como defende Rousseau, e tem uma capacidade inata para amar e para um comportamento construtivo, a não ser que a sociedade o ameace²⁵⁵. Essa visão rousseniana romântica sobre a bondade inata do ser humano e a postura otimista acerca dele foram enfatizadas por muitos humanistas e está implícita na noção de auto-realização de Maslow e Rogers²⁵⁶. Como mostra Geller, a teoria de auto-realização desses dois psicólogos “ressuscita a moral otimista da nossa herança iluminista afirmando o positivo e o bom, promovendo as potencialidades da natureza humana”²⁵⁷. Para ambos, o ser humano tem uma natureza boa ou confiável que tenderia para a completude. O fracasso para desvendar e realizar todo seu potencial levaria as pessoas a doenças, à neurose e a viverem uma vida inautêntica²⁵⁸.

Diferentemente da concepção behaviorista de Skinner, para quem o ser humano autêntico precisa aprender o exercício da autonomia, precisa ser controlado para, assim, adquirir dignidade, Maslow credita a dignidade à essência do humano²⁵⁹. Essa dignidade conduz as pessoas à excelência em todas as ações, embora em pessoas auto-realizadas, ela se expresse com mais clareza através de uma natureza triunfante²⁶⁰. Pessoas com uma história de gratificação de necessidades mais constantes tendem a desenvolver a autonomia e, tendo como referência suas próprias experiências, conseguem tomar decisões mais conscientemente.

A definição de liberdade também assume novo sentido na abordagem de Maslow. Para ele, a liberdade refere-se a um senso de confiança em si e em seu mundo, o que demanda não apenas conhecimento de escolhas possíveis, mas também variedade de experiências²⁶¹. E, para que tais experiências adquiram valor é fundamental que o meio onde ela está possibilite isso.

²⁵⁴ Cf. UNDERWOOD, 1975.

²⁵⁵ Cf. RASCHKE, 1976.

²⁵⁶ Cf. SMITH, 1982, p. 46.

²⁵⁷ Tradução livre: “*self-actualization theories resurrect the moral optimism of our enlightenment heritage by affirming the positive and good- promoting potentialities of human nature*” (GELLER, 1982, p. 57).

²⁵⁸ Cf. GELLER, 1982, p. 57.

²⁵⁹ Cf. UNDERWOOD, 1975, p. 145-147.

²⁶⁰ Cf. UNDERWOOD, 1975, p. 149: “Maslow’s image of the person discerns dignity in all individuals and simultaneously directs them to the kind of excellence that only a few have in fact demonstrated”.

²⁶¹ Cf. UNDERWOOD, 1975, p. 151.

Entretanto, apesar de acreditar que o ser humano tende para o bem, Maslow não é ingênuo quanto à questão do mal. Para ele, o mal está ligado tanto à ignorância, quanto à miséria humana, tanto emocional, quanto social²⁶². Em uma de suas obras, em que discorre sobre a agressividade, Maslow defende que:

Os comportamentos malévolos parecem, para a maioria dos psicólogos, ser mais reativos [...] do que instintivos. Isso sugere que, embora o ‘mau’ comportamento esteja profundamente enraizado na natureza humana e nunca possa ser inteiramente abolido, é possível esperar, não obstante, que decline com o amadurecimento da personalidade e o aperfeiçoamento da sociedade.²⁶³

Embora a tendência à auto-realização já havia sido postulada por filósofos como Aristóteles, Heidegger, e psicólogos, como Carl Jung, Eric Fromm e Carl Rogers²⁶⁴, ela é recuperada por Abraham Maslow e exerce impacto relevante na cultura ocidental, tanto no movimento de aprimoramento humano, quanto no que Leonard Geller denomina de subcultura de visionários e curadores relacionados ao autodesenvolvimento²⁶⁵.

Ao defender que a neurose se baseia em privações afetivas e de reconhecimento, Maslow se torna um ícone para que se compreenda o crescimento da cultura terapêutica e de fragilidade emocional. Sommers e Satel destacam como principais idéias dessa escola: crença de que a segurança emocional e a auto-estima elevada são essenciais para criatividade e desenvolvimento moral, defesa das ciências sociais como referência para que o ser humano se complete, crença de que a repressão social ou cultural do *self* autêntico é a primeira fonte de miséria humana, imoralidade e doença mental²⁶⁶. Para se evitar o desprazer, é preciso atentar para a cultura; e, para que se caminhe rumo à auto-realização é importante aprimorar o *self*. O termo *self* para Maslow não é sinônimo de natureza humana, embora, quando trabalha com o termo pareça dar essa impressão, o que provoca críticas. A natureza humana é essencialmente genética ou biológica, ao passo que o *self* faz parte da natureza humana e depende tanto do ambiente, quanto da genética para se desenvolver²⁶⁷.

O otimismo de Maslow quanto à natureza humana, a defesa da auto-realização como ideal para o ser humano autêntico levaram sua teoria a ser alvo de muitas críticas. Para Ralph Underwood, a abordagem de Maslow é uma tentativa de aproximar a psicologia da filosofia

²⁶² Cf. HOFFMAN, 1992, p. 3.

²⁶³ MASLOW, 1968, p. 231.

²⁶⁴ Cf. MASLOW, 1970, p. 78.

²⁶⁵ Cf. GELLER, 1982, p. 57.

²⁶⁶ Cf. SOMMERS; SATEL, 2005, p. 64.

²⁶⁷ Cf. GELLER, 1982, p. 67-69.

empírica. Ele busca integrar controle comportamental e autonomia, tendo como eixo sua concepção pluralista e organísmica da realidade²⁶⁸.

Orlo Strunk, em um texto que aborda a relação entre Psicologia da religião e Psicologia Humanista, aponta as seguintes características dessa abordagem: valorização da experiência pessoal, ênfase nas qualidades humanas como capacidade de escolha, criatividade, avaliação e auto-realização, valor do significado em detrimento de critérios objetivos, preocupação com a dignidade e valor do ser humano, bem como no desenvolvimento de seu potencial²⁶⁹. Para Strunk, a Psicologia da religião poderia obter benefícios da inter-relação com a Psicologia humanista como maior foco nos problemas, interdisciplinariedade entre campos de conhecimento, reestruturação ou reorganização da Psicologia da religião.

Leonard Geller, por outro lado, sustenta que a teoria de auto-realização de Maslow é desumanizadora, ao promover a individualidade, favorecer a impessoalidade nos relacionamentos interpessoais, como se percebe na citação a seguir: “o relacionamento é experimentado como um fim em si, algo a ser apreciado e sustentado para seu próprio bem, e não apenas um meio para se alcançar um fim, mas para se usado e manipulado para vantagens pessoais”²⁷⁰. Geller pontua que essa teoria sustenta e reforça a fragmentação e a separação entre as pessoas, promovendo, portanto, pouco benefício para os seres humanos, como deveria ser sua premissa.

Segundo J. Wesley Robb, a psicologia humanista suscita questões filosóficas relevantes acerca da natureza do ser humano, de questões metafísicas que se referem a seu relacionamento com a natureza e bases para julgamentos morais²⁷¹. A noção de *self* que faz parte da psicologia humanista pode ser encontrada em muitos teólogos e filósofos ao longo da história, contudo, adquire com ela um novo enfoque. Para Maslow, o *self* é instintivo, moldado pelo ambiente e tende à auto-realização. Robb critica a premissa de Maslow por sua base empirista: “O crescimento da questão acerca da natureza essencial do ser humano, em contraste com uma aproximação puramente descritiva afirma uma questão metafísica

²⁶⁸ Cf. UNDERWOOD, 1975, p. 158.

²⁶⁹ Cf. STRUNK, 1970.

²⁷⁰ Tradução livre: “The relationship is experienced as an end in itself, one to be enjoyed and nurtured for its own sake, and not merely as a means to a private end, one to be used and manipulated for personal advantage” (GELLER, 1982, p. 72).

²⁷¹ Cf. ROBB, 1969.

raramente discutida pela psicologia humanista²⁷². Quanto ao relacionamento entre ser humano e natureza, ao defender que o ser humano é um animal que pensa, a questão da ambigüidade do termo essência, que subjaz a essa premissa, não é discutida pela psicologia humanista de Maslow. E, por fim, outra crítica que se faz à abordagem humanista refere-se à relatividade com que os valores são tratados: as leis morais chocam-se com a natureza do ser humano que tem a si mesmo como referência para julgá-los. Valores e moral tornam-se relativos²⁷³.

Outra crítica à abordagem de Maslow, construída pelo filósofo Willard Mittelman, refere-se à impossibilidade de se encontrar tais pessoas plenas, maduras e com as potencialidades desenvolvidas, que Maslow diz serem características de apenas um por cento da população, e à possibilidade de se substituir o termo auto-realização por abertura à experiência²⁷⁴. Para Mittelman, o conceito de abertura à experiência que é uma das características das pessoas auto-realizadoras, pode e deve ser ampliado. Uma maior abertura às experiências também contribui para atenuar a culpa, a vergonha, a sensação e a ansiedade, além de enriquecer os relacionamentos interpessoais e com o mundo. Pessoas abertas à experiência também buscam autoconhecimento, o que para Mittelman é aceitável, embora ele discorde de que este produza melhores relações interpessoais e maior abertura para o mundo²⁷⁵.

A auto-ajuda busca em Maslow o apoio para referendar práticas que promovem o auto-conhecimento como se este pudesse alterar as relações com o mundo e com as pessoas. Como se percebe pela análise da teoria de Maslow, especialmente quando se trabalha com as necessidades de auto-realização, este não é o objetivo dessa categoria de necessidades. Pessoas em pleno potencial parecem estar em um nível tão elevado, que se deixam afetar pouco pelo ambiente ou por outras pessoas. Quando se deixam afetar por outras pessoas, é porque se abriram para novas experiências e estas, ao invés de promoverem a individualidade, reforçam a coletividade e o relacionamento interpessoal, além do envolvimento com o meio.

A seguir será analisada outra escola psicoterapêutica que influenciou a literatura de ajuda, especialmente por seu viés esotérico, que é a Psicologia Transpessoal.

²⁷² Tradução livre: “The raising of the question concerning man’s essential nature, in contrast to a purely descriptive approach, poses the metaphysical question seldom discussed by the humanistic psychology” (ROBB, 1969, p. 8).

²⁷³ Cf. ROBB, 1969, p. 9-14.

²⁷⁴ Cf. MITTELMAN, 1991, p. 117-118.

²⁷⁵ Cf. MITTELMAN, 1991, p. 124-127.

4.2 A psicologia transpessoal

Considerada a quarta força em Psicologia no século XX, a Psicologia Transpessoal é precedida pelos seguintes escolas: Behaviorismo, Psicanálise e Psicologia Humanista. As duas primeiras valorizam as motivações inconscientes ou o reforço para compreensão das ações humanas, e a terceira, também chamada de “movimento do potencial humano”, valoriza a capacidade que cada indivíduo possui de moldar sua vida. Márcia Tabone aponta que a Psicologia Transpessoal pode ser compreendida tanto como filosofia, como quanto método de psicoterapia, e como tal se aproxima “da Psicologia Humanista, da qual é um desdobramento histórico, tanto que entre seus principais iniciadores encontram-se os promotores da terceira-revolução: Abraham Maslow e Anthony Sutich”²⁷⁶.

A expressão Psicologia Transpessoal assume várias definições desde seu surgimento em 1960 na Califórnia. Denise Lajoie e S. I. Shapiro, ao recuperarem os termos utilizados para sistematizá-la entre 1968 a 1991, apontam tanto para semelhanças entre os termos, como também para possibilidades diferenciadas de compreendê-la. Segundo Frager, ela é “psicologia espiritual (ou campo da psicologia preocupado com o misticismo e o crescimento espiritual), é um olhar não reducionista sobre o potencial humano, é um estudo científico sobre o potencial humano e é uma metateoria”²⁷⁷.

Movimento, linha psicológica, força são alguns dos substantivos utilizados para conceituá-la. A Psicologia Transpessoal é tanto a psicologia dos valores elevados ou últimos, quanto uma força que se preocupa com o estudo de estados de culminância, de experiências místicas, de transcendência do ser. É também considerada psicologia espiritual que se preocupa com o místico e o crescimento espiritual; outros a definem como o estudo do potencial humano em um nível mais elevado; ou ainda, o estudo da natureza e desenvolvimento humanos tendo como premissa que “os seres humanos possuem possibilidades que ultrapassam os limites do funcionamento egóico normal”²⁷⁸.

Essa última definição interessa muito ao propósito desse trabalho, uma vez que a Psicologia Transpessoal é uma das escolas psicológicas que embasa a literatura de ajuda, e a premissa de que os seres humanos possuem e podem desenvolver capacidades que lhe são desconhecidas sustenta esse gênero literário.

²⁷⁶ TABONE, 2005, p. 98.

²⁷⁷ Tradução livre: “Spiritual psychology: the field of psychology concerned with mysticism and spiritual growth; a non-look at higher realms of human potential, the scientific/academic study of human potential and higher states, metatheory” (FRAGER *apud* LAJOIE; SHAPIRO, 1992, p. 82).

²⁷⁸ Cf. LAJOIE; SHAPIRO, 1992.

Lajoie e Shapiro listam que, nas tentativas de definição de Psicologia Transpessoal, os termos mais freqüentes são: estados de consciência, potencial elevado, *self* pessoal, transcendência, espiritualidade²⁷⁹. Para esses pesquisadores, a melhor definição sobre o propósito dessa escola psicoterapêutica é que a: “Psicologia Transpessoal está preocupada com o estudo da mais elevada potencialidade humana e com o reconhecimento, a compreensão e percepção dos estados de consciência espirituais, transcendentais e unitivos”²⁸⁰.

Embora a dimensão espiritual seja importante para a Psicologia Transpessoal, ela não é a única dimensão a ser valorizada. Busca-se compreender o ser humano integral e o funcionamento do ego transpessoal ou o centro do ser; muitas vezes, esse centro está ligado à espiritualidade. A exigência para descobrir o centro do ser é mencionada por Arturo de Luca, psicólogo transpessoal italiano: “A psicologia transpessoal deve ter consciência do processo de desenvolvimento do conhecimento: um caminho que partindo de um hipotético centro sugere sempre um percurso evolutivo que somente pode encontrar a sua reintegração objetiva final no retorno àquele centro”²⁸¹.

De Luca pontua que, na Psicologia Transpessoal, defende-se a crença de que o ser humano é o microcosmo, centro da sociedade e da natureza, ponto de interseção entre os mundos interior e exterior, biológico e espiritual²⁸².

A crença em um centro do qual a vida humana emerge e que muitas vezes é desconhecido também foi defendida por Assaglioli e recuperada por outros estudiosos como Richard Llewellyn. Assaglioli considera que:

Somos parte de um centro que é maior que essas partes que habitam em nós. As funções psíquicas do querer, sentir, perceber, amar, etc... representam algumas de nossas subpersonalidades, mas não estão todas funcionando no mesmo nível de consciência e no mesmo momento. Uma vez que a nossa evolução é contínua, também as nossas subpersonalidades encontram-se em estado de constante transformação.²⁸³

Quanto à sua origem, a Psicologia Transpessoal é o resultado da transformação na sociedade norte-americana a partir dos anos 60, mas também de transformações na Psicologia na mesma época. As transformações sociais referem-se ao questionamento dos valores sociais

²⁷⁹ Cf. LAJOIE; SHAPIRO, 1992, p. 90.

²⁸⁰ Tradução livre: “Transpersonal psychology is concerned with the study of humanity’s highest potential, and with the recognition, understanding, and realization of unitive, spiritual and transcendent states of consciousness” (LAJOIE; SHAPIRO, 1992, p. 91).

²⁸¹ LUCA, 1993, p. 19.

²⁸² Cf. LUCA, 1993, p. 20.

²⁸³ ASSAGLIOLI *apud* DE LUCA; ABRAMS; LLEWELLYN, 1993, p. 63.

ocidentais e à busca por outros referenciais, culminando no estabelecimento de uma cultura alternativa. São marcas desse questionamento tanto a busca por novos valores, como o apego à cultura oriental, ou ainda, a busca por novos conhecimentos e a valorização de conhecimentos de outras áreas.

Essa cultura alternativa propõe “a renovação social através da modificação da consciência individual e coletiva; a ascendência de uma nova mentalidade dentro da cultura antiga; a aglutinação de uma nova ordem social”²⁸⁴. Quanto às transformações na Psicologia, Roger Walsh aponta para questionamentos em três crenças que limitavam a pesquisa psicológica: a crença de que o desenvolvimento psicológico termina quando se atinge a fase adulta, a crença de que, para se compreender a saúde psicológica, é importante conhecer, de antemão, a patologia, e, por fim, a crença de que experiências místicas ou transpessoais não são dignas de crédito e denunciam, muitas vezes, uma patologia²⁸⁵.

Alterações no paradigma cartesiano/newtoniano, propostos pela Física moderna, e que suscitaram questionamentos sobre a verdade indiscutível da Ciência para se validar um conhecimento, também colaboraram para a origem e expansão da Psicologia transpessoal: “Os conceitos básicos de matéria, espaço/tempo e causalidade sofreram radicais transformações em suas bases”²⁸⁶. A Psicologia Transpessoal não critica a ciência, mas, sim, o cientificismo ou a crença de que um conhecimento só pode ser validado através de análises empíricas que enfatizam observação, medida e análise. Quanto à ciência, ela “é uma técnica importante para compreender o mundo físico mas, infelizmente, pode dizer pouco sobre fenômenos subjetivos, como sentido e propósito”²⁸⁷.

Embora se pontue a década de 60 como o momento histórico de surgimento dessa linha, suas origens são anteriores. Tanto religiões orientais, quanto teóricos da Psicologia anteriores a essa década já se referiam ao valor de experiências espirituais, à importância de se considerar os estados alterados da consciência para compreender o sujeito e à relevância de cada dimensão humana no processo de desenvolvimento psíquico²⁸⁸. O pioneiro no uso do termo transpessoal foi William James entre os anos de 1905-1906. Ele se valeu do prefixo trans- para construir cinco termos filosóficos, em que a objetividade é ultrapassada e se menciona uma experiência “além de”: transpessoal, transc corporal, trans-cerebral, trans-visível, trans-mental. Mais tarde essa

²⁸⁴ TABONE, 2005, p. 25.

²⁸⁵ Cf. WALSH, 1992, p. 20-21.

²⁸⁶ TABONE, 2005, p. 34.

²⁸⁷ Tradução livre: “It is a technique of great power for understanding the physical world but, unfortunately, it can say very little about subjective phenomena such as meaning and purpose” (WALSH, 1992, p. 27).

²⁸⁸ Cf. TABONE, 2005; TRIPICCHIO, 2007.

expressão foi utilizada na Psicologia por Abraham Maslow ao estudar as experiências de estados alterados de consciência, que denominava de experiências de culminância (*peak experiences*), às quais atribuía um valor terapêutico. Maslow também destacou a necessidade de linha psicológica que pudesse analisar melhor tais experiências²⁸⁹.

Maslow e outros teóricos da Psicologia Humanista foram referências importantes para a Psicologia Transpessoal, tanto em sua compreensão do ser humano não focada na patologia, mas, sim, na defesa da saúde, quanto na construção ou na crença de que as pessoas caminham para a auto-realização. E são esses indivíduos que tendem a experiências de culminância. Como menciona Roger Walsh, quando submetidas a processos terapêuticos, no relato dessas pessoas há indicações de que a saúde e o potencial psicológicos deveriam incluir possibilidades não descritas pelas correntes psicológicas em voga, e a Psicologia Transpessoal se propôs a explorar tais possibilidades²⁹⁰.

A Psicologia Transpessoal, no entanto, não se limita ao estudo das experiências de culminância, místicas ou extáticas ou de estados alterados da consciência. Pierre Weil defende que a Psicologia Transpessoal é “o ponto de encontro da ciência, da arte, da filosofia e da mística. Neste último caso, ela aglutina as religiões, evidenciando a origem única, apesar das divergências teológicas, ocidentais ou orientais”²⁹¹.

E, ao unir aglutinar religiões ocidentais e orientais, misturam-se, nesse movimento psicoterapêutico, crenças que se opõem. A mistura de crenças demonstra outro dos méritos dessa escola: a ausência de preconceitos religiosos, como se percebe na citação de Tabone: “a abordagem transpessoal da Psicologia combina, sem preconceitos científicos ou culturais, as várias tendências do pensamento psicológico ocidental com as metodologias desenvolvidas por sistemas esotéricos como o Budismo, o Yoga, o Tibetanismo, o Sufismo e outros”²⁹².

Apesar de considerada a quarta força em Psicologia, teóricos da Psicologia Transpessoal admitem contribuições de várias escolas psicológicas em sua formação, muitas delas contraditórias²⁹³. Além da psicologia humanista, mencionam influências da psicologia analítica de Jung, da Psicossíntese, da Gestalt, além da psicanálise freudiana e do behaviorismo²⁹⁴.

²⁸⁹ Cf. VICH, 1988.

²⁹⁰ Cf. WALSH, 1993, p. 124.

²⁹¹ Cf. WEIL, [s.d.].

²⁹² TABONE, 2005, p. 31.

²⁹³ Cf. WALSH, 2002, p. 23-24: “[...] transpersonal psychology acknowledges and is interested in the full range of psychological development from infancy through to transconventional levels of development. It is also interested in the integration of apparently disparate schools and in an expanded epistemology that includes sensory, mental, and contemplative modes of acquiring knowledge”.

²⁹⁴ Cf. WALSH, 1992, p. 26.

A psicoterapia humanista contribui para a compreensão holística e tem o indivíduo como centro. Esta é sua principal diferença com relação à Psicologia Transpessoal que não se centra nos potenciais de cada indivíduo ou na auto-realização, mas, sim na autotranscendência: “Na orientação humanista... a dimensão espiritual pode ser negligenciada, ignorada ou, ainda, invalidada [...] Por outro lado, na psicoterapia transpessoal, os impulsos dirigidos para o crescimento espiritual são considerados básicos para a humanização completa do homem”²⁹⁵.

A expansão da Psicologia Transpessoal pode ser notada tanto na criação do *Journal of transpersonal psychology* em 1969 para difundir os pressupostos dessa escola, contribuições teóricas e pesquisas sobre estudos transpessoais, quanto na criação de associações²⁹⁶. A Associação de Psicologia transpessoal surgiu em 1972 nos Estados Unidos e, em 1985, no Brasil. Em 1978 foi criada a *International Transpersonal Association* para permitir o intercâmbio de conhecimentos e experiências nesse campo de conhecimento. O 4º Congresso Internacional de Psicologia Transpessoal ocorreu no mesmo ano de fundação da associação no Brasil em 1985, no campus da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte. Um dos principais expoentes da Psicologia Transpessoal no Brasil, Pierre Weil, era professor dessa instituição na época do congresso²⁹⁷.

Ao contrário de escolas psicológicas que têm a personalidade como objeto de estudo, a Psicologia transpessoal a considera apenas um aspecto da vida humana, e, não o aspecto essencial. Nessa escola assume proeminência o estudo dos vários estados de consciência e como eles afetam o viver e os valores humanos.

A consciência e os vários estados de consciência são, portanto, o principal foco dessa escola. O que é chamado de consciência normal, nada mais é do que a consciência aprisionada a que as religiões tentam despertar. Tanto a expansão quanto a extensão da consciência obtiveram na Psicologia Transpessoal uma definição: experiência transpessoal. No entanto, é importante distinguir a experiência transpessoal do estado alterado de consciência, uma vez que há estados alterados de consciência, como experiências estéticas ou regressivas ou sob o uso de drogas, que não podem ser classificadas como experiências transpessoais. Além disso, como menciona Tabone, em outros momentos, a alteração de consciência pode se assemelhar a processos psicopatológicos, o que não significa que toda experiência transpessoal seja psicopatológica:

²⁹⁵ Cf. TABONE, 2005, p. 130.

²⁹⁶ Cf. LAJOIE; SHAPIRO, 1992, p. 84.

²⁹⁷ Cf. TRIPICCHIO, 2007.

A Psicologia Transpessoal mostra que os EAC [estados alterados de consciência] tidos como patológicos também dão origem a manifestações que significam expansão da consciência além das limitações normais do ego e de tempo/espço. Portanto, paralelamente às alucinações, delírios, ilusões que ocorrem nos EAC psicopatológicos, há outros fenômenos como: a clarividência, a premonição, a autoscopia (*out-of-body experience*), o transe místico, o contato com arquétipos, etc. que ocorrem nas experiências de processos transpessoais.²⁹⁸

Estudos de neurofisiologia, neuropsicologia, psicofisiologia e outras áreas de conhecimento contribuíram para a compreensão do funcionamento cerebral e para a elucidação de estados alterados como hipnose, meditação, sonhos. Como menciona Tabone:

Até bem pouco tempo, as alegações de que a consciência poderia ser expandida e alterada se apoiavam em provas empíricas, ou seja, em relatos de ocorrências. Atualmente, tais estados subjetivos estão sendo correlacionados a evidências concretas de modificações psicofisiológicas.²⁹⁹

Se, para a Psicologia Transpessoal, a consciência de cada pessoa está aprisionada, o mesmo ocorre com seus potenciais, que precisariam ser liberados a partir do autoconhecimento. Há uma preocupação tanto com os aspectos psicológicos, quanto com os aspectos espirituais. Experiências transpessoais podem estimular o crescimento psicológico, além de terem efeito terapêutico sobre o psiquismo. Para Márcia Tabone, o ideal da Psicologia Transpessoal seria “uma orientação apoiada em um conjunto integrado e balanceado de aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais do cliente, levando-se em conta, ainda, seu contexto interpessoal, ambiental, cultural, sócio-econômico e político”³⁰⁰.

Os estados alterados de consciência foram agrupados por Ken Wilber em três níveis: sutil, causal e absoluto. O estado sutil se refere à consciência de experiências, afetos e sensações até então desconhecidos. Essa percepção se manifesta após um período de práticas contemplativas ou de meditação. A busca por aprimoramento dessas experiências leva aos estados causais de consciência, quando os objetos da experiência desaparecem e resta apenas a consciência. E, por fim, há a experiência absoluta, que se refere ao reconhecimento de que todos os objetos e fenômenos são criações ou projeções da consciência e há a preocupação em compartilhar tais experiências. Walsh, ao falar dessas experiências, diz que poderiam ser descritas a partir de metáforas, como: a nova entrada na caverna de Platão, o fruto do Espírito para os cristãos, o retorno do herói de Joseph Campbell³⁰¹.

²⁹⁸ TABONE, 2005, p. 47.

²⁹⁹ Cf. TABONE, 2005, p. 31.

³⁰⁰ Cf. TABONE, 2005, p. 130.

³⁰¹ Cf. WALSH, 1993, p. 127-129.

No desenvolvimento de cada pessoa, a dimensão espiritual é valorizada como as demais dimensões da vida humana. O termo espiritualidade não é compreendido na Psicologia Transpessoal em seu sentido teológico cristão de encontro com Deus, mas, sim como uma experiência universal, que pode ser encontrada tanto em templos como fora deles, que não é movida por medo ou culpa e marcada pelas seguintes características: autenticidade, valorização maior do tempo presente, enfrentamento dos medos, capacidade de perdoar, amor e compaixão, apego à comunidade e valorização das experiências interiores³⁰². A espiritualidade autêntica leva as pessoas a assumirem maior responsabilidade por suas escolhas e a buscarem em si a verdade. Ou, como menciona Vaughan, “a espiritualidade psicológica saudável não leva à fé em qualquer de nossos ídolos, mas por uma aceitação da própria vida como um encontro significativo com a verdade”³⁰³.

Uma das tarefas da Psicologia Transpessoal é apontar “caminhos e métodos que permitem o acesso ao transpessoal dentro do ‘pessoal’ por meio da descoberta do ‘mestre interior’ ”³⁰⁴ a fim de se superar as fronteiras entre os mundos relativo e absoluto. Ou, como menciona Vich, citando a definição de James, a psicologia transpessoal busca compreender toda a vida psicológica humana³⁰⁵ e faz isso ao dissolver as fronteiras entre o sujeito e o mundo exterior.

Essa escola valoriza tanto as experiências subjetivas ou interiores, quanto as experiências objetivas ou exteriores e busca integrá-las, uma vez que ambas são importantes para que se compreenda a consciência e o comportamento humanos³⁰⁶. A experiência interior é a experiência fundante ou experiência genuína. Quando alguém toma consciência de si, toma consciência de suas experiências interiores e, dentre elas, sua experiência espiritual. Por outro lado, a experiência objetiva se sustenta em contextos subjetivos e intersubjetivos.

A integração dessas duas experiências na Psicologia Transpessoal sugere que a vida psíquica pode ser sintetizada em três domínios: eu, nós e isso. O primeiro domínio se refere à consciência, às expressões do *self*, verdade, sinceridade, subjetividade; o segundo se refere à moral e à ética, à cultura, às compreensões intersubjetivas, à justiça, ao mútuo entendimento. E, por fim, o terceiro domínio se refere à natureza objetiva, à ciência, às formas empíricas, à tecnologia. Exemplificações da presença desses três domínios podem ser notadas em várias

³⁰² Cf. VAUGHAM, 1991, p. 116-117.

³⁰³ Tradução livre: “psychologically healthy spirituality does not call for faith in any of our idols, but for a willing acceptance of life itself as a meaningful encounter with truth” (VAUGHAM, 1991, p. 116).

³⁰⁴ WEIL, [s.d.].

³⁰⁵ Cf. VICH, 1988, p. 110.

³⁰⁶ Cf. WILBER, 1995, p. 110.

religiões e também na filosofia³⁰⁷.

As formas de trabalho da psicologia transpessoal são os sonhos, a meditação e os símbolos. Para trabalhar com sonhos, defende que o sonhador é o referencial fundamental para interpretação de cada sonho; para trabalhar com meditação, adota a meditação de plena atenção que possibilita o aprimoramento da consciência e valoriza o tempo presente, e, para o trabalho com os símbolos, parte-se da premissa de que eles se referem a imagens que evocam sentimentos e conceitos.

O tempo presente é o tempo preferencial para a Psicologia Transpessoal. Contrariamente a outras abordagens psicológicas, como a Psicanálise, que buscam, no passado de cada pessoa, elementos que expliquem seu comportamento atual, a Psicologia Transpessoal leva cada sujeito a tomar consciência de seus atos presentes e a motivação para executá-los. Por isso a ênfase no poder pessoal para mudar o presente e o futuro.

Percebe-se uma semelhança entre a Psicologia Transpessoal e o pensamento positivo que parece sustentar a Psicologia Positiva. No entanto, há diferenças substanciais: esta valoriza o poder que cada um tem para mudar sua história e aquela, por sua vez, defende a presença de um poder adicional ao poder pessoal que transforma a vida e a história. Alguns chamam esse poder de energia, outros o nomeiam como Deus pessoal, outros como capacidade interior, e outros ainda o definem como sendo força de vontade. Mas é esse outro poder, poder espiritual, que traz esclarecimentos sobre a capacidades subjetivas e seu uso na realidade objetiva.

A Psicologia Transpessoal adota uma epistemologia que se expande em três níveis: sensorial, mental ou fenomenológico e contemplativo. Esses três níveis são importantes para compreensão de toda a experiência e todo o desenvolvimento humano³⁰⁸. Esses três níveis corresponderiam à capacidade de exercitar três olhares: o olho da carne ou relacionado a eventos exteriores ou físicos, o olho da mente, que se relaciona a desejos, conceitos e idéias, e o olho da contemplação, que se refere a experiências espirituais³⁰⁹.

Pode-se ponderar que as principais contribuições dessa escola psicoterapêutica são: a visão holística de psicoterapia ou a integração entre universo e todos os aspectos da vida humana, a valorização à ampliação do contexto através da abertura a novas experiências, a possibilidade de integração das experiências transpessoais com as experiências do cotidiano³¹⁰.

Uma vez que as experiências subjetivas assumem proeminência e que a busca pela abertura da consciência é incentivada, percebe-se a necessidade de estimular essas

³⁰⁷ Cf. WILBER, 1995, p. 120.

³⁰⁸ Cf. WALSH, 1992, p. 28.

³⁰⁹ Cf. WILBER, 1995, p. 126-128.

³¹⁰ Cf. TABONE, 2005.

possibilidades. Embora as técnicas adotadas pela Psicologia Transpessoal em um contexto terapêutico sejam individuais, percebem-se tentativas de coletivizá-las. Uma dessas tentativas é a literatura de ajuda.

O discurso de teóricos da Psicologia Transpessoal pode ser percebido em obras de auto-ajuda que enfatizam o poder da visão para mudar o mundo. Ao defender que cada um tem em si o poder, a sabedoria e o conhecimento para mudar o mundo, quando aponta que o autoconhecimento e a busca pelo poder pessoal e interior se justificam porque eles podem transformar a sociedade, esses livros apresentam premissas da Psicologia Transpessoal.

Outra das mensagens dessa escola está na valorização que a literatura de auto-ajuda dá ao aperfeiçoamento pessoal ou à autotranscendência. Quanto mais o sujeito conhece de si, quanto mais ele se aperfeiçoa, melhor será sua visão sobre a vida e sua capacidade de mudar as circunstâncias. Esse poder adicional conduz à paz, à harmonia, ao amor, ao belo, ao sucesso.

Roger Walsh apresenta desafios e críticas à psicologia transpessoal. O principal desafio dessa escola se refere à produção intelectual pouco sólida e intelectualmente discutível nesse campo de conhecimentos, o que poderia minar sua credibilidade. Ele defende maiores pesquisas e maior difusão das premissas dessa linha psicoterápica³¹¹.

Quanto às críticas, Walsh ressalta a negação do lado negativo da vida humana, como sofrimento, conflitos existenciais, existência do mal, o que é reflexo da tentativa dessa escola de fugir do estigma de patologização da psicologia. Na tentativa de refutar essa crítica, alguns esforços têm sido feitos por teóricos da Psicologia Transpessoal para demonstrar que tanto o sofrimento quando as crises fazem parte do existir humano³¹².

Outra crítica que se faz à Psicologia Transpessoal se refere à definição de quem são seus praticantes. Sua popularização trouxe pessoas de formações diferenciadas buscando se agregar a essa escola, o que suscita questionamentos acerca de seus padrões. E, por fim, Walsh menciona que a Psicologia Transpessoal se depara com a necessidade de manter sempre em vista seus três focos: observação, razão e contemplação³¹³.

Harris Friedman e Douglas Mac Donald, psicólogos transpessoais, apontam outro desafio para a Psicologia Transpessoal que é o rigor no uso das técnicas e avaliações com critérios melhor definidos, o que lhe traria credibilidade. Eles definem a avaliação transpessoal como o julgamento das experiências descritas pelos sujeitos a partir de critérios da escola transpessoal e das escolas convencionais de psicoterapia. Da primeira pode fazer

³¹¹ Cf. WALSH, 1992, p. 39-40.

³¹² Cf. WALSH, 1992, p. 41.

³¹³ Cf. WALSH, 1992, p. 42.

parte a inclusão de metodologias alternativas, como técnicas que eles denominam de divinas, xamânicas e práticas mediúnicas e da segunda os requisitos científicos que demonstrassem a validade dessas experiências³¹⁴.

Outra escola psicológica que corrobora na compreensão da literatura de auto-ajuda é a Psicologia Positiva, que será descrita a seguir.

4.3 A psicologia positiva

A Psicologia Positiva é o estudo científico das forças e virtudes que capacitam pessoas e comunidades a terem sucesso³¹⁵. Essa definição no site do Centro de Psicologia Positiva sintetiza a proposta dessa linha de conhecimento. Ela se aproxima muito da proposta da auto-ajuda, no entanto, ao contrário desta que se baseia em relatos bem sucedidos de uma única pessoa ou poucas pessoas, a Psicologia Positiva se sustenta em pesquisas realizadas com grandes grupos de pessoas, especialmente nos Estados Unidos, seu país de origem: “Ao contrário das técnicas de quase todas as outras fórmulas de auto-ajuda - que consistem de muita erudição clínica e quase nenhuma pesquisa - estas foram exaustivamente pesquisadas, e milhares de adultos as têm usado para mudar seu estilo explicativo permanente”³¹⁶.

Estudos sobre a felicidade não são novidade; esse sentimento já era estudado por Aristóteles, que a considerava um exercício de virtudes, Epicuro, que defendia o controle dos excessos como possibilidade de se adquirir felicidade, e Sêneca, para quem a felicidade é uma recusa a seguir a multidão³¹⁷. Martin Seligman, fundador dessa escola, reconhece que a felicidade foi objeto de estudos de psicólogos como Abraham Maslow e Carl Rogers, especialmente em seus estudos sobre auto-realização e pessoas de pleno potencial, respectivamente, e Gordon Allport, com seus estudos sobre personalidade e caráter³¹⁸. Outro precursor para estes estudos foi William James, que em seu livro *Variiedades da experiência religiosa* pontuou sobre mentes saudáveis³¹⁹.

A Psicologia Positiva surgiu como movimento científico em Janeiro de 1998³²⁰. Esse novo movimento científico contou com a colaboração de vários estudantes de Martin

³¹⁴ Cf. FRIEDMAN; MACDONALD, 1997.

³¹⁵ POSITIVE PSYCHOLOGY CENTER, 2007.

³¹⁶ SELIGMAN, 2005, p. 282. Por estilo explicativo permanente, entende-se a maneira usual de interpretar os eventos da vida.

³¹⁷ Cf. GRAZIANO, 2005, p. 35-37.

³¹⁸ Cf. SELIGMAN, 2002, p. 7.

³¹⁹ Cf. GABLE; HAIDT, 2005, p. 104

³²⁰ Cf. SELIGMAN, 2004.

Seligman e amigos, que o sistematizaram e a quem ele nomeia como co-fundadores, Mihaly Csikszentmihalyi e Ray Fowler. Para criar a Psicologia Positiva, esse grupo de amigos se reuniu durante uma semana em Janeiro de 1998 e sistematizou estudos de quase três décadas.

Essa escola psicológica já era esboçada por seu fundador, Martin Seligman, desde 1965, quando ele começou seus estudos sobre emoção positiva na Universidade de Pensilvânia³²¹. A Universidade de Pensilvânia, onde Seligman leciona desde 1976, tornou-se o berço desse movimento que, no Brasil conta com teses, livros e artigos sobre o tema³²².

Martin E. P. Seligman, seu principal estudioso e difusor, graduou-se em Filosofia pela Universidade de Princeton em 1964 e obteve seu PhD em Psicologia no ano de 1967 pela Universidade da Pensilvânia. Seligman é autor de 20 livros, traduzidos para mais de 16 países, como expõe no site do movimento e de 222 artigos publicados entre os anos de 1965 a 2007. Seligman foi presidente da American Psychological Association (APA entre os anos de 1997 a 1999), e foi na revista *American Psychologist* que publicou algumas das sistematizações de sua teoria.

Interessado por psicologia experimental, Martin Seligman iniciou seus estudos com cachorros desamparados, que, submetidos ao condicionamento de Pavlov, se recusavam a lutar contra a dor, assumindo atitudes que poderiam pôr fim a elas. Tendo como hipótese, a de que “os animais eram capazes de aprender o desamparo³²³”, ele se lançou à pesquisa experimental com um colega, Steve Maier, e não apenas refutou a teoria skinneriana, como suas pesquisas foram a base para a Psicologia Positiva, que seria construída quase 30 anos depois. O behaviorismo foi refutado, porque conseguiram provar que a aprendizagem não consiste apenas em reação a recompensa ou punição; ela pode decorrer da compreensão da inutilidade de ações, produzindo passividade ou desamparo³²⁴.

Posteriormente Seligman encontrou colaboradores que aplicaram sua premissa a pessoas e chegaram a resultados semelhantes, o que o fez sustentar que as pessoas aprendem a se comportar desamparadamente e, com isso, tornam-se passivas diante de determinadas situações.

O otimismo é o foco dessa teoria e, estudando-o, Martin Seligman e seus

³²¹ Cf. SELIGMAN, 2005.

³²² Cf. GRAZIANO, 2005. Algumas referências de textos, cujo marco teórico é a Psicologia Positiva, são, além da tese de Liliam Graciano, que está presente nas referências bibliográficas, a tese de GIACOMONI, C. H. *Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. 2002. Tese. (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – UFRGS, Porto Alegre; o livro de DELL’AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. (Org.). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006; o artigo de YUNES, Maria Angela Mattar. *Psicologia Positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, p. 75-84, 2003.

³²³ SELIGMAN, 2005, p. 49.

³²⁴ Cf. SELIGMAN, 2005, p. 51.

colaboradores perceberam o valor das emoções positivas e o prejuízo das emoções negativas, que geram o pessimismo. Como ele explica em uma de suas obras, sua nova abordagem psicológica é resultado de uma mudança no contexto mundial a partir de 1965, quando “as teorias prevaletentes na psicologia mudaram de enfoque no final da década de 1960, passando do poder do meio para a expectativa, a preferência, a escolha, a decisão, o controle e o desamparo individuais”³²⁵.

O tema otimismo, como a felicidade, também já foi alvo de vários estudos. Christopher Peterson, em um artigo em que questiona o futuro do otimismo, recupera o histórico desse termo e o define como humor ou atitude positiva diante do futuro e mostra que o otimismo tanto é motivado como motivador. Peterson aponta que há duas possibilidades de se compreender o otimismo: como parte inerente à natureza humana ou ainda como uma característica variável nos seres humanos³²⁶. Para Peterson, as duas teorias são compatíveis e há muitos autores que apontam que, apesar de estar presente em todos os seres humanos, o otimismo se apresenta em níveis diferentes na vida de cada pessoa³²⁷.

Já o termo psicologia positiva, por sua vez, inicialmente fez contraponto com a visão clássica da Psicologia, que enfatizava a psicopatologia e cujo foco era curativo. A criação do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH - National Institute of Mental Health) em 1947 pelo Congresso norte-americano impulsionou pesquisas na área de doenças mentais, o que possibilitou não apenas maior conhecimento sobre as psicopatologias, suas causas, efeitos, como também tratamento. Se as psicopatologias tornaram-se conhecidas, questionou-se também a etiologia da saúde mental. É esse o caminho que Seligman e seus colaboradores percorrem, tendo como referência estudos sobre a depressão³²⁸. Para Seligman, o trabalho da Psicologia Positiva é preventivo. Conforme várias pesquisas que mostra em seus livros e artigos, essa disciplina impede a depressão tanto em crianças, quanto em adultos.

Entre prováveis razões para o surgimento dessa escola psicológica, podem ser citados o desejo de levar as pessoas a conhecerem melhor suas forças pessoais para enfrentarem as crises, trazer um novo foco para a dimensão positiva da vida ou um foco preventivo, o que aprimoraria a resiliência e o bem-estar e também diminuiria o impacto dos eventos negativos. Gable e Haidt destacam que os eventos negativos exercem maior impacto sobre as pessoas apesar de serem menos comuns que os eventos positivos, os quais recebem menor atenção³²⁹.

³²⁵ SELIGMAN, 2005, p. 33.

³²⁶ Cf. PETERSON, 2000, p. 44-46.

³²⁷ Cf. PETERSON, 2000, p. 46.

³²⁸ Cf. SELIGMAN, 2004, p. 32-42.

³²⁹ GABLE; HAIDT, 2005, p. 106.

Como menciona Seligman, o objetivo da Psicologia Positiva não é ser um novo campo de conhecimento, e, sim, produzir uma mudança no foco da Psicologia, que não se preocuparia apenas em corrigir as piores coisas na vida, mas também em construir as melhores qualidades na vida³³⁰. Ele propõe a recuperação do sentido da disciplina, não apenas como estudo das fraquezas e patologias, como também estudo das virtudes e forças. Os principais benefícios da prática dessa escola são tornar mais saudável a vida das pessoas e recuperar dois alvos negligenciados pela Psicologia que são: tornar as pessoas normais mais fortes e mais produtivas e aumentar o potencial humano³³¹.

A terapia positiva, que advém dessa teoria, pode ser muito útil em casos em que se demande reaprendizado de comportamento. Seligman estabelece como casos que seriam mais beneficiados por essa terapia os seguintes: enurese, desordem obsessivo-compulsiva, transtorno do pânico, ejaculação precoce, fobias³³². Suas principais estratégias são o encorajamento de esperança e a construção de forças de resistência. Para Christopher Peterson, além da esperança e das forças de resistência, que ele chama de expectativa, o otimismo pode também promover a ação³³³.

A Psicologia Positiva possui três pilares: emoção positiva, caráter positivo ou traços positivos, especialmente forças e virtudes, e instituições positivas.

A emoção positiva é um estado de espírito regido pela alegria, bom humor, que promove melhor saúde física, melhor produtividade, aumento da criatividade, da capacidade construtiva e da solidariedade. Seligman menciona que “pessoas felizes não somente resistem melhor à dor e adotam mais precauções relativas à segurança e à saúde quando ameaçadas, mas também as emoções positivas desfazem as emoções negativas”³³⁴. A emoção positiva pode ser aprendida e pode ser aumentada. A felicidade depende de limites, circunstâncias e controle voluntário. Limites se referem tanto à dimensão herdada da felicidade quanto à compreensão de que há uma rotina hedonista que a cerceia. Circunstâncias se referem a elementos casuais que poderiam promover felicidade como democracia, casamento, rede social intensa, religião. Ao contrário do que o senso comum defende, pesquisas às quais Seligman teve acesso demonstram que dinheiro, saúde, escolaridade e mudança climática não contribuem para o incremento da felicidade. E, por fim, controle voluntário refere-se à relação entre as emoções positivas e os tempos presente, passado e futuro.

³³⁰ Cf. SELIGMAN, 2002.

³³¹ POSITIVE PSYCHOLOGY CENTER, 2007.

³³² Cf. SELIGMAN, 2002, p. 6.

³³³ Cf. PETERSON, 2000, p. 48.

³³⁴ SELIGMAN, 2004, p. 57.

As emoções positivas ligadas ao futuro incluem otimismo, esperança, fé e confiança. As ligadas ao presente incluem alegria, êxtase, calma, entusiasmo, animação, prazer e (mais importante) *flow* - a plenitude, a experiência de fluir [...]. As emoções positivas ligadas ao passado incluem satisfação, contentamento, realização, orgulho e serenidade.³³⁵

Ao contrário de várias escolas psicológicas que defendem que o passado determina o futuro e sustentam a vulnerabilidade e a vitimização, a Psicologia Positiva sustenta o valor da capacidade adaptativa do ser humano. Essa corrente psicológica defende que a melhor maneira de se lidar com as emoções do passado é se valer da gratidão e do perdão.

As emoções positivas relacionadas ao presente podem ser sintetizadas em duas: prazer, que se caracteriza por satisfação momentânea, com traços emocionais e sensoriais fortes e gratificação, que é uma atividade satisfatória relacionada a um propósito nobre, que traz engajamento e sensação de plenitude. A gratificação promove o autodesenvolvimento, amplia o *self*, além de se relacionar ao caráter positivo³³⁶.

Mihaly Csikszentmihalyi define prazer como “uma sensação de contentamento que atingimos sempre que a informação da consciência diz que as expectativas estabelecidas pelos programas biológicos ou pelo condicionamento social foram satisfeitas”³³⁷.

Quanto às emoções positivas relacionadas ao futuro, estas podem ser aumentadas, desde que se atente para dois elementos: permanência ou crença de que os eventos têm um caráter definitivo e penetrabilidade ou extensão do evento a outras áreas da vida. A junção desses dois elementos deve promover a esperança, como mostra Seligman:

Aqueles que dão explicações permanentes e universais para eventos positivos, além de explicações temporárias e específicas para eventos negativos, se recuperam decididamente dos problemas e embarcam facilmente na onda do sucesso. Aqueles que dão explicações temporárias e específicas para o sucesso e, ao mesmo tempo, explicações permanentes e universais para os reveses tendem a se desestruturar sob pressão - por longo tempo e nos vários setores da vida - e raramente aproveitam as vitórias para seguir em frente.³³⁸

O otimismo, a principal emoção positiva, não é a redescoberta do poder do pensamento positivo, porque não se baseia em frases ditas e aceitas pelas pessoas como verdadeiras, mas, sim na mudança na maneira de perceber as experiências negativas. Para aumentá-lo, Martin Seligman sugere um modelo baseado na Teoria Cognitiva de Albert Ellis,

³³⁵ SELIGMAN, 2004, p. 80.

³³⁶ Cf. SELIGMAN, 2004, p. 122-123. O conceito de *self* para Seligman difere do conceito adotado por Maslow. Este se relaciona à consciência e às informações sobre si e sobre seus objetivos, após receber informações do ambiente e dos outros.

³³⁷ CSIKSZENTMIHALYI *apud* GRAZIANO, 2004, p. 47.

³³⁸ SELIGMAN, 2004, p. 113.

que ele denominou de ACCCE: adversidade (evento), crença (maneira como cada um interpreta as circunstâncias), conseqüências (sentimentos), contestação (oposição à crença), energização (efeitos da aplicação da contestação)³³⁹. E, em outra de suas obras, ele altera a sigla para os cinco Cês: contrariedade, crença, conseqüências, contestação, capacitação³⁴⁰. Percebe-se que a compreensão que Seligman tem sobre otimismo é de que este se apresenta em níveis diferenciados na vida de cada ser humano, que foi uma das premissas levantadas por Peterson e já mencionadas nesta tese.

Quanto ao caráter positivo, Seligman critica o desprezo que o termo caráter assume para a ciência e sustenta sua revalorização, uma vez que a idéia de responsabilidade, fundamental para a Psicologia Positiva, está associada a caráter. O desprezo pelo conceito de caráter relaciona-se à dimensão moral desse termo, o fato do caráter derivar da experiência e de ser apenas descritivo, e não prescritivo³⁴¹. A relação entre caráter e natureza humana permaneceu até início do século XX, quando foi substituída pelo “ambientalismo positivo”, conceito derivado da ciência social “cujo objetivo era explicar o comportamento (e o mau comportamento) dos indivíduos como resultado não do seu caráter, mas de poderosas e tóxicas forças ambientais que fugiam a seu controle”³⁴². Embora se tenha tentado retirar o valor do caráter na compreensão do comportamento humano, este permanece como conceito relevante, tanto em estudos de personalidade como na sociedade, seja na política, na educação, ou como norteador do pensamento humano.

Um caráter positivo adota seis virtudes e 24 forças pessoais que se relacionam a elas. As virtudes levantadas por Seligman decorreram de pesquisas em “textos básicos de todas as religiões e tradições filosóficas, para catalogar o que cada uma considerava virtude, e, então verificar se havia uma constância”³⁴³. Os textos consultados foram textos filosóficos de Aristóteles e Platão, Santo Tomás de Aquino, Santo Agostinho, além de “Velho Testamento e o Talmude, Confúcio, Buda, Lao-Tze, o Bushido, o Alcorão, Benjamin Franklin e os Upanishads”³⁴⁴, para se chegar às seis virtudes universais: saber e conhecimento, coragem, amor e humanidade, justiça, moderação, espiritualidade e transcendência. As virtudes são abstratas, podem ser mensuradas e se expressam através de forças. As forças são traços psicológicos percebidos em várias situações que promovem conseqüências positivas e despertam emoções

³³⁹ Cf. SELIGMAN, 2005, p. 286-300.

³⁴⁰ Cf. SELIGMAN, 2004, p. 114-115.

³⁴¹ Cf. SELIGMAN, 2004, p. 149.

³⁴² SELIGMAN, 2004, p. 146.

³⁴³ SELIGMAN, 2004, p. 152-153.

³⁴⁴ SELIGMAN, 2004, p. 153.

positivas em quem as exerce. As forças são apoiadas pela cultura através de “instituições, rituais, modelos, parábolas, máximas e histórias infantis”³⁴⁵. Elas podem ser aprendidas e tal aprendizado contribuiria não apenas para o bem-estar individual, como também social³⁴⁶.

São forças relacionadas à virtude de saber e conhecimento: curiosidade, gosto pela aprendizagem, critério, habilidade, inteligência social, perspectiva; à virtude da coragem: bravura, perseverança, integridade; à virtude de amor e humanidade: bondade e amor; à virtude de justiça: cidadania, imparcialidade, liderança; à virtude de moderação: autocontrole, prudência, humildade; à virtude de transcendência: apreciação da beleza, gratidão, esperança, espiritualidade, perdão, bom humor, animação³⁴⁷.

E, por fim, ao falar sobre instituições positivas, Seligman trata do estudo das “grandes estruturas que transcendem o indivíduo e dão suporte ao caráter positivo, que por sua vez causa emoção positiva”³⁴⁸. Fazem parte desse grupo instituições como família, democracia, educação, proteção econômica, religião. A compreensão do funcionamento e do papel dessas instituições colabora para fortalecer a comunidade com valores como justiça, responsabilidade, paternidade, ética, liderança, propósito, tolerância³⁴⁹. A religião oferece esperança e sentido para a vida, sendo, portanto, positiva.

Neste trabalho, busca-se ponderar sobre o papel da religião como instituição positiva e promotora de saúde e bem-estar, tomando-se a abordagem de Seligman como referência de análise.

O objetivo final da Psicologia Positiva, sintetizado por Seligman em sua obra *Felicidade Autêntica*, é levar as pessoas à vida significativa ou vida plena:

A vida agradável [...] está integrada à busca bem-sucedida de sentimentos positivos, complementada pela habilidade de amplificar essas emoções. A vida boa [...] está impregnada da utilização bem-sucedida das forças pessoais, para alcançar gratificação genuína e abundante. A vida significativa tem um recurso adicional: o emprego das forças pessoais a serviço de alguma coisa maior que nós mesmos.³⁵⁰

Ao falar em vida plena é inevitável a comparação entre Seligman e Abraham Maslow. Seligman admite a influência dos estudos de Maslow sobre auto-realização em sua

³⁴⁵ SELIGMAN, 2004, p. 159.

³⁴⁶ Cf. PETERSON, 2000, p. 53.

³⁴⁷ Cf. SELIGMAN, 2004, p. 162-180.

³⁴⁸ SELIGMAN, 2004, p. 292.

³⁴⁹ Cf. POSITIVE PSYCHOLOGY CENTER, 2007.

³⁵⁰ SELIGMAN, 2004, p. 272.

abordagem³⁵¹, mas percebe-se que, em seus estudos sobre vida plena, ele também busca o suporte teórico da Logoterapia, ou terapia do sentido de vida, abordagem construída por Viktor Frankl. Tanto para Seligman, quanto para Frankl, o sentido de vida está em alcançar propósitos; para aquele, os propósitos estão ligados ao conhecimento, ao poder, à bondade, a Deus que conduz às virtudes acima listadas, para este, o sentido da vida pode estar em amar, trabalhar ou sofrer, mas há um supra-sentido, que questiona todos os demais³⁵².

Embora se percebam semelhanças entre a Psicologia Humanista e a Psicologia Positiva e o próprio Seligman confirme tal aproximação, como já foi demonstrado nesse capítulo, em outros momentos ele recusa essa ligação, acusando a Psicologia Humanista de não científica, não acadêmica, porque não tem tradição em pesquisa empírica, promotora do narcisismo e da literatura de auto-ajuda³⁵³. Outra crítica que Seligman faz à Psicologia Humanista está em sua proximidade com a literatura de ajuda³⁵⁴. Contudo, as críticas mais incisivas referem-se ao afastamento dessa escola psicoterapêutica da ciência empírica, a fim de obter popularidade, o que, para os teóricos da Psicologia Positiva a desmerece. Essa nova área pretende se impor pelas pesquisas científicas que empreende³⁵⁵.

A Psicologia Positiva busca reafirmar-se como ciência todo o tempo, opondo-se à semelhança com a literatura de auto-ajuda, o que não é difícil de se estabelecer. A semelhança entre essa escola e o movimento Novo Pensamento é rebatida por Seligman. Além das diferenças já apontadas entre universal e particular, ele também constrói a diferença entre pensamento positivo e a ciência que ele afirma ser a Psicologia Positiva. Aquele se vale da crença em frases falsas ao passo de que esta se baseia em exatidão. Essa área do conhecimento busca adaptar o melhor do método científico para a compreensão dos problemas humanos em toda sua complexidade³⁵⁶.

A aproximação entre Psicologia Positiva e a literatura de ajuda psicológica é notável, apesar de contestada por seu fundador e outros teóricos da Psicologia Positiva. Conforme Liliam Graziano:

³⁵¹ Cf. POSITIVE PSYCHOLOGY CENTER, 2007.

³⁵² Cf. FRANKL, 1989.

³⁵³ Cf. SELIGMAN *apud* HELD, 2004, p. 26: “Unfortunately, humanistic psychology did not attract much of a cumulative empirical base, and it spawned myriad therapeutic *self-help* movements. In some of its incarnations, it [...] encouraged a *self-centeredness* that played down concerns for collective well-being”.

³⁵⁴ Cf. HELD, 2004, p. 26.

³⁵⁵ Cf. HELD, 2004, p. 27.

³⁵⁶ Cf. SELIGMAN, 2002, p. 9.

A tendência da Psicologia atual de priorizar o estudo dos problemas humanos gerou, além do já apontado afastamento de seu significado mais básico, um desequilíbrio no seu campo de estudo e [...] talvez até mesmo uma distorção no seu objeto. [...] Acreditamos que uma outra conseqüência da já apontada tendência da Psicologia atual tenha sido a proliferação da literatura de auto-ajuda.³⁵⁷

As oposições entre elas referem-se tanto aos estudos empíricos que sustentam essa abordagem, quanto a sua crença não ingênua de que a felicidade e o bem-estar são direito de todos e em todos os momentos. Na psicologia positiva, não se subestimam os riscos e nem se ignora que a infelicidade e o fracasso também fazem parte do viver humano³⁵⁸, o que a Psicologia Positiva aceita, apesar de incentivar o contrário.

Gable e Haidt reafirmam essa mesma premissa ao afirmarem que o objetivo da Psicologia Positiva não é levar as pessoas a verem o mundo com “óculos cor-de-rosa”, ou negarem a existência da dor e do infortúnio, mas, sim, entender como as pessoas agem positivamente e experimentam sentimentos igualmente positivos apesar de problemas e eventos estressores que marcam a vida humana³⁵⁹. Gable e Haidt mostram que positivo e bom são adjetivos complexos e multidimensionais, e que merecem estudos cuidadosos³⁶⁰.

Quanto aos desafios que a Psicologia Positiva precisaria enfrentar no futuro, Seligman e Czikszentmihalyi pontuam que esta precisa enfrentar alguns paradoxos, como a oposição entre neurociências e hereditariedade, gratificação e prazer, além de questionamentos sobre a legitimidade da disciplina e sobre seu estatuto, se seria uma ciência prescritiva ou descritiva. Posicionar-se como prescritiva significaria assumir a semelhança com a auto-ajuda e, por outro lado, a aproximaria da psicologia clínica. Para os teóricos dessa escola, a Psicologia Positiva pode permitir a psicólogos que entendam e construam em pessoas, comunidades e sociedades, fatores que as permitam florescer³⁶¹. Assumir-se como descritiva afastaria a Psicologia Positiva da clínica e a manteria como pressuposição. Outro desafio com o qual a Psicologia Positiva precisaria lidar é entender como determinados fatores colaboram para a promoção da saúde e crescimento pessoal em detrimento de outros³⁶².

Essa área de conhecimento tem enfrentado tanto críticas construtivas, quanto negativas. Dentre as positivas, contam-se as apreciações do psicólogo Paul Vitz. Esse autor, também estudioso das relações entre Psicologia e Cristianismo, teceu considerações muito

³⁵⁷ GRAZIANO, 2005, p. 26.

³⁵⁸ Cf. POSITIVE PSYCHOLOGY CENTER, 2007.

³⁵⁹ Cf. GABLE; HAIDT, 2005, p. 104.

³⁶⁰ Cf. GABLE; HAIDT, 2005, p. 108.

³⁶¹ Cf. SELIGMAN; CZIKSZENTMIHALYI, 2000; Cf. GABLE; HAIDT, 2005, p. 108.

³⁶² Cf. GABLE; HAIDT, 2005, p. 108.

negativas tanto à Psicanálise, quanto à Psicologia Humanista em publicações anteriores. No entanto, em um artigo publicado em 2005, mostra-se bastante otimista quanto à Psicologia Positiva, que ele denomina de transmoderna, ou portadora de uma mentalidade que tanto transcende quanto transforma a modernidade³⁶³. Ele pontua os efeitos prejudiciais da Psicologia negativa, que seriam a mentalidade vitimista que assolou os norte-americanos e a crença de que não se é responsável por seus atos, uma vez que estes são causados por outros. Vitz valoriza o otimismo e a prevenção que a Psicologia Positiva traz³⁶⁴.

Vitz defende que a Psicologia Positiva traz um novo foco conceitual e uma nova compreensão sobre a Psicologia: “ao descobrir características positivas que precisam ser cultivadas para reforçar uma pessoa e ajudar a curar o sofrimento do passado, a psicologia fez, sem saber, uma mudança conceitual muito importante”³⁶⁵. Essas mudanças influenciam tanto a educação, quanto a criação de filhos e a própria psicoterapia no dizer de Vitz. Um dos aspectos que ele destaca como relevante é o valor que Seligman confere às instituições positivas, entre elas, a religião. Ao contrário de escolas psicológicas que relegam a religião, considerando-a deletéria para a saúde mental e para o crescimento pessoal, Seligman nota, baseando-se em pesquisas empíricas, que pessoas religiosas tendem a ser mais felizes, saudáveis e a viver mais o que não apenas é positivo, como demonstra que a Psicologia redescobriu uma importante virtude, a humildade³⁶⁶. Em tempos de ressurgimento da religião ou de novos olhares sobre o sagrado, a recuperação do valor das instituições religiosas, dentre outras que a Psicologia Positiva destaca, é digna de nota. Outro mérito dessa escola para Vitz está na comprovação bem sucedida de sua aplicação, ao contrário do que ocorria com outras escolas, cujo êxito é discutível.

Ao contrário das críticas positivas de Vitz, há algumas considerações bastante negativas sobre Psicologia Positiva. Pedro Demo é uma das vozes que se levanta contra essa nova Psicologia, que ele considera auto-ajuda, tanto pelo conceito de felicidade como emoção duradoura e extrema, quanto por outros termos colocados por Seligman como definitivos para a felicidade. Ao destacar as emoções positivas, Demo pontua que Seligman não apenas se aproxima da auto-ajuda, como ignora que “emoção positiva e negativa tem como origem a mesma estrutura mental e emocional, tornando-se contraproducente traçar linhas dicotômicas

³⁶³ Cf. VITZ, 2005, p. 21.

³⁶⁴ Cf. VITZ, 2005, p. 20.

³⁶⁵ Tradução livre: “In discovering positive human characteristics that need to be cultivated in order to strengthen a person and to help heal past suffering, psychology has, unknowingly, made a momentaneous conceptual change” (VITZ, 2005, p. 20).

³⁶⁶ Cf. VITZ, 2005, p. 20.

entre elas”³⁶⁷. Outra crítica que Demo elabora sobre essa escola, já a considerando como auto-ajuda e, portanto, espoliação da ingenuidade humana, está no cultivo de virtudes positivas que a Psicologia Positiva destaca. Defender apenas a face positiva da vida seria ingenuidade ou crença nas aparências e dizeres de outros sem questionamento, o que essa escola psicológica parece promover e também a auto-ajuda, o que já foi mencionado anteriormente nesta tese³⁶⁸.

Outras críticas que se fazem estão na relação entre otimismo e pessimismo. Seligman e seus colaboradores recusam aceitar que as posturas negativas possam trazer algum benefício para as pessoas. No entanto, como mostram Christopher Peterson e Bárbara Held, esses termos são interdependentes, e, não, exclusivos, como parece defender Seligman³⁶⁹. O otimismo depende não apenas de uma estrutura hereditária que o defenda, como também de condições sócio-econômicas que lhe dêem respaldo ou, então, corre-se o risco de vê-lo como pensamento positivo³⁷⁰. E, além disso, o foco em apenas um tipo de emoções é insuficiente³⁷¹.

Bárbara Held, professora de Psicologia no Bowdoin College, aponta três pontos da Psicologia Positiva que merecem crítica: sua mensagem anti-pessimismo, a ênfase extrema às emoções positivas e, por fim, a necessidade de sua mensagem ser mais integradora³⁷². Para Held, a mensagem de que se deve atentar para o positivo é tirânica e a cultura já não suporta tal mensagem relacionada ao pensar positivo, ao cultivo de emoções e atitudes positivas, o que garantiria felicidade, saúde e sabedoria³⁷³. Ela destaca que os problemas e a negatividade têm aspectos positivos que não podem ser desconsiderados, porque possibilitam a integração entre eventos díspares e a integração da experiência³⁷⁴.

Outro elemento que Held destaca na Psicologia Positiva e que merece maiores considerações é a ênfase à relação positividade e bem-estar. Embora haja estudos comprovando tal relação, como o de Caprara e Steca, que mostram que relacionamentos sociais, controle dos estados emocionais negativos e expressões de afeto são fundamentais para o bem-estar³⁷⁵, há pessoas bem-humoradas e positivas que têm morte precoce e adoecem facilmente³⁷⁶. Held recupera estudos de outros autores para mostrar que experiências negativas

³⁶⁷ DEMO, 2005, p. 53.

³⁶⁸ Cf. DEMO, 2005, p. 94-97.

³⁶⁹ Cf. PETERSON, 2000; HELD, 2004.

³⁷⁰ Cf. PETERSON, 2000.

³⁷¹ Cf. HELD, 2004, p. 12-14.

³⁷² Cf. HELD, 2004, p. 10-11.

³⁷³ Cf. HELD, 2004, p. 12.

³⁷⁴ Cf. HELD, 2004, p. 20.

³⁷⁵ Cf. CAPRARA; STECA, 2005.

³⁷⁶ Cf. HELD, 2004, p. 22.

produzem efeitos positivos, dentre eles a possibilidade de transcender dificuldades e transformar adversidades em vantagens³⁷⁷.

Quanto à mensagem integradora da Psicologia Positiva, Held a critica por ser ilusória e pelo fato dessa ilusão ser defendida pelos teóricos dessa linha de conhecimento pelo seu apego a investigações científicas. Bárbara Held mostra que um otimismo preconceituoso é compatível com uma epistemologia objetiva e qualquer contradição deve ser eliminada³⁷⁸.

Embora incisiva nas críticas a essa área de conhecimento, Held mostra que há uma nova onda de teóricos dessa escola que estão atentos às suas contradições e têm buscado corrigi-las, dentre elas o reconhecimento de seu débito com a Psicologia Humanista.

Como foi demonstrado, tanto a Psicologia Humanista, com sua compreensão do ser humano que busca auto-realização, quanto a Psicologia Positiva, com sua ênfase em emoções, valores e instituições positivas, colaboram na estrutura de textos de auto-ajuda, especialmente os surgidos no século XXI. É importante recuperar as considerações de Pedro Demo sobre a proximidade estreita entre Psicologia Positiva e literatura de auto-ajuda, ao ponto de se confundirem.

Todas as escolas psicológicas citadas possuem algumas características em comum: a não patologização da vida psíquica, a valorização dos mundos interior e exterior, crença no poder pessoal. A Psicologia Humanista, ao ponderar sobre a tendência à auto-realização e as experiências de culminância como importantes para que o sujeito tenha uma vida plena, a Psicologia Positiva, ao defender emoções positivas, caráter positivo e instituições positivas para o bem-estar pessoal, a Psicologia Transpessoal, ao estimular a expressão e expansão da consciência e a liberação do poder pessoal, oferecem elementos pelos quais é possível discernir o discurso da literatura de ajuda.

Essa literatura encontra expressões tanto em contextos seculares, quanto em contextos religiosos. A seguir, será abordada a expressão da literatura de ajuda no contexto protestante brasileiro, ou a auto-ajuda cristã. A opção pelo contexto protestante justifica-se por se perceber no mercado editorial protestante, várias obras sob o rótulo de psicologia, que trazem premissas da literatura de ajuda, cuja leitura costuma ser incentivada por líderes eclesiásticos nos cultos das denominações.

A relação entre a literatura de auto-ajuda e a cura interior também serão abordados a seguir, uma vez que costumam ser tema de muitos livros da literatura evangélica.

³⁷⁷ Cf. HELD, 2004, p. 20.

³⁷⁸ Cf. HELD, 2004, p. 32.

5 AUTO-AJUDA CRISTÃ

Neste capítulo, trabalha-se a temática da auto-ajuda cristã, e no universo cristão se analisa a literatura cristã protestante. Para compreender essa literatura, faz-se necessário entender a situação do protestantismo no Brasil, recuperar sua história e compreender características doutrinárias e teológicas desse grupo cristão. Inicialmente, serão apresentados os dados do Censo religioso 2000 e serão abordadas as características do protestantismo brasileiro. Posteriormente, será trabalhado o imaginário religioso brasileiro e se abordará a psicologização da fé através da temática da cura interior.

5.1 O protestantismo brasileiro

Conforme o Censo 2000, 26.184.941 brasileiros e brasileiras se declararam protestantes. Essa porcentagem equivale a 15,4% da população brasileira, e o grupo protestante experimentou um crescimento de 7% em relação ao Censo anterior, de 1991³⁷⁹.

Os evangélicos são formados por 43,7% de homens e 56,3% de mulheres e fazem parte da população urbana: 86,8% moram na zona urbana. A faixa etária predominante entre os evangélicos é de 30-49 anos, possuem entre quatro a sete anos de escolaridade, e renda majoritária entre um a dois salários mínimos. No entanto, percebem-se evangélicos com mais de 15 anos de escolaridade em porcentagem superior à apresentada no país especialmente no grupo de evangélicos denominado evangélicos de missão (6,9% de homens e 6,08% de mulheres diante da média nacional, que é de 4,8% para homens e 5,08% para mulheres) e renda maior também nesse grupo (mais de 20% desse grupo recebe entre 6 a 10 salários mínimos e outra porcentagem equivalente recebe entre 11 a 20 salários mínimos).

O Censo organizou os grupos evangélicos em três categorias: evangélicas de missão, da qual fazem parte as denominações luterana, presbiteriana, metodista, batista, congregacional, adventista, evangélicas de origem pentecostal, nas quais citam-se Assembléia de Deus, Igreja Congregacional Cristã do Brasil, Igreja Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Deus é amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, e evangélicos sem vínculo institucional, que correspondem às comunidades evangélicas.

³⁷⁹ Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000.

Os fiéis da primeira categoria somam quase 7 milhões de pessoas (6.939.765) ou 26,5% dos evangélicos; da segunda categoria são 17.617.307 ou 67,3% dos que se denominaram evangélicos, e os fiéis da terceira somam 1.046.487 pessoas ou cerca de 4% da população evangélica.

Percebe-se, portanto, que o Brasil evangélico é pentecostal. E, no grupo pentecostal, os grupos com maior número de fiéis são a Assembléia de Deus (32,15% dos evangélicos são dessa denominação), a Congregação Cristã (9,51% dos evangélicos), a Igreja Universal do Reino de Deus (8,02%) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (5,03%).

No grupo evangélico de missão, as porcentagens de cristãos seguem à seguinte ordem: batistas (12,08% dos evangélicos), adventistas (4,62%), luteranos (4,06%), presbiterianos (3,75%)³⁸⁰.

Segundo Adilson Schultz, em sua tese sobre o mal entre os evangélicos, o campo protestante pode ser tipologizado conforme três critérios principais: histórico, teológico e ideológico. O primeiro se refere à divisão do protestantismo: de migração, de missão, pentecostal, neopentecostal; o segundo se refere à divisão entre sacramental, da reta doutrina ou do espírito, e, por fim, o terceiro critério o organiza em protestantismo liberal, conservador ou evangélico/evangelical³⁸¹.

No projeto liberal se nota a influência do evangelho social norte-americano e do Segundo despertar ou segundo reavivamento dos Estados Unidos no século XIX, que enfatiza a salvação individual e subjetiva, que é adotada em todo o projeto missionário brasileiro e será melhor abordada em outro momento desta tese.

O protestantismo clássico ou histórico, que corresponde a 5% da população protestante, compreende as denominações luterana, presbiteriana, batista, metodista, anglicana, reformada. E os demais 10,4% da população são formados pelos neoprotetantismo, que, para Schultz refere-se tanto aos pentecostais, quanto aos neopentecostais e trata de “tudo o que surgiu no protestantismo depois da irrupção pentecostal”³⁸².

Quanto à tipologia teológica e ideológica, assim as sintetiza Schultz no protestantismo brasileiro:

Outra forma teológica divide o protestantismo entre reta doutrina (batista, metodista, presbiteriano), espiritual (pentecostalismo e neopentecostalismo - aquele protestantismo que ‘exagera os dons do Espírito’ [expressão retirada por Schultz do livro: *Tongues of fire*, p. 52] e sacramental ou confessional (luterano, anglicano,

³⁸⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000.

³⁸¹ SCHULTZ, 2005, p. 95.

³⁸² SCHULTZ, 2005, p. 96.

reformado). Uma outra semelhante, com certo viés ideológico, usa os termos evangélico (idem reta doutrina = com apelo conversionista), igrejas de libertação (com apelo ao evangelho social e à diaconia), pentecostal etc.³⁸³

As missões protestantes se estabeleceram no Brasil em meados do século XIX, com os congregacionais (1855), e chegaram ao país nessa ordem: presbiterianos, metodistas, batistas e, por fim, episcopais em 1899. O grupo evangélico de missão era formado por missionários biocupacionais, com boa cultura teológica e que, segundo Elben César, cometeram alguns deslizes, pois, junto com o evangelho, trouxeram a cultura dos Estados Unidos, país de origem dessas missões³⁸⁴.

Quanto aos aspectos de sua teologia, Antônio Gouvêa de Mendonça pontuou que, embora houvesse diferenças denominacionais, havia aspectos teológicos semelhantes, como: teologia arminiana e pietista, neoplatonismo, apocalipsismo pré-milenista³⁸⁵.

A teologia arminiana sustenta que, apesar da salvação ser pela graça, mediante a fé, a decisão individual é relevante; o pietismo defende o valor da experiência devocional com Cristo, a interpretação da Bíblia num sentido literal, espiritual, místico, além da identificação com o Cristo sofredor³⁸⁶. Ou como destaca Mendonça, “O pietismo conseguiu combinar as experiências religiosas individuais com um rígido sistema de crenças. O pietismo não estava interessado só na conversão, mas na santificação cristã, após a conversão (perfeccionismo)”³⁸⁷. O neoplatonismo, ao desconsiderar o corpo, valoriza a salvação da alma, tônica da mensagem evangélica dos missionários protestantes.

Quanto ao apocalipsismo pré-milenista, este se sustenta na concepção que Cristo virá estabelecer o Seu reino antes do juízo final, o que leva à preocupação apenas com a vida eterna, e, não com a vida presente. Se o objetivo é abreviar a volta de Cristo, bastaria evangelizar e discipular a fim de abreviar esse retorno. Há um apego muito maior ao sobrenatural, do que à responsabilidade humana para mudar a história, que é a ênfase do apocalipsismo pós-milenista³⁸⁸.

A diferença de concepção apocalíptica é responsável por diferentes estratégias de evangelização empregadas pelas missões evangélicas no Brasil.

³⁸³ SCHULTZ, 2005, p. 96.

³⁸⁴ CÉSAR, 2000, p. 78.

³⁸⁵ Cf. MENDONÇA, 1984.

³⁸⁶ Cf. MENDONÇA, 1984, p. 70.

³⁸⁷ MENDONÇA, 1984, p. 62.

³⁸⁸ Cf. MENDONÇA, 1984, p. 63.

Embora à primeira vista possa não significar grande diferença, a compreensão das estratégias das missões americanas no estrangeiro depende muito da distinção entre essas duas ideologias. De certo modo, o pós-milenismo iria usar a educação como estratégia, como veículo de transplante de instituições sociais; visava a cristianização da sociedade como um todo, era uma cultura a serviço do reino de Deus. Já o pré-milenismo se apresenta eminentemente como uma religião, como uma crença na irrupção do sobrenatural na história para a consumação dos negócios humanos.³⁸⁹

O evangelho sectarista e denominacionalista, sob uma teologia arminiano-pietista-pré-milenista foi o evangelho pregado no país pelo protestantismo de missão, o que é sintetizado por César da seguinte forma: “Falaram pouco sobre justiça social e muito sobre conduta sexual. Enfatizaram a vida futura em detrimento da vida presente”³⁹⁰.

A mentalidade predominante nessas missões era a mentalidade norte-americana de 100% ou uma mentalidade que “oferece segurança ao homem por sua participação no conjunto básico de lugares comuns inquestionáveis da vida cidadã”³⁹¹. Ao oferecer segurança diante das questões da vida, anulam-se diferenças denominacionais, rejeita-se o intelectualismo e adota-se uma prática comum: a necessidade de conversões.

Essa mentalidade decorre do movimento reavivalista do século XVIII, cuja preocupação era produzir um estilo religioso que atendesse às pessoas. Essa preocupação motivou urgências para evangelizar, minimizou questionamentos sobre o sentido da fé e aboliu dúvidas sobre o sentido do evangelho. A colaboração entre as diferentes denominações que vieram para o país em final do século XIX e a semelhança teológica permitiu não apenas que todas utilizassem um mesmo hinário, como também chegaram a propor a criação de uma faculdade teológica interdenominacional, após o Congresso do Panamá, em 1916 sob a direção do presbiteriano, Álvaro Reis. Esse projeto não chegou a ser concretizado, porque, apesar de apresentarem semelhanças teológicas para viabilizarem a evangelização, as diferenças de formação eram marcantes³⁹².

Ao longo dos anos, a teologia dos primeiros grupos protestantes sofreu alterações no país. Algumas ênfases se mantiveram, como o elevado subjetivismo, a escatologia ou apocalipsismo pré-milenista, e houve o acréscimo da preocupação com a transformação social e a adoção de posturas fundamentalistas como herança das linhas milenaristas e fundamentalistas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, posturas marcadas por “dualismo e espiritualismo mais acentuados, uma ética de separação do mundo acompanhada pela rigidez legalista”³⁹³.

³⁸⁹ MENDONÇA, 1984, p. 64.

³⁹⁰ CÉSAR, 2000, p. 79.

³⁹¹ HOFSTADTER *apud* SEGUNDO, 1983, p. 61.

³⁹² Cf. LÉONARD, 2002.

³⁹³ BONINO, 2002, p. 42.

Bonino destaca alguns efeitos negativos do fundamentalismo na postura teológica latino-americana evangélica, como vinculação à política dos Estados Unidos, desenvolvimento de aspectos éticos prejudiciais: “o legalismo e a justiça própria, a oposição do material e do espiritual, a ‘separação do mundo’, que na prática induz a uma dupla moral, os critérios sociais e políticos invertidos”³⁹⁴. Outros efeitos negativos apontados por Bonino foram o isolamento provocado pela doutrina da separação, a distorção doutrinal marcada pela estereotipia do plano de salvação, a bibliolatria, a concepção de igreja como ‘sala de espera’ do milênio, a compreensão de que a história humana pode ser transformada em números e sinais a serem decifrados³⁹⁵. Bonino aponta que a resposta ao fundamentalismo está na piedade evangélica do movimento pentecostal e da Fraternidade latino-americana³⁹⁶.

Na mensagem dos missionários protestantes havia uma polêmica anticatólica, com crítica a doutrinas, rituais e tradições do catolicismo, ênfase no estudo da Bíblia e nas doutrinas protestantes fundamentais.

Èmile Leonard, em seus estudos sobre o protestantismo publicados na década de 50, destaca como elementos favoráveis à expansão do protestantismo em terras brasileiras, a existência de espaços ociosos deixados pela liderança católica, notadamente no meio rural, a valorização à devoção particular, o desencantamento do mundo promovido pelo protestantismo, a ênfase na leitura da Bíblia³⁹⁷.

O discurso inconformista protestante também contribuiu para sua expansão, na medida em que ofereceu segurança e garantias para uma população que possuía fortes necessidades espirituais³⁹⁸.

Como menciona Mendonça:

A mensagem protestante proporciona ao fiel, como conseqüência dessa estruturação da realidade, normas de vida que o orientam de modo seguro. É espiritual, isto é, transcendente e pragmática ao mesmo tempo. Se o crente está neste mundo e aqui tem de viver enquanto aguarda a irrupção de outro melhor, deve fazê-lo de acordo com certas regras que tendem a caracterizá-lo como um inconformado com o atual arranjo das coisas, de modo que suas ações são inconformistas. Este é um dos

³⁹⁴ BONINO, 2002, p. 47.

³⁹⁵ Cf. BONINO, 2002.

³⁹⁶ Cf. BONINO, 2002. O movimento pentecostal será abordado nessa tese. Quanto ao movimento da Fraternidade latino-americana, há necessidade de maiores esclarecimentos sobre ele, o que não poderá ser feito nesse texto.

³⁹⁷ Cf. LÉONARD, 2002.

³⁹⁸ Cf. LEONARD, 2002, p. 95. Léonard destaca que, em final do século XIX e início do século XX, havia no país poucos padres, superstições, tendências ao animismo e ao iluminismo, o que contribuiu para avanço da mensagem protestante.

estranhos paradoxos do protestantismo: sua maneira de viver é inconformista diante da sociedade mais ampla, mas nada faz para mudá-la como um todo. Antes, despreza-a e dela procura afastar-se. Nisto se resume todo o seu inconformismo. Há um amplo conformismo e um inconformismo particular intenso.³⁹⁹

Percebe-se que os protestantes brasileiros receberam uma mensagem que os levava a aceitar as dificuldades da vida e anelar por um novo céu e uma nova terra, uma vez que eram peregrinos e forasteiros nessa terra. A preocupação com a justiça social ou em alterar a situação das pessoas na era atual não fazia parte da mensagem evangélica dos primeiros protestantes, como já foi apontado.

O novo protestantismo ou neoprotestantismo ou protestantismo pentecostal já era apontado por Léonard como resposta aos problemas religiosos (especialmente do proletariado protestante) para os quais o protestantismo clássico parecia não atentar.

A enfermidade humana, dissociando os meios da graça, faz com que haja três espécies de cristianismo: o cristianismo do Sacramento, o cristianismo do Livro e o cristianismo do Espírito. O protestantismo brasileiro ufana-se, particularmente, de possuir, como base a Bíblia; compreende mal o Sacramento e se afasta, escandalizado, de quem procura fazê-lo compreender; aperceber-se-á de que pode haver, aí, uma tentação mais forte ainda, para seu povo e, portanto, para si próprio, para o lado do Espírito?⁴⁰⁰

A chamada tentação para o lado do Espírito é a principal característica dos movimentos carismáticos e pentecostais. Tendo como principal origem os Estados Unidos, o pentecostalismo surgiu em 30 de Dezembro de 1900, quando Agnes Ozman, da Escola Bíblica Betel (Topeka, Kansas) recebeu o batismo do Espírito Santo com a evidência da glossolalia. Esse movimento se espalhou pelos EUA, produzindo novas igrejas pentecostais, com irmãos excluídos das igrejas tradicionais⁴⁰¹.

Os grupos pentecostais chegaram ao Brasil após 1910 com as seguintes denominações: Congregação Cristã (1910), Assembléia de Deus (1911), Igreja do Evangelho Quadrangular (1951). Esses grupos assumem muitas características da cultura local⁴⁰². Como cita Bonino, apesar de sua origem ser estrangeira, se alimenta da terra e das massas da América Latina⁴⁰³.

Outras denominações pentecostais surgiram no país com líderes brasileiros como Igreja Evangélica O Brasil para Cristo (1955), Igreja Evangélica Deus é amor (1962) e as

³⁹⁹ MENDONÇA, 1984, p. 145.

⁴⁰⁰ LÉONARD, 2002, p. 367.

⁴⁰¹ Cf. DANIEL, 2004. Alguns estudiosos demarcam o início do movimento pentecostal com William Seymour na Rua Azuza em Los Angeles no ano de 1906. No entanto, Seymour foi o responsável por dar visibilidade a esse movimento.

⁴⁰² Cf. CÉSAR, 2000, p. 75-79.

⁴⁰³ Cf. BONINO, 2002.

neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980)⁴⁰⁴.

O pentecostalismo é expressão da sociedade moderna e possui como características positivas: nova identidade através da conversão, lideranças legitimadas pelo carisma pessoal, solidariedade. Segundo Bonino, “são [estes] os novos fatores que fazem do pentecostalismo uma religiosidade adequada à condição de anomia produzida pela mudança”⁴⁰⁵. José Bittencourt Filho, ao estudar a matriz religiosa brasileira, destaca que o pentecostalismo se destaca no universo religioso nacional “pela força de sua espontaneidade, de suas estruturas flexíveis, de sua capacidade de adaptação a cultura popular, de seu fervor religioso de seu agudo senso missionário, e de seu messianismo enfático”⁴⁰⁶.

O pentecostalismo se apóia na teologia do avivamento ou Teologia do Espírito, que se expressa em três etapas: conversão, santificação e plenitude. E, independentemente da denominação que abraça o pentecostalismo, há quatro grandes temas comuns entre as denominações: salvação pela graça, obtida pela morte de Jesus e recebida pela fé; batismo no Espírito Santo como segunda experiência com a manifestação do dom de línguas ou glossolalia; saúde divina como promessa para todos; escatologia pré-milenista⁴⁰⁷.

Os pentecostais experimentam também paradoxos entre rejeição ao mundo e busca por serem bons cidadãos, recusa à política, mas inserção nela, valorização dos leigos e destaque à figura dos pastores, rejeição à sociedade e compromisso com ela⁴⁰⁸.

Os paradoxos destacados acima talvez expliquem o apego a uma literatura que se proponha a oferecer garantias e estabilidade. A literatura de auto-ajuda parece responder à teologia do avivamento ou à mentalidade dos cem por cento, que recusa a intelectualidade, ignora as diferenças e acentua as semelhanças, como o apelo conversionista, o discurso maniqueísta e triunfalista, o pragmatismo como resposta para as ações humanas. A mensagem da salvação é simplificada, pois deve ser preservada de qualquer relativização ou identificação com o que não pode ou não deve ser discutido, conforme destaca Juan Segundo⁴⁰⁹.

A seguir será recuperado o histórico de algumas denominações protestantes, tendo como referência a cidade de Belo Horizonte. Essa recuperação histórica busca responder a algumas questões que tratam da influência estrangeira recebida, da permanência dessa

⁴⁰⁴ Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 26; CÉSAR, 2000.

⁴⁰⁵ BONINO, 2002, p. 57.

⁴⁰⁶ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 116.

⁴⁰⁷ Cf. BONINO, 2002.

⁴⁰⁸ Cf. BONINO, 2002.

⁴⁰⁹ Cf. SEGUNDO, 1983, p. 61-74.

influência, bem como de seu processo expansionista. A escolha por algumas denominações em detrimento de outros tem como critério aquelas com maior representatividade na cidade de Belo Horizonte⁴¹⁰.

5.2 Principais denominações protestantes

A cidade de Belo Horizonte foi fundada em 12 de Dezembro de 1897. Construída para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais em substituição a Ouro Preto, teve, como precursor, um povoado denominado Curral del Rei. A construção de Belo Horizonte demorou quatro anos e se deu a partir de um planejamento urbano.

As missões protestantes que haviam chegado ao Brasil em final do século XIX não demoraram a chegar a Belo Horizonte, e as que surgiram no início do século XX rapidamente chegaram à capital de Minas Gerais.

Conforme dados do Censo 2000, recuperados por uma organização missionária denominada Serviço de Evangelização para a América Latina (SEPAL), 18,1% dos moradores da capital mineira se declararam evangélicos, o que equivale a pouco mais de 405.000 pessoas dentre os 2.238.526 habitantes da cidade. Fazem parte do grupo evangélicos membros de denominações históricas ou do protestantismo clássico e protestantes pentecostais, que são o maior grupo⁴¹¹. Essa porcentagem ultrapassa a média nacional, que, como mencionado, equivale a 15,4% dos brasileiros.

Nesse item pretende-se recuperar o histórico de algumas das denominações protestantes que serão objeto de pesquisa no próximo capítulo desta tese. Juntamente com a recuperação histórica do início dessas denominações serão retomados elementos de sua doutrina, a fim de compreender as opções literárias e as motivações para leitura de seus fiéis, que podem estar relacionados às concepções teológicas e doutrinárias de cada denominação.

5.2.1 Batistas

A denominação batista é a maior em Belo Horizonte. Cerca de 5,1% dos moradores da cidade ou cerca de 114.000 pessoas se declararam batistas, tanto tradicionais, quanto carismáticos ou renovados.

⁴¹⁰ O critério para definição das denominações com representatividade refere-se a dados sobre denominações listadas no site da Missão Sepal através do Ministério de apoio com informação, organizados a partir de informações do Censo 2000. Cf. MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO, 2005.

⁴¹¹ Cf. MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO, 2005.

Os batistas chegaram a Belo Horizonte no início da nova capital, no entanto, demoraram para se estabelecer na cidade. No ano de 1897, duas igrejas batistas surgiram na capital no espaço de um ano, e duas outras igrejas desapareceram como decorrência do trabalho na capital, como relata o historiador, Áder Assis: “O surgimento dos primeiros grupos batistas em Belo Horizonte coincide com o desaparecimento de igrejas em Barbacena e Juiz de Fora. Precede também à organização na cidade de igrejas e missões”⁴¹².

A primeira igreja batista da capital foi organizada oficialmente em 1º de Janeiro de 1897 pelo cirurgião dentista e pastor, Antônio Vieira da Fonseca, que representa o bom relacionamento e a semelhança doutrinária entre as primeiras missões protestantes no Brasil. Convertido na Igreja Presbiteriana, foi evangelista na Igreja Metodista e, após a visita de um colportor batista e questionado sobre o batismo de imersão se submeteu a ele, tornando-se batista.

Fonseca havia se mudado para a capital em organização em 1895; no ano seguinte abriu uma escola com o propósito de evangelizar, que recebeu o nome de Colégio Progresso. Após organizar a igreja, Fonseca passou a viajar pelo país e a igreja desapareceu logo depois.

No mesmo ano, em Junho, foi organizada outra igreja por William Bagby, o primeiro missionário batista a chegar ao país em 1881, e J. J. Taylor que a entregaram ao pastor J. J. Alves. Este permaneceu na Igreja até 1900, e a deixou com 40 membros após se desentender com duas norte-americanas que dirigiam uma escola e ajudavam na Igreja.

O trabalho passou a ser dirigido pelo diácono João Tibúrcio Alves, que recuperou 17 dos 40 membros da igreja, até 1912, quando foi substituído pelo missionário Daniel Crossland. Na chegada de Crossland, a Igreja Batista já possuía 40 membros. Como foi colocado em posição secundária por Crossland, que havia sido enviado à Igreja pela Junta Batista em Richmond, Alves deixou a Igreja e 32 dos membros o acompanham. Essa igreja desapareceu.

A nova igreja ressurgiu em 31 de Março de 1912 com 10 membros: os oito que ficaram e o casal de missionários, e passou a se chamar Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte. A missão de Belo Horizonte não apenas consolidou o trabalho batista na cidade, mas contribuiu para solidificá-lo no estado, com o que as várias viagens de Crossland para o interior mineiro também contribuíram. Em 1913 já havia 212 batistas no estado de Minas Gerais, um pastor no interior, um missionário na capital e três evangelistas.

⁴¹² ASSIS, 1989, p. 47. Os dados sobre os batistas em Belo Horizonte foram retirados de duas fontes: o site oficial da Convenção Batista Brasileira (<http://www.batistas-mg.gov.br>) e o livro de ASSIS, Ader Alves. *Pioneirismo e neopioneirismo: cem anos de ação missionária batista em Minas*. Belo Horizonte: Convenção Batista Mineira, 1989.

Sobre essa relação entre as duas igrejas dirigidas por brasileiros, que não subsistiram, e o êxito da igreja dirigida por um norte-americano assim se expressa Assis:

Parece estranho o silêncio que se fez sobre as duas igrejas batistas que existiram em Belo Horizonte desde 1897. A própria igreja organizada por Taylor e Bagby parece ter ficado abandonada, ignorada pelas missões e pela Convenção, enquanto esteve sob a direção dos brasileiros.⁴¹³

Até a década de 30, o trabalho batista foi gerenciado por missionários enviados e sustentados por missões batistas dos Estados Unidos. Nesse tempo, organizaram o Colégio Batista Mineiro em 1918, um jornal denominacional, O Batista Mineiro, e foi criada a Convenção Batista Mineira. Após a década de 30, brasileiros passaram a assumir em maior número os trabalhos denominacionais e a arcar com maiores responsabilidades financeiras no trabalho missionário.

No final da década de 50, os batistas mineiros atravessaram sua primeira cisão doutrinária, causada pelo movimento de renovação espiritual nas igrejas da denominação. Conforme Ângela Valadão Cintra, em sua dissertação sobre o surgimento da Igreja Batista da Lagoinha, matriz desse movimento em Belo Horizonte, a renovação das igrejas batistas decorreu do modernismo e do movimento pentecostal através do trabalho de pregadores leigos⁴¹⁴.

Esse movimento se caracteriza por algumas ênfases como a glossolalia, a pregação do batismo com o Espírito Santo como segunda bênção, valorização de experiências extáticas, o que redundou em crescimento rápido, criação da Convenção Batista Nacional em substituição à Convenção Batista Brasileira para agregar as igrejas que haviam aderido ao movimento batista carismático. Novas igrejas foram criadas a partir desse movimento, e outras denominações protestantes também sofreram cisões, e surgiram as igrejas Metodista Wesleyana, Metodista Wesleyana, Aliança Congregacional, Presbiteriana Renovada⁴¹⁵.

As igrejas batistas que fazem parte da Convenção Batista Nacional são as igrejas que mais crescem. Conforme dados da Convenção Batista Brasileira, há, em Belo Horizonte, 136 igrejas dessa denominação, e em Contagem (cidade próxima à região metropolitana), 28 igrejas batistas nacionais. A maior delas é a Igreja Batista da Lagoinha que conta com 37.363 membros conforme consta em seu boletim semanal⁴¹⁶.

⁴¹³ ASSIS, 1989, p. 54.

⁴¹⁴ Cf. CINTRA, 2007.

⁴¹⁵ Cf. TOGNINI, 1993, p. 19.

⁴¹⁶ Cf. IGREJA BATISTA DA LAGOINHA, 2008.

Segundo Áder Assis, em seu livro sobre os batistas tradicionais, tais movimentos merecem ser criticados pela sua tendência acrítica, desprezo ao racional, pregações centradas em reações emotivas, poder do espírito como força que arrebatava o ser humano e o leva a experimentar aventuras de fé, proselitismo acentuado. Outras críticas que Assis faz ao movimento residem em seu apoio teológico, que é o liberalismo. Este se faz presente entre as igrejas batistas nacionais através de dois de seus princípios principais: princípios da universalidade e continuidade (tolerância com todos), além da preponderância da experiência com um Deus imanente⁴¹⁷.

Quanto às igrejas batistas tradicionais, elas contam, no estado de Minas Gerais, com 657 igrejas, 308 congregações, 859 pastores, 16 associações e cerca de 70.000 membros⁴¹⁸.

5.2.2 Presbiterianos

Ainda como parte do grupo dos protestantes históricos, os presbiterianos correspondem a 0,6% da população de Belo Horizonte, ou cerca de 13.400 pessoas.

As missões presbiterianas chegaram ao Brasil em 1859 com Ashbell Green Simonton. Sua vinda ao país decorreu do avivamento espiritual nas igrejas metodista, luterana e presbiteriana na Pensilvânia (EUA), onde Simonton morava em 1855⁴¹⁹. Viveu na cidade do Rio de Janeiro durante sete anos e, nesse tempo, fundou uma igreja (Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro), o primeiro jornal presbiteriano (Imprensa Evangélica), a primeira escola paroquial e o primeiro seminário, além de participar da ordenação do primeiro pastor brasileiro, José Manuel da Conceição⁴²⁰.

A preocupação com a criação de escolas fez parte de algumas missões brasileiras, especialmente, as missões presbiteriana e metodista, o que é demonstrado na iniciativa de Simonton. Para os missionários de missão, as escolas criam um ambiente propício para a evangelização, porque destacam a superioridade da cultura e do cristianismo evangélico⁴²¹. A Igreja Presbiteriana adota tal preocupação, tanto com a manutenção de escolas seculares, quanto com a preparação de pastores.

Segundo Antônio Gouvêa de Mendonça, a missão presbiteriana foi a que mais se

⁴¹⁷ Cf. ASSIS, 1989.

⁴¹⁸ BATISTAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Institucional*: informações gerais. [s.d.].

⁴¹⁹ Cf. CÉSAR, 2000.

⁴²⁰ Cf. CÉSAR, 2000.

⁴²¹ Cf. LEONARD, 2002

expandiu em final do século XIX⁴²², e não demorou a chegar à capital de Minas Gerais, tendo como apoio as igrejas presbiterianas do sul do estado. A entrada do presbiterianismo em Belo Horizonte demorou a se efetivar porque havia um acordo com a igreja metodista quanto ao trabalho missionário, de não se implantar trabalho onde este já havia sido implantado⁴²³. O surgimento do presbiterianismo em Belo Horizonte contou com o trabalho de um casal da Igreja Metodista, Francisco e Philomena Deslandes, que se transferiu para a capital dois anos após sua fundação e era adepto de uma prática sacramental denominada cálice comum. Philomena Deslandes havia sido membro da igreja presbiteriana pastoreada por Álvaro Reis no Rio de Janeiro e decidiram convidá-lo para uma série de conferências evangelísticas, em um salão conseguido por Francisco Deslandes⁴²⁴. A cidade contava com cerca de 40000 habitantes. As conferências motivaram à abertura de uma igreja presbiteriana, o que foi possível em 24 de Agosto de 1912. A igreja foi fundada em um salão no centro da cidade, contando com a presença de oito adultos (4 casais) e 16 crianças; destes casais um era presbiteriano (vieram da Igreja Presbiteriana de Niterói), outro era ex-católico, outro havia sido metodista e o último casal era formado por esposa presbiteriana e esposo ex-católico.

Foi designado como pastor da nova igreja, Américo Cardoso de Menezes, também pastor da Igreja Presbiteriana de Lavras, que se dividia entre as duas igrejas e vinha a Belo Horizonte de dois em dois meses. Este permaneceu na Igreja até 1918.

O trabalho presbiteriano se expandiu tanto na capital mineira, quanto no interior. Em 1974 já havia 12 igrejas derivadas da Primeira Igreja Presbiteriana. Em 2008 havia 49 igrejas presbiterianas na cidade e 14 delas em Contagem. E há 378 igrejas presbiterianas no estado de Minas Gerais⁴²⁵.

⁴²² Cf. MENDONÇA, 1984, p. 9

⁴²³ Toda a história sobre o presbiterianismo em Belo Horizonte foi retirada da seguinte obra: LISBOA, Abdênago. *História da Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Canaã, 1974. Os metodistas chegaram a Belo Horizonte no ano de fundação da cidade em 1897 e ocupavam terrenos centrais na cidade.

⁴²⁴ A razão desse convite é esclarecida por Abdênago Lisboa, da seguinte forma: “É provável que o decidido Sr. Francisco Deslandes, admirador do Rev. Álvaro Reis, pelo seu grande valor, e pela sua grande predileção pelo cálice comum, insatisfeito com sua Igreja Metodista (onde ocupava cargos importantes), que não adotava aquele método de comunhão, tenha convidado aquele notável pregador e evangelista, da denominação de sua esposa presbiteriana, para vir fazer uma série de conferências na Capital [sic], visando a, possivelmente, fundar uma Igreja Presbiteriana nos moldes da igreja daquele grande pastor, com seu cálice comum” (LISBOA, 1974, p. 7). Em 1923, o casal Deslandes abandonou a Igreja Presbiteriana (que havia excluído a prática do cálice comum em 1922) com outras pessoas e fundaram a Congregação do Cálix Comum, que sobreviveu por pouco tempo.

⁴²⁵ Cf. IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 2008.

5.2.3 Assembléia de Deus

Em Belo Horizonte, cerca de 2% da população (44.000 pessoas) se declararam religiosos da Igreja Assembléia de Deus, o que a torna a terceira maior denominação em número de membros na capital mineira, superada apenas pelas igrejas batistas e pela Igreja do Evangelho Quadrangular⁴²⁶.

A Igreja Assembléia de Deus no Brasil foi fundada em 18 de Junho de 1911 pelos missionários suecos, Gunnar Adolf Vingren e Daniel Högberg ou Berg, com o nome de Missão da Fé Apostólica em Belém. O nome Assembléia de Deus só passou a ser adotado em 1918. Em seu trabalho no país, para o qual vieram impulsionados pelo reavivamento em Chicago em 1909 e por uma profecia de que Deus os estava chamando para um lugar chamado Pará, Vingren e Berg adotaram as seguintes estratégias: evangelismo pessoal e colportagem (venda de Bíblias). No início da década de 20, a denominação já estava presente em sete estados brasileiros: Pará, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas. Ao final da década a denominação não apenas se expande nas regiões Norte e Nordeste do país, mas se faz presente também nas regiões Sul e Sudeste⁴²⁷.

Essa denominação se caracteriza por rigor na aparência, na vestimenta ou nos “costumes”, ênfase no batismo do Espírito Santo e na cura divina⁴²⁸. Embora tenha muitos pregadores leigos, a denominação tem se preocupado com a capacitação de obreiros em seminários e mantém seminários para tal fim⁴²⁹.

Em Belo Horizonte, o trabalho dessa denominação teve início em 17 de Março de 1927 com o missionário e comerciante Clímaco Bueno Asa⁴³⁰. Nesse dia foi realizado o primeiro culto da denominação na casa de Clímaco Asa e Júlia Lima Galvão no bairro Carlos Prates, sendo considerada esta a data do início da Assembléia de Deus na cidade. Clímaco Asa se converteu no Pará sob a influência do trabalho de Vingren e Berg em 1913 e se dispôs a viajar pelo país anunciando o evangelho e vendendo Bíblias. Antes de fixar residência em Belo Horizonte, Asa havia levado o evangelho e a denominação ao Amapá e ao Maranhão⁴³¹. A valorização do trabalho dos leigos é uma estratégia da Assembléia de Deus, o que parece

⁴²⁶ Cf. MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO, 2005.

⁴²⁷ Cf. CÉSAR, 2000.

⁴²⁸ Cf. ASSEMBLÉIA DE DEUS, 2008. Esta denominação traz orientações não apenas sobre vestimentas dos fiéis, como sobre seu comportamento e estabelece critérios para exclusão ou para disciplina dos seus seguidores.

⁴²⁹ Cf. FRESTON, 1996.

⁴³⁰ Apontam-se duas nacionalidades para Clímaco Asa. No site da denominação, diz-se que ele era boliviano e, na recuperação da história da Assembléia de Deus, Pedro Amaro Silva o define como colombiano.

⁴³¹ Cf. SILVA, 2000.

contribuir para sua expansão no país.

O primeiro templo da denominação foi inaugurado em 1929 em um imóvel alugado também no bairro Carlos Prates. Como conta Pedro Silva, a nova denominação foi recebida tanto com reservas, como com agressividade pelas demais denominações já presentes em Belo Horizonte. Ele menciona apedrejamento de templo recém-construído na região de Venda Nova e críticas das igrejas evangélicas existentes na cidade⁴³².

Entre as práticas valorizadas pelos assembleianos estão o jejum, orações de madrugada, cultos nos lares e ao ar livre, reuniões diárias no templo para ensaios de conjunto vocal, cultos, oração para cura. Quanto a suas ênfases, na Assembléia de Deus se buscam a transmissão do que denominam de evangelho completo (expresso em 14 tópicos em sua Confissão de Fé), valorização do batismo com o Espírito Santo com a manifestação através da glossolalia, busca por dons espirituais e por santificação. Este item é destacado por Pedro Silva como uma das exigências para o batismo: “Os novos crentes só se batizavam após 6 meses, no mínimo de um viver cristão ilibado; muitos crentes ficavam anos sem ser batizados, por lhes faltar o bom testemunho cristão”⁴³³.

Sucederam Clímaco Asa na liderança da denominação, missionários suecos, Nils Kastberg, Anders Johanson e Algot Svenson. Coube ao último solidificar a Igreja em Belo Horizonte e legalizá-la como pessoa jurídica sob o nome de Sociedade Evangélica Assembléia de Deus. Sob a liderança de Svenson foi adquirido o terreno para construção de um templo para 3000 pessoas, concluído em 1956. Svenson liderou o trabalho ministerial até 1958, quando foi substituído por Anselmo Silvestre, que se converteu como resultado do trabalho evangelístico da Assembléia de Deus na capital em 1939⁴³⁴. Silvestre foi diácono, evangelista, pastor antes de ser presidente da denominação⁴³⁵.

Em 1958, a Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil foi realizada em Belo Horizonte e em 1979, a denominação experimenta mudança de nome, passando a ser conhecida não mais como Sociedade Evangélica Assembléia de Deus, mas, simplesmente, Assembléia de Deus.

Em 2008, a Assembléia de Deus em Minas Gerais conta com 80.000 membros e cerca de 3.000 líderes entre pastores, evangelistas e diáconos⁴³⁶.

⁴³² Cf. SILVA, 2000.

⁴³³ SILVA, 2000, p. 22.

⁴³⁴ Cf. ASSEMBLÉIA DE DEUS, 2008.

⁴³⁵ Cf. FERREIRA, 1971.

⁴³⁶ Cf. ASSEMBLÉIA DE DEUS, 2008.

5.2.4 Igreja do Evangelho Quadrangular

A Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) possui cerca de 67.000 membros em Belo Horizonte, sendo a segunda denominação com maior número de fiéis na capital mineira. Essa denominação também é pentecostal como a Assembléia de Deus, no entanto guarda ênfases distantes desta, tanto quanto à teologia, como quanto aos usos e costumes, que a IEQ desconsidera⁴³⁷.

Conforme divisão estabelecida por Paul Freston, o pentecostalismo pode ser dividido em três ondas de implantação de igrejas: a primeira onda refere-se à chegada dos pentecostais no país na década de 10, tem como expoentes a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã e tem como eixo o norte e o nordeste do país; a segunda onda começa nos anos 50-60 em que o campo pentecostal se fragmenta em três grandes grupos, com as igrejas do Evangelho Quadrangular, Deus é amor e O Brasil para Cristo e tem como eixo a cidade de São Paulo; a terceira onda tem início nos anos 70, conta com a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus como principais representantes e tem como eixo o Rio de Janeiro⁴³⁸. A primeira onda refere-se à entrada do pentecostalismo no país, a segunda onda caracteriza-se pela ênfase em curas e milagres e é impulsionada pela cultura de massa, e, por fim, a terceira onda refere-se a igrejas que lidam com novas possibilidades litúrgicas, teológicas, éticas e estéticas do pentecostalismo⁴³⁹.

A IEQ faz parte da segunda onda. Foi fundada pela canadense Aimee Semple Mc Pherson em 1923. O fato de ter sido fundada por uma mulher e apoiar o pastorado feminino faz com que muitas das igrejas da denominação sejam dirigidas por mulheres: 35% da liderança é composta pelo sexo feminino. Essa denominação tem como principal base teológica o texto bíblico de Ezequiel 1:5-14, onde são descritos quatro seres vivos. Para Mc Pherson, cada um dos seres vivos enfatiza uma função da igreja e um atributo de Jesus: o ser com rosto de homem refere-se à salvação (Jesus Cristo Salvador), o ser com rosto de leão refere-se a batismo (Jesus Cristo batizador), o ser com rosto de boi refere-se a cura (Jesus Cristo, o médico), o ser com rosto de águia refere-se a outro atributo de Jesus, que é a coroa (Jesus Cristo, o rei que voltará). As quatro ênfases do Evangelho Quadrangular são, portanto, Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará.

Entre as características da IEQ está um pentecostalismo

⁴³⁷ Por usos e costumes, consideram-se questões relacionadas a comportamento e aparência dos fiéis, bem como quanto à vestimenta que devem ou não usar.

⁴³⁸ Cf. FRESTON, 1996, p. 71.

⁴³⁹ Cf. FRESTON, 1996, p. 71-72.

em que o pecado e o inferno perdem a centralidade, em favor do apelo às necessidades sentidas de cura física e cura psicológica (sinal de adaptação às sensibilidades da sociedade de consumo e às exigências do mercado religioso); e em que os tabus comportamentais são abrandados, pois já deixaram de ser funcionais para amplos setores urbanos.⁴⁴⁰

A denominação chegou ao país através de Harold Edwin Williams, ex-ator de filmes de Hollywood, em 1946. Williams era missionário e começou sua vida no país na cidade de Poços de Caldas, no sul de Minas, onde morou por dois anos. No entanto, o trabalho missionário só foi implantado definitivamente com a fundação da então Igreja Evangélica do Brasil em São João da Boa Vista⁴⁴¹. As campanhas evangelísticas e tendas como templos são algumas das características da denominação em seus primeiros anos.

Na década de 60, Williams foi substituído por George Russell Faulkner na liderança da igreja e o trabalho se expandiu com a ênfase evangelística e construção de templos.

A Igreja do Evangelho Quadrangular em Belo Horizonte deve suas origens a Mário de Oliveira, convertido em 1962 na cidade de Bauru. A implantação da IEQ em Belo Horizonte foi impulsionada por um trabalho anterior de Oliveira realizado em Juiz de Fora no ano de 1971. Em Juiz de Fora, em 1971, Oliveira realizava programas em rádio, cultos, oração pela cura de enfermidades, chegando a ter 10.000 pessoas em suas reuniões em uma quadra de esportes alugada para tais eventos. O início da IEQ em Belo Horizonte também se dá pela rádio e, posteriormente com reuniões, “manhã da bênção” e “tarde da bênção”. Devido ao sucesso das reuniões, tiveram que alugar um salão que, inicialmente comportava 500 pessoas, e, nas cruzadas, mais de 1000 pessoas freqüentavam as reuniões⁴⁴².

A utilização de cinemas como templos também foi estratégia utilizada pela IEQ, tanto para iniciar seu trabalho em Nova Lima, cidade próxima a Belo Horizonte, quanto em outras cidades.

Antônio Genaro de Oliveira, irmão de Mário de Oliveira, foi o responsável pela implantação da IEQ em Contagem, onde chegou em Abril de 1973. Tanto Mário de Oliveira, quanto Antônio Genaro, foram eleitos deputados pelo estado de Minas Gerais e têm sido eleitos há vários mandatos.

A denominação conta com seminários instalados também em Belo Horizonte para capacitação teológica, além de uma editora, a Quadrangular⁴⁴³.

⁴⁴⁰ FRESTON, 1996, p. 113.

⁴⁴¹ Cf. CÉSAR, 2000. O nome Igreja do Evangelho Quadrangular só foi recebido em 1958.

⁴⁴² Cf. ROSA, 1977, p. 234-246.

⁴⁴³ Segundo dados do site da denominação, esta conta com 40 Institutos Teológicos Médios e 100 Institutos teológicos básicos (com 4500 alunos e 1200 professores), uma escola por correspondência e um curso intensivo para pastores.

Em 2008, a denominação contava com 2887 pastores, 1488 aspirantes, 10648 obreiros credenciados, cerca de 38.000 diáconos e diaconisas e 1.600 milhão de fiéis⁴⁴⁴. Há 1288 igrejas no país, sendo 182 delas no estado de Minas Gerais⁴⁴⁵.

5.2.5 Neopentecostais

A categoria “outras igrejas pentecostais” com a qual o Censo define as demais denominações pentecostais é representada em Belo Horizonte por 3,3% da população ou cerca de 74.000 pessoas, constituindo o segundo maior grupo evangélico da cidade, superado apenas pelos batistas.

Esse grupo constitui o que José Bittencourt Filho denomina de pentecostalismo autônomo (PA). O termo “pentecostalismo autônomo” se aplica a igrejas que não possuem os Estados Unidos como matriz, ou são as igrejas “dissidentes daquele pentecostalismo [dos Estados Unidos] e/ou formadas em torno de lideranças fortes”⁴⁴⁶. Embora sejam várias as igrejas que compõem esse grupo, com peculiaridades doutrinárias e práticas diferenciadas, todas parecem ter como característica comum o apoio na tríade: cura, prosperidade e exorcismo⁴⁴⁷. Acredita-se na possibilidade de intervenção divina para curar qualquer doença, seja física ou emocional. Segundo Bittencourt Filho, “a função terapêutica do PA residiria, antes de mais nada e acima de tudo, na atenção que destina à população sofrida, que sente fruir o alento de ter sido lembrada por alguém [...] Mais do que nunca a massa necessita de cura para a alma”⁴⁴⁸. Quanto ao exorcismo, ele se refere à tentativa de dar respostas aos males que acometem às pessoas e à perda de valores morais. E, por fim, a prosperidade refere-se ao incentivo às contribuições financeiras para a Igreja, condicionando bênçãos divinas à doação de recursos materiais⁴⁴⁹.

Outra categoria censitária para os evangélicos, a categoria “outras evangélicas”, nome usualmente concedido a comunidades evangélicas protestantes acoberta cerca de 24.264 pessoas ou 1,1% da população da cidade de Belo Horizonte.

Já outras igrejas de missão, como luterana e metodista, são as denominações de 0,3% dos belorizontinos, ou seja, cerca de 6700 pessoas.

⁴⁴⁴ Cf. IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, [s.d.].

⁴⁴⁵ Cf. MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO, 2005.

⁴⁴⁶ BITTENCOURT FILHO, 1996, p. 24.

⁴⁴⁷ Cf. BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 194.

⁴⁴⁸ BITTENCOURT FILHO, 1996, p. 25.

⁴⁴⁹ Cf. BITTENCOURT FILHO, 1996, p. 26-28;

Embora as diferenças denominacionais pareçam marcantes, em muitas delas há semelhança quanto à ênfase teológica, como já foi mencionado, e à concepção de um tipo protestante ideal, ou o protestantismo da reta doutrina, cujas ênfases são a preocupação com a vida moral e com a obediência a formulações doutrinárias⁴⁵⁰. Entretanto, não apenas as doutrinas, mas o espírito protestante também faz parte desse tipo ideal, tendo como marcas a liberdade, a modernidade, a aquisição de bens como resultado da graça divina. Rubem Alves menciona que “a ideologia protestante unifica a liberdade do indivíduo, a democracia liberal e o progresso econômico como expressões do espírito do protestantismo”⁴⁵¹.

A influência do protestantismo norte-americano e europeu se manteve no protestantismo brasileiro tanto na teologia, quanto na hinologia, na literatura, nas tradições e no vestuário. No pentecostalismo e em denominações influenciadas por ela, percebe-se que a relação com a cultura brasileira é mais notável, tanto na incorporação de símbolos e traços da cultura nacional, como na atenção a questões que afetam diretamente a vida. Como menciona Bittencourt Filho:

No Brasil, as denominações e igrejas de origem reformada, engalfinhadas entre si, porém todas engolfadas no pietismo e no fundamentalismo, não conseguiram realizar o sonho dos pioneiros. Suas crises e desgastes somente cederam lugar ao protestantismo ultraconservador norte-americano e ao surgimento de novas expressões denominacionais sectárias e cada vez mais distantes da contribuição protestante. Uma dessas novas contribuições é o pentecostalismo, especialmente aquele que apelidaremos de pentecostalismo autônomo.⁴⁵²

Outro elemento em comum entre as denominações evangélicas no país é a influência da mídia na estruturação de sua identidade. A mídia televisiva, bem como a mídia eletrônica e, porque não dizer, literária, estabelecem referenciais para o cristão protestante aos quais este, passivamente, adere. Outras semelhanças entre elas, refere-se à matriz religiosa que as sustenta, cujos traços distintivos seriam uma visão mágica e utilitária da vida⁴⁵³.

Em muitas das igrejas protestantes, sejam elas do protestantismo clássico ou neoprotestantes, a busca por cura se faz presente ou a busca por alívio em situações de crise. Diante de tais situações, religião e Psicologia por vezes estão juntas e contribuem para minorar a dor. A seguir, será abordada a psicologização da fé através de um movimento denominado de cura interior.

⁴⁵⁰ Cf. ALVES, 1979.

⁴⁵¹ Cf. ALVES, 1979, p. 42.

⁴⁵² BITTENCOURT FILHO, 1996, p. 29.

⁴⁵³ Cf. BITTENCOURT FILHO, 1996.

5.3 A psicologização da fé: literaturas de auto-aconselhamento

O protestantismo desencantou o mundo, despojando-o de três elementos do sagrado: o mistério, o milagre e a magia, e fez isso retirando o valor dos rituais e da tradição. Com mensagens simples e valorização da Bíblia, esperava-se que os fiéis encontrassem um melhor relacionamento com Deus. Como menciona Antônio Gouvêa de Mendonça:

No protestantismo, a projeção de uma divindade radicalmente transcendente e de uma humanidade radicalmente decaída estabeleceu um vácuo intermediário, um vazio também radical. O único canal que perpassa todo esse vazio para estabelecer ligação entre o homem e o sagrado é a graça que se objetiva na 'Palavra de Deus'. A graça, diz Peter Berger, é o único e verdadeiro milagre protestante. O mundo em que o protestante vive é um mundo desencantado.⁴⁵⁴

Nesse mundo desencantado, já não é mais possível atribuir a entidades demoníacas todo o mal ou a razão dos infortúnios. No entanto, esse desencantamento se revelou frustrante, uma vez que a matriz religiosa brasileira apela para o mistério e a magia.

Serão abordadas a seguir duas possibilidades de reencantamento do mundo construída no contexto protestante: uma delas é o apego à Psicologia, e outra é o apego à batalha espiritual. O apego à Psicologia se fundamenta na busca por autoconhecimento e por alívio para sofrimentos emocionais e, com sua linguagem misteriosa, parece substituir a Bíblia, outrora fonte principal para que os cristãos se conhecessem. Bittencourt Filho pontua que o uso da Bíblia em comunidades pertencentes ao pentecostalismo autônomo é substituído pelo discurso dos líderes como fonte autoritativa⁴⁵⁵. E tais discursos se apropriam da Psicologia como referência. Geralmente, é a Psicologia Humanista a mais utilizada, mas percebem-se também referências à Psicologia Transpessoal, à Psicanálise, ao Behaviorismo, à Psicologia Transacional, como se os termos que especificam cada escola fossem indiferenciados. O apego à batalha espiritual se sustenta na premissa de que o diabo é a razão de todos os males que assolam a humanidade e para que as pessoas se vejam livres dele precisam seguir a rituais e tradições específicas. Há palavras mágicas que o expulsam e outras que o atraem, bem como objetos e gestos com as mesmas funções.

A relação entre Psicologia e religião se materializa com o surgimento da clínica pastoral com o pastor Anton Boisen, teólogo e estudioso da Psicanálise freudiana, especialista em Psicologia da Religião, no ano de 1925 nos Estados Unidos. Boisen é considerado o fundador do

⁴⁵⁴ MENDONÇA, 1984, p. 146-147.

⁴⁵⁵ Cf. BITTENCOURT FILHO, 2003.

aconselhamento cristão. Para ele, religião e psicanálise podiam juntas contribuir para a inserção de pessoas com sofrimentos mentais à igreja, como se percebe na citação abaixo:

Em vez de deixar que o psiquiatra permaneça como guardião exclusivo das regiões psíquicas profundas, estou esperançoso e trabalhando para o dia em que o especialista em religião será capaz, com a ajuda daquele profissional, de descer às profundezas de abismos escabrosos apoiando aqueles que são capazes de reagir, em que um eu saudável anseia por nascer.⁴⁵⁶

A aproximação entre cuidado pastoral e Psicologia se acentua com a apropriação, por muitos pastores, dos ensinamentos de Carl Rogers. A abordagem não diretiva de Rogers trouxe aos líderes das igrejas maior segurança para seus contatos com as pessoas, e os termos rogerianos auto-realização e auto-atualização assumiram proeminência. Nos anos 60, muitos pastores abandonaram o aconselhamento nas igrejas e passaram a praticá-lo fora do ambiente eclesial em parceria com terapeutas seculares e, ao fazerem isso, se aproximam do que Dan Blazer denomina de terapias populares seculares⁴⁵⁷. Essas terapias visam atender às demandas dos cristãos na contemporaneidade e essas estão ligadas à gratificação imediata, à auto-realização, ao bem-estar emocional, ao alívio imediato do sofrimento, ou, como já foi mencionado, os mesmos elementos que impulsionam a busca por literatura de ajuda parecem suscitar a busca por aconselhamento e pelo sucesso nessa procura.

O sucesso de tais terapias se baseia no papel distintivo exercido pelo líder eclesial, como afirma Blazer: “[...] o conselheiro pastoral é um pastor que aconselha utilizando métodos, na maioria das vezes, idênticos àqueles usados pelo psicólogo secular”⁴⁵⁸. O título eclesial deixa de conferir credibilidade apenas teológica e passa a conferir também credibilidade psicológica. Entre as terapias seculares, conta-se a cura interior.

A cura interior é uma expressão do aconselhamento cristão evangélico e tem como características a praticidade tanto no modo como ocorre, quanto nas orientações concedidas, a ênfase na mudança de vida a curto prazo, a utilização da Bíblia de forma pragmática, como manual para o bem-viver. Sobre isso pontua Blazer: “A confissão e o exame de vida têm sido desprezados. Os cristãos evangélicos modernos querem se sentir bem com relação ao aqui e agora, e a indústria do aconselhamento cristão tem apoiado esta tendência”⁴⁵⁹.

Os movimentos de cura interior têm origem na década de 60 nos Estados Unidos e se baseiam na crença de que as pessoas necessitam de uma viagem de regressão no tempo, a fim

⁴⁵⁶ BOISEN *apud* BLAZER, 2002, p. 93.

⁴⁵⁷ Cf. BLAZER, 2002, p. 96-97.

⁴⁵⁸ BLAZER, 2002, p. 97.

⁴⁵⁹ BLAZER, 2002, p. 171.

de tratarem suas feridas interiores. “A metodologia desse retorno ao passado apresenta-se sob diversos títulos, dentre eles ‘cura interior’, ‘cura das memórias’, ‘integração primal’, ‘cura da árvore genealógica’”⁴⁶⁰.

Cada um desses títulos refere-se a um modelo, um teórico, uso de uma abordagem psicológica específica e tem finalidades peculiares. Independentemente do modelo de cura interior adotado, há ênfases na regressão ao ventre materno (onde se acredita estar a origem de muitos traumas) e estímulo ao emergir de lembranças recalçadas, além do estímulo à interioridade.

Por cura interior, se entende o processo de reconstrução emocional sob a direção do Espírito Santo⁴⁶¹. Para que esse processo ocorra, há uma metodologia que leva à descoberta da fonte do problema, orientações de como se ver livre das lembranças do passado e ele traz como efeitos o perdão e a reconstrução da vida. São utilizadas como técnicas a imaginação pela fé e o aconselhamento pela oração. Pelo primeiro, defendido por Ruth Stapleton, se imagina a presença de Deus em cada um dos momentos traumáticos descritos pelas pessoas⁴⁶². Tais momentos são divididos em anos de vida e imaginados como degraus que ela precisa escalar; pelo segundo, busca-se direção do Espírito Santo para que se possa descobrir cicatrizes emocionais que necessitem da imaginação pela fé. Percebe-se que uma técnica não prescinde da outra⁴⁶³. Quanto às escolas psicológicas que respaldam esse trabalho, nota-se a influência da psicologia humanista e da terapia comportamental. A cura interior “é um meio de trazer à consciência lembranças e sentimentos reprimidos, ou de encarar suas implicações”⁴⁶⁴ o que é positivo e se aproxima do que a Psicologia também faz.

Outra metodologia de cura interior, proposta pelo médico escocês, Frank Lake, é denominada de integração primal. Lake defende que a pessoa deve encontrar seu eu no verdadeiro Eu, que é Cristo. Para isso, ele se vale de uma metodologia eclética que agrega escolas psicológicas diferenciadas e antagônicas, como

o treinamento de relaxamento e expressão, próprio da terapia comportamental, as imaginações orientadas e as viagens de fantasia, características da Gestalt-terapia, a sensibilidade à postura da bioenergética e o cuidadoso e constante registro de experiências defendido por Ira Progoff nos Estados Unidos.⁴⁶⁵

⁴⁶⁰ HURDING, 1995, p. 411.

⁴⁶¹ Cf. HURDING, 1995.

⁴⁶² Ruth Stapleton é mentora de vários teóricos da cura interior, como David Seamands e Betty Tapscott. Seus livros estão disponíveis no mercado editorial evangélico brasileiro.

⁴⁶³ Cf. HURDING, 1995, p. 418.

⁴⁶⁴ HURDING, 1995, p. 435.

⁴⁶⁵ HURDING, 1995, p. 428.

Nessa metodologia defende-se a identificação com os sofrimentos do Cristo crucificado, o que atenuaria a dor emocional. Há uma série de passos que cada pessoa precisa vivenciar para se ver liberta de suas dores emocionais.

E, por fim, há a terceira metodologia de cura interior, denominada cura da árvore genealógica, que também é conhecida nas igrejas protestantes, como maldição hereditária. O idealizador dessa abordagem, Kenneth McAll, também é médico escocês, convenceu-se “de que o mundo espiritual contém influências tanto boas quanto más”⁴⁶⁶ e defendeu a síndrome da possessão. Ele sustenta que a origem dos problemas emocionais deve ser buscada na árvore genealógica de cada um e que haveria um espírito ancestral a impedir a vida de seu descendente, como pode ser confirmado na citação abaixo:

os efeitos perniciosos da ‘possessão’, entre os quais fobias, esquizofrenia e uma variedade de doenças físicas, podem ter origem em ancestrais recentes ou mais antigos, em natimortos, em abortos espontâneos ou provocados entre os antepassados e em aparições de ‘espíritos intranquilos’ no lugar em que aquele que sofre atualmente vive. Vítimas de morte violenta, os que cometeram suicídio e os que morreram ‘amaldiçoados’, afirma-se, muitas vezes são fonte de problemas inexplicáveis nos desafortunados descendentes.⁴⁶⁷

Esse modelo, embora muito criticado e pouco cristão, por defender elementos espíritas, está presente em igrejas protestantes e na literatura cristã protestante. Como o espiritismo faz parte da matriz religiosa brasileira, compreende-se a razão de sua permanência nas igrejas brasileiras⁴⁶⁸. Acreditar que seria possível ficar livre de problemas localizando o espírito demoníaco subjacente a ele, não apenas elimina de cada um a responsabilidade por seu problema, como preserva o status de vítima. E é com as vítimas que a literatura de cura interior dialoga, muitas vezes trazendo consciência do poder maligno por detrás de problemas emocionais e, em outras vezes, fazendo um deslocamento abrupto de vítima para agente, ou seja, responsabilizando unicamente a pessoa por seu sucesso e fracasso, como se a vida pudesse ser controlada. Percebe-se o deslocamento abrupto com os apelos ao autoconhecimento e a atribuição da “culpa” a Deus ou ao antepassado ou ainda à sua índole que se recusa à santificação e à aproximação de Cristo.

A cura interior é promovida em encontros individuais ou coletivos, divulgada em palestras e seminários, e ainda sustentada por uma vasta literatura, a literatura popular de aconselhamento ou literatura cristã de auto-ajuda. Esses termos são utilizados para se referir a

⁴⁶⁶ HURDING, 1995, p. 431.

⁴⁶⁷ HURDING, 1995, p. 432.

⁴⁶⁸ Cf. SCHULTZ, 2005.

uma literatura que estimula o autoconhecimento, vale-se do vocabulário psicológico e do vocabulário teológico e encoraja o pensamento positivo e a crença em Deus para que todos os problemas emocionais sejam superados.

A literatura cristã de auto-ajuda teve início nos anos 80. Importada do contexto norte-americano, vale-se do ecletismo psicológico e apresenta soluções para conflitos sociais e emocionais. Usando uma linguagem de sucesso, técnicas para instruir, inspirar e doutrinar e fórmulas prontas, a literatura cristã de auto-ajuda oferece aos leitores respostas e garantias, o que promove alento diante das incertezas e conflitos do cotidiano⁴⁶⁹.

Esses livros lidam com problemas emocionais sérios, como depressão e psicopatologias de forma prática e pouco cuidadosa: “[...] os livros cristãos populares são feitos sob medida para a pessoa saudável e servem mais para elevar a confiança do que para confrontar as realidades de sofrimentos emocionais sérios”⁴⁷⁰. Tais obras são aplicações seculares da psiquiatria e da psicologia com orientação evangélica. Da Psicologia se valem do discurso e da teoria das correntes rogeriana, comportamental, existencial, além de elementos da teoria psicanalítica, e da Psiquiatria trazem uma orientação fenomenológica das psicopatologias.

Essa literatura no universo protestante tem outro mérito, o de reafirmar a palavra de seus autores, por vezes, pastores: “Por meio de pequenas passagens das Escrituras, através dos livros de psicologia popular, os escritores cristãos firmam sua credibilidade dentro da comunidade evangélica, sem preocupação com suas mensagens”⁴⁷¹.

Os autores da literatura de auto-ajuda cristã são, por vezes, pastores, pastoras, cuja credibilidade é atestada pelo título eclesial que ostentam. Blazer destaca que dos quatro maiores autores de livros evangélicos nos Estados Unidos, nenhum possuía formação em psicologia ou psiquiatria, mas influenciam a maneira das igrejas lidarem com os sofrimentos emocionais. A utilização de uma linguagem de esperança associada a terapias cognitivo-comportamentais, à promessa de que será possível vencer a angústia emocional e ao uso do pensamento positivo tornam autores como David Seamands, Tim La Haye, Robert Schuller, sucessos de venda nos Estados Unidos e também no Brasil⁴⁷². E todos eles parecem ter herdado de Norman Vincent Peale a capacidade de unir teologia, psicologia e orientações práticas para promoção do bem-estar pessoal. Como comenta Blazer, “As raízes do aconselhamento popular evangélico [...] se voltam para o passado, aos guias práticos do início

⁴⁶⁹ Cf. KAMINER, 1991, p. 302.

⁴⁷⁰ BLAZER, 2002, p. 178.

⁴⁷¹ BLAZER, 2002, p. 172.

⁴⁷² Cf. BLAZER, 2002, p. 180-189.

do século 20, tais como *O poder do pensamento positivo*, de Norman Vincent Peale⁴⁷³.

Entre as obras, há semelhanças quanto à compreensão de universo, de ser humano, de Deus, de mal: o universo é um lugar justo e organizado em que tudo visa ao bem do ser humano, o ser humano deve se submeter ao amor de Deus, sem o qual sua vida fica incompreensível e necessita de redenção, Deus é um pai amoroso e confiável, o mal tem origem satânica. Defendem ainda que o “amor a si mesmo” é imperativo para o amor ao próximo. Ao se eleger como referência máxima, cada homem e mulher estabelece para si também uma nova concepção de tempo, em que o passado não é mais irreversível, imutável, irremediável; estabelece-se a afirmação do eterno retorno, marcada pela circularidade do tempo como doutrina cosmológica e o eterno retorno como doutrina ética, ou seja, a supervalorização da vontade⁴⁷⁴.

A literatura de auto-ajuda cristã não apenas endossa o poder da vontade humana, mas a conecta a Deus, o referencial máximo. Ao postular isso, tanto atende às demandas do ser humano moderno, que busca respostas para sua ansiedade e para atender às exigências da contemporaneidade, como lhe recupera a identidade de filho de Deus e cuidado por Ele.

O maniqueísmo também se faz presente nesses livros, reiterando a necessidade de guerrear contra os demônios; no entanto, estes já não habitam apenas o meio externo, mas podem atuar também no interior. Como menciona Carlos Roberto Nogueira, “é um mundo de desequilíbrio, no qual, entre Deus e Satanás - nesse trágico dualismo que, embora não admitido dogmaticamente, é vivenciado na prática, - o homem deve combater a tentação da carne cotidianamente presente”⁴⁷⁵.

Os demônios passaram a representar os desejos que cada pessoa possui e muitas vezes recusa a admitir como seus, especialmente os que são desconsiderados pela Igreja. Conforme Carlos Nogueira, a presença do diabo estimula as missões protestantes, porque o temor do triunfo dele promove a evangelização. O mal se manifesta no interior e no exterior, e as pessoas são sempre vítimas dele.

Para Schultz, o protestantismo não consegue expulsar o mal, mas o evoca todo o tempo, embora a teologia protestante tenha um lugar estabelecido para ele. Para os fiéis brasileiros, essa teologia de estabelecer um lugar para o mal não funciona, uma vez que no imaginário brasileiro, o dualismo sempre está presente e é importante que não se exorcize

⁴⁷³ Cf. BLAZER, 2002, p. 178.

⁴⁷⁴ Cf. KAMINER, 1991.

⁴⁷⁵ NOGUEIRA, 2000, p. 43.

para sempre o mal⁴⁷⁶.

Cura interior e batalha espiritual costumam ser parceiras na literatura cristã de auto-ajuda. A batalha espiritual é um modelo de enfrentamento de crises utilizado principalmente pelas igrejas neopentecostais. Busca-se “reforçar a alma para resistir aos ataques violentos das forças satânicas”⁴⁷⁷. Nesse modelo há a polarização de forças entre Cristo e o diabo.

Como o temor ao mal e seus efeitos faz parte da matriz religiosa brasileira, ao se converter ao protestantismo, o recém-convertido traz para a nova religião sua matriz religiosa, como se nota na citação a seguir: “O grande inimigo e causador dos males passa a ser identificado e desmascarado, com a vantagem adicional de que agora presumivelmente estaria disponível um poder maior para enfrentá-lo”⁴⁷⁸. A luta contra os demônios demonstra a tentativa de controlar as incertezas, como sustenta Duglas Teixeira Monteiro; no entanto, algumas comunidades os afastam e outras os enfrentam:

No pentecostalismo tradicional, eles são antes mantidos à distância do que enfrentados. Estão ‘no mundo’ - que é ‘posto no Maligno’ - garantindo-se a comunidade dos salvos contra suas perigosas incursões e conservando-os afastados dos crentes [...] Na cura divina, são enfrentados em embates que, não apenas não são temidos, como, ao contrário, são buscados.⁴⁷⁹

Como menciona James Farris, “Tal modelo igualmente resiste à inclusão intencional do entendimento e da interpretação psicológicos, quando não a rejeita como negação à centralidade e espiritualidade”⁴⁸⁰. Esse modelo de batalha espiritual coexiste com dois outros modelos de enfrentamento de crises, conforme Farris, a junção entre batalha espiritual e cura interior é o segundo modelo, e o terceiro se caracteriza pela união de espiritualidade e psicologia. Farris menciona que o segundo modelo se manifesta em muitas igrejas protestantes e “vê a alma ou o espírito humano como um campo de luta, mas usa técnicas e modelos psicológicos como instrumentos para resgatar a alma ou banir as forças do mal”⁴⁸¹. E, por fim, o terceiro modelo é mais utilizado em igrejas históricas e mescla conceitos da abordagem humanista, da psicanálise e espiritualidade, e que já foi mencionado anteriormente⁴⁸².

Independentemente da ênfase das obras variar entre apenas cura interior, cura interior e batalha espiritual, ou apenas batalha espiritual, toda literatura que versa sobre essas

⁴⁷⁶ Cf. SCHULTZ, 2005.

⁴⁷⁷ FARRIS, 1996, p. 103.

⁴⁷⁸ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 198.

⁴⁷⁹ MONTEIRO, 1982, p. 108.

⁴⁸⁰ FARRIS, 1996, p. 103

⁴⁸¹ FARRIS, 1996, p. 103.

⁴⁸² Cf. FARRIS, 1996, p. 104

temáticas poderia ser considerada literatura de auto-ajuda cristã. Em muitos momentos, esses livros contribuem para trazer conforto e orientação, além de enfatizarem o poder da vontade para mudança de vida e para melhoria dos relacionamentos com outras pessoas e consigo, além do desenvolvimento da espiritualidade.

No entanto, também deveriam ser objeto de críticas, segundo Wendy Kaminer⁴⁸³. Essas críticas se referem à semelhança com a literatura de auto-ajuda secular e seu principal objetivo, que é promover sucesso e bem-estar, à presença de referenciais não cristãos como se o fossem, ao uso de textos bíblicos para endossar as questões psicológicas previamente defendidas. Como comenta Kaminer, enquanto escritores religiosos repetem com insistência que a psicologia é uma ferramenta espiritual, outros terapeutas consideram a religião também apenas terapêutica, e ambas parecem se tornar uma só⁴⁸⁴.

Nessa literatura tanto as necessidades do presente, quanto as do futuro são atendidas, Bíblia e Psicologia são colocados como auxílios complementares, a vontade humana e a soberania de Deus parecem caminhar juntas.

A orientação diretiva, referências a personagens bíblicas que passaram por problemas semelhantes, a linguagem psicológica como “referência científica”, o fato do autor ser pastor ou pastora, portanto autoridade espiritual, o estímulo à introspecção são outras características dessa literatura a qual muitos cristãos protestantes aderem. O desejo de ter as questões emocionais resolvidas, o passado resolvido, as angústias pela história pessoal amenizada são alguns dos elementos motivadores à leitura desses livros, o que será analisado pelas pesquisas com evangélicos apresentada no próximo capítulo.

⁴⁸³ Cf. KAMINER, 1991.

⁴⁸⁴ Cf. KAMINER, 1991.

6 O LEITOR PROTESTANTE E A LITERATURA DE AUTO-AJUDA CRISTÃ

Para confirmar a hipótese desta pesquisa de que há uma literatura de auto-ajuda cristã que mescla os discursos psicológico e religioso e contribui para resolução de problemas pessoais e espirituais de seus leitores, foram realizadas entrevistas com cristãos evangélicos da região metropolitana de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas no ano de 2007. O universo da pesquisa constou de 768 pessoas de denominações protestantes previamente definidas. As pesquisas foram realizadas em dois momentos: no primeiro semestre de 2007, entre os dias 29 de Abril a 27 de Maio de 2007, foram entrevistadas 274 pessoas e, no segundo semestre de 2007, foram entrevistadas 494 pessoas entre os dias 23 de Setembro a 14 de Outubro de 2007.

6.1 Metodologia das pesquisas

As entrevistas foram devidamente encaminhadas conforme as exigências da pesquisa quantitativa e os entrevistadores as realizaram em ambientes de pertença religiosa que lhes convieram. A amostra adotada na pesquisa foi a amostra por conveniência ou acessibilidade. Embora seja a menos criteriosa das amostras, acredita-se que ela oferece algumas observações relevantes sobre o perfil do leitor protestante, suas motivações para a leitura e os benefícios decorrentes dela⁴⁸⁵.

Os entrevistadores puderam escolher a comunidade evangélica em que realizariam as entrevistas e foram orientados a proceder o mínimo de quinze entrevistas e o máximo de vinte. Para a seleção dos entrevistados, foram definidos alguns critérios: idade (entre 20-59 anos) e relação entre homens e mulheres: 12 mulheres e 8 homens, no caso de 20 entrevistas; e, no caso de 15 entrevistas, a relação era de 9 mulheres e 6 homens.

A primeira exigência obedeceu ao critério do Censo 2000 que tem como população economicamente ativa o grupo etário entre 20-59 anos. Como um dos itens a ser pesquisado

⁴⁸⁵ Segundo Antônio Gil, a amostra por conveniência é melhor empregada em estudos exploratórios ou qualitativos, em que não se exige alto nível de precisão. Nesta pesquisa, ela se justifica porque tem-se o objetivo de apontar a existência dessa literatura, suscitar alguns questionamentos sobre a motivação para sua existência ou não, bem como seus possíveis benefícios. Não se pretende tecer considerações mais aprofundadas sobre um tema já bastante pesquisado, como ocorre em amostras com maior rigor estatístico (Cf. GIL, 2006, p. 104).

abordava a motivação para escolha de livros, e esta pode estar ligada à capacidade de compra, optou-se por escolher como entrevistados pessoas que fizessem parte do grupo economicamente ativo. E, o segundo critério para as entrevistas também tomou os dados do Censo 2000 como referência, que apontou que cerca de 60% do público evangélico é formado por mulheres e 40% é constituído por homens.

Para a coleta de dados, os entrevistadores seguiram um roteiro em forma de questionário semi-estruturado. Esse questionário constava de doze perguntas na pesquisa realizada no primeiro semestre de 2007 (uma delas era a pergunta de corte para seleção dos entrevistados: “Você leu algum livro evangélico, exceto a Bíblia nos últimos 2 anos?” retirada no questionário posterior) e onze perguntas na segunda pesquisa.

Nas perguntas do questionário se buscavam, em um primeiro momento, informações sobre o perfil do leitor evangélico, livros que leu em 2007, elementos que influenciam escolha de livros, benefícios decorrentes da leitura, bem como a relação entre leitura de livros e resolução de problemas pessoais. E, em um segundo momento, buscava-se perceber a relação entre pós-modernidade e leitura de livros, bem como tentar compreender as escolhas do leitor evangélico a partir das concepções das correntes psicológicas que sustentam a literatura de ajuda: psicologia humanista, psicologia transpessoal e psicologia positiva.

Foram observados problemas na primeira pesquisa que motivaram à reformulação do roteiro para a segunda pesquisa. Esses problemas decorreram de enunciados mal formulados, perguntas com respostas difusas, ausência de opções de respostas, organização confusa de dados na primeira pesquisa, que foram melhor organizados e com mais opções de respostas na segunda pesquisa. Observou-se também a necessidade de explorar mais o livro mencionado pelos leitores na primeira pergunta ao invés de generalizar as perguntas como foi feito no primeiro questionário, o que foi corrigido no questionário aplicado na pesquisa do segundo semestre de 2007.

Percebeu-se também a necessidade de ampliar as denominações protestantes a serem pesquisadas e também as cidades. Na primeira pesquisa, os entrevistadores foram orientados a realizar as entrevistas apenas em igrejas de Belo Horizonte e Contagem e das seguintes denominações: batista, presbiteriana, pentecostal e neopentecostal. A questão mereceu reformulações na nova pesquisa. Tanto os metodistas quanto os membros de comunidades cristãs protestantes, que, no Censo são classificadas como “outras evangélicas”, ficaram fora da pesquisa. A não inclusão do primeiro grupo se justifica pelo fato de não existir entre os entrevistadores quem se dispusesse a realizar pesquisa em uma igreja metodista. No entanto, não se justificava a exclusão do grupo: “outras evangélicas”, uma vez que retrata uma

tendência dos protestantes que é a de criar novas igrejas e se filiar a igrejas não denominacionais.

Quanto à ampliação para outras cidades que não somente Belo Horizonte e Contagem, ela se justificou pelo interesse em conhecer também o perfil de leitores evangélicos em outras cidades circunvizinhas a Belo Horizonte, que não somente Contagem. Por isso puderam ser realizadas entrevistas em Betim, Ribeirão das Neves, Pedro Leopoldo e Sete Lagoas.

Nesta tese serão analisadas separadamente cada uma das pesquisas. A análise das duas pesquisas se justifica porque há dados na primeira pesquisa que são reiterados na segunda, e há outros que forneceram indicadores que foram melhor trabalhados na segunda pesquisa.

6.2 Primeira pesquisa

Serão apresentados, a seguir, dados sobre a primeira pesquisa. Inicialmente será exposto o perfil dos entrevistados e, posteriormente, serão trabalhadas cada pergunta e suas respectivas respostas.

6.2.1 O perfil dos entrevistados

Para a primeira pesquisa foram coletadas 274 entrevistas. Sobre o perfil dos entrevistados têm-se os seguintes dados: 121 homens (44,2%) e 153 mulheres (55,8%), que corresponde às orientações dadas aos entrevistadores.

Quanto à idade predominante, os jovens, entre 20-34 anos, foram o maior grupo entrevistado, correspondendo a 52,9% dentre os que responderam ao questionário. A escolaridade da maior parte dos entrevistados era ensino médio completo (34,3%). Os menores grupos quanto à escolaridade eram, respectivamente, ensino fundamental incompleto (6,6%) e pós-graduação (4,8%).

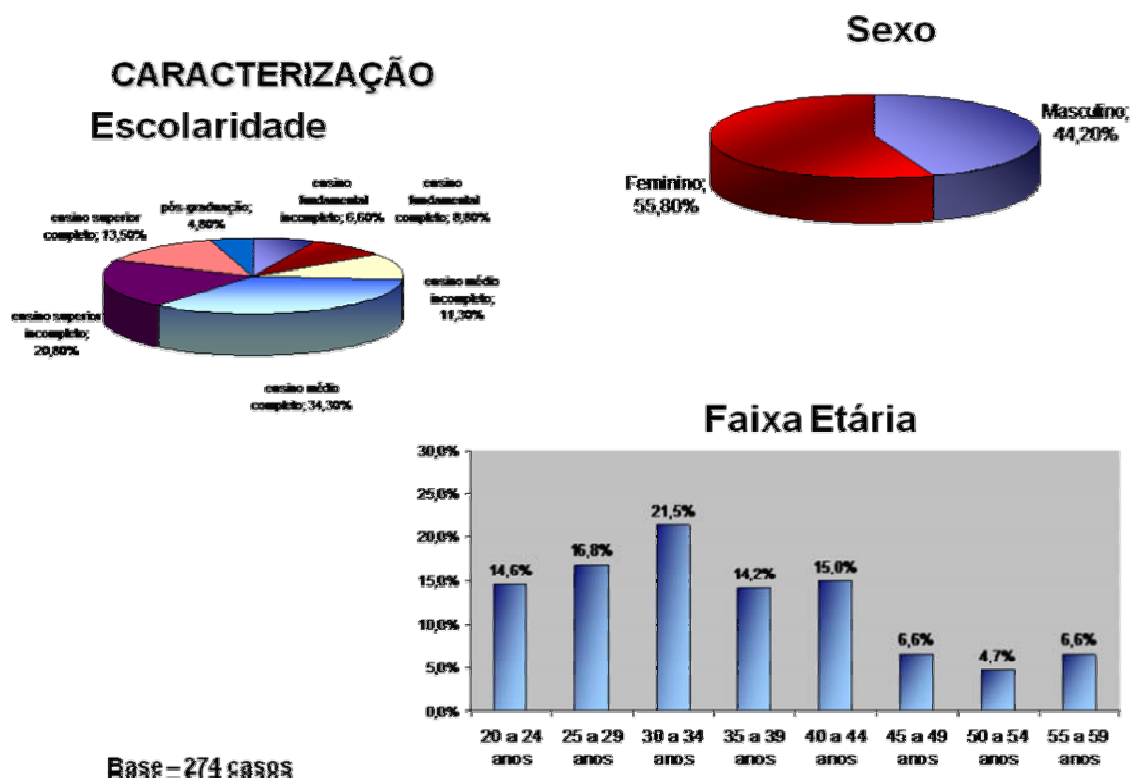


Figura 1 - Representações de escolaridade, sexo e faixa etária na pesquisa 1

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

No que se refere à igreja de pertença, 57,7% pertenciam a igrejas batistas e, em segundo lugar estavam as igrejas pentecostais (20,1%), representadas pelas igrejas Assembléia de Deus (duas comunidades) e Igreja do Evangelho Quadrangular. O grupo neopentecostal retratado na pesquisa (7,3%) pertence à Igreja Internacional da Graça de Deus, e o grupo presbiteriano (15%) refere-se à 4ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte e à Igreja Presbiteriana Betel, na mesma cidade. As igrejas batistas foram representadas por sete comunidades; de Contagem, listam-se Ministério Batista Adonai, Igreja Batista Nacional Elohin, Igreja Batista Filadélfia Renovada, Igreja Batista Peniel do Bairro Amazonas, e, de Belo Horizonte, 1ª Igreja Batista em Palmeiras, Igreja Batista Caminhos da Vida, Igreja Batista da Lagoinha e Igreja Batista do Barro Preto. A maior parte dessas igrejas batistas comporta o título de igrejas renovadas ou pertencentes à Convenção Batista Nacional⁴⁸⁶.

Quanto ao tempo de conversão, a característica desse grupo de entrevistados é o elevado tempo de conversão: 38,7% deles possuem mais de 15 anos de conversão, o que sugere que, por ser um grupo jovem, devem ser filhos de evangélicos que adotaram a fé de

⁴⁸⁶ A Convenção Batista Nacional (CBN) foi criada em 1969 para congregar igrejas batistas que adotam características do pentecostalismo, como crença no batismo do Espírito Santo como segunda bênção, falar em línguas como sinal desse batismo, crença em revelações, visões, sonhos, profecias. (Cf. TOGNINI, 1993; CINTRA, 2007).

seus pais.

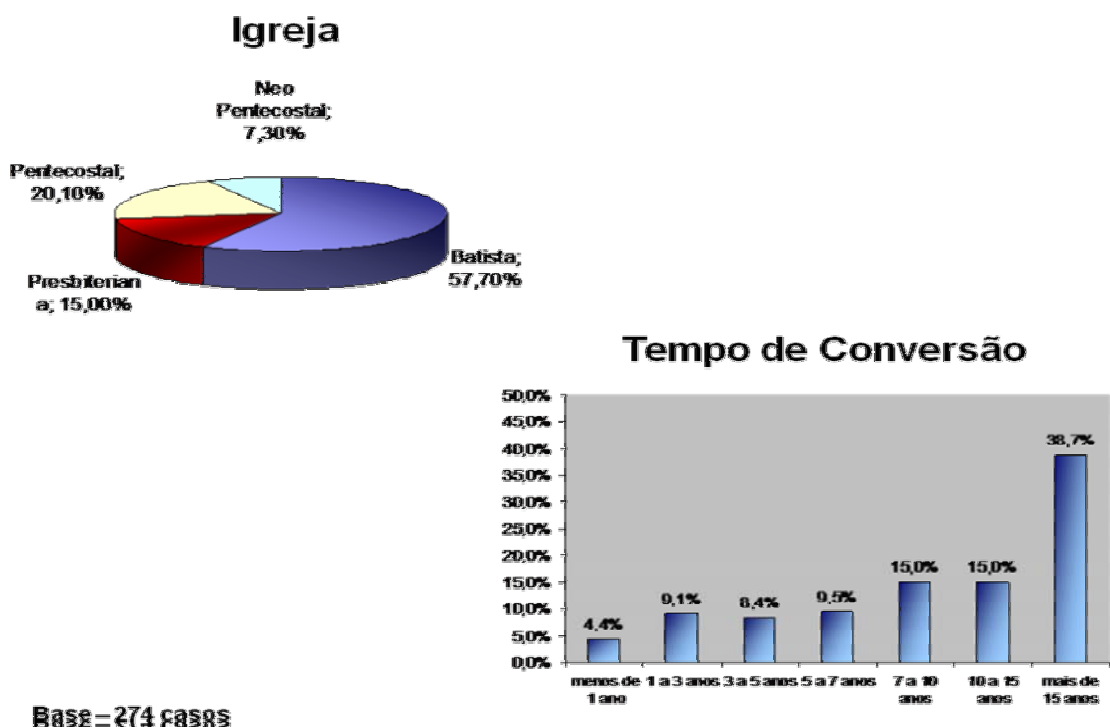


Figura 2 - Igreja de pertença e tempo de conversão na Pesquisa 1

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

6.2.2 Análise das questões

Cada questão da pesquisa será analisada separadamente. As respostas das questões serão analisadas junto às categorias: idade, sexo, escolaridade, tempo de conversão, igreja de pertença.

6.2.2.1 2ª questão: “Você leu algum livro evangélico, exceto a Bíblia, nos últimos dois anos?”

Por favor, cite o nome de dois desses livros”

Como já foi mencionado, a primeira questão foi a pergunta de corte e foi retirada na segunda pesquisa.

Na resposta à segunda questão, os entrevistadores apontaram a dificuldade em coletar esse dado. Em muitos questionários há menção a apenas um título, o que fez com que essa questão fosse revista em entrevistas posteriores. Foram listados 273 títulos, entre títulos evangélicos e não evangélicos, como: *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, de Mark Baker e os livros que fazem parte da coleção *Análise da inteligência de Cristo*, coleção composta por 5 volumes, de Augusto Cury: *Mestre dos mestres*, *Mestre do amor*. O primeiro livro foi citado

apenas por batistas, o segundo por batistas e presbiterianos e o terceiro apenas por presbiterianos.

Nas orientações aos entrevistadores para coleta de dados, foi solicitado que desconsiderassem respostas dos entrevistados que apontassem para literatura não evangélica, como ocorre com os livros supra-citados, e refizessem a pergunta, solicitando outros nomes. No entanto, tal recomendação não foi seguida por alguns entrevistadores, o que sugere que talvez eles também percebam tais obras como parte da literatura evangélica.

Dos 273 títulos mencionados, apenas 66 títulos são mencionados por mais de uma pessoa; os demais 207 foram mencionados por um único leitor ou leitora.

Os cinco livros mais mencionados foram, nessa ordem, *Uma vida com propósitos*, citada por 8% dos entrevistados (20 pessoas) nas igrejas batista, presbiteriana e pentecostal, *Bom dia, Espírito Santo* e *Evangelismo por fogo*, *Os caçadores de Deus* mencionados, cada um deles por 5,5% dos entrevistados (ou 14 pessoas) e, por fim, o livro *Ele veio para libertar os cativos*, lembrado por 4,7% dos entrevistados (ou 12 pessoas).

As tabelas com os cinco livros mais lidos e sua relação com sexo, idade, escolaridade, igreja de pertença e tempo de conversão dos entrevistados precederá sua análise mais cuidadosa a seguir.

Tabela 1 - Livros mais lidos e relação com escolaridade e sexo

	Geral	Sexo		Escolaridade							
		Masculino	Feminino	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação	não sabe/não Respondeu
UMA VIDA COM PROPÓSITO	8,0%	7,4%	8,5%		8,3%	6,5%	9,6%	8,8%	8,1%	8,3%	
BOM DIA ESPÍRITO SANTO	5,5%	3,3%	7,2%	22,2%	4,2%		6,4%	1,8%	2,7%	8,3%	100,0%
EVANGELISMO POR FOGO	5,5%	7,4%	3,9%			12,9%	6,4%	8,8%			
OS CAÇADORES DE DEUS	5,5%	6,6%	4,6%	5,6%		3,2%	8,5%	7,0%	2,7%		
ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	4,7%	6,6%	3,3%	16,7%		3,2%	5,3%	3,5%	5,4%		

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Tabela 2 - Livros mais lidos e relação com faixa etária

	Geral	Faixa Etária							
		20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
UMA VIDA COM PROPÓSITO	8,0%	10,0%	4,3%	6,8%	5,1%	7,3%	16,7%	15,4%	11,1%
BOM DIA ESPÍRITO SANTO	5,5%	7,5%		5,1%	15,4%	7,3%			
EVANGELISMO POR FOGO	5,5%	12,5%	4,3%	3,4%	7,7%	4,9%		7,7%	
OS CAÇADORES DE DEUS	5,5%	12,5%		1,7%	7,7%	9,8%	5,6%		5,6%
ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	4,7%	7,5%	8,7%	1,7%	7,7%		5,6%		5,6%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Tabela 3 - Livros mais lidos e relação com igreja de pertença

	Geral	Igreja				
		Batista	Presbiteriana	Pentecostal	Neopentecostal	
UMA VIDA COM PROPÓSITO	8,0%	6,3%	17,1%	9,1%		
BOM DIA, ESPÍRITO SANTO	5,5%	6,3%	7,3%	3,6%		
EVANGELISMO POR FOGO	5,5%	3,2%		14,5%	10,0%	
OS CAÇADORES DE DEUS	5,5%	6,3%	9,8%	1,8%		
ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	4,7%	7,0%		3,6%		

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Tabela 4 - Livros mais lidos e relação com tempo de conversão

	Geral	Tempo de Conversão						
		menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos
UMA VIDA COM PROPÓSITO	8,0%	8,3%		8,7%	3,8%	12,2%	7,3%	9,4%
BOM DIA, ESPÍRITO SANTO	5,5%		12,0%		3,8%	4,9%	4,9%	6,6%
EVANGELISMO POR FOGO	5,5%	16,7%	4,0%	13,0%	3,8%	4,9%	4,9%	3,8%
OS CAÇADORES DE DEUS	5,5%	16,7%		8,7%	11,5%	7,3%	2,4%	3,8%
ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	4,7%		4,0%	4,3%	7,7%	2,4%	2,4%	6,6%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

O livro *Uma vida com propósitos* foi mais lido por mulheres (8,5%), pessoas com ensino médio completo e superior incompleto (18,4%), membros de igrejas presbiterianas e entre 7 a 10 anos de escolaridade (12,2%). É o livro mais lido pela faixa etária mais velha: entre 55-59 anos (11,1%) e entre 45-54 anos (32,1%). Escrito em 2002 pelo pastor americano, Rick Warren (Richard D. Warren), foi publicado originalmente pela Zondervan Publishing House, representada no Brasil pela Editora Vida, que se encarregou de traduzi-lo no ano seguinte e viabilizar sua publicação. É um best-seller, tendo sido vendidos mais de 20 milhões de exemplares dessa obra, conforme está na contracapa do livro de Warren⁴⁸⁷.

⁴⁸⁷ Cf. WARREN, 2003.

O segundo livro mais mencionado, *Bom dia, Espírito Santo* foi escrito por Benny Hinn, israelense que adotou a cidadania norte-americana. Publicado no Brasil pela editora evangélica Bompastor em 1992, esse livro aborda, através de muitas experiências de seu autor, a necessidade de maior intimidade com o Espírito Santo, além de apresentar também orientações bíblicas sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo. Como o livro anterior, ele também foi muito lido por mulheres (há quase o dobro de leitoras - 7,2% de mulheres em relação a 3,3% de homens), pessoas entre 35-39 anos, público majoritário das igrejas evangélicas conforme os dados do Censo⁴⁸⁸, entre 1 a 3 anos de conversão e com ensino fundamental completo (22,2%). Sua leitura por novos convertidos talvez se justifique pela temática que sustenta, a busca por conhecer mais sobre a Trindade e a pessoa do Espírito Santo, e pelo estilo literário com que é escrito, o narrativo.

O outro livro mencionado pela mesma proporção de leitores, *Evangelismo por fogo*, foi escrito por Reinhard Bonnke, alemão, pregador em cruzadas internacionais, especialmente em países do continente africano. O livro foi publicado pelo grupo fundado por Bonnke, o Ministério Cristo para as nações. Esse livro foi distribuído gratuitamente em várias igrejas evangélicas no ano de 2006, preparando os evangélicos de Belo Horizonte para as palestras que Bonnke realizaria na cidade no ano de 2007 em um espaço público, a Praça da Estação. Seus principais leitores foram pentecostais e neopentecostais (respectivamente 14,5 e 10%) e pessoas entre 3 a 5 anos de conversão. Há uma inversão com relação aos demais livros: seus leitores são homens (7,4% contra 3,9% e mulheres) e na faixa etária entre 20-24 anos. O livro traz relatos de curas ocorridas durante as cruzadas internacionais de Bonnke na África.

Os caçadores de Deus foi o quarto livro mais citado. Ele foi lido em todos os grupos, com exceção do grupo neopentecostal; no entanto, a maior porcentagem de seus leitores encontra-se entre os presbiterianos (9,8%). Escrito em 1998 por Tommy Tennet e publicado no Brasil em 2001 pela editora Dynamus, de Belo Horizonte, é construído a partir de narrativas de pessoas que buscaram a Deus e do valor dessa busca para a vida de cada uma delas. No ano de sua publicação no Brasil, ele foi reeditado por três vezes, o que mostra seu alcance, notadamente em Belo Horizonte, onde foi lançado. Seus leitores foram homens (6,6%), pessoas entre 5-7 anos de conversão, com ensino médio completo e superior incompleto (15,2%).

O quinto livro mais lido, *Ele veio para libertar os cativos*, foi escrito pela norte-americana Rebecca Brown e tem como foco o processo de libertação da influência demoníaca de uma moça denominada Elaine, do qual Brown participou. O livro também destaca o poder

⁴⁸⁸ Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000.

do evangelho e do nome de Jesus para mudar a vida das pessoas. Seu texto é repleto de citações bíblicas que oferecem respaldo bíblico para os relatos que circulam na obra. Ele foi lido apenas entre os batistas e pentecostais, pessoas entre 5 a 7 anos de conversão (7,7%), mais uma vez o público prioritário é masculino e com idade entre 35-39 anos.

Nota-se que, dentre esses livros, a opção dos presbiterianos foi o livro *Uma vida com propósitos*, dos batistas o livro *Ele veio para libertar os cativos*, dos pentecostais e neopentecostais, *Evangelismo por fogo*, embora o livro mais lido pelos neopentecostais não faça parte desse grupo, que é *Como tomar posse da bênção* (lido por 30% dos pentecostais).

Foram mencionados por oito pessoas os seguintes títulos: *As cinco linguagens do amor*, *O poder da esposa que era*; sete pessoas citaram os títulos: *Como tomar posse da bênção*, *O homem do céu*; seis pessoas declararam ter lido o livro, *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*; cinco pessoas mencionaram os livros: *Autoridade do crente*, *Ele escolheu os cravos*, *Simplesmente como Jesus*, todos livros relacionados à espiritualidade; grupos de quatro pessoas citaram livros relacionados à batalha espiritual e também à espiritualidade, como *Autoridade espiritual*, *Solta-nos Barrabás* e *A oração de Jabez*, *O resgate da vida*, *Bênção e maldição*, *A batalha espiritual*, *Mestre dos mestres*, *O evangelho maltrapilho*.

Dentre os livros que foram lidos por mais de uma pessoa constam livros também referentes à vida familiar, como *Romance à maneira de Deus*, que orienta adolescentes em seus relacionamentos afetivo-amorosos, sobre relacionamentos conjugais como *Ato conjugal*, *A dama, seu amado e seu senhor*, sobre o valor da oração, como *Oração de Jesus*, *O poder da oração*, *Orar é a solução* ou sobre o valor do louvor ou dos cânticos religiosos, como *Adoração extravagante*, *Na senda da adoração*, *Adoração com propósitos*.

Outros livros que também foram citados por mais de um entrevistado tratam de batalha espiritual, como *Curai enfermos e expulsai demônios*, *Porcos na sala*, *Filho do fogo*, *A divina revelação do inferno*.

Pelos títulos mencionados não se percebe uma unidade temática, mas uma tendência a livros que versem sobre espiritualidade e batalha espiritual. Outro dado que chama a atenção é a pouca inserção de literatura cristã escrita por brasileiros entre os livros mencionados. Dos títulos citados por mais de uma pessoa, nenhum deles foi escrito por brasileiros, o que sugere que as diretrizes sobre espiritualidade no Brasil são fornecidas por autores estrangeiros. Tanto orientações morais quanto afetivas ou espirituais têm os Estados Unidos como referência. A mentalidade de cem por cento listada no capítulo anterior desta tese pode explicar a tendência à uniformidade de pensamento entre os evangélicos e a valorização da pouca reflexão com fórmulas simplistas.

Quanto à relação entre literatura e igreja de pertença, 121 títulos (44,3%) dos 273 mencionados na pesquisa, foram citados por batistas, 45 unicamente por presbiterianos (entre eles os livros, *Adoração com propósitos*, *O poder do sofrimento*, *Orar é a solução*), que parece se relacionar à tendência de introspecção desse grupo, de valorização da soberania de Deus e da espiritualidade individualizada. Entre as leituras mencionadas apenas por pentecostais citam-se 48 leituras, entre elas: *Como desfrutar da abundância*, *Desmascarando as seduções*, *Fome de Deus*, *Batalha da mente*.

Apenas os neopentecostais ou membros da Igreja Internacional da Graça de Deus mencionam 17 títulos, entre eles os livros: *Tudo é possível para aquele que crê*, *A cura milagrosa*, *A mulher que crê*, *Como tornar-se um cristão bem sucedido* e livros sobre a relação entre religiões, como *Islã e os judeus*. São eles o grupo que, proporcionalmente, mais leu o livro *Como tomar posse da bênção* (30%). A menção a essas leituras reafirma a Teologia da prosperidade que sustenta esse grupo, de valorização das riquezas e do poder do pensamento positivo.

Dos livros mencionados, pessoas com maior escolaridade leram livros relacionados à oração e espiritualidade: *O poder da esposa que ora* (16,7%) e *O evangelho maltrapilho* (16,7%), pessoas mais jovens (12,5%) e novos convertidos (16,7%) leram em maior número os livros *Evangelismo por fogo* e *Os caçadores de Deus*. Já entre o grupo que é a maior faixa etária da pesquisa, entre 30-34 anos (21,5%), sua leitura prioritária é a mesma do grupo com maior tempo de conversão, *Uma vida com propósitos*.

Os livros mais mencionados, *Uma vida com propósitos* e *Bom dia, Espírito Santo* serão analisados em um capítulo à parte.

6.2.2.2 3ª questão: “Qual o principal tema destes livros?”

Nessa pergunta, buscava-se apontar um tema comum para os dois livros mencionados. No entanto, muitos livros apresentaram temas diferenciados, o que levou à reorientação da questão na segunda pesquisa realizada no segundo semestre de 2007.

Foram sugeridos 13 temas para os livros: cura interior, batalha espiritual, família, crescimento de igrejas, espiritualidade, biografias, crescimento pessoal, prosperidade, história da Igreja, estudos bíblicos, doutrina, missões, aquisição de habilidades, além da opção: ‘Não sabe/não respondeu’.

Apesar de títulos diferenciados, a temática da espiritualidade foi a mais mencionada: 29,6% dos leitores apontaram espiritualidade como principal tema, seguido de crescimento

pessoal (25,5%), cura interior (21,9%), batalha espiritual (16,8%), família (11,3%), crescimento de igrejas (6,2%), missões (5,5%), doutrina (4,7%), aquisição de habilidades (4,0%), prosperidade (3,3%), estudos bíblicos (2,9%), história da igreja (1,8%), biografias (0,7%), cura (0,4%), escola dominical (0,4%). 2,2% dos entrevistados declararam desconhecer o tema do livro ou não responderam, o que sugere tanto que leram livros de temáticas diferenciadas, quanto que não conseguiram definir o assunto principal dos livros lidos, como se nota na tabela a seguir.

Tabela 5 - Temas dos livros e igreja de pertença

	Igreja				
	Geral	Batista	Presbiteriana	Pentecostal	Neopentecostal
Espiritualidade	29,6%	33,5%	19,5%	25,5%	30,0%
Crescimento Pessoal	25,5%	26,6%	43,9%	18,2%	
Cura interior	21,9%	16,5%	17,1%	16,4%	10,0%
Batalha espiritual	16,8%	21,5%	2,4%	14,5%	15,0%
Família	11,3%	10,1%	14,6%	10,9%	15,0%
Crescimento de igrejas	6,2%	5,7%	12,2%	5,5%	
Missões	5,5%	6,3%	4,9%	3,6%	5,0%
Doutrina	4,7%	2,5%	17,1%		10,0%
Aquisição de habilidades	4,0%	3,2%	7,3%	5,5%	
Prosperidade	3,3%	1,3%	4,9%	5,5%	10,0%
Estudos bíblicos	2,9%	1,9%	9,8%	1,8%	
Não sabe / Não respondeu	2,2%	3,2%	2,4%		
História da igreja	1,8%	1,9%	2,4%		5,0%
Biografias	0,7%	1,3%			
Cura	0,4%			1,8%	
Escola Dominical	0,4%			1,8%	
BASE	274	158	41	55	20

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

A espiritualidade foi o tema mais citado por batistas, pentecostais e neopentecostais, ao passo que, entre os presbiterianos, o tema mais citado foi o crescimento pessoal (43,9%). A busca por uma literatura de cura interior é semelhante entre todas as denominações pesquisadas, o que sugere a necessidade entre os cristãos de uma literatura que uma psicologia e religião e, dessa forma, atenda aos anseios pessoais.

A busca por espiritualidade é também o foco da psicologia humanista, que sustenta as experiências de culminância (*peak-experiences*) como relevantes e desejadas, e da psicologia transpessoal.

Quanto à idade das pessoas que se preocupam mais com o desenvolvimento da espiritualidade, elas são a faixa etária mais jovem da pesquisa (entre 20-24 anos). Já os que leram livros que se relacionavam ao crescimento pessoal eram pessoas entre 40-44 anos e entre 55-59 anos, e os que buscam cura interior são as pessoas entre 25-29 anos. Não apenas

interesses diferenciados conforme as idades parece ter orientado a leitura, mas também as expectativas de cada grupo etário. Pessoas mais jovens tendem a ser mais intensas, inclusive na busca por experiências religiosas, o que, provavelmente tenha motivado tais leituras. A busca por livros que aprimorassem o crescimento pessoal em maior proporção por pessoas com mais de 40 anos sugere que esteja relacionada à busca por sentido e direção para a vida, uma vez que muitos alvos e projetos já foram consolidados na meia idade.

Tabela 6 - Temas dos livros, sexo e faixa etária

	Geral	Sexo		Faixa Etária								Não sabe/ Não Respondeu
		Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	
Espiritualidade	29,6%	28,9%	30,1%	60,0%	21,7%	27,1%	28,2%	24,4%	16,7%	15,4%	27,8%	
Crescimento Pessoal	25,5%	26,4%	24,8%	30,0%	10,9%	13,6%	28,2%	41,5%	27,8%	30,8%	44,4%	100,0%
Cura interior	21,9%	14,0%	28,1%	20,0%	32,6%	15,3%	20,5%	26,8%	5,6%	23,1%	27,8%	100,0%
Batalha espiritual	16,8%	14,9%	18,3%	15,0%	19,6%	18,6%	23,1%	4,9%	33,3%	23,1%		
Família	11,3%	4,1%	17,0%		17,4%	20,3%	10,3%	9,8%	11,1%		5,6%	
Crescimento de igrejas	6,2%	9,1%	3,9%		2,2%	10,2%	10,3%	9,8%		15,4%		
Missões	5,5%	6,6%	4,6%		10,9%	8,5%	2,6%	7,3%	5,6%			
Doutrina	4,7%	9,1%	1,3%	5,0%	2,2%	6,8%		4,9%	11,1%		11,1%	
Aquisição de habilidades	4,0%	4,1%	3,9%		2,2%	5,1%	2,6%	12,2%		7,7%		
Prosperidade	3,3%	3,3%	3,3%		4,3%	5,1%	5,1%		5,6%	7,7%		
Estudos bíblicos	2,9%	4,1%	2,0%			1,7%	2,6%	4,9%	11,1%		11,1%	
Não sabe / Não respondeu	2,2%	2,5%	2,0%	2,5%	4,3%		2,6%			7,7%	5,6%	
História da igreja	1,8%	2,5%	1,3%	2,5%	6,5%						5,6%	
Biografias	0,7%	0,8%	0,7%				2,6%			7,7%		
Cura	0,4%	0,8%							5,6%			
Escola Dominial	0,4%	0,8%					2,6%					
BASE	274	121	153	40	46	59	39	41	18	13	18	1

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

A busca maior por livros de espiritualidade ocorreu com pessoas com ensino fundamental completo, ao passo que o maior público dos livros de crescimento pessoal foram pessoas com ensino superior completo (32,4%) e pós-graduação (50%). Nota-se que o perfil do leitor de auto-ajuda secular se assemelha ao do leitor de auto-ajuda cristã: pessoas com maior escolaridade e que buscam o crescimento pessoal, uma das categorias da literatura de ajuda já mencionada nesta tese⁴⁸⁹.

⁴⁸⁹ Cf. SOBRAL, 2006.

Tabela 7 - Temas dos livros e escolaridade

	Escolaridade								Não sabe/ Não Respondeu
	Geral	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação	
Espiritualidade	29,6%	27,8%	45,8%	12,9%	33,0%	31,6%	24,3%	25,0%	
Crescimento Pessoal	25,5%	11,1%	29,2%	16,1%	20,2%	31,6%	32,4%	50,0%	100,0%
Cura interior	21,9%	22,2%	41,7%	29,0%	21,3%	15,8%	13,5%	16,7%	100,0%
Batalha espiritual	16,8%	16,7%	12,5%	22,6%	13,8%	19,3%	21,6%	8,3%	
Família	11,3%	11,1%	8,3%	9,7%	14,9%	7,0%	13,5%	8,3%	
Crescimento de igrejas	6,2%	11,1%		16,1%	5,3%	3,5%	8,1%		
Missões	5,5%	5,6%		16,1%	5,3%	7,0%			
Doutrina	4,7%	5,6%		6,5%	7,4%	3,5%		8,3%	
Aquisição de habilidades	4,0%	5,6%		3,2%	3,2%	1,8%	8,1%	16,7%	
Prosperidade	3,3%	5,6%		6,5%	4,3%	1,8%	2,7%		
Estudos bíblicos	2,9%	11,1%	4,2%	6,5%		1,8%		16,7%	
Não sabe / Não respondeu	2,2%				4,3%	3,5%			
História da igreja	1,8%	5,6%	4,2%		1,1%	3,5%			
Biografias	0,7%				1,1%		2,7%		
Cura	0,4%			3,2%					
Escola Dominial	0,4%				1,1%				
BASE	274	18	24	31	94	57	37	12	1

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Quanto à relação entre tempo de conversão e livros preferenciais, nota-se que novos convertidos leram mais livros sobre cura interior. Pessoas com maior tempo de conversão, livros sobre espiritualidade e crescimento espiritual, o que traz alguns questionamentos sobre o perfil do leitor de auto-ajuda cristã, pessoas com maior tempo de conversão buscam se conhecer mais e melhorar o relacionamento com Deus, ao passo que os novos convertidos buscam a restauração dos afetos ou memórias, ou seja, a cura interior.

Tabela 8 - Temas dos livros e tempo de conversão

	Geral	Tempo de Conversão						
		menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos
Espiritualidade	29,6%	8,3%	44,0%	21,7%	23,1%	31,7%	29,3%	31,1%
Crescimento Pessoal	25,5%	8,3%	20,0%	26,1%	34,6%	29,3%	9,8%	31,1%
Cura interior	21,9%	75,0%	36,0%	17,4%	23,1%	19,5%	19,5%	15,1%
Batalha espiritual	16,8%	16,7%	24,0%	30,4%	11,5%	12,2%	22,0%	13,2%
Família	11,3%	16,7%	12,0%	13,0%	7,7%	9,8%	12,2%	11,3%
Crescimento de igrejas	6,2%				3,8%	4,9%	9,8%	9,4%
Missões	5,5%		4,0%	13,0%	3,8%	4,9%	7,3%	4,7%
Doutrina	4,7%	8,3%	8,0%		7,7%	4,9%	2,4%	4,7%
Aquisição de habilidades	4,0%		4,0%			7,3%	9,8%	2,8%
Prosperidade	3,3%	16,7%	12,0%	8,7%		2,4%		,9%
Estudos bíblicos	2,9%				7,7%	2,4%	2,4%	3,8%
Não sabe / Não respondeu	2,2%				3,8%	4,9%	2,4%	1,9%
História da igreja	1,8%				3,8%		2,4%	2,8%
Biografias	0,7%			4,3%				0,9%
Cura	0,4%							0,9%
Escola Dominial	0,4%							0,9%
BASE	274	12	25	23	26	41	41	106

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

6.2.2.3 4ª questão: “Por que você leu esses livros?”

A quarta questão versou sobre a motivação para a leitura. Foram oferecidas as seguintes opções para os entrevistados: indicação do pastor, indicação de um líder, indicação de um amigo, indicação do vendedor da livraria, achou o título interessante, ganhou de presente.

Os entrevistados destacaram os amigos como os que mais influenciaram sua leitura (29,6%) e, em seguida, vieram os pastores (25,9%). A influência do líder eclesial é marcante em muitas comunidades protestantes, inclusive como referência para leituras, o que talvez explique a leitura de livro de Reinhard Bonnke, *Evangelismo por fogo*, antecipando sua vinda a Belo Horizonte, ou a leitura do livro *Uma vida com propósitos* em várias igrejas evangélicas. Opções individuais como ter se agradado do título, ou gostar de ler, receberam, respectivamente, 19,3% e 0,7% de indicações.

Percebe-se que o hábito de ler não apenas é condicionado, como também este condicionamento se dá a partir de pessoas de confiança. Pessoas com maior idade tendem a confiar mais na indicação do pastor (33,3%) ou a confiar em seus gostos pessoais (33,3%), ao passo que pessoas mais jovens optam por seguir a orientações de um amigo (37,5%), o que parece sugerir tanto o receio da diferença, quanto o prolongamento da dependência de grupos, comum na adolescência.

Tabela 9 - Razões para leitura e faixa etária

	Faixa Etária							
	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Indicação do pastor	22,5%	23,9%	18,6%	28,2%	36,6%	22,2%	30,8%	33,3%
Indicação de um líder	15,0%	10,9%	8,5%	10,3%	4,9%	16,7%	7,7%	5,6%
Indicação de um amigo	37,5%	32,6%	35,6%	35,9%	24,4%	22,2%	7,7%	5,6%
Indicação do vendedor da livraria	2,5%	2,2%				5,6%	7,7%	
Achou o título interessante	12,5%	19,6%	25,4%	12,8%	19,5%	22,2%	7,7%	33,3%
Ganhou de presente	7,5%	8,7%	10,2%	10,3%	4,9%	5,6%	30,8%	22,2%
Gosta de ler		2,2%			2,4%			
Trabalho na escola					4,9%			
Lançamento na igreja							7,7%	
Não sabe / Não respondeu	2,5%		1,7%	2,6%	2,4%	5,6%		
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

A relação entre escolaridade e opção para leitura também merece análises cuidadosas. Pessoas com maior escolaridade são influenciadas igualmente pelo pastor e por amigos, ao passo que pessoas com menor escolaridade são mais influenciadas por amigos ou pelo título do texto. Entre os neopentecostais, a influência do pastor é determinante na leitura (45% a apontaram); influência também marcante entre os presbiterianos (31,7%). O pastor parece exercer não apenas um papel de confiabilidade, como também de autoridade entre os leitores. Acredita-se que o líder espiritual não forneça apenas orientações espirituais para os leitores, mas também orientações de vida prática e muitas vezes lhe são atribuídos deveres sobre-humanos.

Tabela 10 - Razões para leitura e escolaridade

	Escolaridade						
	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação
Indicação do pastor	16,7%	29,2%	29,0%	22,3%	28,1%	32,4%	25,0%
Indicação de um líder	5,6%	8,3%	12,9%	10,6%	8,8%	10,8%	8,3%
Indicação de um amigo	33,3%	20,8%	35,5%	30,9%	24,6%	32,4%	25,0%
Indicação do vendedor da livraria			3,2%	1,1%	1,8%	2,7%	
Achou o título interessante	27,8%	29,2%	16,1%	20,2%	15,8%	10,8%	33,3%
Ganhou de presente	11,1%	8,3%	3,2%	11,7%	17,5%	5,4%	
Gosta de ler				1,1%		2,7%	
Trabalho na escola				1,1%		2,7%	
Lançamento na igreja		4,2%					
Não sabe / Não respondeu	5,6%			1,1%	3,5%		8,3%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Tabela 11 - Razões para leitura e igreja de pertença

	Igreja			
	Batista	Presbiteriana	Pentecostal	Neopentecostal
Indicação do pastor	22,8%	31,7%	23,6%	45,0%
Indicação de um líder	9,5%	14,6%	5,5%	15,0%
Indicação de um amigo	34,2%	17,1%	32,7%	10,0%
Indicação do vendedor da livraria	1,9%		1,8%	
Achou o título interessante	15,8%	22,0%	25,5%	25,0%
Ganhou de presente	12,0%	14,6%	3,6%	5,0%
Gosta de ler			3,6%	
Trabalho na escola	0,6%		1,8%	
Lançamento na igreja	0,6%			
Não sabe / Não respondeu	2,5%		1,8%	

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

6.2.2.4 5ª questão: “Onde você busca ajuda para resolver seus problemas pessoais?”

A quinta questão apontava a fonte para resolução de problemas pessoais. Nessa pergunta se buscava verificar indícios da validade da leitura para a resolução de problemas, ou, para confirmar se a leitura poderia contribuir para resolver questões.

Perceberam-se alguns problemas que inviabilizaram uma crítica mais consistente da pesquisa. O primeiro deles estava no enunciado da questão e se referia à expressão problema pessoal. Um problema pessoal poderia ser emocional, familiar, financeiro, afetivo, espiritual e para cada um deles caberia uma ajuda específica.

As alternativas para essa questão eram: aconselhamento pastoral, aconselhamento com outros cristãos, leitura de livros, vídeos ou DVDs sobre o assunto, palestras, resolve sozinho. Ficaram de fora como possíveis alternativas, fontes importantes de ajuda como amigos e Deus. Muitos entrevistados pontuaram que resolviam problemas através da oração, e essa alternativa não lhes foi apresentada. Na pesquisa realizada no segundo semestre a alternativa “através da oração” foi incluída.

A não inclusão de elementos relacionados à fé e à espiritualidade repousavam na hipótese de que o ser humano da contemporaneidade tende a não expor suas fraquezas ou dificuldades, atendendo a um imperativo social de primazia do ego⁴⁹⁰.

Buscava-se também averiguar o comprometimento das pessoas na resolução de suas dificuldades e a presença da vitimização. Maslow, ponderando sobre pessoas de pleno potencial destacou, como já foi apontado nesta tese, que quem busca crescer não procura orientações para resolver seus problemas, mas os resolve sozinho e, ao fazer isso, se abre a

⁴⁹⁰ Cf. LIPOVETSKY, 1983.

novas experiências, conhece seus limites e suas potencialidades⁴⁹¹.

Tabela 12 - Fonte para resolução de problemas, sexo e igreja de pertença

	Sexo			Igreja			
	Geral	Masculino	Feminino	Batista	Presbiteriana	Pentecostal	Neopentecostal
Aconselhamento pastoral	36,1%	37,2%	35,3%	33,5%	43,9%	38,2%	35,0%
Aconselhamento com outros cristãos	23,4%	16,5%	28,8%	25,9%	24,4%	18,2%	15,0%
Leitura de livros sobre o assunto	14,2%	17,4%	11,8%	12,0%	19,5%	10,9%	30,0%
Palestras	1,8%	,8%	2,6%	1,9%		3,6%	
Resolve sozinho	19,0%	20,7%	17,6%	22,8%	12,2%	20,0%	
Oração	0,7%	0,8%	0,7%			3,6%	
Resolve com Deus	1,1%	1,7%	0,7%	0,6%		1,8%	5,0%
Ajuda na família	0,7%	1,7%		0,6%		1,8%	
Não sabe / Não respondeu	2,9%	3,3%	2,6%	2,5%		1,8%	15,0%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

A busca por orientações para a vida ainda é a preferência da maior parte dos cristãos protestantes, que procuram prioritariamente aconselhamento pastoral (36,1%) ou aconselhamento com outros cristãos (23,4%) para resolver seus problemas pessoais. A tentativa de resolver problemas sozinho ou através de outros recursos como leitura de livros sobre o assunto aparece, respectivamente como terceira e quarta opções.

Há uma vasta literatura entre os evangélicos que aponta o valor e a relevância do líder. O pastor ou pastora é considerado, em muitas comunidades, como o portador ou portadora dos oráculos divinos. Eles não apenas conhecem as Escrituras, como também falam em nome de Deus as palavras verdadeiras, o que lhes fornece não apenas credibilidade, como também um poder diferenciado⁴⁹².

A pesquisa mostra que os homens preferem resolver seus problemas com o pastor/pastora ou sozinhos, ao passo que as mulheres tentam solucionar seus problemas tanto com o pastor, quanto com outros cristãos, antes de o fazerem por si.

Quanto à igreja de pertença, presbiterianos e pentecostais são os maiores grupos em que se busca ajuda pastoral. A busca por ajuda pastoral entre os presbiterianos (43,9%) talvez se explique pela formação teológica de seus líderes que contempla disciplinas em Psicologia,

⁴⁹¹ Cf. MASLOW, 1968.

⁴⁹² Em seus estudos sobre o protestantismo brasileiro, Èmile Leonard apontou o apego aos guias espirituais como uma das características da espiritualidade evangélica e teceu críticas acerca do que denominou de regime teocrático da Igreja Evangélica Brasileira, que erige o pastor a um plano sobre-humano. Várias referências sobre a relevância do pastor estão presentes em livros evangélicos como: *O pastor urbano*, livros de Eugene Peterson: *O pastor desnecessário*, *O pastor contemplativo*, *O pastor que Deus usa*, *Um pastor segundo o coração de Deus*, todos publicados pela Editora Mundo Cristão, e livros com orientações pragmáticas como *Manual do pastor pentecostal*, publicado por Thomas E. Trask. Várias críticas têm sido feitas ao pastor-centrismo em outras literaturas evangélicas, como: *Líderes de carne e osso*; *Uma igreja sem propósitos*; *Igreja S/A*.

além das disciplinas teológicas. E são também os presbiterianos o grupo que mais busca informações adicionais que contribuam para resolução de problemas, como leitura de livros sobre o assunto (19,5%). O grupo batista, por outro lado, é o que mais procura resolver seus problemas sozinho, após procurarem pastor e amigos.

A relação entre escolaridade e busca por resolução de problemas pessoais merece ser melhor discutida. Quanto maior a escolaridade, maior a tendência à resolução de problemas com o pastor ou sozinho. A menor menção à ajuda de amigos talvez se explique pelo receio da exposição e da fragilidade.

Tabela 13 - Fonte para resolução de problemas e escolaridade

	Escolaridade							Não sabe / Não respondeu
	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação	
Aconselhamento pastoral	38,9%	41,7%	35,5%	35,1%	29,8%	45,9%	33,3%	
Aconselhamento com outros cristãos	38,9%	37,5%	16,1%	22,3%	28,1%	8,1%	25,0%	
Leitura de livros sobre o assunto	11,1%	12,5%	16,1%	12,8%	15,8%	13,5%	16,7%	100,0%
Palestras				2,1%	3,5%	2,7%		
Resolve sozinho		8,3%	22,6%	19,1%	21,1%	27,0%	25,0%	
Oração			3,2%	1,1%				
Resolve com Deus				2,1%		2,7%		
Ajuda na família				2,1%				
Não sabe / Não respondeu	11,1%		6,5%	3,2%	1,8%			

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

6.2.2.5 6ª questão: “A leitura de livros já o ajudou a resolver seus problemas pessoais?”

A sexta questão retoma o tema da literatura e a atrela à auto-ajuda. Foram dadas três opções de respostas à questão: ajudou muito, ajudou em parte, não ajudou. 87,9% dos entrevistados e entrevistadas responderam que a leitura ajudou-os a resolver problemas pessoais, para 51,8% ajudou muito, para 36,1% ajudou em parte, para 10,9% não ajudou e, 1,1% dos entrevistados não respondeu à questão.

Mulheres mencionaram ter sido mais beneficiadas pela leitura de livros (92,8%) do que homens (81,8%) e pessoas com maior escolaridade foram menos beneficiadas pela leitura do que os demais grupos.

Tabela 14 - Benefícios da leitura e escolaridade

	Escolaridade							
	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação	Não sabe / Não respondeu
Ajudou muito	55,6%	58,3%	48,4%	52,1%	49,1%	54,1%	50,0%	
Ajudou em parte	22,2%	33,3%	32,3%	35,1%	40,4%	45,9%	25,0%	100,0%
Não ajudou	22,2%	8,3%	19,4%	10,6%	10,5%		16,7%	
Ns/Nr				2,1%			8,3%	

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

A faixa etária que mais mencionou benefícios da literatura está entre 40-44 anos (95,1%) e a menos beneficiada está entre 50-54 anos. Deste grupo apenas 76,9% mencionaram terem sido ajudadas a resolver problemas através da literatura, e os índices de recusa a essa literatura e à resposta foram elevados, 23,1%, o que sugere que a literatura de ajuda atinja a pessoas mais jovens com projetos e ilusões, como sugeriu Pedro Demo, ao criticar esse gênero⁴⁹³.

Tabela 15 - Benefícios da leitura e faixa etária

	Faixa Etária							
	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Ajudou muito	37,5%	43,5%	49,2%	51,3%	70,7%	50,0%	53,8%	72,2%
Ajudou em parte	37,5%	47,8%	33,9%	46,2%	24,4%	44,4%	23,1%	16,7%
Não ajudou	25,0%	8,7%	15,3%	2,6%	2,4%	5,6%	15,4%	11,1%
Ns/Nr			1,7%		2,4%		7,7%	

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Quanto à relação entre igreja de pertença e contribuições da literatura, essa foi maior entre os presbiterianos (63,4%) e membros da Igreja Internacional da Graça de Deus (65%) e entre 3-5 anos de conversão.

Tabela 16 - Benefícios da leitura e igreja de pertença

	Igreja			
	Batista	Presbiteriana	Pentecostal	Neopentecostal
Ajudou muito	48,1%	63,4%	49,1%	65,0%
Ajudou em parte	37,3%	36,6%	36,4%	25,0%
Não ajudou	12,7%		14,5%	10,0%
Ns/Nr	1,9%			

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

⁴⁹³ Cf. DEMO, 2005.

Tabela 17 - Benefícios da leitura e tempo de conversão

	Tempo de Conversão						
	menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos
Ajudou muito	58,3%	56,0%	56,5%	50,0%	41,5%	61,0%	50,0%
Ajudou em parte	33,3%	28,0%	43,5%	38,5%	34,1%	26,8%	40,6%
Não ajudou	8,3%	16,0%		11,5%	22,0%	12,2%	7,5%
Ns/Nr					2,4%		1,9%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

6.2.2.6 7ª questão: “Qual problema ajudou a resolver?”

Nessa pergunta buscava-se, mais uma vez, verificar a legitimidade da literatura de ajuda. Partia-se da premissa de que se contribuiu para a resolução de problemas, esses poderiam ser apontados e não serem problemas apenas emocionais.

Buscava-se atingir outras categorias do gênero auto-ajuda listadas por Adair Sobral: capacitação para resolver questões práticas, autoconhecimento, bem-viver, encorajamento. Questionados acerca de qual problema a leitura de livros ajudou a resolver, percebe-se um problema, que foi sanado na segunda pesquisa em Setembro e Outubro de 2007. Entre as 13 opções apresentadas: finanças, trabalho, família, stress, medo, cura, opressão maligna, ansiedade, depressão, rejeição, relacionamento com Deus, relacionamento com as pessoas, maldição, 39,6% das pessoas declararam que a leitura havia ajudado-as a resolver problemas de relacionamento com Deus. Percebeu-se que a expressão “relacionamento com Deus” era vaga e caberiam várias possibilidades de dificuldades nesse relacionamento (oração, jejum, dificuldades de leitura da Bíblia). Outra observação sobre essa resposta é que o cristão evangélico normalmente se sente em débito diante de Deus, e o seu relacionamento com Deus na maioria das vezes não é considerado o ideal. Ou seja, como pecador, o ser humano é sempre carente de Deus. Trechos bíblicos, especialmente nos Salmos, apontam para a imperfeição e carência humanas e a Psicologia transpessoal destaca a espiritualidade e a busca pelo transcendente como alvos da vida humana.

Ao apontar o relacionamento com Deus como principal problema a ser resolvido pela literatura, parece haver confirmação da terceira questão que destacou a espiritualidade como principal tema dos livros que os protestantes leram. Entrevistados das maiores faixas etárias da pesquisa destacaram não apenas o relacionamento com Deus como prioritário, mas também a cura e a ansiedade. Se a cura é a solução para um problema presente, a ansiedade pela velhice parece ter sido minimizada pela literatura.

Tabela 18 - Problema resolvido e faixa etária

	Tempo de Conversão							
	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Finanças		4,8%	8,2%					
Trabalho	3,4%	2,4%	2,0%	2,6%	5,1%	5,9%		
Família	6,9%	14,3%	16,3%	21,1%	20,5%	35,3%		6,3%
Stress	3,4%	2,4%	4,1%	5,3%				6,3%
Medo	6,9%	2,4%	2,0%	2,6%	2,6%	5,9%		6,3%
Cura	3,4%	7,1%		7,9%		5,9%	30,0%	
Opressão Maligna		4,8%	4,1%					
Ansiedade	10,3%	9,5%	12,2%	7,9%	5,1%	5,9%		18,8%
Depressão		2,4%	4,1%		10,3%			6,3%
Rejeição	3,4%				2,6%			
Relacionamento com Deus	48,3%	40,5%	38,8%	28,9%	43,6%	17,6%	60,0%	50,0%
Relacionamentos com as pessoas	10,3%	4,8%	8,2%	13,2%	7,7%		10,0%	6,3%
Maldição		2,4%		2,6%		5,9%		
Não sabe / Não respondeu	3,4%	2,4%		7,9%	2,6%	17,6%		

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Família foi o segundo problema listado nessa entrevista; 16,3% das pessoas entrevistadas declararam terem sido beneficiadas em seus relacionamentos familiares. Em várias comunidades cristãs protestantes, existem grupos que contribuem para a manutenção de bons relacionamentos familiares. Além disso, família se relaciona com identidade, pois dela vêm normas e valores fundamentais para a vida social, sendo, portanto, fundamental não apenas preservá-la, como também cultivar boas relações com seus membros. Martin Seligman, ao abordar as emoções positivas, destaca o valor de instituições positivas para que as primeiras possam ser expressas. Entre essas instituições positivas está a família, o que essa pesquisa vem confirmar. A preocupação maior com família foi mencionada na pesquisa em maior porcentagem pelo grupo entre 45-49 anos, que parecem ser pais e mães de adolescentes ou jovens, para cuja instrução e orientação é importante estar bem informado.

Tabela 19 - Problema resolvido e escolaridade

	Escolaridade							
	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação	não sabe / não respondeu
Finanças			4,0%	3,7%		5,4%		
Trabalho		13,6%		1,2%	4,0%	2,7%		
Família	21,4%		28,0%	15,9%	16,0%	18,9%	11,1%	
Stress		4,5%		3,7%	2,0%	5,4%		
Medo			4,0%	4,9%	6,0%			
Cura		9,1%	8,0%	4,9%		5,4%		100,0%
Opressão Maligna		4,5%		2,4%		2,7%		
Ansiedade		18,2%	16,0%	7,3%	10,0%	8,1%		
Depressão	14,3%			4,9%		5,4%		
Rejeição				1,2%	2,0%			
Relacionamento com Deus	64,3%	45,5%	32,0%	35,4%	44,0%	29,7%	66,7%	
Relacionamentos com as pessoas		4,5%	8,0%	6,1%	8,0%	13,5%	22,2%	
Maldição				1,2%	4,0%			
Não sabe / Não respondeu				7,3%	4,0%	2,7%		

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Quanto à igreja de pertença, batistas e presbiterianos se preocupam semelhantemente com relacionamentos interpessoais, entre eles o familiar, com bem-estar emocional (ansiedade), ao passo que pentecostais se preocupam com mais com problemas da contemporaneidade como stress e finanças, e os neopentecostais com suas emoções (medo, ansiedade, stress) e seu corpo (cura). E, como já foi mencionado, todas elas se preocupam prioritariamente com seu relacionamento com Deus.

Tabela 20 - Problema resolvido e igreja de pertença

	Igreja			
	Batista	Presbiteriana	Pentecostal	Neopentecostal
Finanças	1,5%		6,4%	5,6%
Trabalho	3,7%	2,4%	2,1%	
Família	13,4%	17,1%	23,4%	16,7%
Stress	1,5%	2,4%	8,5%	
Medo	3,7%	2,4%	2,1%	5,6%
Cura	3,7%	4,9%	2,1%	16,7%
Opressão Maligna	3,0%			
Ansiedade	7,5%	12,2%	10,6%	11,1%
Depressão	3,7%	2,4%	2,1%	5,6%
Rejeição	0,7%	2,4%		
Relacionamento com Deus	44,0%	36,6%	34,0%	27,8%
Relacionamentos com as pessoas	9,0%	9,8%	6,4%	
Maldição	0,7%	2,4%		5,6%
Não sabe / Não respondeu	3,7%	4,9%	2,1%	5,6%

Fonte: Pesquisa aplicada no 1º semestre de 2007.

Essa primeira pesquisa apontou elementos relevantes, como o valor da leitura para resolver problemas pessoais, a opção por compartilhar problemas com o líder eclesiástico, embora a leitura de livros também seja boa tentativa para resolução de conflitos, a espiritualidade como principal busca do cristão e a motivação para leitura ser a indicação de um amigo.

A literatura que une discurso psicológico e religioso seria, portanto, bastante adequada para atender às demandas de leitores evangélicos. Na segunda pesquisa, que será analisada a seguir, há a reordenação das questões, a fim de se focar em um determinado livro e, não na literatura em geral, além de alterações nas opções de respostas aos entrevistados.

6.3 Segunda pesquisa

Será realizada uma análise semelhante à realizada na primeira pesquisa. Inicialmente será mencionado o perfil dos entrevistados e, posteriormente, cada questão será analisada.

6.3.1 O perfil dos entrevistados

A segunda pesquisa foi realizada nos meses de Setembro e Outubro de 2007 com 494 pessoas. Não houve preocupação em delimitar as cidades onde as entrevistas seriam realizadas, o que resultou em pesquisas tanto em Belo Horizonte, quanto em seu entorno, nas cidades de Contagem, Betim, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas e Pedro Leopoldo.

Em Contagem, a pesquisa foi realizada nas seguintes igrejas: Casa de oração para todas as nações, Igreja Batista em Chamas e Igreja Pentecostal Templo da Verdade; em Sete Lagoas, na Igreja Batista da Lagoinha -Núcleo de Sete Lagoas; em Ribeirão das Neves, na Igreja Assembléia de Deus; em Pedro Leopoldo, na Igreja Batista Monte Sião; em Betim, na 1ª Igreja Batista em Betim.

Sobre o perfil dos entrevistados, têm-se os seguintes dados. A análise das tabelas referentes a cada um desses indicadores mostra ligeira predominância do sexo feminino sobre o masculino (57,1% de mulheres e 42,9% de homens).

CARACTERIZAÇÃO

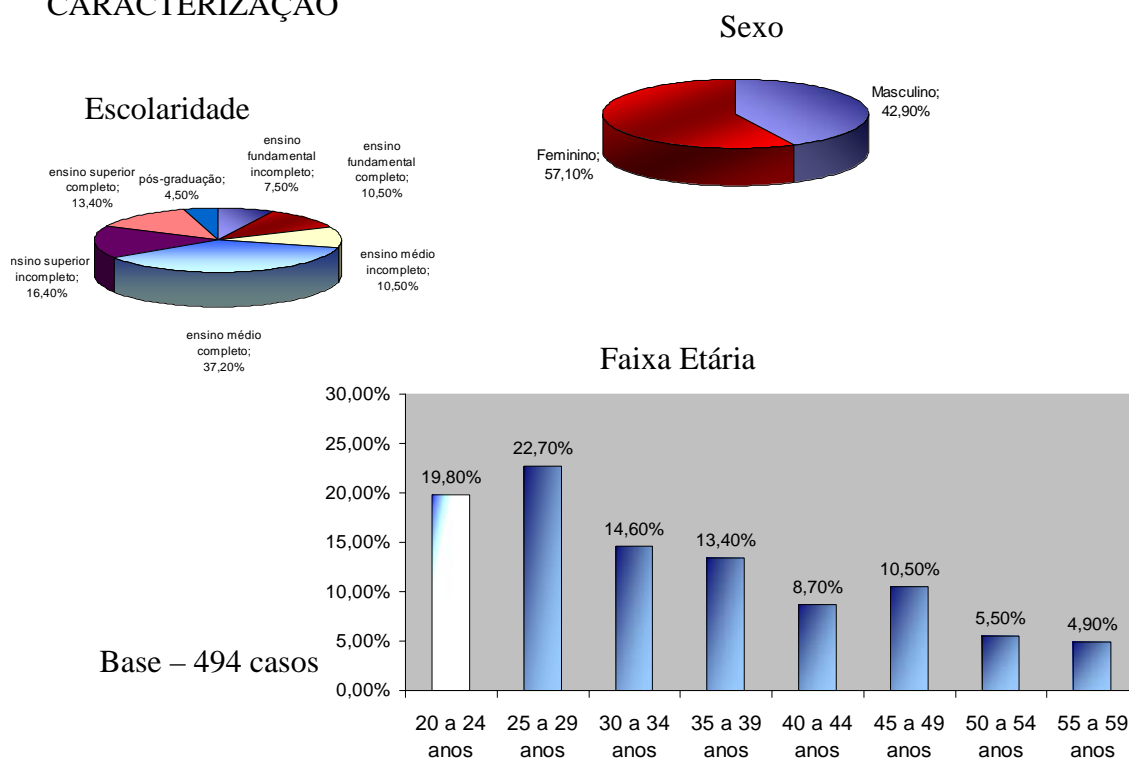


Figura 3 - Escolaridade, sexo e faixa etária

Fonte: Pesquisa realizada no 2º semestre de 2007.

Quanto à faixa etária, o grupo até 30 anos equivale a 42,5% da amostra, sendo, portanto, a faixa etária preponderante. Na coleta da amostra não houve a preocupação com a delimitação da faixa etária e os dados obtidos nessa pesquisa contrariam dados do Censo que demonstra, como maior grupo etário entre os evangélicos, pessoas com idade entre 30-39 anos. A faixa etária minoritária é o grupo acima de 50 anos (cerca de 10,4%), o que pode ser explicado pelo pouco acesso dos entrevistadores a esse grupo etário ou porque uma das características dos protestantes no país é o fato de estarem concentrados na faixa etária entre 30-39 anos.

Lendo a tabela relativa à escolaridade, se observa que o maior grupo pesquisado é o grupo com escolaridade de ensino médio completo (37,2%) e a menor porcentagem de pessoas com pós-graduação (4,5%). É interessante observar que esse grupo se faz presente em igrejas evangélicas, especialmente na categoria “outras igrejas evangélicas”, em que se inserem igrejas protestantes sem vínculos denominacionais. Na pesquisa são representadas por três grupos, dois deles presentes na Zona Sul de Belo Horizonte, tendo como público principal pessoas com maior poder aquisitivo e maior nível de escolaridade. Nessas igrejas, pessoas com pós-graduação correspondem a 13,7% dos entrevistados. Há também um grande grupo com nível superior completo nessas igrejas (32,9%).

Quanto à igreja de pertença, foram entrevistados batistas (188 pessoas ou 38,1%),

presbiterianos (4,3% ou 21 pessoas), membros da Assembléia de Deus (49 pessoas ou 9,9%), fiéis da Igreja do Evangelho Quadrangular (37 pessoas ou 7,5% do universo), neopentecostais (15 pessoas ou 3,0%), membros de outras igrejas pentecostais (91 pessoas ou 18,4% dos entrevistados), membros de outras igrejas evangélicas (73 pessoas ou 14,8% das entrevistas) e membros da Igreja Pentecostal Deus é amor (20 pessoas ou 4,0%).

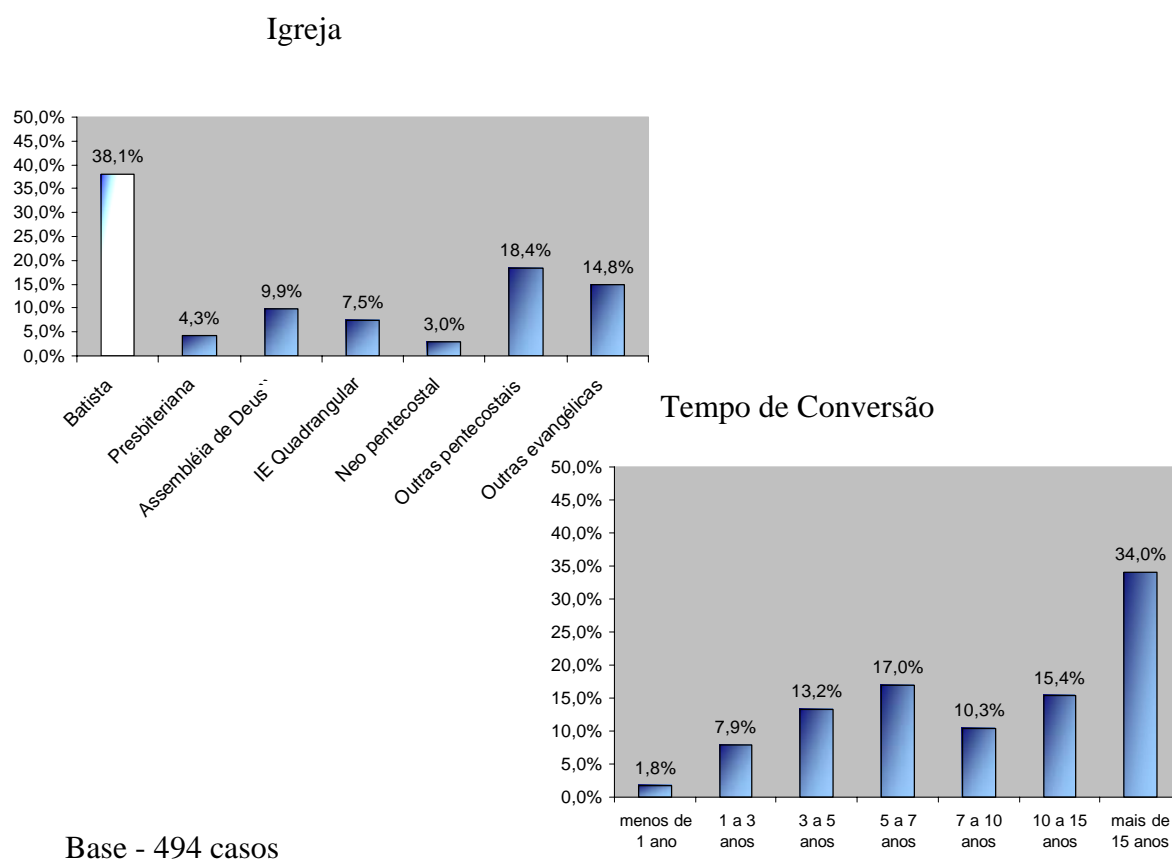


Figura 4 - Igreja de pertença e tempo de conversão

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Fazem parte do grupo membros de outras igrejas pentecostais as seguintes igrejas: Igreja Pentecostal Herdeiros de Deus (12 pessoas), Igreja Pentecostal Templo da verdade (20 pessoas), Casa de oração para todas as nações (40 pessoas), Casa de oração para todos os povos (20 pessoas) e 4 pessoas se definem membros de outras igrejas pentecostais, mas não definem a que grupo pertence. A menção a elas aparece em pesquisas feitas em outras igrejas, em que se esperava que fossem membros da igreja em que a pesquisa estava sendo feita, o que não ocorreu em suas respostas. Essa é mais uma característica dos protestantes: o trânsito religioso.

A Casa de oração para todas as nações contém o maior número de entrevistas do grupo (40 entrevistas). Quanto às outras igrejas evangélicas, fazem parte desse grupo as seguintes igrejas: Comunidade Cristã para as nações, Comunidade Evangélica Betesda, Comunidade

Cristã Zona Sul. O maior grupo entrevistado é o da Comunidade Cristã Zona Sul, em que foram entrevistadas 35 pessoas.

A opção por analisar isoladamente a Igreja Pentecostal Deus é Amor refere-se à especificidade dessa igreja. Quanto ao grupo neopentecostal, ele é representado unicamente por fiéis da Igreja Internacional da Graça de Deus.

A tabela sobre a igreja de pertença revela preponderância dos pentecostais (39,8%). Os pentecostais estão representados, na pesquisa, por quatro grupos: Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é amor e por outros grupos pentecostais. Em seguida vêm os batistas que correspondem a 38,1% e são a maior denominação da pesquisa. O grupo neopentecostal está representado por apenas 3% de fiéis, todos eles membros da Igreja Internacional da Graça de Deus. Os presbiterianos presentes na pesquisa referem-se a uma única igreja, a 9ª Igreja Presbiteriana, localizada na região leste de Belo Horizonte.

Esses dados apontam para a característica mais marcante do protestantismo brasileiro que é o fato de ser predominantemente pentecostal, como já foi mencionado no capítulo anterior.

Observando a tabela relativa ao tempo de conversão, fica evidente que os convertidos há mais 10 anos são maioria (49,4% ou 115 entrevistados) e minoria é o grupo convertido há menos de 1 ano (1,8% ou 7 entrevistados).

Quanto aos demais itens da entrevista que se referem à pesquisa propriamente dita, estes versavam não apenas sobre hábitos de leitura dos evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas no ano de 2007, como também nos critérios para seleção dessa leitura e nos efeitos da leitura sobre os entrevistados.

Essa pesquisa buscava averiguar não apenas o tipo de literatura que os evangélicos de Belo Horizonte e da região metropolitana (Grande BH) fizeram no ano de 2007, mas também o efeito pragmático dessa leitura sobre seus leitores. Buscava-se verificar se tais livros poderiam ser considerados livros de auto-ajuda e, caso a resposta fosse afirmativa, em que categoria do gênero auto-ajuda poderiam se encaixar.

6.3.2 Análise das questões

6.3.2.1 1ª questão: “Cite um livro, exceto a Bíblia, que você leu no último ano e gostou muito”

A primeira pergunta buscava indagar o que haviam lido no último ano. A expressão no

último ano cobre tanto o ano de 2006, quanto o ano de 2007. Houve alterações com relação à pesquisa realizada no semestre anterior, que solicitava a menção a dois livros, porque a maior parte dos entrevistados mencionou apenas um livro. E a inserção da expressão, “que gostou muito” se justifica porque se busca perceber também o tipo de literatura preferencial dos evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas.

Essa pergunta apresenta alguns pressupostos; o primeiro deles é que seriam citados apenas livros evangélicos, embora a pergunta oferecesse abertura para outras literaturas. No pré-teste, não houve pontuações sobre essa questão, o que fez com que ela permanecesse, ainda que muito ampla. Uma vez constatada a amplitude da pergunta, sugeriu-se que os entrevistadores apontassem para livros evangélicos. Alguns seguiram essa orientação; outros abriram mão dela, o que permitiu com que fossem citados livros não evangélicos, como ocorreu na pesquisa anterior. O fato de alguns desses livros serem vendidos em livrarias evangélicas colabora para a associação entre eles e a literatura evangélica de ajuda.

Novamente foram mencionados livros de Augusto Cury da coleção *Análise da inteligência de Cristo*. Dessa coleção foram mencionadas as seguintes obras: *Mestre da sensibilidade* e *Mestre do amor*, ambas por fiéis da Igreja Assembléia de Deus, o que pode sugerir tanto descuido do entrevistador na aplicação do questionário, quanto a associação entre essa literatura e a literatura evangélica por mencionar Jesus.

Não apenas duas obras de Augusto Cury são mencionadas, como também são citadas outras obras que fazem parte do gênero auto-ajuda secular, como *O monge e o executivo*, de James Hunter, e, novamente, *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, escrito por Mark Baker. O primeiro foi mencionado por uma pessoa batista, e o outro foi citado por 5 pessoas nas seguintes denominações: Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Outras pentecostais.

Curiosamente, o número de títulos mencionados nessa segunda pesquisa foi semelhante ao da primeira: 273 títulos. Destes, 73 títulos foram lidos por mais de uma pessoa e 200 títulos lidos apenas por uma pessoa.

Dos 73 títulos lidos por mais de uma pessoa, 28 foram lidos por duas pessoas, 22 foram lidos por três pessoas, oito foram lidos por quatro pessoas, quatro livros foram lidos por cinco pessoas, um livro foi lido por seis pessoas, cinco livros foram lidos por sete pessoas, dois livros foram lidos por oito pessoas e aqueles que foram lidos por mais de oito pessoas são os seguintes: *Bom dia, Espírito Santo*, *Uma vida com propósitos* e *O filho do fogo*.

Embora a diversidade de títulos mencionados ainda seja grande, nota-se menor diferenciação. Se, na primeira pesquisa, houve 207 títulos mencionados por apenas uma

pessoa, nesta pesquisa esse número desceu para 200, apesar de apresentar o mesmo número de títulos nas duas pesquisas: 273 títulos.

Uma das características marcantes dos evangélicos é a multiplicidade de igrejas que criam e a facilidade com que transferem de igreja. Essa multiplicidade também se expressa na literatura que lêem. O fato de várias denominações evangélicas lerem os mesmos livros sugere tendência de se manter um pensamento semelhante entre eles.

Os livros mais mencionados na segunda pesquisa recuperam a pesquisa anterior, com pequenas inversões. Ao contrário da anterior, em que *Uma vida com propósitos* foi o livro mais mencionado e *Bom dia, Espírito Santo* foi o segundo, há na pesquisa do 2º semestre de 2007 uma inversão. Os demais livros mencionados como mais lidos foram: *O filho do fogo*, que foi mencionado por poucos leitores na pesquisa anterior, e os outros livros também foram citados anteriormente: *Ele veio para libertar os cativos* e *Evangelismo por fogo*.

O livro mais lido foi *Bom dia, Espírito Santo*. Ele foi lido por 5,7% dos leitores, ou 28 pessoas, e em quase todas as denominações, com exceção do grupo neopentecostal e das comunidades evangélicas, que, na pesquisa recebem o nome de “outras evangélicas”. A maior concentração de leitores está entre os batistas (6,9% dos leitores), que é também o maior grupo pesquisado. Em outro de seus livros também mencionados nessa pesquisa de campo, *Bem vindo Espírito Santo*, Hinn continua a trabalhar a mesma temática.

Tabela 21 - Livros mais lidos e igreja de pertença

	Geral	Igreja							
		Batista	Presbiteriana	Assembléia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor
54 - BOM DIA ESPÍRITO SANTO	5,7%	6,9%	4,8%	2,0%	5,4%		8,8%		15,0%
242 - UMA VIDA COM PROPÓSITOS	4,7%	5,3%	9,5%	6,1%	8,1%		1,1%	5,5%	
157 - O FILHO DO FOGO	2,4%	3,2%					6,7%	4,4%	1,4%
90 - ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	1,6%	1,6%		2,0%	5,4%		2,2%		
105 - EVANGELISMO POR FOGO	1,6%	2,7%			8,1%				

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

O livro: *Bom dia, Espírito Santo* foi o mais lido por pessoas com a menor escolaridade na pesquisa: ensino fundamental incompleto. Seus principais leitores foram mulheres (7,1%) entre 55-59 anos (12,5%) e recém-convertidas (23,9% dos leitores possuem até 3 anos de conversão). A temática desse livro já foi mencionada quando se tratou da pesquisa anterior, que é a busca por reconhecer a voz do Espírito Santo e obter maior direcionamento de Deus para a vida.

Tabela 22 - Livros mais lidos e tempo de conversão

	Tempo de Conversão								
	Geral	menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos	Não sabe / Não respondeu
54 - BOM DIA, ESPÍRITO SANTO	5,7%	11,1%	12,8%	7,7%	3,6%	11,8%	2,6%	3,6%	
242 - UMA VIDA COM PROPÓSITOS	4,7%		5,1%	4,6%	6,0%		2,6%	6,5%	
157 - O FILHO DO FOGO	2,4%	22,2%	7,7%	3,1%	2,4%		2,6%	,6%	
90 - ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	1,6%		2,6%		1,2%	5,9%		1,8%	
105 - EVANGELISMO POR FOGO	1,6%		5,1%	3,1%		2,0%	1,3%	1,2%	

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Tabela 23 - Livros mais lidos e escolaridade

	Escolaridade								
	Geral	55 a 59 anos	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	Pós-graduação
54 - BOM DIA, ESPÍRITO SANTO	5,7%	12,5%	16,2%	7,7%	3,8%	5,4%	3,7%	4,5%	
242 - UMA VIDA COM PROPÓSITOS	4,7%			5,8%	7,7%	2,2%	4,9%	9,1%	9,1%
157 - O FILHO DO FOGO	2,4%		5,4%	3,8%	1,9%	2,2%		4,5%	
90 - ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	1,6%	8,3%	10,8%		1,9%	1,6%			
105 - EVANGELISMO POR FOGO	1,6%		5,4%			2,2%	1,2%	1,5%	

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

O segundo livro mais mencionado na pesquisa foi *Uma vida com propósitos*, lido por 4,7% dos entrevistados. Ele foi o livro mais citado proporcionalmente no grupo presbiteriano (9,5%), juntamente com *Maravilhosa Graça*. Entre os batistas, ele foi lembrado por 5,3% dos entrevistados. Em porcentagem mais elevada que os batistas quanto à leitura desse livro estão os membros da Assembléia de Deus (6,1%) e da Igreja do Evangelho Quadrangular (8,1%).

Proporcionalmente foi o livro mais lido por mulheres (5% contra 3,6% de leitores homens) e pessoas entre 20-34 anos (17,5% dos leitores está nessa faixa etária). Não há menção de leitores entre 40-44 anos e nem após 49 anos. O perfil de seus leitores é o mais diferenciado também quanto à escolaridade. Seus leitores são os mais escolarizados da pesquisa: 9,1% de seus leitores possuem ensino superior completo e outros 9,1% possuem pós-graduação. Essa mesma porcentagem de leitores com pós-graduação é encontrada em outras obras mencionadas: *As crônicas de Nárnia* e *A oração de Jabez*.

Tabela 24 - Livros mais lidos, sexo e faixa etária

	Geral	Sexo		Faixa Etária							
		Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
54 - BOM DIA ESPÍRITO SANTO	5,7%	3,8%	7,1%	9,2%	4,5%	5,6%	1,5%	7,0%	3,8%	3,7%	12,5%
242 - UMA VIDA COM PROPÓSITOS	4,7%	3,8%	5,3%	6,1%	6,3%	6,9%	4,5%		3,8%		
157 - O FILHO DO FOGO	2,4%	2,4%	2,5%	3,1%	3,6%	1,4%	1,5%		5,8%		
90 - ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS	1,6%	1,4%	1,8%	1,0%	1,8%		3,0%	2,3%			8,3%
105 - EVANGELISMO POR FOGO	1,6%	3,3%	,4%	2,0%	0,9%	2,8%			1,9%	7,4%	

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

O terceiro livro mais mencionado na pesquisa foi *O filho do fogo*, citado por 2,4% dos entrevistados. Escrito pelo casal Eduardo Daniel Mastral e Isabela Mastral, ambos pseudônimos, o livro foi publicado pela editora Naós em 1999. Dividido em 2 volumes, os livros abordam a inserção e a saída no satanismo de seu autor. As narrativas são marcadas por descrições detalhadas de práticas satanistas no primeiro volume e, no segundo volume, há a descrição de seu processo de libertação após se entregar a Jesus. Como são duas obras com o mesmo nome, não é possível definir a qual dos volumes os entrevistados na pesquisa se referiam durante a coleta de dados. O fato de serem livros mais grossos, o primeiro volume contém 415 páginas e o segundo possui 522 páginas, parece não ser empecilho para a leitura. Uma prova do sucesso desses livros está no fato de terem produzido outro sucessor, o livro *Guerreiros da luz* dos mesmos autores.

O filho do fogo foi lido igualmente por homens e mulheres (2,4% de homens e 2,5% de mulheres o mencionaram) e pessoas com baixa escolaridade (9,2% dos leitores possuem ensino fundamental incompleto e completo). Pelo fato de ser uma narrativa, escrita em estilo direto e vocabulário simples, isso talvez explique seu interesse por pessoas com menor tempo de escolaridade formal, apesar de ser cada um dos volumes possuir mais de 400 páginas. Seus maiores leitores são tanto os mais jovens (6,7% deles possui entre 20-29 anos), quanto pessoas de meia idade (5,8% dos leitores possui entre 45-49 anos). Não há menção a seus leitores entre 40-44 anos e nem após 49 anos.

Esses livros foram citados majoritariamente por pessoas com até três anos de conversão. Eles foram mencionados por uma pessoa na Igreja da Graça, seis pessoas nas igrejas batistas, quatro em outras igrejas pentecostais e uma em outras igrejas evangélicas. Dentre as igrejas pentecostais, ele é mencionado por fiéis da Igreja Pentecostal Templo da Verdade e por um

membro da Casa de oração para todos os povos. Entre membros de outras igrejas evangélicas, ele foi lembrado apenas na Comunidade Cristã Zona Sul.

Esse livro não é mencionado pelos fiéis das igrejas: Presbiteriana, Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é amor.

A temática da batalha espiritual e da influência dos poderes demoníacos também faz parte de outro livro com maior número de leitores: *Ele veio para libertar os cativos*, de Rebecca Brown, mencionado por 1,6% dos leitores, mesma proporção dos leitores de outro livro, *Evangelismo por fogo*. A tônica de sua literatura, como a *O filho do fogo*, é a libertação dos poderes demoníacos, o que já foi mencionado. O público leitor de *Ele veio para libertar os cativos* são fiéis da Igreja do Evangelho Quadrangular, com 7-10 anos de conversão, ensino fundamental incompleto (10,8%) e pessoas da maior faixa etária (8,3% deles têm entre 55-59 anos).

Ele veio para libertar os cativos não é mencionado nas igrejas neopentecostais, apesar de sua ênfase ser o exorcismo. Os neopentecostais, no entanto, citam outros livros com essa temática: *O filho do fogo*, *Curai enfermos e expulsai demônios*.

Para se compreender a razão de leitores com maior idade serem o grupo majoritário que optou por essa leitura, é importante citar as considerações de Mauro AmatuZZi sobre o desenvolvimento religioso, cujas referências foram James Fowler e Erik Erickson. AmatuZZi define desenvolvimento religioso como um “desenvolvimento pessoal no campo das indagações pelo sentido último, ou seja, no campo religioso”⁴⁹⁴. Esse desenvolvimento envolve tanto o desenvolvimento psicológico, quanto a existência de experiências religiosas pessoais e o encontro com tradições vivas. Ele analisa o desenvolvimento religioso a partir das seguintes faixas etárias: primeiro ano de vida, criança de 1 a 6 anos, criança de 7 a 11/12 anos, jovem até 18/19 anos, jovem adulto (entre 18/19- 24/25 anos), adulto (24/25 - 35/40 anos), adulto maduro (35/40 - 50/60 anos) e idoso (após 60 anos)⁴⁹⁵.

Em cada idade, há desafios a serem vencidos. Como a faixa etária majoritária da pesquisa é o grupo de adultos maduros, justifica-se a busca pela compreensão dos desafios que esse grupo etário precisa enfrentar e como a busca por superar os desafios contribui para a delimitação de um gênero literário específico.

Para AmatuZZi, o principal desafio para o adulto maduro, ou seja, pessoas entre 35-40 anos a 60-65 anos, é redescobrir-se ou encontrar seu sentido pessoal. Para isso, torna-se necessário, por vezes, não apenas questionar, mas buscar superar os padrões. A inexistência

⁴⁹⁴ Cf. AMATUZZI, 2001, p. 30.

⁴⁹⁵ Cf. AMATUZZI, 1999, p. 131-138.

dessa experiência pode levar à falta de convicções⁴⁹⁶. Conforme Fowler, na meia idade e depois ou na segunda metade da vida, a pessoa confronta-se com as polaridades da vida. Ela relativiza seu ponto de vista e concebe Deus como imanente, todo poderoso e encarnado, como exemplifica o texto abaixo:

Do ponto de vista religioso, esse novo apelo pode levar a uma fé mais pessoal, superando aspectos rígidos (nessa fase tidos como conservadores) ou, por não encontrar isso, pode levar a um abandono da religião até então professada. Ou seja, a vivência religiosa se aprofunda em direção ao mais pessoal e a uma liberdade experienciada, ou não resiste.⁴⁹⁷

A vivência religiosa desse grupo etário se prende ao dever e valoriza a fé como resposta para os dilemas do presente. Se é no presente que a fé precisa ter sentido e contribuir para atribuição de um sentido também à vida, a leitura de batalha espiritual se justifica; a luta que se trava é para que sejam resolvidas questões emergenciais, e, não, questões a longo prazo. Como pondera AmatuZZi:

A religião ou qualquer sistema de fé se torna mais pessoal. E se existia uma rigidez na prática religiosa ou de alguma filosofia de vida, a descoberta de uma verdadeira liberdade pode levar ao abandono da religião ou daquele sistema de fé. Mas pode levar também a um aprofundamento, se é que neles existia objetivamente algo mais profundo a ser descoberto.⁴⁹⁸

O interesse por esse tipo de leitura parece ser motivado pela tentativa de se compreender os revezes da vida. A literatura de batalha espiritual ao colocar o mal como externo, dependente de uma ação pró-ativa do fiel para se ver liberto, oferece não apenas uma compreensão para a atualidade, mas também orientações para se enfrentar o futuro.

Embora a preocupação com o sentido da vida seja marca de todo esse grupo etário, para as pessoas mais velhas, a leitura de batalha espiritual parece fazer ainda mais sentido. Elas estão migrando para o busca por uma fé universalizante, ou descentrada, característica de pessoas com mais de 60 anos conforme a distinção de AmatuZZi. Nesse padrão de fé, tem-se o apego a Deus e o desprendimento ou desapego como sentimentos mais marcantes.

Se a vivência religiosa não recuou para formas rígidas, ela será agora expressão e instrumento de uma relação experimentada na humildade diante do mistério. E, se a confiança não encontra seu objeto absoluto nem que seja implicitamente, é provável que a pessoa viva num desespero mais ou menos abafado em amargura.⁴⁹⁹

⁴⁹⁶ Cf. AMATUZZI, 2001, p. 37.

⁴⁹⁷ Cf. AMATUZZI, 2001, p. 47.

⁴⁹⁸ AMATUZZI, 1999, p. 137-138.

⁴⁹⁹ Cf. AMATUZZI, 2001, p. 48.

O quinto livro mais mencionado nessa pesquisa também foi muito mencionado na pesquisa anterior e é *Evangelismo por fogo*, de Reinhard Bonnke. A temática da batalha espiritual aparece diluída na obra e se manifesta através dos relatos de conversões presentes no texto. Essas conversões referem-se a experiências de Bonnke com suas cruzadas evangelísticas pelo mundo.

Evangelismo por fogo é citado apenas por fiéis da Igreja do Evangelho Quadrangular (8,1%), e membros de igrejas batistas (2,7%). Entre os membros da Igreja do Evangelho Quadrangular faz parte do grupo de livros mais citados, do qual fazem parte também as obras *Uma vida com propósitos* e *O resgate* (ambos mencionados por 8,1% dos membros dessa denominação). Quanto ao perfil do seu leitor, este é majoritariamente novo convertido (5,1% deles possuem entre 1 a 3 anos de conversão), masculino (3,3% contra 0,4% de mulheres), entre 50-54 anos (7,4%) e com ensino fundamental incompleto (5,4%).

Quanto a outras obras mencionadas por mais de uma pessoa, grupos de sete pessoas leram os seguintes livros: *A oração de Jabez*, *Caçadores de Deus*, *Ele escolheu os cravos*, *O culto e suas formas*, *O nome de Jesus* e seis pessoas leram *O homem que veio do céu*. Dessas seis pessoas que mencionam o livro, cinco delas pertencem a outras igrejas evangélicas: quatro delas o citam na Comunidade Cristã para as nações (uma delas, entrevistada nesta igreja se declara membro de outra igreja pentecostal), outra pessoa se lembra dele na Comunidade Cristã Zona Sul e outra o cita na igreja batista. A Comunidade Cristã para as nações é uma igreja recente formada, em grande parte por antigos membros da Igreja Batista da Lagoinha, onde esse livro não apenas foi muito lido no ano de 2006, como também indicado no púlpito como boa sugestão de leitura.

Os livros lidos por cinco pessoas foram: *Curai enfermos e expulsai demônios*, *Divina revelação do inferno*, *Jesus o maior psicólogo que já existiu*, *Maravilhosa graça*.

Foram mencionados por quatro pessoas os seguintes livros: *Autoridade espiritual*, *Campo de batalha da mente*, *Este mundo tenebroso* (ficção apocalíptica, que se tornou posteriormente referência para que os cristãos protestantes falassem das investidas do diabo), *Janelas para a vida*, *O obreiro aprovado*, *O resgate*, *Poder para mudar sua vida*, *Retorno à santidade*, *A coragem de não desistir*. Essas leituras citadas por quatro pessoas possuem uma ênfase similar, a espiritualidade, além do encorajamento para mudanças, expressos tanto na perseverança diante dos sonhos, quanto no controle da mente.

Dentre os livros e autores citados até então, é importante considerar que todos os autores escrevem dos Estados Unidos, com exceção de *Evangelismo por fogo*, cujo autor é alemão, e *O filho do fogo*, cujos autores são brasileiros. Chama atenção a pouca inserção de

autores evangélicos brasileiros na literatura evangélica. Outro autor nacional mencionado pelos entrevistados é Ricardo Barbosa de Sousa, lembrado por quatro pessoas.

Algumas observações podem ser construídas a partir da análise da preferência literária das 494 pessoas pesquisadas.

a) Pertença religiosa e preferência literária

Há ênfases denominacionais nas menções dos fiéis à leitura que merecem ser consideradas. Apenas os membros da Igreja Deus é amor mencionam os livros: *O culto e suas formas* (lido por 35% dos fiéis dessa denominação), *O apocalipse* (lido por 15% das pessoas), *Essência da sabedoria* (lido por 10%) e *Mulher de oração* (lido por 10%). Há fiéis dessa denominação que leram livros também lembrados por membros de outras denominações evangélicas, como: *Contudo há uma esperança* e *Bom dia, Espírito Santo*.

O mesmo ocorre com o livro *A coragem de não desistir*, mencionado apenas pelos fiéis da Igreja Pentecostal Herdeiros de Deus, e *Espírito de liderança*, citado apenas na Comunidade Cristã para as nações. Nessa comunidade, parece que se dá uma ênfase ao preparo dos fiéis para a liderança. Além de *Espírito de liderança* também são citados apenas por esse grupo, *O poder da liderança* e *Mentoria espiritual*.

Também chama atenção a leitura do livro: *O evangelho maltrapilho* por três pessoas de uma das comunidades da Casa de oração para todas as nações. Escrito por Brennam Manning, um religioso estadunidense, esse livro destaca o valor e o sentido da espiritualidade, uma espiritualidade mística e também atrelada ao cotidiano. Como comunidade pentecostal, supõe-se que os fiéis optem por uma literatura mais diretiva, o que parece não ocorrer na comunidade citada.

Ainda quanto a essa denominação, representada por duas igrejas na pesquisa, apenas a Casa de oração para todas as nações leu os livros *Intimidade com Deus no temor do Senhor* (três pessoas) e *O obreiro aprovado* (quatro pessoas ou um quinto dos entrevistados nessa denominação), o que sugere preocupação dos fiéis com a espiritualidade.

E ainda sobre ênfases denominacionais, apenas os batistas leram: *Sonhas e ganharás o mundo* e *A formação de um líder*. As demais leituras dos batistas são compartilhadas também em outras denominações.

Em vários momentos, a literatura citada por batistas tem como contraponto o grupo de outras igrejas evangélicas, ou seja, apenas batistas e membros de outras denominações evangélicas leram os mesmos livros. É o caso de livros como *Eu e minha boca grande*, *Eu vejo Cristo em você quando...*, *Decepcionado com Deus*, *30 60 100 por um*, *Desmascarando o espírito de Jezabel*, *Edificando um novo lar*, *O perfil dos três reis*, *O poder da esposa que*

ora, O poder da oração.

Como já foi mencionado sobre os fiéis da Igreja Pentecostal Templo da verdade, que privilegiam a batalha espiritual em suas leituras, eles foram o segundo maior grupo de leitura de um único livro: *Bom dia, Espírito Santo*, superados apenas por *O culto e suas formas* citado na igreja Deus é amor. O público da Igreja Pentecostal Templo da Verdade também se destaca por ser o único a ler o livro: *A unção*, cujo foco é a espiritualidade. Além da busca por se verem livres do mal, os membros dessa igreja nessa pesquisa também pontuaram seu desejo de maior intimidade espiritual com Deus ao enumerarem suas leituras.

Os neopentecostais da Igreja Internacional da Graça de Deus adotam uma leitura condizente com as ênfases da denominação: prosperidade financeira e batalha espiritual. Com a primeira ênfase, foram mencionados unicamente por esse grupo: *O toque de Midas, Como tomar posse da bênção, Os segredos da mente milionária, De vitória em vitória*. A valorização da pessoa do Espírito Santo em detrimento das demais pessoas da trindade pode ser percebida pelas seguintes leituras também citadas apenas por esse grupo: *O batismo no Espírito Santo, Como ser dirigido pelo Espírito de Deus, Bem vindo Espírito Santo*.

As maiores variações de títulos estão entre os batistas. Eles são o maior grupo entrevistado (38,1%) e adotam leituras sem uma ênfase específica, como ocorre em outros grupos evangélicos. Dos títulos mencionados, 81 títulos lidos unicamente por batistas aparecem na pesquisa, entre livros apologéticos, como: *Seitas e heresias*, de batalha espiritual, como *Porcos na sala*, teológicos, *Quem precisa de teologia* e *Teologia do cotidiano*, livros sobre o valor da oração: *Vinte e seis lições sobre oração, Oração, a chave do avivamento, Oração intercessória* e livros sobre louvor e adoração. Desse último grupo fazem parte os livros: *O que fazemos com esses músicos, Coração do adorador, Artistas e adoradores*. Também é no grupo batista que é citado um livro clássico de auto-ajuda, *O monge e o executivo*.

É interessante observar também entre os livros citados pelos batistas, a preocupação com o papel da mulher. Desse grupo fazem parte: *A dama, seu amado e seu senhor, A mulher virtuosa, Mulher sábia, plenitude da mulher cristã, Mulheres cristãs, Romance à maneira de Deus, Uma mulher segundo o coração de Deus, O poder da esposa que ora*. A mulher virtuosa é aquela mulher que ora, que possui virtudes específicas, entre elas a pureza sexual ou a virgindade, ênfase que é dada tanto em *Romance à maneira de Deus*, quanto em outro livro, citado por um batista e um cristão neopentecostal: *O porquê do hímem*.

Percebe-se uma das dimensões da auto-ajuda nitidamente presente aqui: como capacitação ou desenvolvimento de habilidades. As leitoras dessa literatura buscam referência

de feminilidade e cristianismo e parecem se valer dessas literaturas como aporte.

b) Gênero literário e experiência de conversão

Quanto à relação entre gênero literário e experiência de conversão, pessoas com maior tempo de conversão (mais de 15 anos), que são o maior universo da pesquisa (168 pessoas ou 34% dos entrevistados) leram, em maior parte, o livro: *Uma vida com propósitos*. Esse livro é considerado um best-seller da literatura evangélica. Seu autor, Rick Warren, escreveu posteriormente, outro livro, *Uma igreja com propósitos* que também é mencionado na pesquisa, sendo lido por um membro de igreja batista e um membro da Casa de oração para todos os povos. Por outro lado, pessoas com menos de um ano de conversão leram, em sua maior parte (22,2% delas), *O filho do fogo*. Esse universo também foi o menor da pesquisa e eram membros de igrejas batistas e do grupo “outras pentecostais”.

A busca por segurança e por estabilidade, bem como por explicações para as crises da vida, parece levar à leitura de livros de batalha espiritual, que atribuem ao diabo a culpa e a responsabilidade pelas desgraças. Conhecer mais sobre suas estratégias, que é a proposta do livro *O filho do fogo*, parece trazer alívio e tentativa de controle.

c) Leituras de referência

Nota-se que os evangélicos adotam leituras denominacionais, mas também optam por leituras independentes. Há uma tendência pela opção de leituras diretivas, que trazem orientações sobre comportamentos adequados. Entre os livros citados, há poucos que adotam o gênero narrativo. A maior parte dos livros adota um estilo de literatura de tarefa, ou seja, uma literatura que traz orientações práticas para o cotidiano ou para o cumprimento de determinadas atividades.

Merece consideração também, como já foi alertado, a pequena menção a livros de autores brasileiros. A influência norte-americana ainda é crescente na igreja evangélica brasileira e se expressa também na literatura que circula no país. José Míguez Bonino pontua sobre tal dependência e aponta a possibilidade de igrejas étnicas ou igrejas que mantenham sua identidade⁵⁰⁰.

6.3.2.2 2ª questão: “Qual o principal tema desse livro?”

Nessa questão buscavam-se informações acerca do tema do livro mencionado, bem como a relação entre título e tema.

⁵⁰⁰ Cf. BONINO, 2002.

Foram listados como opções: cura interior, batalha espiritual, família, crescimento de igrejas, espiritualidade, biografias, crescimento pessoal, prosperidade, história da igreja, estudos bíblicos, doutrina, missões, aquisição de habilidades.

Os títulos citados, conforme os entrevistados, possuíam como principais temas: crescimento pessoal (28,5%), espiritualidade (20,6%), batalha espiritual (12,8%), família (6,5%) e aquisição de habilidades (5,9%), como foi demonstrada na segunda questão do questionário. Entre todas as opções listadas, os homens são maioria dos leitores nos seguintes tópicos: aquisição de habilidades, biografias, crescimento de igrejas (lêem quatro vezes mais que as mulheres), prosperidade (o dobro de leitores), doutrina, história da igreja (lêem seis vezes mais que as mulheres). As mulheres, por sua vez, são maioria dos leitores nos seguintes tópicos: espiritualidade (5% a mais que homens), família (quase o dobro), cura interior (o dobro de leitores), estudos bíblicos.

Tabela 25 - Temas dos livros, sexo e faixa etária

	Sexo			Faixa Etária							
	Geral	Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Cura interior	4,5%	2,8%	5,7%	8,2%	1,8%	1,4%	12,1%	4,7%			4,2%
Batalha espiritual	12,8%	12,7%	12,8%	10,2%	17,9%	12,5%	10,6%	2,3%	11,5%	14,8%	25,0%
Família	6,5%	4,2%	8,2%	5,1%	7,1%	9,7%	1,5%	18,6%	3,8%	3,7%	
Crescimento de igrejas	2,6%	4,2%	1,4%	3,1%		4,2%	3,0%	2,3%	3,8%	3,7%	4,2%
Espiritualidade	20,6%	18,4%	22,3%	20,4%	23,2%	20,8%	18,2%	20,9%	17,3%	7,4%	37,5%
Biografias	3,6%	4,2%	3,2%	5,1%	2,7%		6,1%	4,7%	3,8%	7,4%	
Crescimento Pessoal	28,5%	28,8%	28,4%	31,6%	28,6%	29,2%	28,8%	25,6%	36,5%	22,2%	8,3%
Prosperidade	2,0%	2,8%	1,4%		3,6%	2,8%	1,5%	2,3%	1,9%	3,7%	
História da igreja	1,2%	2,4%	0,4%	1,0%		2,8%	1,5%	2,3%	1,9%		
Estudos bíblicos	2,2%	1,9%	2,5%	3,1%	0,9%		3,0%		3,8%	7,4%	4,2%
Doutrina	1,8%	2,4%	1,4%		3,6%	2,8%	3,0%		1,9%		
Missões	5,5%	5,7%	5,3%	8,2%	3,6%	5,6%	3,0%	2,3%	3,8%	14,8%	8,3%
Aquisição de habilidades	5,9%	6,6%	5,3%	1,0%	6,3%	8,3%	4,5%	9,3%	5,8%	14,8%	4,2%
Não sabe / Não respondeu	2,2%	2,8%	1,8%	3,1%	0,9%		3,0%	4,7%	3,8%		4,2%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	212	282	98	112	72	66	43	52	27	24

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Pessoas entre 45-49 anos foram as que mais mencionaram como tema dos livros o crescimento pessoal (36,5%). O menor público que listou esse tema foram pessoas entre 55-59 anos, provavelmente por estarem satisfeitas com o que já alcançaram e, portanto, não desejarem mais a maturidade.

Tendo como referência as categorias propostas por Rudiger para a literatura de ajuda, nota-se que os evangélicos de Belo Horizonte e arredores optaram por livros que estimulassem o desenvolvimento de capacidades subjetivas, em detrimento das objetivas. Por

isso procuraram livros que aprimorassem o autoconhecimento ou que promovessem reflexão acerca da subjetividade. A opção por crescimento pessoal reforça tanto o individualismo pós-moderno quanto uma das premissas da auto-ajuda que é o autoconhecimento.

A ênfase à espiritualidade mencionada na pesquisa anterior, realizada no primeiro semestre de 2007, é substituída pela ênfase no crescimento pessoal, muito mais próxima das demandas apontadas pelos sujeitos pós-modernos, que buscam se conhecer e ter suas demandas atendidas em um primeiro momento. O hedonismo, uma das marcas fortes da contemporaneidade, se expressa na busca por crescimento pessoal, ênfase da qual os livros evangélicos também não se eximem.

Tabela 26 - Temas mais lidos e igreja de pertença

	Igreja								
	Geral	Batista	Presbiteriana	Assembléia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor
Cura interior	4,5%	3,2%		8,2%	13,5%	6,7%	3,3%	1,4%	10,0%
Batalha espiritual	12,8%	13,8%	9,5%	6,1%	10,8%	13,3%	13,2%	13,7%	20,0%
Família	6,5%	3,7%	4,8%	16,3%	10,8%	6,7%	6,6%	4,1%	10,0%
Crescimento de igrejas	2,6%	4,8%	4,8%		2,7%		1,1%	1,4%	
Espiritualidade	20,6%	28,2%	38,1%	14,3%	10,8%		18,7%	15,1%	10,0%
Biografias	3,6%	2,1%	4,8%	12,2%	8,1%		1,1%	4,1%	
Crescimento Pessoal	28,5%	22,3%	23,8%	18,4%	27,0%	53,3%	41,8%	38,4%	5,0%
Prosperidade	2,0%	2,7%				20,0%	1,1%	1,4%	
História da igreja	1,2%	1,1%		2,0%			1,1%	2,7%	
Estudos bíblicos	2,2%	2,7%	4,8%	2,0%	5,4%			2,7%	
Doutrina	1,8%	3,7%						2,7%	
Missões	5,5%	4,8%		16,3%	8,1%		3,3%	5,5%	
Aquisição de habilidades	5,9%	3,2%	9,5%	4,1%	2,7%		6,6%	5,5%	40,0%
Não sabe / Não respondeu	2,2%	3,7%					2,2%	1,4%	5,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	188	21	49	37	15	91	73	20

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Quanto ao perfil escolar e à igreja majoritária de quem busca crescimento pessoal, esses leitores têm, em sua maioria, ensino médio completo e incompleto (73%) e fazem parte da Igreja Internacional da Graça de Deus (53,3%) e outras igrejas pentecostais (41,8%). Outra característica desse grupo é que possuem entre 5 a 10 anos de conversão. Percebe-se, portanto, que os pentecostais são os maiores leitores de livros de crescimento pessoal, e, não os protestantes históricos, representados na pesquisa pelos batistas e presbiterianos. A pesquisa confirma outros estudos sobre os neopentecostais, ao apontar seu interesse tanto no crescimento pessoal, quanto na busca por prosperidade e batalha espiritual, o que já foi destacado anteriormente.

O segundo tema dos livros mencionado pelos entrevistados foi espiritualidade. As pessoas que apontaram essa temática pertencem à maior faixa etária da pesquisa. Conforme AmatuZZi, o envelhecimento tem como principal desafio o desapego e uma relação de humildade diante do mistério⁵⁰¹. No processo de desapego, a aproximação de Deus é a consequência natural, o que parece explicar a busca por leituras que reforcem a necessidade dessa aproximação. Em outro texto sob a mesma temática, AmatuZZi destaca que “a confiança básica se radicaliza em confiança absoluta acompanhada de entrega total, o que supõe, ao menos implicitamente, a afirmação de um sentido transcendente”⁵⁰².

Quanto à escolaridade, também há diferenciação quanto à primeira opção dessa pergunta. O maior grupo de leitores que mencionou a espiritualidade como tema de sua leitura tem ensino superior completo (25,8%) ou pós-graduação (22,7%). Pessoas com escolaridade mais elevada leram, na mesma proporção, livros que versavam sobre crescimento pessoal.

Tabela 27 - Temas mais lidos e escolaridade

	Escolaridade							
	Geral	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação
Cura interior	4,5%	5,4%	5,8%	3,8%	6,0%	3,7%	1,5%	
Batalha espiritual	12,8%	27,0%	17,3%	11,5%	10,9%	6,2%	16,7%	9,1%
Família	6,5%	10,8%	3,8%	5,8%	7,1%	7,4%	3,0%	9,1%
Crescimento de igrejas	2,6%	2,7%	5,8%	1,9%	1,6%	4,9%	1,5%	
Espiritualidade	20,6%	16,2%	21,2%	17,3%	20,7%	19,8%	25,8%	22,7%
Biografias	3,6%		3,8%	1,9%	4,9%	3,7%	3,0%	4,5%
Crescimento Pessoal	28,5%	16,2%	28,8%	44,2%	28,8%	27,2%	25,8%	22,7%
Prosperidade	2,0%		1,9%		2,7%	2,5%	3,0%	
História da igreja	1,2%			1,9%	1,1%		4,5%	
Estudos bíblicos	2,2%	5,4%	1,9%	1,9%	1,1%	2,5%	3,0%	4,5%
Doutrina	1,8%		1,9%		2,2%	2,5%	1,5%	4,5%
Missões	5,5%	5,4%		3,8%	7,6%	6,2%	4,5%	4,5%
Aquisição de habilidades	5,9%	8,1%	7,7%	3,8%	3,8%	9,9%	3,0%	13,6%
Não sabe / Não respondeu	2,2%	2,7%		1,9%	1,6%	3,7%	3,0%	4,5%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	37	52	52	184	81	66	22

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Espiritualidade foi o tema mais mencionado por protestantes históricos nessa ordem: presbiterianos (38,1%) e batistas (22,3%). Entre o grupo pentecostal esse tema foi mencionado em maior porcentagem pelo grupo de “outras igrejas pentecostais” (18,7%). E, quanto ao tempo de conversão, foi mais mencionado pelo mesmo grupo anterior: convertidos entre 7-10 anos (27,5%).

⁵⁰¹ Cf. AMATUZZI, 2001, p. 48.

⁵⁰² AMATUZZI, 1999, p. 138.

O terceiro maior tema mencionado pelos leitores foi batalha espiritual. Os maiores grupos de leitores de batalha espiritual são tanto pessoas mais velhas (25%), como também os jovens: 28,1% de seus leitores possuem entre 20-29 anos. Outra característica dos leitores de batalha espiritual é a baixa escolaridade: 27% possui ensino fundamental incompleto e 17,3% possui ensino fundamental completo. Paradoxalmente, o terceiro maior grupo de leitores de batalha espiritual tem ensino superior completo (16,2%). Pode-se inferir que eles teriam em comum o pouco tempo de conversão: 42,7% das pessoas que apontaram tal temática possuem até 3 anos de conversão.

Essa constatação sugere que a maturidade espiritual ou o tempo de conversão leva as pessoas à busca por maior maturidade nas leituras ou ao menos a um olhar diferenciado sobre elas.

Quanto à adoção de literatura de batalha espiritual por pessoas mais escolarizadas, pressupõe-se que seja efeito do processo recente de conversão. Outra hipótese seria de que lutar contra o mal é personificar as dificuldades do cotidiano. Se, para enfrentar as várias pressões da vida seria necessário encontrar um inimigo e lutar contra ele, conhecer as estratégias desse inimigo, que é o diabo, contribui para diminuir suas investidas sobre os seres humanos.

Tabela 28 - Temas mais lidos e tempo de conversão

	Tempo de Conversão								Não sabe / Não respondeu
	Geral	menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos	
Cura interior	4,5%	22,2%	7,7%	6,2%	4,8%		1,3%	4,8%	
Batalha espiritual	12,8%	22,2%	20,5%	9,2%	15,5%	7,8%	18,4%	9,5%	
Família	6,5%			4,6%	2,4%	7,8%	3,9%	11,9%	
Crescimento de igrejas	2,6%		10,3%		1,2%		2,6%	3,6%	
Espiritualidade	20,6%	22,2%	12,8%	21,5%	23,8%	27,5%	15,8%	20,2%	50,0%
Biografias	3,6%		5,1%	4,6%		2,0%	5,3%	4,8%	
Crescimento Pessoal	28,5%	22,2%	23,1%	30,8%	38,1%	39,2%	31,6%	20,2%	
Prosperidade	2,0%			7,7%	2,4%	2,0%		1,2%	
História da igreja	1,2%		2,6%			2,0%		1,8%	50,0%
Estudos bíblicos	2,2%		5,1%		1,2%		2,6%	3,6%	
Doutrina	1,8%		5,1%	1,5%	1,2%	2,0%		2,4%	
Missões	5,5%	11,1%	5,1%	4,6%	1,2%	2,0%	6,6%	8,3%	
Aquisição de habilidades	5,9%			9,2%	6,0%	7,8%	9,2%	4,2%	
Não sabe / Não respondeu	2,2%		2,6%		2,4%		2,6%	3,6%	
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	9	39	65	84	51	76	168	2

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

A relação entre espiritualidade e batalha espiritual se manifesta não apenas na semelhança entre público leitor, como também na ênfase dada nos púlpitos de igrejas pentecostais a essas duas temáticas. Ser espiritual exige também saber lutar contra as forças do mal, ter a capacidade de perceber as investidas malignas.

A batalha espiritual foi o segundo tema mais mencionado entre os fiéis da Igreja Pentecostal Deus é amor (20% deles lêem essa literatura), superado apenas pelo tema aquisição de habilidades, mencionado por 40% de membros dessa denominação e, por isso, o quinto tema mais lembrado na pesquisa. É importante destacar que nesse grupo religioso a ênfase aos poderes demoníacos também é elevada, de onde vem o interesse por conhecer as artimanhas das trevas.

Esses três primeiros itens demonstram a acentuação do individualismo e o isolamento característicos da geração pós-moderna. Temas que tratam da vida coletiva, como família e crescimento de igrejas, assim como temas que recuperam a relevância do passado para se compreender o presente, como missões e história da igreja, foram pouco lembrados pelos fiéis.

Quanto aos temas de vida coletiva, família foi o quarto tema mais citado. Seu maior público são membros da Assembléia de Deus e pessoas com ensino fundamental incompleto (10,8%) e maior tempo de conversão (11,9%).

6.3.2.3 3ª questão: “Por que você leu esse livro?”

Com esta pergunta, buscava-se indagar a motivação para a leitura. As opções foram as mesmas mencionadas na pesquisa anterior: indicação do pastor, indicação de um líder, indicação de um amigo, indicação do vendedor da livraria, achou o livro interessante, ganhou de um familiar, e foram acrescidas outras duas opções de respostas, indicação de um familiar, trabalho de escola/seminário.

A maior parte dos entrevistados apontou como motivadores para a leitura a indicação de um amigo (26,7%) e o título interessante (20,6%). A menor motivação foi a indicação do vendedor da livraria (1,4%). Com essa resposta, os entrevistados mostram também que é pequena a influência do líder eclesiástico sobre a opção de leitura dos fiéis: apenas 11,9% das pessoas mencionaram lerem a partir de indicações do pastor e 13,4% mencionaram terem sido influenciados na leitura por um líder.

Ao contrário da pesquisa anterior, que destacou a influência do pastor sobre a opção literária dos fiéis, nessa segunda pesquisa mostrou-se menor credibilidade nas leituras pastorais e maior valor a sugestões de amigos. O individualismo é reforçado pela escolha de um livro a partir de seu título, o que sugere que o investimento das editoras no design de sua literatura e na criatividade de seus títulos agrega vários leitores.

Quanto à idade, pessoas entre 40-44 anos são muito mais influenciadas por amigos

(39,5%), ao passo que as que acharam o título interessante estão em maior porcentagem entre 50-54 anos (29,6%).

Tabela 29 - Razões para leitura, sexo e faixa etária

	Geral	Sexo		Faixa Etária							
		Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Indicação do pastor	11,9%	14,2%	10,3%	12,2%	13,4%	9,7%	13,6%	16,3%	7,7%	7,4%	12,5%
Indicação de um líder	13,4%	14,6%	12,4%	10,2%	15,2%	15,3%	15,2%	7,0%	17,3%	11,1%	12,5%
Indicação de um amigo	26,7%	24,1%	28,7%	27,6%	28,6%	30,6%	18,2%	39,5%	19,2%	25,9%	20,8%
Indicação do vendedor da livraria	1,4%	1,4%	1,4%	1,0%	1,8%	2,8%	1,5%	2,3%			
Indicação de um familiar	10,1%	7,1%	12,4%	17,3%	10,7%	6,9%	7,6%	2,3%	5,8%	3,7%	25,0%
Achou o título interessante	20,6%	21,2%	20,2%	20,4%	17,0%	16,7%	27,3%	11,6%	28,8%	29,6%	20,8%
Ganhou de presente	8,7%	7,1%	9,9%	4,1%	6,3%	12,5%	9,1%	11,6%	17,3%	7,4%	4,2%
Trabalho na escola / seminário	6,1%	9,9%	3,2%	5,1%	7,1%	2,8%	7,6%	7,0%	3,8%	14,8%	4,2%
Não sabe / Não respondeu	1,0%	,5%	1,4%	2,0%		2,8%		2,3%			
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	212	282	98	112	72	66	43	52	27	24

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

As pessoas mais influenciadas pelo pastor ou líder em sua opção de leitura são os neopentecostais (73,4%) e as menos influenciadas são as que se disseram membros da Igreja do Evangelho Quadrangular (13,5%). Este também foi o grupo que destacou mais o valor dos amigos: 45,9% de membros da Igreja do Evangelho Quadrangular apontaram os amigos como referenciais para sua escolha literária.

Na Igreja Deus é amor notam-se diferenças importantes na indicação de leitura. Esta foi a única denominação em que o peso da família foi importante na escolha da leitura: 35% dos entrevistados dessa denominação disseram ler por influência da família. Nessa denominação nota-se outro paradoxo, 35% das pessoas leram por indicação da escola ou seminário, apesar de não se valorizar o estudo e se rejeitar o estudo teológico nessa denominação.

Tabela 30 - Razões para leitura e igreja de pertença

	Igreja									
	Geral	Batista	Presbiteriana	Assembleia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor	Não sabe / Não respondeu
Indicação do pastor	11,9%	11,7%	4,8%	18,4%	8,1%	26,7%	17,6%	5,5%		
Indicação de um líder	13,4%	12,8%	19,0%	6,1%	5,4%	46,7%	17,6%	13,7%		
Indicação de um amigo	26,7%	23,9%	23,8%	30,6%	45,9%		28,6%	28,8%	15,0%	
Indicação do vendedor da livraria	1,4%	1,1%					2,2%	4,1%		
Indicação de um familiar	10,1%	9,6%	14,3%	12,2%	5,4%		6,6%	11,0%	35,0%	50,0%
Achou o título interessante	20,6%	23,4%	23,8%	20,4%	18,9%	26,7%	19,8%	19,2%		
Ganhou de presente	8,7%	9,0%	4,8%	4,1%	16,2%		6,6%	11,0%	15,0%	50,0%
Trabalho na escola / seminário	6,1%	6,4%	9,5%	8,2%			1,1%	5,5%	35,0%	
Não sabe / Não respondeu	1,0%	2,1%						1,4%		
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	188	21	49	37	15	91	73	20	2

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Outro dado interessante sobre a indicação de leitura é a relação entre tempo de conversão e motivação para a leitura. Os pastores parecem ser mais distantes dos novos convertidos do que outros líderes, uma vez que nenhum novo convertido mencionou ler influenciado pelo pastor. O grupo mais influenciado pelos pastores em sua leitura são pessoas com maior tempo de conversão (entre 7-10 anos).

Tabela 31 - Razões para leitura e tempo de conversão

	Tempo de Conversão								Não sabe / Não respondeu
	Geral	menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos	
Indicação do pastor	11,9%		7,7%	13,8%	13,1%	17,6%	13,2%	10,1%	
Indicação de um líder	13,4%	22,2%	10,3%	16,9%	16,7%	9,8%	13,2%	11,9%	
Indicação de um amigo	26,7%	33,3%	23,1%	24,6%	27,4%	33,3%	28,9%	25,0%	
Indicação do vendedor da livraria	1,4%	11,1%		1,5%	1,2%	2,0%	1,3%	1,2%	
Indicação de um familiar	10,1%	11,1%	20,5%	6,2%	7,1%	7,8%	7,9%	11,9%	50,0%
Achou o título interessante	20,6%	22,2%	15,4%	16,9%	15,5%	13,7%	25,0%	26,2%	
Ganhou de presente	8,7%		15,4%	10,8%	9,5%	7,8%	6,6%	7,1%	50,0%
Trabalho na escola / seminário	6,1%		7,7%	7,7%	7,1%	5,9%	3,9%	6,0%	
Não sabe / Não respondeu	1,0%			1,5%	2,4%	2,0%		0,6%	
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	9	39	65	84	51	76	168	2

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

6.3.2.4 4ª questão: “A leitura desse livro o ajudou a resolver seus problemas pessoais?”

Buscava-se, com essa pergunta, questionar acerca do tema da tese: literatura de ajuda.

Quando se menciona a expressão auto-ajuda, como já mencionado no segundo capítulo, ela é mais ampla, não podendo se limitar à busca por sucesso e bem-estar, conceito mais comentado quando se pensa nessa temática.

Os demais conceitos de literatura de ajuda conforme listados por Adair Sobral também no capítulo inicial dessa pesquisa podem ser constatados aqui.

Um conceito adicional para esse termo pode ser aplicado à religião, recuperando-se a concepção inicial do termo. Seria literatura de auto-ajuda, um livro que possibilitasse não apenas o crescimento emocional, profissional, intelectual ou aprimoramento físico, como também promovesse a melhoria no relacionamento do leitor com os outros e com Deus.

A pergunta era: “A leitura desse livro ajudou a resolver seus problemas pessoais?”. E foram dadas três opções: ajudou muito, ajudou em parte, não ajudou. Do universo de 494 pessoas, 444 delas (89,9% dos entrevistados) responderam que a leitura do livro mencionado na primeira questão trouxe contribuições para sua vida prática. Para 10,1% do universo, ou 50 pessoas, essa literatura não trouxe contribuição. Provavelmente essa seria a resposta de quem leu livros de biografia ou doutrina ou história da igreja, em que não se pode fazer associação com problemas pessoais.

Os mais beneficiados com a leitura foram os neopentecostais. Todos os entrevistados desse grupo mencionaram que a leitura ajudou muito. E os menos beneficiados com a leitura foram os membros de outras igrejas evangélicas ou das comunidades cristãs.

Tabela 32 - Benefícios da leitura e igreja de pertença

	Igreja									
	GERAL	Batista	Presbiteriana	Assembleia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor	Não sabe / Não respondeu
Ajudou muito	63,8%	62,2%	71,4%	67,3%	59,5%	100%	65,9%	50,7%	80,0%	100%
Ajudou em parte	26,1%	25,0%	23,8%	26,5%	37,8%		26,4%	35,6%		
Não ajudou	10,1%	12,8%	4,8%	6,1%	2,7%		7,7%	13,7%	20,0%	
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	188	21	49	37	15	91	73	20	2

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

A faixa etária que mencionou ser mais beneficiada com a leitura desses livros está entre 35-39 anos (71,2%). Esse grupo etário não apenas corresponde ao grupo majoritário nas igrejas evangélicas conforme o Censo 2000, mas também vive-se, nessa fase, um momento de transição, em que várias escolhas precisam ser feitas e se espera que haja certa estabilidade emocional, espiritual, profissional. O grupo etário mais novo, entre 20-24 anos, por outro lado, foi o que apresentou a menor porcentagem de benefícios dessa leitura (57,1%). Certamente, com o fim da adolescência e uma série de desafios para encarar, a busca por

respostas prontas e direcionamento é menos freqüente.

Tabela 33 - Benefícios da leitura, sexo e faixa etária

	Sexo			Faixa Etária							
	Geral	Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Ajudou muito	63,8%	60,4%	66,3%	57,1%	61,6%	65,3%	71,2%	69,8%	61,5%	66,7%	66,7%
Ajudou em parte	26,1%	30,2%	23,0%	24,5%	33,0%	30,6%	21,2%	20,9%	23,1%	22,2%	20,8%
Não ajudou	10,1%	9,4%	10,6%	18,4%	5,4%	4,2%	7,6%	9,3%	15,4%	11,1%	12,5%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	212	282	98	112	72	66	43	52	27	24

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Quanto à relação entre escolaridade e benefícios da leitura percebe-se que as pessoas menos escolarizadas foram as que mais apontaram benefícios da leitura, ao passo que as pessoas com ensino superior completo foram as que mais apontaram os não benefícios da leitura.

Tabela 34 - Benefícios da leitura e escolaridade

	Escolaridade							
	Geral	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação
Ajudou muito	63,8%	73,0%	73,1%	59,6%	65,2%	64,2%	57,6%	40,9%
Ajudou em parte	26,1%	24,3%	21,2%	26,9%	25,5%	25,9%	24,2%	50,0%
Não ajudou	10,1%	2,7%	5,8%	13,5%	9,2%	9,9%	18,2%	9,1%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	37	52	52	184	81	66	22

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

6.3.2.5 5ª questão: “Qual problema ajudou a resolver?”

A quinta questão do questionário solicitava que destacassem os benefícios obtidos com a leitura. Um problema percebido na pesquisa anterior quanto a essa questão, que é a expressão “relacionamento com Deus”, foi substituído por expressões desse relacionamento com Deus, dificuldades na oração, conhecimento sobre o jejum, aprender a evangelizar. Ainda com relação à pesquisa anterior, a expressão depressão foi retirada e, em seu lugar, colocou-se o termo caráter.

Foram listadas como opções para essa questão: finanças, trabalho/ministério, família, stress, medo, cura física, opressão maligna, ansiedade, caráter, rejeição, dificuldades na oração, aprender a evangelizar, relacionamento com as pessoas, maldição, conhecimento sobre o jejum.

A maior parte do grupo mencionou como principal problema solucionado pela leitura,

problemas com trabalho/ministério (20,5%). Em seguida vieram caráter (17,8%) e relacionamento com as pessoas (11,3%).

Tabela 35 - Problema resolvido na leitura, sexo e faixa etária

	Sexo			Faixa Etária							
	Geral	Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Finanças	2,5%	3,1%	2,0%		3,8%	2,9%	3,3%	2,6%	4,5%		
Trabalho / Ministério	20,5%	28,1%	14,7%	21,3%	22,6%	17,4%	31,1%	10,3%	18,2%	20,8%	9,5%
Família	7,4%	4,2%	9,9%	6,3%	4,7%	7,2%	4,9%	17,9%	13,6%	8,3%	
Stress	1,4%	1,6%	1,2%		0,9%		4,9%		2,3%		4,8%
Medo	3,6%	4,2%	3,2%	5,0%	0,9%	5,8%	3,3%	7,7%	4,5%		
Cura física	2,0%	0,5%	3,2%	2,5%	0,9%	1,4%	3,3%	2,6%	2,3%	4,2%	
Opressão Maligna	4,1%	4,2%	4,0%	2,5%	6,6%	2,9%	3,3%	5,1%		4,2%	9,5%
Ansiedade	4,7%	3,6%	5,6%	6,3%	3,8%	2,9%	8,2%	7,7%	2,3%		4,8%
Caráter	17,8%	19,8%	16,3%	20,0%	21,7%	21,7%	13,1%	23,1%	9,1%	8,3%	9,5%
Rejeição	1,8%	1,6%	2,0%	2,5%	2,8%	1,4%	1,6%		2,3%		
Dificuldades na oração	6,1%	4,2%	7,5%	7,5%	9,4%	1,4%	4,9%	5,1%	2,3%	8,3%	9,5%
Relacionamentos com as pessoas	11,3%	10,9%	11,5%	13,8%	10,4%	13,0%	4,9%	10,3%	13,6%	12,5%	14,3%
Maldição	0,7%		1,2%	1,3%					4,5%		
Aprender a evangelizar	8,1%	9,4%	7,1%	7,5%	4,7%	8,7%	4,9%	5,1%	11,4%	25,0%	14,3%
Conhecimento sobre o jejum	0,9%		1,6%			2,9%	1,6%				4,8%
Não sabe / Não respondeu	7,2%	4,7%	9,1%	3,8%	6,6%	10,1%	6,6%	2,6%	9,1%	8,3%	19,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	192	252	80	106	69	61	39	44	24	21

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Nessa questão chama atenção o índice de pessoas que não responderam à pergunta: para 7,2% das pessoas não é possível identificar que problema foi resolvido pela leitura, embora confessem que ela foi benéfica para eles. Esse dado é significativo para a auto-ajuda, uma vez que esta se sustenta a partir de queixas difusas, que não se resolvem. E, para esse grupo, a literatura de auto-ajuda funcionaria como espoliação, tomando o termo com o qual Pedro Demo a descreve.

As pessoas que mais tiveram problemas ministeriais e profissionais resolvidos pela leitura concentram-se na faixa etária de 35-39 anos (31,1%) e possuem ensino superior completo (35,6%) ou pós-graduação (25%). Destaca-se a relação entre maior escolaridade e problemas no ministério ou no trabalho, uma vez que o grupo que menos apontou benefícios para a leitura foi o grupo menos escolarizado: 8,3% dos entrevistados que mencionaram serem beneficiados no trabalho ou ministério através da leitura estavam no grupo que possuía ensino fundamental incompleto.

A idade dos entrevistados parece determinar o benefício que a leitura lhes trará. O

benefício de aprender a evangelizar tem como maior público pessoas entre 55-59 anos (25%), certamente cientes de que teriam menos tempo de vida do que os demais e precisavam, portanto, anunciar o evangelho.

Tabela 36 - Problema resolvido na leitura e escolaridade

	Escolaridade							pós-graduação
	Geral	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	
Finanças	2,5%		6,1%		2,4%	4,1%	1,9%	
Trabalho / Ministério	20,5%	8,3%	14,3%	17,8%	19,8%	35,6%	16,7%	25,0%
Família	7,4%	13,9%	6,1%	8,9%	7,8%	6,8%	3,7%	5,0%
Stress	1,4%				1,8%	1,4%	3,7%	
Medo	3,6%	5,6%	6,1%	2,2%	4,2%	2,7%	1,9%	
Cura física	2,0%		4,1%	2,2%	1,8%	1,4%	3,7%	
Opressão Maligna	4,1%	8,3%	2,0%	2,2%	3,0%	4,1%	9,3%	
Ansiedade	4,7%		6,1%	8,9%	6,6%	1,4%	3,7%	
Caráter	17,8%	16,7%	16,3%	31,1%	15,6%	21,9%	14,8%	5,0%
Rejeição	1,8%	2,8%		2,2%	3,0%			5,0%
Dificuldades na oração	6,1%	8,3%	8,2%	4,4%	7,2%	5,5%	1,9%	5,0%
Relacionamentos com as pessoas	11,3%	11,1%	8,2%	8,9%	13,2%	5,5%	14,8%	20,0%
Maldição	0,7%				,6%	1,4%	1,9%	
Aprender a evangelizar	8,1%	16,7%	12,2%	11,1%	5,4%	2,7%	5,6%	25,0%
Conhecimento sobre o jejum	0,9%	2,8%	2,0%		,6%		1,9%	
Não sabe / Não respondeu	7,2%	5,6%	8,2%		7,2%	5,5%	14,8%	10,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	36	49	45	167	73	54	20

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Os presbiterianos foram o grupo que mais mencionou ter sido beneficiado no trabalho/ministério com essa leitura (40% deles), ao mesmo tempo em que foi o segundo grupo que listou menos opções, sendo superado apenas pelos neopentecostais. Presbiterianos mencionaram benefícios também em medo, opressão maligna, ansiedade, caráter, dificuldades na oração, relacionamentos com as pessoas.

Os itens menos mencionados pelos entrevistados foram maldição, conhecimento sobre jejum e stress nessa ordem. Os entrevistados não percebem a relação entre maldição e opressão maligna. Esta é apontada como solucionada pela leitura por 4,1% das pessoas, ao passo que aquela é apontada por apenas 0,7% do grupo.

Tabela 37 - Problema resolvido na leitura e igreja de pertença

	Igreja								
	Geral	Batista	Presbiteriana	Assembléia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor
Finanças	2,5%	3,7%			2,8%	20,0%		1,6%	
Trabalho / Ministério	20,5%	20,1%	40,0%	17,4%	13,9%	20,0%	16,7%	31,7%	
Família	7,4%	4,9%		13,0%	16,7%	20,0%	7,1%	3,2%	12,5%
Stress	1,4%	,6%			5,6%		2,4%	1,6%	
Medo	3,6%	3,7%	5,0%	6,5%	8,3%		2,4%	1,6%	
Cura física	2,0%	2,4%			2,8%	26,7%			
Opressão Maligna	4,1%	6,1%	5,0%	2,2%	5,6%	6,7%	1,2%	1,6%	6,3%
Ansiedade	4,7%	4,3%	5,0%	4,3%	8,3%	6,7%	4,8%	4,8%	
Caráter	17,8%	15,9%	15,0%	13,0%	16,7%		33,3%	14,3%	6,3%
Rejeição	1,8%	2,4%					3,6%	1,6%	
Dificuldades na oração	6,1%	9,1%	5,0%	8,7%	2,8%		4,8%	3,2%	
Relacionamentos com as pessoas	11,3%	8,5%	25,0%	17,4%	8,3%		14,3%	11,1%	6,3%
Maldição	0,7%	1,2%					1,2%		
Aprender a evangelizar	8,1%	9,1%		13,0%	5,6%		3,6%	4,8%	43,8%
Conhecimento sobre o jejum	0,9%	1,2%					2,4%		
Não sabe / Não respondeu	7,2%	6,7%		4,3%	2,8%		2,4%	19,0%	25,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	164	20	46	36	15	84	63	16

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

As opções dessa questão foram desmembradas em quatro grupos: problemas pessoais, problemas ligados à igreja, problemas psicológicos ou terapêuticos e problemas ligados à espiritualidade. Fazem parte do primeiro grupo as seguintes opções: caráter, relacionamento com as pessoas, família, cura física, finanças; do segundo grupo fazem parte: ministério, aprender a evangelizar, conhecimento sobre jejum. São listados como problemas psicológicos e terapêuticos: medo, ansiedade, rejeição, stress, e como problemas ligados à espiritualidade: dificuldades na oração, opressão maligna, maldição.

Os problemas pessoais são maioria: 41% dos entrevistados apontaram que os livros os ajudaram a resolver tais problemas, o que vai ao encontro da hipótese levantada nessa pesquisa, a de que a literatura de auto-ajuda cristã contribui para resolver problemas, como o faz a literatura de auto-ajuda secular, no entanto, com um diferencial: os problemas pessoais são resolvidos com a mediação da linguagem religiosa. A busca pela resolução desses problemas passa também por livros que trazem uma orientação pragmática, marcada por conselhos simplistas, bons exemplos de pessoas que foram bem sucedidas, sejam casos reais, ficcionais ou bíblicos. Percebe-se a mesma busca por sucesso que impulsiona a literatura de auto-ajuda secular; diferem-se, no entanto, pelo foco ou pela referência a que recorrem. Nos

livros seculares, acredita-se que a vontade ou o poder do pensamento positivo podem mudar circunstâncias; na literatura de auto-ajuda cristã evangélica, acredita-se no poder pessoal para mudar circunstâncias, mas também no poder de Deus para que elas se transformem. À capacitação pessoal soma-se o poder do Alto. Nessas literaturas há o estímulo à fé e ao comprometimento com disciplinas espirituais, para que se obtenha o que se busca.

Dentre as denominações, as que mais assumiram a colaboração de livros na resolução de problemas pessoais foram as comunidades pentecostais: 54,8% de outras pentecostais e 66,7% dos membros da Igreja da Graça.

A preocupação com problemas relacionados à igreja ou ministério é maior entre os homens, o que confirma estereótipos relacionados à figura masculina, que tem o trabalho como elemento relevante na vida, ao passo que as mulheres se preocuparam mais com a resolução de problemas pessoais ou com a interioridade. Se problemas práticos são preocupação maior dos homens, às mulheres cabe também um interesse maior pela espiritualidade e pela busca de melhorar o relacionamento com Deus. É interessante também observar que as mulheres são o grupo que mais se exime de responder a qual problema a literatura contribuiu para resolver. Talvez a leitura por prazer tenha sido a motivação de muitas delas, e, não a leitura por dever. Ao serem orientadas a responder sobre o sentido ou a funcionalidade da leitura, esta talvez tenha se perdido.

Tabela 38 - Categorização dos problemas, sexo e faixa etária

	Geral	Sexo		Faixa Etária							
		Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Problemas pessoais	41,0%	38,5%	42,9%	42,5%	41,5%	46,4%	29,5%	56,4%	43,2%	33,3%	23,8%
Problemas ligados à Igreja	29,5%	37,5%	23,4%	28,8%	27,4%	29,0%	37,7%	15,4%	29,5%	45,8%	28,6%
Problemas psicológicos ou terapêuticos	11,5%	10,9%	11,9%	13,8%	8,5%	10,1%	18,0%	15,4%	11,4%		9,5%
Problemas ligados à espiritualidade	10,8%	8,3%	12,7%	11,3%	16,0%	4,3%	8,2%	10,3%	6,8%	12,5%	19,0%
Ns/Nr	7,2%	4,7%	9,1%	3,8%	6,6%	10,1%	6,6%	2,6%	9,1%	8,3%	19,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	192	252	80	106	69	61	39	44	24	21

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Há uma distinção entre resolução de problemas pessoais e problemas psicológicos ou terapêuticos. Aqueles se referem a problemas de organização de vida, ou problemas de relacionamentos, ao passo que os outros se referem a problemas internos, o que os leitores parecem acreditar que não conseguiriam resolver através da literatura. Apenas 11,5% dos entrevistados os apontaram como problemas passíveis de serem contemplados pela leitura,

porcentagem bem próxima dos que demonstraram serem beneficiados na espiritualidade pela leitura de livros no ano de 2007, 10,8% das pessoas.

Na relação entre leitura de livros e resolução de problemas psicológicos, há dados que merecem maior consideração: a porcentagem entre homens e mulheres beneficiados com tais livros é similar: 10,9% de homens e 11,9% das mulheres. Chama atenção o fato de a pesquisa destruir mais um dos estereótipos culturais ligados à figura masculina, a de pouca preocupação com problemas de ordem psicológica.

Em um texto em que analisa a crise do masculino, Dieter Kirsch pontua que essa deriva da angústia de precisarem se enquadrar na imagem de super-herói, quando, na verdade, são frágeis. A desconsideração da parte psicológica, como mostra Kirsch, é incentivada durante toda a educação dos meninos, de repressão à vida emocional, como exemplifica a citação abaixo: “Em termos junguianos: com tudo isso, o menino certamente é programado desde o início não só a integrar sua ‘anima’ (ou seja, os elementos femininos de seu ser), como até, obrigatoriamente, a fugir dela ou, de preferência, combatê-la como algo sumamente perigoso para a formação de sua personalidade”⁵⁰³. No entanto, como revelaram os dados dessa pesquisa entre os evangélicos de Belo Horizonte e arredores, os homens também se interessam por temáticas que tratem da vida emocional.

Ainda quanto à opção por literatura que trate de problemas psicológicos, essa se faz mais presente no grupo etário entre 35-39 anos, ou o grupo dos adultos, conforme a nomenclatura de Mauro Amatuzzi, já mencionada nesse texto. Como as tarefas básicas nesse período etário são cuidar e gerar, é relevante ponderar no valor dessa literatura para proporcionar o autoconhecimento e, dessa forma efetuar um cuidar mais efetivo.

Alguns dados dessa pesquisa podem ser comparados à pesquisa realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) em cooperação com a BRACELPA, SNEC e ABRELIVROS em 2001, com o tema de Retratos da leitura no Brasil. Entre as conclusões a que os pesquisadores chegaram em seu longo material (525 transparências da apresentação em *Power-point*) sobre razões para leitura de livros está, em primeiro lugar, o desejo de obter conhecimento (tanto sobre si, quanto sobre o mundo- 30% dos entrevistados) e, em segundo, o de evoluir espiritualmente (17%). A procura por aprimoramento pessoal como justificativa para leitura de um livro somente foi apontada por 4% dos entrevistados na pesquisa da CBL. Merece consideração outra conclusão da pesquisa, a de que, para pessoas mais escolarizadas, a evolução espiritual e a evolução profissional são igualmente relevantes, o que talvez explique os benefícios que a leitura efetou sobre trabalho e ministério dos entrevistados na pesquisa

⁵⁰³ KIRSCH, 2003, p. 59.

realizada nas igrejas da região metropolitana de Belo Horizonte.

Os problemas relacionados à espiritualidade parecem pertencer a uma categoria diferenciada com relação aos demais e foram os menos citados na pesquisa. Como já foi comentado em outro momento nesse trabalho, as necessidades relacionadas à espiritualidade referem-se às necessidades de realização ou crescimento conforme Maslow, ou à busca por experiências de culminância.

Tabela 39 - Categorização dos problemas e igreja de pertença

	Igreja								
	Geral	Batista	Presbiteriana	Assembléia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor
Problemas pessoais	41,0%	35,4%	40,0%	43,5%	47,2%	66,7%	54,8%	30,2%	25,0%
Problemas ligados à Igreja	29,5%	30,5%	40,0%	30,4%	19,4%	20,0%	22,6%	36,5%	43,8%
Problemas psicológicos ou terapêuticos	11,5%	11,0%	10,0%	10,9%	22,2%	6,7%	13,1%	9,5%	
Problemas ligados à espiritualidade	10,8%	16,5%	10,0%	10,9%	8,3%	6,7%	7,1%	4,8%	6,3%
Ns/Nr	7,2%	6,7%		4,3%	2,8%		2,4%	19,0%	25,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	164	20	46	36	15	84	63	16

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Na pesquisa, essas necessidades foram atendidas pela leitura de livros majoritariamente pelo público feminino (12,7% de mulheres em relação a 8,3% dos homens), pelo público de maior idade na pesquisa, entre 55-59 anos (19%), na maior parte batistas (16,5%) e com menor tempo de conversão (28,6% possui até um ano de conversão). Problemas de espiritualidade podem estar relacionados a problemas de adesão, uma vez que aderir a um grupo religioso pressupõe também assumir as crenças e valores desse grupo, entre eles a religiosidade. O desejo de pertencer a determinado grupo implica assumir processos e comportamentos semelhantes ao do grupo e, de certa forma, corrobora com o processo de conversão. Como menciona Edênio Valle:

Os psicólogos norte-americanos e europeus que deram início à psicologia da religião consideravam a *conversão religiosa* como um fenômeno psíquico a ser entendido desde o indivíduo, embora reconhecendo que também as relações interpessoais e de pertença social e grupal (grupos de pertença e de referência) exerçam importante influência sobre o comportamento e vivências conscientes e inconscientes do convertido.⁵⁰⁴

A prática de disciplinas espirituais como jejum e oração aproximam mais o fiel de Deus e dos valores mais elevados ou valores transcendentais. Entende-se também que a prática

⁵⁰⁴ VALLE, 2005, p. 1.

de tais disciplinas, por vezes, parece funcionar como uma barganha com Deus; através delas se garantiria o favor de Deus e a resposta dele a petições concretas.

A relação entre escolaridade e resolução de problemas pela literatura também merece análise. Pessoas menos escolarizadas buscam na literatura a resolução de problemas pessoais e de espiritualidade, ao passo que pessoas com maior escolarização buscam resolver prioritariamente problemas relacionados à igreja, e, posteriormente, problemas pessoais.

Tabela 40 - Categorização dos problemas e escolaridade

	Escolaridade							
	Geral	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação
Problemas pessoais	41,0%	41,7%	40,8%	51,1%	40,7%	39,7%	38,9%	30,0%
Problemas ligados à Igreja	29,5%	27,8%	28,6%	28,9%	25,7%	38,4%	24,1%	50,0%
Problemas psicológicos ou terapêuticos	11,5%	8,3%	12,2%	13,3%	15,6%	5,5%	9,3%	5,0%
Problemas ligados à espiritualidade	10,8%	16,7%	10,2%	6,7%	10,8%	11,0%	13,0%	5,0%
Ns/Nr	7,2%	5,6%	8,2%		7,2%	5,5%	14,8%	10,0%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	36	49	45	167	73	54	20

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Quanto à relação entre tipo de problema resolvido e tempo de conversão, nota-se que os convertidos há mais tempo mencionam problemas pessoais como os que foram melhor atendidos pela leitura (especialmente o grupo entre 7-10 anos de conversão, cuja fé já está solidificada e os problemas pessoais parecem mais urgentes), ao passo que pessoas com menos tempo de convertidas apontam problemas relacionados à igreja, provavelmente por estarem vivenciando um tempo de adaptação à nova denominação e à sua doutrina. Este também foi o grupo que mencionou maiores benefícios da leitura para resolver seus problemas espirituais.

Tabela 41 - Categorização dos problemas e tempo de conversão

	Tempo de Conversão								
	Geral	menos de 1 ano	1 a 3 anos	3 a 5 anos	5 a 7 anos	7 a 10 anos	10 a 15 anos	mais de 15 anos	não sabe / não responde
Problemas pessoais	41,0%	14,3%	36,7%	36,1%	43,9%	50,0%	38,8%	42,2%	
Problemas ligados à Igreja	29,5%	42,9%	23,3%	39,3%	23,2%	18,8%	31,3%	32,7%	
Problemas psicológicos ou terapêuticos	11,5%	14,3%	10,0%	11,5%	15,9%	16,7%	14,9%	6,1%	
Problemas ligados à espiritualidade	10,8%	28,6%	20,0%	8,2%	13,4%	12,5%	7,5%	8,8%	
Ns/Nr	7,2%		10,0%	4,9%	3,7%	2,1%	7,5%	10,2%	100%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	444	7	30	61	82	48	67	147	2

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

6.3.2.6 6ª questão: “Onde você busca ajuda para resolver seus problemas pessoais?”

A sexta pergunta do questionário semi-dirigido versava sobre a fonte prioritária de ajuda, como ocorreu no questionário anterior. Entre as opções havia tanto a literatura como outras fontes: aconselhamento pastoral, aconselhamento com outro cristão, pessoas da família, palestras, oração, amigo ou amiga.

Embora a pesquisa tenha demonstrado que muitas pessoas se beneficiaram da leitura de livros, esta não é sua fonte principal de ajuda. Como principal recurso, as pessoas buscam a oração. 46,2% dos entrevistados mencionaram buscar, na oração, a resolução de problemas. Essa resposta se explica pelo fato de se acreditar que toda dificuldade deve ser levada inicialmente a Deus e, posteriormente a outras pessoas. Essa hipótese pode ser confirmada na fala de muitos entrevistados: “Inicialmente, eu oro”. E, como só havia uma opção de resposta para essa pergunta, a oração se tornou a principal fonte ajudadora.

Essa resposta reforça a tendência individualista que se percebe no contexto pós-moderno, e, por outro lado minimiza o valor da leitura, que, na hipótese desse trabalho seria fonte relevante de ajuda.

Percebe-se o receio das pessoas de se exporem diante de outras, especialmente para mencionar problemas emocionais. A exposição de problemas emocionais pode sugerir fragilidade ou incapacidade, o que em contextos nos quais sucesso e bom desempenho são marca, demonstram desajuste.

A procura pela oração como recurso prioritário é mais evidente em pessoas com menos escolaridade e maior idade e com mais tempo de conversão. Parece que, à medida que as pessoas solidificam sua fé e suas convicções, mais se desapegam de outros e mais se apegam a Deus como socorro nos momentos de aflição emocional.

Tabela 42 - Fonte para resolução de problemas e igreja de pertença

	Igreja								
	Geral	Batista	Presbiteriana	Assembléia de Deus	IE Quadrangular	Neopentecostal	Outras pentecostais	Outras evangélicas	Deus é amor
Aconselhamento pastoral	16,0%	14,9%		16,3%	21,6%	33,3%	27,5%	6,8%	
Aconselhamento com outro cristão	11,9%	13,8%	9,5%	12,2%	2,7%	13,3%	19,8%	5,5%	
Leitura de livros sobre o assunto	3,8%	4,8%		4,1%	5,4%	13,3%	3,3%	1,4%	
Com pessoas da família	9,9%	11,7%	19,0%	10,2%	10,8%		11,0%	5,5%	
Palestras	0,2%								5,0%
Através da Oração	46,2%	43,6%	57,1%	36,7%	48,6%	40,0%	23,1%	71,2%	95,0%
Com amigo / amiga	10,7%	8,0%	14,3%	20,4%	10,8%		15,4%	9,6%	
Não sabe / Não respondeu	1,2%	3,2%							
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	188	21	49	37	15	91	73	20

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Quanto à igreja de pertença, a oração como fonte de ajuda é a resposta prioritária comum a quase todos os grupos religiosos evangélicos, com exceção de outras igrejas pentecostais, para quem é no aconselhamento pastoral que se deve prioritariamente buscar respostas: 27,5% de membros de outras igrejas pentecostais buscam ajuda no aconselhamento pastoral e 23,1% do mesmo grupo é que procura a oração. O grupo religioso que mais ora é a igreja Deus é amor: 95% das pessoas dessa denominação declararam buscar a oração como fonte de ajuda, e os 5% restantes declararam buscar a ajuda que necessitavam nas palestras. Nessa comunidade percebe-se a desconfiança em relação a outras pessoas; nem amigos, ou parentes ou outros cristãos foram indicados como possíveis fontes de ajuda, o que reitera sua posição sectária.

O apego à oração recupera uma das funções da religião que é a de oferecer conforto e esperança. Carlos Dominguez Morano destaca que, na oração, se recuperam os dois pólos fundamentais de uma relação humana profunda, marcada por súplica e oferta, num intercâmbio de liberdade e respeito à alteridade do Outro⁵⁰⁵. Essa súplica não deveria buscar obter sempre o dom que se solicita, conforme Morano; no entanto, para muitos cristãos e cristãs protestantes, a oração é expressão de relacionamento com Deus, mas também instrumento de exposição a Deus de necessidades. Essa compreensão de Deus como um pai que sabe tudo e que pode dar tudo ou a ilusão ou o Deus da onipotência narcísica parece ser a que movimenta muitos dos pedidos de oração⁵⁰⁶.

⁵⁰⁵ Cf. MORANO, 1998, p. 50.

⁵⁰⁶ Cf. MORANO, 1998, p. 37-43.

O segundo item mais citado como fonte de ajuda é o aconselhamento pastoral. Em muitas comunidades evangélicas existe a tentativa de se atribuir aos pastores um poder sobre-humano. Eles não apenas conhecem suas comunidades, como também são as melhores pessoas com quem buscar apoio diante de problemas emocionais. Alguns textos bíblicos corroboram nessa premissa, especialmente os que associam a figura do pastor à figura veterotestamentária do sumo-sacerdote, ou daquele que intercede pelos outros diante de Deus.

O aconselhamento pastoral se faz mais presente na Igreja da Graça (33,3%), representante, nessa pesquisa, do grupo neopentecostal, em outras igrejas pentecostais (27,5%) e na Igreja do Evangelho Quadrangular (21,6%). Nas igrejas históricas, como a batista, ele é pouco procurado (14,9%) e na igreja presbiteriana, ele não foi citado, o que sugere que a formação mais consistente da liderança, uma vez que essas denominações costumam exigir uma formação teológica de seus líderes, não é indício de credibilidade ou disponibilidade para ajuda.

A ajuda através do aconselhamento pastoral é mais procurada por pessoas jovens (entre 25 a 34 anos, ele é mencionado por 43,1% das pessoas) e novos convertidos (44,4% do grupo). E, curiosamente, ao contrário do que a literatura sobre aconselhamento sugere, nessa pesquisa ele foi mais citado por homens. Teóricos do aconselhamento apontam que a demanda por aconselhamento pastoral é maior no sexo feminino.

Tabela 43- Fonte para resolução de problemas, sexo e faixa etária

	Geral	Sexo		Faixa Etária							
		Masculino	Feminino	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos
Aconselhamento pastoral	16,0%	17,5%	14,9%	14,3%	22,3%	20,8%	13,6%	9,3%	11,5%	11,1%	12,5%
Aconselhamento com outro cristão	11,9%	15,1%	9,6%	12,2%	20,5%	6,9%	10,6%	4,7%	9,6%	11,1%	8,3%
Leitura de livros sobre o assunto	3,8%	3,8%	3,9%	3,1%	2,7%	8,3%	4,5%	4,7%	1,9%	3,7%	
Com pessoas da família	9,9%	8,5%	11,0%	17,3%	10,7%	5,6%	9,1%	9,3%	5,8%		12,5%
Palestras	0,2%		0,4%								4,2%
Através da Oração	46,2%	42,9%	48,6%	39,8%	29,5%	40,3%	51,5%	60,5%	61,5%	74,1%	62,5%
Com amigo / amiga	10,7%	10,8%	10,6%	11,2%	14,3%	16,7%	10,6%	7,0%	7,7%		
Não sabe / Não respondeu	1,2%	1,4%	1,1%	2,0%		1,4%		4,7%	1,9%		
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	212	282	98	112	72	66	43	52	27	24

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

O aconselhamento com outro cristão ou com amigo/amiga foi o terceiro tipo de ajuda citado. Pessoas entre 25-29 anos tendem a procurar amigo ou amiga quase que duas vezes mais que outras faixas etárias. E, como no grupo anterior, é no grupo outras pentecostais que

se concentram as maiores porcentagens (19,8%). Essa é a opção preferencial pelo grupo mais escolarizado: 27,5% dos que mencionaram essa resposta possuem pós-graduação. Talvez pela proximidade de interesse e pela profundidade de laços e maior discricção, amigos sejam as melhores opções de ajuda entre os pós-graduandos.

Tabela 44 - Fonte para resolução de problemas e escolaridade

	Escolaridade							
	Geral	ensino fundamental incompleto	ensino fundamental completo	ensino médio incompleto	ensino médio completo	ensino superior incompleto	ensino superior completo	pós-graduação
Aconselhamento pastoral	16,0%	16,2%	15,4%	9,6%	18,5%	17,3%	16,7%	4,5%
Aconselhamento com outro cristão	11,9%	8,1%	11,5%	7,7%	14,7%	13,6%	9,1%	9,1%
Leitura de livros sobre o assunto	3,8%	2,7%	1,9%	5,8%	4,3%	1,2%	4,5%	9,1%
Com pessoas da família	9,9%	2,7%	9,6%	19,2%	7,1%	13,6%	10,6%	9,1%
Palestras	0,2%	2,7%						
Através da Oração	46,2%	59,5%	57,7%	44,2%	43,5%	42,0%	45,5%	40,9%
Com amigo / amiga	10,7%	8,1%	3,8%	13,5%	10,9%	11,1%	9,1%	27,3%
Não sabe / Não respondeu	1,2%				1,1%	1,2%	4,5%	
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
BASE	494	37	52	52	184	81	66	22

Fonte: Pesquisa aplicada no 2º semestre de 2007.

Quanto ao item leitura de livros sobre o assunto como fonte para resolução de problemas, este foi mencionado por 3,8% dos entrevistados. A porcentagem entre a procura de livros de auto-ajuda por evangélicos é menor do que a indicada pelo grupo de brasileiros na pesquisa Retratos da leitura no Brasil de 2001. Nessa pesquisa, 6% dos entrevistados declararam apreciar literatura de ajuda.

6.4 Sínteses das pesquisas

Ao longo dessas pesquisas, percebe-se que, embora a literatura de ajuda não seja explicitamente mencionada nas comunidades cristãs evangélicas, ela está presente, seja como apoio no crescimento pessoal, seja como instrumento para aperfeiçoamento no trabalho. Sua presença é reforçada inclusive pela Associação de Editores Cristãos (ASEC), que surgiu em 1988 para agregar editoras cristãs e, desde 1991, lança o prêmio Areté para editoras e livros evangélicos de excelência editorial e técnica. Em 2006, o prêmio Areté estabeleceu a categoria auto-ajuda em que foram premiados dois livros dentre as 61 editoras evangélicas filiadas à ASEC⁵⁰⁷.

⁵⁰⁷ Cf. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CRISTÃOS, 2007a.

Percebeu-se que a literatura de livros contribuiu, prioritariamente para o crescimento pessoal e ajudou a resolver, majoritariamente problemas pessoais, ou seja, problemas de caráter, relacionamento com as pessoas, família, cura física, finanças. Essa temática aparece nas várias obras listadas nesta pesquisa. Outra questão que merece atenção é a inserção da batalha espiritual. Ela foi o terceiro tema mais lido pelos entrevistados e aparece também como problema de espiritualidade que demanda respostas.

As duas pesquisas apresentaram situações semelhantes: tanto a busca por Deus, quanto a busca por autoconhecimento e a batalha espiritual como estratégia para se livrar do mal estão presentes no imaginário cristão protestante, reafirmando o que foi mencionado no capítulo anterior. No entanto, a procura pela literatura de batalha espiritual para resolução de problemas é menor, o que reforça a premissa de que a literatura de ajuda visa à resolução de dificuldades internas, e, não, externas. Na literatura de auto-ajuda cristã, essas dificuldades são resolvidas com a mediação do discurso religioso.

A literatura de auto-ajuda cristã implica sempre referências à Bíblia. A Bíblia não apenas é o texto por excelência da tradição e fé cristãs, como, em suas páginas também apresenta narrativas de superação de desafios, de recomeços, o que contribui para a sua aproximação com o discurso da auto-ajuda. A Bíblia é tomada em caráter normativo, para endossar o que os autores dos livros mencionam, e, como o Livro sagrado é inerrante, tem-se a impressão de que o que está nessas obras obedece também ao critério de inerrância e infalibilidade.

Outro elemento relevante observado na pesquisa está nas ênfases comunitárias de leitura. Por ênfases comunitárias de leitura, compreende-se tanto as leituras de um livro por uma determinada denominação, quanto leituras de livros semelhantes em denominações diferentes. No primeiro caso, as pessoas não apenas se unem por compartilharem a mesma fé, mas também as mesmas leituras. Tem-se a impressão de que essas leituras são recomendações dos líderes eclesiais e reforçam laços de comunhão entre os membros. No segundo caso, de leituras semelhantes em denominações diferentes, pode-se apontar para a tentativa de unidade entre o grupo evangélico. Essa tentativa de unidade pode ser percebida em observações em alguns templos evangélicos de Belo Horizonte, em que se cantam as mesmas músicas, utilizam o mesmo jargão, valem-se de estratégias semelhantes para crescimento de igrejas.

Encontrar cristãos protestantes de denominações diferentes lendo os mesmos livros aponta para elementos importantes no campo religioso protestante: a suposta unidade teológica entre as denominações, obtida por leituras semelhantes e, ao mesmo tempo marca a

eficácia da propaganda das editoras junto a líderes cristãos e em igrejas evangélicas que funcionam nas dependências de templos protestantes.

Quanto às temáticas das obras lidas, a preocupação com crescimento pessoal e espiritualidade merece maiores considerações. Faz parte da vocação cristã a autonegação por amor ao evangelho, e a busca por espiritualidade reflete isso. No entanto, a literatura de auto-ajuda ultrapassa essa vocação de “negar-se a si mesmo” e sustenta ideais e atmosferas artificiais marcadas por facilidades de relacionamento com Deus e com outros, sucesso nos empreendimentos e êxito no tempo presente, ênfases bem diferentes das que são propagadas no cristianismo, de encorajamento para tempos de dificuldades, confiança em Deus diante dos inevitáveis desamparos e êxito no “celeste porvir”, pois os cristãos são chamados de peregrinos e forasteiros na Terra.

A distinção entre experiência com Deus e experiência religiosa merece ser recuperada a fim de elucidar as definições do termo espiritualidade. A espiritualidade é uma vivência que gera mudança no interior do ser humano, levando-o à integração com outras pessoas⁵⁰⁸. Conforme Giovanetti, ela é mais ampla que uma experiência religiosa. O que o resultado das pesquisas aponta é a conexão entre espiritualidade e experiência religiosa e, esta, vista como experiência de sentido. A concepção de experiência religiosa como experiência do sagrado e também como experiência de Deus ou de sentido é organizada por Henrique Vaz. A experiência de sagrado se caracteriza pela irrupção de sentimentos, manifesta-se em momentos específicos e pode ser expressa simbolicamente. A experiência de Deus ou de sentido, por outro lado, ocorre na experiência humana, oferece sentido às demais experiências e traz novo sentido para a existência⁵⁰⁹.

Nas pesquisas, quando se menciona o termo espiritualidade, este parece estar conectado mais à experiência religiosa ou extática do que à experiência de Deus, que atribui sentido, por isso, a associação mais próxima com a literatura de auto-ajuda, que prioriza sentimentos e expressões emocionais em detrimento das racionais.

Destaca-se, na pesquisa de campo, a confirmação da hipótese apresentada nesse trabalho, a de que a literatura de auto-ajuda cristã não apenas se faz presente entre os gêneros literários mencionados por evangélicos de Belo Horizonte e cidades ao redor, como que essa leitura parece oferecer alívio diante de situações de crise. E, quando oferece instrumentos para o autoconhecimento através da união entre textos psicológicos e versículos bíblicos, ela contribui para minimizar a angústia diante dos problemas. Através da literatura, os

⁵⁰⁸ Cf. GIOVANETTI, 2005, p. 137.

⁵⁰⁹ Cf. VAZ *apud* AMATUZZI, 1998.

evangélicos encontram também orientações de como aperfeiçoar seu trabalho, especialmente o trabalho ministerial, e como aperfeiçoar seu relacionamento com Deus, através da oração e do jejum. Mas encontram também direcionamentos para o exercício da espiritualidade, seja ela relacional, ou mística.

A seguir serão analisados dois dos livros mais mencionados nas duas pesquisas: *Uma vida com propósitos* e *Bom dia, Espírito Santo*. Serão observadas as principais características do gênero auto-ajuda nessas obras, como também sua relação com o protestantismo e suas demandas.

7 ANÁLISE DE LIVROS

Como apontam os resultados da pesquisa descrita e analisada no capítulo anterior, os autores mais lidos pelos evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas são autores estrangeiros, ambos estadunidenses. Percebeu-se que grandes editoras americanas dominam o mercado editorial evangélico brasileiro e um livro com boa vendagem nos Estados Unidos tende a repetir o sucesso no Brasil.

Uma vida com propósitos e *Bom dia, Espírito Santo* foram os livros mais citados pelas pesquisas realizadas com evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas no ano de 2007. Não apenas por terem sido as obras mais mencionadas, mas também porque refletem a tendência evangélica de literatura de ajuda, elas serão analisadas a seguir, separadamente. As categorias para análise das obras referem-se tanto ao discurso que utilizam, como à estrutura como são organizadas e ao conteúdo presente em cada uma.

Essa análise não se pretende literária, *stricto sensu*. O principal objetivo é verificar se o material indicado como leitura preferencial pelos evangélicos de Belo Horizonte e entorno se enquadram nas características da literatura de auto-ajuda e quais vestígios nessas obras indicam os deslocamentos do imaginário religioso cristão desenvolvidos neste trabalho.

Para cada um dos dois livros, um breve roteiro é empregado para a análise, como se segue:

- I. Breve biografia do autor, com destaque para sua relevância para o contexto religioso evangélico;
- II. Síntese e estrutura;
- III. Temáticas principais;
- IV. Características do discurso doutrinário e psicológico utilizado na obra;
- V. Características do gênero de auto-ajuda identificadas na obra.

Os elementos que se destacam na análise prévia da obra e que influenciam todas as categorias utilizadas são:

- I. O lugar do qual desde o qual os autores escreveram, os Estados Unidos da América; ambos escreveram nos Estados Unidos visando ao público estadunidense e, a partir dele, universalizando seu texto.
- II. Os dois autores são pastores, o que traz credibilidade à sua mensagem, como já foi mencionado no capítulo anterior.
- III. Esses livros se valem da Bíblia Sagrada como referencial para seus textos e para legitimar suas premissas.

IV. Ambos foram muito vendidos tanto em território norte-americano, como em território brasileiro.

7.1 Análise do livro: *Uma vida com propósitos*

O livro, *Uma vida com propósitos*, foi publicado em 2002 nos Estados Unidos pela editora Zondervan; no ano seguinte, foi traduzido para o português e publicado pela editora Vida (representante da Zondervan no Brasil). Esse livro é *best-seller* nos Estados Unidos, já foi traduzido para 52 línguas e há outras 15 línguas para o qual está sendo traduzido⁵¹⁰. Ele ficou na lista dos mais vendidos no *New York Times* por 45 semanas e já foram comercializadas mais de 11 milhões de cópias⁵¹¹. Outras fontes apontam mais de 20 milhões de cópias vendidas em 2 anos ou 25 milhões de cópias desde que foi escrito o que o torna um dos livros mais lidos na modernidade. Tal procura pela obra fez de seu autor um dos 25 líderes evangélicos que mais influenciaram os Estados Unidos, conforme a revista Time⁵¹² e um líder evangélico de expressão internacional.

O autor de *Uma vida com propósitos*, Richard (Rick) Warren, é pastor batista e fundador da *Saddleback Valley Community Church* em Lake Forest na Califórnia. A igreja surgiu em 1980, possui, em 2008, cerca de 20.000 membros e agrega cerca de 300 ministérios ou possibilidades de serviço à comunidade⁵¹³. Quanto à formação acadêmica, Warren é graduado em Artes, tem mestrado em Divindade e doutorado em Ministério. Ele também é um líder religioso de proeminência mundial. Warren foi conferencista em muitos eventos importantes, como o Fórum Econômico Mundial em Davos e tem sido convidado como palestrante em vários congressos ao redor do mundo⁵¹⁴.

Como teólogo, lecionou em várias instituições, como Oxford, Cambridge, *University of Judaism* e, como cidadão, dedica-se à filantropia e ao treinamento de liderança através de três fundações: Atos de misericórdia, que atende a pessoas aidéticas, Equipando a igreja, que se preocupa com treinamento de liderança ao redor do mundo e faz parte de uma rede de igrejas dirigidas com propósitos, Fundo Global Para a Paz, que se ocupa de questões sociais⁵¹⁵.

⁵¹⁰ Cf. PURPOSE DRIVEN LIFE, 2008b.

⁵¹¹ Cf. SADDLEBACK CHURCH, [s.d.].

⁵¹² Cf. STEPTOE, 2005.

⁵¹³ Cf. PURPOSE DRIVEN LIFE, 2008a.

⁵¹⁴ Cf. PURPOSE DRIVEN LIFE, 2008a.

⁵¹⁵ Cf. PURPOSE DRIVEN LIFE, 2008a.

Warren é autor de seis outros livros e o livro em análise foi justamente o que motivou a criação de uma estrutura de apoio ao livro, que pode ser comparada a uma indústria, em que há estudos, álbum musical, vídeos, diário, caixa de promessas, todos esses produtos acompanhados da expressão “vida com propósitos”.

Esse livro tem como precursor outra obra, *Uma igreja com propósitos*, no qual Rick Warren mostra os cinco princípios bíblicos para a igreja, que seriam, em suas palavras: adoração, comunhão, discipulado, ministério e evangelismo. Em *Uma vida com propósitos*, Warren retoma os mesmos princípios e os aplica ao indivíduo.

O livro *Uma vida com propósitos* é introduzido com uma mensagem do autor a um suposto leitor, sugestivamente denominado como “o escolhido por Deus” para ler a obra e que deve descobrir o plano de Deus para sua vida: “Este livro é dedicado a você [...] Deus anseia que você descubra a vida que ele criou para você - aqui na terra e para sempre na eternidade”⁵¹⁶.

Ele consta de 40 pequenos capítulos, que devem ser lidos um a um durante 40 dias. A justificativa para os 40 dias de leitura está no sentido do número 40 na Bíblia: “Deus considera o período de 40 dias espiritualmente relevante. Sempre que Deus quis preparar alguém para seus propósitos, ele utilizou 40 dias”⁵¹⁷. Nos textos sagrados do Cristianismo presentes no cânon bíblico protestante, o número 40 representa tanto o tempo de uma vida (40 anos), uma geração, o período de provação (a peregrinação do povo de Israel no deserto levou 40 anos; a tentação de Jesus no deserto levou 40 dias) e o período da salvação (depois de 40 dias vem a saída ou salvação de Deus: no deserto, na caverna de Elias, no deserto com Jesus, o jejum e a espera dos discípulos sem Jesus que receberam o Pentecostes). A mística do número 40 resume um período de profunda provação e a esperança de grande recompensa a quem perseverar em seus propósitos nestes períodos: Israel recebeu a terra da promessa; Elias ouviu a voz de Deus; Jesus foi aprovado para sua missão; a Igreja recebeu seu Pentecostes.

Na introdução do livro, Warren antecipa também outros elementos que serão encontrados ao final de cada texto: um tema para reflexão, um versículo para memorizar, uma pesquisa para meditar, além de questões para debate como apêndice, caso o leitor queira compartilhar sua leitura com outras pessoas.

Para motivar à leitura, Warren traz a oração e o testemunho pessoal de como as suas descobertas na realização do livro foram impactantes e também poderiam impactar o leitor: “À medida que escrevia este livro, orei freqüentemente para que você experimentasse o

⁵¹⁶ WARREN, 2003, p. 6.

⁵¹⁷ WARREN, 2003, p. 9.

indescritível sentimento de esperança, vigor e alegria que se sente ao descobrir o motivo pelo qual Deus o pôs neste planeta”⁵¹⁸. Ora, a promessa de se desvelar o conteúdo de um dos questionamentos humanos mais antigos e profundos é tentadora. O que não se daria para se descobrir a razão, o propósito último da vida humana.

Como fiança de que acompanhará as instruções e se tornará apto a receber a resposta almejada que re-orientará sua vida, cada leitor estabelece o compromisso de leitura da obra por 40 dias e assina, reiterando esse compromisso. O procedimento de pacto ou aliança remete a duas situações relevantes para a tradição cristã ocidental: primeiramente, a idéia bíblica de aliança, compromisso ou pacto, largamente enfatizada no cânon, em que a vida e a morte, o bom nome e a prosperidade estão intimamente ligados a contratos estabelecidos entre os seres humanos e mesmo entre os humanos e Deus, como no Monte Sinai. A segunda é a idéia moderna de contrato e de relações pactuadas, em que o que é pactuado ganha contornos e substância de realidade, pela ação do Direito. A mobilização do leitor para a “assinatura do pacto” é elemento interativo e ideologizante. Uma vez envolvido no processo, muitas barreiras psíquicas e sociais terão sido derrubadas e o leitor terá aberto grande espaço para o sujeito com o qual interage em sua leitura, concretizado nos testemunhos e no uso da primeira pessoa do plural, inclusivo e paternal.

Há várias citações bíblicas na obra. Elas são resultado da utilização de pelo menos 15 versões bíblicas, sendo que apenas cinco delas se referem a versões que também podem ser encontradas em língua portuguesa. As justificativas do autor para utilização de tantas versões diferentes estão na polissemia das línguas hebraica, aramaica e grega (com as quais a Bíblia foi escrita) e no desejo de impactar o leitor com traduções às quais ele não está familiarizado. Além de citações bíblicas, Rick Warren menciona várias fontes bibliográficas para respaldar suas premissas, o que denota pesquisa e cuidado ao defender suas teses. Este recurso é singular, pois ao tempo em que reforça a tradição doutrinária cristã com o uso dominante do texto bíblico, o autor utiliza a versão que mais o interessa ou que melhor se adapte aos seus objetivos. O uso dos textos sagrados em traduções não consagradas ou familiares ao leitor concorre para dois efeitos: de um lado, a estranheza, que provoca a atenção e a possibilidade de novas apreensões de significado; por outro, o leitor se torna vulnerável, pois não encontra acolhimento e reconhecimento no texto que é utilizado, e torna-se refém da interpretação e lógica do autor. Vale lembrar que cada tradução tem suas próprias ideologias, pressupostos e contratos. Ao utilizar tantas versões, o autor desestabiliza a organização das traduções, optando, sem explicações, pela tradução que melhor adapta-se aos seus interesses.

⁵¹⁸ WARREN, 2003, p. 11.

O livro é dividido em seis grandes blocos. No primeiro, questiona-se o sentido de vida e, em cada um dos demais se apresenta um propósito para existência. Os cinco propósitos são os seguintes: agradar a Deus (adoração), fazer parte da família de Deus (comunhão), ser semelhante a Cristo (discipulado), servir a Deus e aos outros, fazer parte de uma missão.

Escrito, basicamente em primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular, o texto traz inserções do autor, como recomendações ao leitor, além de esclarecimentos sobre as ordenanças que traz em cada capítulo.

O pronome de tratamento “você” está presente no texto todo o tempo e cria uma atmosfera de aproximação e familiaridade, desde o princípio. Warren pontua que o foco não é o leitor e, sim o que ele está fazendo com sua vida para agradar a Deus.

A questão não é você. O propósito de sua vida é muito maior que sua realização pessoal, sua paz de espírito ou mesmo sua felicidade. É muito maior que sua família, sua carreira ou mesmo seus mais ambiciosos sonhos e aspirações. Se você quiser saber por que foi colocado neste planeta, deverá começar por Deus. Você nasceu de acordo com os propósitos dele e para cumprir os propósitos dele.⁵¹⁹

Ao longo de todo o texto, Warren tece críticas à auto-ajuda no intuito de apontar que seu texto se diferencia desse gênero. Ao buscar levar seus leitores a descobrir o propósito de vida, Warren pontua que este não se define a partir de sucesso e auto-realização, elementos-chave do conceito tradicional de auto-ajuda, como se percebe na citação a seguir:

Já li muitos livros que sugerem formas de descobrir o propósito de minha vida. Todos poderiam ser classificados como livros de ‘auto-ajuda’, pois abordam o assunto a partir de um ponto de vista egocêntrico [...] Mas ser bem sucedido e cumprir o propósito para sua vida são coisas absolutamente distintas! [...] Este não é um livro de auto-ajuda. Não ensina a achar a carreira correta, a realizar seus sonhos ou a planejar sua vida. Não ensina a encaixar mais atividades em uma agenda lotada. Na verdade, ele ensinará a fazer menos na vida - ao se concentrar no que mais importa. Ele o ajudará a se tornar o que Deus pretendia fazer de você ao criá-lo.⁵²⁰

A compreensão de Warren sobre o conceito de auto-ajuda é a de textos que promovem sucesso, que se centram no benefício pessoal e que têm como estímulo o poder da vontade⁵²¹, o que ele chama de “um ponto de vista egocêntrico”. O receio de parecer diretivo ou de induzir o leitor a assumir determinadas posturas acreditando no poder pessoal ou na sua força de vontade levaram Warren à tentativa de legitimar suas premissas com versículos bíblicos, a utilizar poucos exemplos (quando o faz cita a comunidade cristã de Saddleback) e a evitar o

⁵¹⁹ WARREN, 2003, p. 18.

⁵²⁰ WARREN, 2003, p. 18-19.

⁵²¹ Cf. SOBRAL, 2006.

auto-referenciamento. A concepção de auto-ajuda mais adequada a essa obra é a de capacitação para servir melhor a Deus e ao próximo, ou seja, há a recuperação do conceito inicial do termo no século XVII. O conceito apresentado por Adair Sobral, de auto-ajuda como capacitação para o desenvolvimento de habilidades é o que mais se aproxima da obra de Rick Warren.

Há várias razões para se ponderar sobre a relação entre esse texto e o gênero auto-ajuda. Tais razões serão apresentadas a seguir. Nessa justificativa serão recuperados conceitos já abordados ao longo dessa tese, bem como os elementos que se acredita serem importantes na delimitação do gênero auto-ajuda.

Warren se propõe a estimular seu leitor no desenvolvimento de capacidades, notadamente espirituais, a fim de que este cumpra sua missão no mundo, que é a evangelização. Toda a obra apresenta um objetivo evangelístico: ela mostra ao leitor não apenas que cada pessoa é especial para Deus, como também para o mundo, na medida em que executa a evangelização. Esse propósito é expresso em vários momentos do texto, e pode ser notado desde seu início até o final: “Você foi criado para ser um alvo especial do amor de Deus! Deus o fez para poder amá-lo”⁵²²; “Ele [Deus] não quer apenas que vivamos seus propósitos, mas quer que ajudemos outras pessoas a fazer o mesmo. Deus quer que apresentemos Cristo às pessoas [...] e então que tornemos a enviá-las para que mais pessoas sejam alcançadas”⁵²³.

Ao longo de todo o texto, notam-se críticas contundentes aos movimentos de Novo Pensamento, Nova Era e à Pós-modernidade ou Modernidade Tardia, para a qual narcisismo é a palavra chave. Warren exalta o poder de Deus como fundamental para que determinados alvos sejam alcançados e o propósito da vida seja encontrado. Ainda que em alguns momentos lance mão da expressão como: “depende de você”, esta não vem desvinculada da expressão: “depende de Deus”. Deus e o sujeito caminham juntos em todo o texto de Warren. Aquele chama, acolhe, comissiona, organiza a vida, capacita para o uso de dons e habilidades e este se dispõe a servir a Deus e a cumprir seus propósitos.

Embora critique a Pós-Modernidade que exalta o hedonismo ou narcisismo, Warren não se exime de construir um texto para esse tempo. Tal procedimento encontra respaldo em inúmeras estratégias estudadas, que buscam responsabilizar um elemento externo ao sujeito, como responsável pelo mal e pela dor. Em sua obra, ele visa responder a questões existenciais, e apresenta tais respostas utilizando o código cristão, a linguagem de piedade e

⁵²² WARREN, 2003, p. 24.

⁵²³ WARREN, 2003, p. 269.

de acolhida cristãs. Warren se propõe a trazer a cada leitor sua identidade perdida, ou “roubada” por essa Pós-Modernidade demonizada, mostrando que são filhos de Deus, criados para amá-lo, e constrói sua narrativa inserindo várias vezes as referências à necessidade de se ter um propósito para a vida. Se a Pós-Modernidade estabelece padrões de sucesso a partir da aquisição de bens materiais, do corpo perfeito, de ideais perfeitamente concretizados, Warren utiliza outros padrões de perfeição relacionados à doação de si ao outro, à adoração a Deus e à busca de identificação com Jesus. No entanto, ainda há padrões a serem perseguidos e há um esforço pessoal que promove seu alcance e que são garantias de sucesso.

Warren apresenta benefícios na adoção de uma vida com propósitos, o que parece sustentar o hedonismo, e ao mesmo tempo confirma o pressuposto utilitarista, de que a promoção do bem-estar individual depende do bem-estar social, como se nota no texto a seguir:

É um erro fatal presumir que a meta de Deus para sua vida é a prosperidade material ou o sucesso popular, como determina o mundo. A vida em abundância não tem relação com abundância material, e a fidelidade a Deus não garante sucesso na carreira ou mesmo no ministério.⁵²⁴

O propósito de vida se realiza no presente, mas seus efeitos são futuros. Ao defender essa premissa, Warren parece se afastar da concepção pós-moderna, que defende o presente como o momento por excelência do gozo e da fruição. No entanto, contribui para enfatizar essa premissa, quando destaca que tudo o que faça no presente terá valor eterno, ou seja, o desejo de imortalidade e de reconhecimento ainda é o que move a narrativa de *Uma vida com propósitos*, como se percebe a seguir: “Viver para criar um legado na terra é um objetivo tacanho [...] Você foi posto aqui para se preparar para a eternidade”⁵²⁵.

O valor eterno, ao contrário do que a Pós-Modernidade defende, não é o reconhecimento eterno, mas os efeitos eternos, como se nota pela citação abaixo:

Quando você vive à luz da eternidade, seus valores mudam. Você utiliza mais sabiamente seu dinheiro e seu tempo. Você passa a dar maior valor a sua personalidade e a seus relacionamentos, em vez de valorizar fama, riqueza, realizações ou mesmo prazeres [...]. Manter-se em dia com as tendências, modas e valores populares já não é tão importante.⁵²⁶

Outro dos elementos da Pós-Modernidade presente no texto de Warren é o consumismo. Como já foi mencionado, o consumismo cria a ilusão de pertencimento e de

⁵²⁴ WARREN, 2003, p. 46.

⁵²⁵ WARREN, 2003, p. 31.

⁵²⁶ WARREN, 2003, p. 34.

felicidade e tem a mídia como sua principal estimuladora. Este é incentivado por várias vezes em *Uma vida com propósitos* e na menção a outras de suas obras nesse livro. Warren cria um mercado para “uma vida com propósitos”.

Além de estimular um público consumidor de seus produtos, há também o uso de exemplos como instrumentos persuasivos. A comunidade cristã de Saddleback, da qual Warren é pastor, é a referência de êxito aos leitores para continuarem a buscar os propósitos. A menção a esse grupo reforça a validade das instruções de Warren, tanto no crescimento em número de membros, quanto em influência na comunidade.

Em seu texto, Rick Warren recusa o movimento Novo Pensamento, tanto na crítica ao poder pessoal para se obter os propósitos na vida, quanto na ênfase ao Deus transcendente, e, não, imanente. Para ele, a “mudança de mente” deve vir da compreensão da incapacidade do ser humano, tema teológico forte na tradição protestante que é a corrupção da natureza humana, cuja única solução é a Graça de Deus, ou seja, a ação graciosa de Deus capacita o humano a compreender sua situação pecaminosa e a receber o perdão divino pelo processo da conversão. Tal abordagem denota a sua base doutrinária e desconstrói a pretensão de superioridade, como se nota no trecho a seguir, ao tempo em que desloca aquele que crê em alguém privilegiado porque tem um entendimento superior, algo que os outros não têm:

Sim, a força de vontade pode produzir mudanças em curto prazo, mas cria uma pressão interna constante, porque você não lidou com a causa básica [...] Toda mudança deve ocorrer primeiro em sua mente [...] você deve desenvolver a mente de Cristo. O Novo Testamento chama esse desvio mental de arrependimento.⁵²⁷

Ainda, como reforço da doutrina protestante, apresenta Deus como pai amoroso, como senhor da história, como aquele em função de quem as pessoas existem, e, não o Deus imanente, resultado das projeções humanas, como o idealiza o Novo Pensamento: “Deus não precisava criar você, mas escolheu criá-lo para a satisfação dele. Você existe para benefício, glória, propósito e prazer de Deus”⁵²⁸. A vida adquire um sentido fora de si, e este sentido é atrelado a Deus.

A concepção de ser humano que o texto apresenta não é a de alguém fragilizado e, tampouco, poderoso. Warren menciona pessoas comuns, que buscam significado e segurança ou sentido para a vida e amor, dentre as várias necessidades listadas por Abraham Maslow em sua pirâmide de necessidades. E há aproximação entre esse texto e a psicologia humanista quando há um destaque para as experiências de culminância ou experiências com Deus. Tais

⁵²⁷ WARREN, 2003, p. 158.

⁵²⁸ WARREN, 2003, p. 57.

experiências podem ser percebidas em expressões como: “Deus ser o centro”; buscar amizade com Deus através da oração, da meditação e da adoração.

Entre as correntes psicológicas que influenciam a auto-ajuda, é marcante a influência da psicologia positiva. Warren não apenas estimula emoções positivas, caráter positivo e instituições positivas, como oferece orientações de como obtê-las.

Como emoções positivas, Warren valoriza a persistência, a sinceridade, a amizade, como pode ser percebido na seguinte citação: “Deus lhe deu emoções para que você pudesse adorá-lo com intensidade - mas essas emoções devem ser genuínas”⁵²⁹.

Como expressões de caráter positivo, ele utiliza as seis virtudes propostas por Martin Seligman, criador da Psicologia Positiva: coragem (para buscar o propósito), saber e conhecimento (leitura de outros materiais), justiça (especialmente quando destaca a comunhão, Warren mostra a necessidade de se agir de forma respeitosa e sincera), moderação (há crítica a movimentos extremistas e às grandes coisas), espiritualidade e transcendência (ele inicia o texto destacando que Deus deve ser o centro da busca humana).

E, por fim, quanto às instituições positivas, em *Uma vida com propósito* há dois propósitos que se centram em duas delas: família e igreja. Dos cinco propósitos listados pelo autor como fundamentais para uma vida que tenha sentido, dois deles estão relacionados às instituições positivas: família e igreja. Inicialmente, Warren as separa e, posteriormente toma a família como metáfora para a igreja. Em *Uma vida com propósito*, a família é modelo de comunhão, de sinceridade, de restauração, de proteção de seus membros, de acolhida, como mostra o texto a seguir:

Fomos criados para viver em comunidade, moldados para o companheirismo e formados para uma família; e nenhum de nós pode cumprir os propósitos de Deus sozinho e sem ajuda [...] Na família de Deus, você está unido a todos os outros crentes, e faremos parte uns dos outros por toda a eternidade.⁵³⁰

Como apontou em outros momentos da obra, Warren também destaca os benefícios da vida em família ou como essa instituição é positiva e, portanto, contribui para o desenvolvimento de emoções positivas. A vida em família estimula a autenticidade e a maturidade, além de fornecer apoio em momentos de crise e trazer a sensação de pertencimento.

As marcas de literatura de ajuda podem ser percebidas também no discurso textual, tanto nas ênfases repetidamente destacadas, quanto nos enunciados de recomendação,

⁵²⁹ WARREN, 2003, p. 90.

⁵³⁰ WARREN, 2003, p. 114.

expressos por frases curtas e verbos no imperativo, além do discurso de certeza. Essa obra parece contribuir para resolver problemas pessoais e problemas ligados à espiritualidade, uma vez que aborda tanto questões de caráter e de relacionamentos interpessoais, quanto problemas relacionados ao relacionamento com Deus, como jejum, oração, leitura da Bíblia.

Em *Uma vida com propósitos*, Rick Warren parece sustentar que obteve a fórmula para adquirir sentido na vida, e esta pode ser expressa de cinco maneiras: adoração, discipulado, comunhão, serviço e evangelização. E o discurso da auto-ajuda contribui não apenas para reforçar a fórmula, mas também para adequá-la ao leitor, para quem o discurso da auto-ajuda é familiar. Ainda que recuse o rótulo de auto-ajuda para seu texto, Warren não escapa de tal caracterização e muitos leitores revelam benefícios do contato com a obra, inclusive no seu site.

7.2 Análise do livro: *Bom dia, Espírito Santo*

O livro *Bom dia, Espírito Santo*, foi escrito por Benny Hinn em 1990 e publicado no Brasil pela Editora Bom Pastor em 1993. Na contracapa da edição em português é anunciado que mais de um milhão de cópias foram vendidas em inglês e espanhol.

Benny Hinn, cujo nome completo é Toufik Benedictus “Benny” Hinn, nasceu na cidade israelense de Haifa (Tel-Aviv) e imigrou para Toronto com sua família aos 14 anos. Embora não tenha formação acadêmica regular em Teologia, Benny Hinn é conhecido como pastor e evangelista. Ele organizou um ministério que leva seu nome e promove eventos evangelísticos ao redor do mundo. Esses eventos, também chamados de Cruzadas Milagrosas do Espírito Santo, não visam apenas ao anúncio do evangelho, mas também aos momentos de milagres e curas⁵³¹.

Além de eventos evangelísticos, o ministério Benny Hinn está envolvido em trabalhos sociais. No sítio oficial do ministério se menciona sua preocupação com cuidado em tempos de crise, programas de alimentação e cuidado emergencial e hospitalar, como um hospital em Calcutá, em que 200.000 pessoas são tratadas anualmente. O ministério Benny Hinn também sustenta abrigos infantis no México e nas Filipinas⁵³².

Hinn mantém uma escola de treinamento para leigos com três cursos básicos: libertação de demônios, cura divina e operando na unção. Sua escola, *Benny Hinn School of Ministry* tem como foco um eclético público alvo em que qualquer cristão, sem a exigência de

⁵³¹ Cf. MINISTÉRIO BENNY HINN, [s.d.b].

⁵³² Cf. MINISTÉRIO BENNY HINN, [s.d.a].

escolaridade formal, pode se inserir. Hinn ainda dirige um programa de TV com audiência diária em cerca de 200 países⁵³³.

O livro tem como objetivo levar os leitores a compreenderem a experiência extática e existencial com a pessoa do Espírito Santo e a impossibilidade de viverem sem essa presença em suas vidas. Escrito em sua maior parte na primeira pessoa do singular, o livro une autobiografia e compreensões doutrinárias de seu autor acerca do Espírito Santo e a sua experiência extática pentecostal. Não há referências bibliográficas que sustentam as premissas defendidas por Hinn acerca do Espírito Santo. A obra é dividida em 12 capítulos, sendo aos quatro primeiros compostos de exemplos pessoais e os demais de ensinamentos bíblicos.

Nos capítulos iniciais, Hinn conta de seu nascimento, seu processo de conversão ao cristianismo, o início de seu trabalho como evangelista e suas experiências com o Espírito Santo. E, nos demais, ele se preocupa em trazer a sua doutrina do Espírito Santo, e o faz tanto com a inserção de versículos bíblicos, como com o uso de comparações. O Espírito Santo é comparado a elementos da natureza, e sua manifestação é associada a eventos do cotidiano, como se percebe nas citações a seguir: “Deus é como o sol no firmamento”⁵³⁴ e outras comparações entre as figuras da Trindade - “O Pai é o sol no seu todo, Jesus é a luz, e o Espírito Santo é o calor que você sente”⁵³⁵.

Hinn é o sujeito de seu texto e, ao contrário do livro *Uma vida com propósitos* em que se percebe a intenção do autor em sistematizar ensinamentos bíblicos e aplicá-las aos leitores, sendo, portanto, estes os sujeitos do texto, em *Bom dia, Espírito Santo* não se consegue perceber outro sujeito que não o autor da obra.

Pode-se perceber muitas semelhanças entre esse texto e a literatura de auto-ajuda. A primeira semelhança está no uso no argumento de autoridade. Hinn se vale da autoridade pastoral para tecer considerações doutrinárias sobre o Espírito Santo e para elegê-lo como a pessoa mais importante da Trindade, uma vez que ele conduz a Deus. Como se intitula pastor/evangelista, apesar de lhe faltarem as credenciais formais para tal, Hinn se ancora na credibilidade do título para afirmar suas premissas.

Entre as várias semelhanças com o texto, uma delas é o auto-referenciamento; não são raras as vezes em que Hinn se toma como autoridade para falar do Espírito Santo. Ele utiliza trechos da Bíblia e sua experiência pessoal, o que torna seu argumento inquestionável. O Espírito Santo lhe traz visões, se preocupa com ele, chora diante dele, como se percebe na

⁵³³ Cf. THE BENNY HINN SCHOOL OF MINISTRY *online*, 2008.

⁵³⁴ HINN, 1993, p. 73.

⁵³⁵ HINN, 1993, p. 73.

citação abaixo: “Eu estava orando quando, de repente, soube que o Espírito de Deus se achava em meu quarto e senti que Ele chorava [...] A experiência foi tão real que eu virei literalmente o rosto para a esquerda e disse, Espírito do Senhor, por que estás chorando?”⁵³⁶.

Hinn também se vale de suas histórias como instrumento persuasivo, além de enunciados de recomendação. No entanto, ele parece mais preocupado em contar sua experiência e o quão marcante ela é do que em orientar outros. Suas estratégias de sensibilização ao leitor se constroem a partir de suas narrativas, e, não, suas orientações.

Percebem-se influências das premissas acerca do sujeito pós-moderno em vários momentos da narrativa. Hinn se apresenta como esse sujeito sem referenciais, que é referenciado por uma experiência mística.

Eu queria me dirigir ao Espírito Santo, embora jamais tivesse feito isso antes. Pensei - Será que estou fazendo certo? [...] Depois que falei com o Espírito Santo, nada pareceu acontecer. Comecei a questionar-me - Haverá realmente essa experiência de um encontro com o Espírito Santo? Isso pode ocorrer de verdade?⁵³⁷

A literatura de ajuda constrói referenciais e oferece certezas para o sujeito que se percebe desconstruído. Hinn faz o mesmo, apontando que o que vai identificar e dar consistência a esse sujeito é o fato de ter tido uma experiência com o Espírito Santo, porque foi isso que lhe trouxe sentido:

Minha pesquisa das Escrituras continuou dia após dia durante semanas, até que todas as minhas perguntas tivessem sido respondidas. No decorrer desse tempo eu tinha passado a conhecer melhor o Espírito Santo. E essa comunhão não foi interrompida até hoje. Compreendi que Ele estava bem aqui, junto de mim. Minha vida inteira se transformou. Acredito que isso acontecerá com a sua também.⁵³⁸

Outro elemento da Pós-Modernidade que pode ser percebido nesse texto é a ênfase hedonista: o foco de todo o texto é Hinn. Seus desejos, medos, anseios devem ser atendidos. Em vários momentos do texto, ele toma um fato e o personaliza, como se tudo ocorresse em função dele. Ao falar da experiência de curas e milagres em uma conferência com Kathryn Kuhlman, Benny Hinn se toma como foco de atenção: “Ela pedia e suplicava: -Por favor, - soluçou, - não entristeçam o Espírito Santo. Até hoje me lembro dos olhos dela, era como se olhassem direto para mim”⁵³⁹.

⁵³⁶ HINN, 1993, p. 153-154.

⁵³⁷ HINN, 1993, p. 12-13.

⁵³⁸ HINN, 1993, p. 16.

⁵³⁹ HINN, 1993, p. 9.

Em outro momento do texto, percebe-se o mesmo foco individualista: “Não acredito de modo algum que Deus estava tentando glorificar a Srt^a Kuhlman. Mas creio que Ele usou esse culto para revelar o Seu poder para mim”⁵⁴⁰.

Hinn não se considera apenas especial por ser alvo das manifestações do Espírito de Deus, como conta detalhes de seu nascimento para mostrar que até este foi especial, uma vez que sua mãe esperava que tivesse um filho para lhe trazer honra, conforme os valores de sua cultura e ele foi esse filho. Sua mãe, uma cristã ortodoxa grega prometeu a Deus que, se lhe desse um filho menino, ela o devolveria ao Senhor e Benny nasceu.⁵⁴¹

Em outro momento do texto, Hinn reitera que aprendeu sobre o Espírito Santo sozinho, o que reforça o discurso individualista da Pós-Modernidade, em que a independência e a autonomia são destacadas. Além de escrever para o sujeito de seu tempo e se inserir como tal, percebem-se, no texto de Hinn, influências de outros movimentos que contribuem para a definição e organização do movimento de auto-ajuda.

O Novo Pensamento é um desses movimentos. Embora não fale explicitamente sobre o poder do pensamento para atrair a atenção do Espírito, Hinn utiliza algumas concepções desse movimento, como o Deus imanente em lugar do Deus transcendente; o que importa é o Deus que fala em cada um e o poder da vontade para atrair a atenção do Espírito, como se percebe pela citação abaixo:

Durante um programa de construção de uma igreja perguntaram-me - Como você sabe que está fazendo a coisa certa? - A resposta foi a mesma que se tivessem indagado sobre a minha salvação. - Sei porque sei, porque sei [...] - O Senhor, através do Espírito Santo, me disse para começar a construção. Cada decisão de minha vida é baseada nessa mesma voz interior.⁵⁴²

Deus não apenas é imanente, como, há uma tendência a humanizar Deus, especialmente o Deus Espírito Santo, que chora e que compartilha sua dor com os seres humanos.

Quanto às escolas psicológicas, nota-se influência da Psicologia Humanista, tanto no que se refere às experiências de culminância, quanto na auto-realização. Hinn se identifica como porta-voz de Deus. Essa característica é esperada de líderes messiânicos que se consideram a voz de Deus para as pessoas: “[...] se Jesus viera até mim, Ele deveria estar me separando para um chamado superior”⁵⁴³.

⁵⁴⁰ HINN, 1993, p. 10.

⁵⁴¹ HINN, 1993, p. 17-18.

⁵⁴² HINN, 1993, p. 78.

⁵⁴³ HINN, 1993, p. 24.

O apelo às experiências místicas e a valorização das experiências de culminância pode ser notada no texto a seguir:

[...] eu ouvi uma voz tão clara como qualquer outra dizendo - Amo a você! Amo a você - Era a voz de Jesus! Naquele momento as paredes de meu quarto pareciam estar realmente sacudindo. Eu fiquei amedrontado porque a presença do Senhor era tão pouco usual.⁵⁴⁴

Em vários momentos, as experiências de Benny Hinn com Deus são destacadas. O narrador constrói o texto a fim de mostrar sua superioridade sobre as demais pessoas. Em uma parte do texto, Hinn narra sua visão de um anjo, que lhe antecipa o que ele seria: famoso e palestrante em grandes eventos: “Não consigo tirar de minha cabeça esse quadro de minha pregação em enormes campanhas ao ar livre, em estádios, em igrejas e salões de concerto [...] Só pode ser uma coisa - respondeu ele. - Deus está preparando você para um grande ministério. Acho maravilhoso”⁵⁴⁵. E o contato com o Espírito o eleva a um nível tal de superioridade que ele não apenas busca aprofundar esses contatos, como orienta outros a fazerem o mesmo.

A Psicologia Transpessoal, outra influência da literatura de auto-ajuda, se faz presente no texto através da valorização maior da experiência pessoal ou mística em detrimento de outras experiências, como se nota na citação a seguir:

Deus tem falado comigo várias vezes durante a minha vida através de visões [...] Eu vi a Jesus entrar em meu quarto. Ele usava um traje mais alvo que a neve e um manto escuro drapejado sobre a veste. Vi Seu cabelo. Olhei em seus olhos. Vi os sinais dos cravos em suas mãos. Vi tudo.⁵⁴⁶

Há contato do humano com o divino, que se humaniza para aprofundar esse contato. E as experiências místicas se tornam o alvo do ser humano, como aponta Hinn em outro momento de sua obra. Para todas as perguntas ao Espírito Santo, a resposta bíblica era fornecida imediatamente, uma vez que somente a Bíblia é considerada fonte de verdade sobre o ser humano:

A partir daquele dia a Bíblia passou a ter uma dimensão inteiramente nova. Eu dizia, Espírito Santo, mostre isso para mim na Palavra. [...] A Bíblia ganhou vida [...] Ele confirmou repetidamente na Palavra o que estava operando em minha vida. Por mais de oito horas naquele primeiro dia e depois, dia após dia, passei a conhecê-lo cada vez mais.⁵⁴⁷

⁵⁴⁴ HINN, 1993, p. 106.

⁵⁴⁵ HINN, 1993, p. 37.

⁵⁴⁶ HINN, 1993, p. 23.

⁵⁴⁷ HINN, 1993, p. 15.

Menções a experiências místicas são várias na obra, o que reitera a influência da Psicologia Transpessoal, embora, como já tenha sido mencionado, essa não seja a única ênfase dessa escola psicológica. A Psicologia Transpessoal se preocupa com o ser humano integral, e nesse ser humano, com suas experiências espirituais. Em vários momentos da obra, nota-se o valor às experiências espirituais, tanto as da infância e mocidade de HInn, quanto as da fase adulta; o Espírito Santo se manifesta diretamente a Hinn e este destaca o valor de tais experiências para sua vida e também para a vida de outros. Um exemplo está na promessa que Hinn fez a Deus de que se Ele fizesse a Hinn e sua família chegar bem a Toronto, para onde se mudaram quando ele tinha 14 anos, Deus receberia o maior frasco de azeite de oliva que Hinn encontrasse.⁵⁴⁸ E Deus fez, como se nota na citação a seguir: “No dia seguinte eu entrei orgulhoso na igreja ortodoxa grega e cumpri o voto que fizera a Deus. Coloquei o óleo na frente do altar e disse baixinho - Obrigado, Senhor”⁵⁴⁹.

De maneira sutil, Hinn influencia os leitores tanto a fazerem votos a Deus, quanto a cumpri-los. E, com sua experiência ensina que Deus responde a votos, o que pode se tornar generalização muito facilmente: Deus cumpre todos os votos.

A credibilidade ao texto de Hinn e a manutenção do estatuto de texto de auto-ajuda são reforçadas no valor à experiência, em detrimento do estudo:

A experiência foi intensamente pessoal e baseada na Palavra de Deus. Você pode perguntar - Ela resultou de um estudo bíblico sistemático? - Não, aconteceu quando convidei o Espírito Santo para ser meu amigo pessoal, meu guia constante. Pedi que me levasse pela mão e me guiasse a ‘toda verdade’. O que Ele irá expor e revelar na Escritura tornará vivo para você o seu estudo bíblico.⁵⁵⁰

Uma das características do discurso de auto-ajuda é o discurso de autoridade, como já foi mencionado e este pode ser legitimado pela experiência de quem conta, que a usa de forma generalizadora: “Se aconteceu comigo, pode também acontecer com você”. Hinn desafia seu leitor a dar passos de fé para experimentar o poder do Espírito, e o faz utilizando o imperativo: “Você está ouvindo a voz dele? Está pronto para entrar em comunhão com Ele?”⁵⁵¹.

Narrativas de ascensão social para quem esteve à margem e conseguiu superar obstáculos também são característica da literatura de ajuda e se apresentam no livro *Bom dia, Espírito Santo*, como se percebe nas citações abaixo, em que HInn, inicialmente, se apresenta como uma pessoa à margem e, posteriormente, mostra que superou as dificuldades e se tornou

⁵⁴⁸ HINN, 1993, p. 26.

⁵⁴⁹ HINN, 1993, p. 28.

⁵⁵⁰ HINN, 1993, p. 50.

⁵⁵¹ HINN, 1993, p. 81.

pessoa bem sucedida:

Ali estava eu, nascido em Israel, mas sem ser judeu. Criado numa cultura árabe, mas não de origem árabe. Frequentando uma escola católica, mas educado como grego ortodoxo.⁵⁵²

Eu me via pregando. Era inconcebível, mas não conseguia mudar a imagem. Eis-me ali, usando terno, com o cabelo cortado e bem penteado, pregando sobre uma tempestade.⁵⁵³

Suas orientações para garantir o sucesso são simplistas e cria-se a ilusão de que se fossem seguidas, a vida seria transformada, o que reforça a leitura de outros livros com premissas semelhantes e, muitas vezes do mesmo autor. Em outra de suas obras, *Bem vindo Espírito Santo*, Hinn recupera o que foi mencionado nessa obra e acrescenta outras idéias novas, o que parece confirmar o rótulo de literatura de espoliação para esse gênero, como mencionou Pedro Demo, já mencionado nessa tese⁵⁵⁴.

Além da Psicologia Humanista e da Psicologia Transpessoal, notam-se no texto de Hinn elementos da Psicologia Positiva. Hinn apresenta as seguintes virtudes ou expressões de caráter positivo: coragem (enfrentou oposição dos pais após se converter por amor a Jesus), amor e humanidade (chamado para pregar o evangelho foi obedecido apesar da gagueira, da qual foi curado), espiritualidade e transcendência (afastou-se de todos para estar com Jesus). Um exemplo está no texto bíblico abaixo:

Com o correr do tempo perdi a vontade de sair com os jovens da igreja só para me divertir. Eu queria ficar com o Senhor, dizendo muitas vezes - Senhor, prefiro isto a qualquer coisa que o mundo possa oferecer [...] O que eu quero eu já tenho - eu disse ao Senhor. - O que quer que seja, não permita que vá embora.⁵⁵⁵

E a instituição positiva que ele destaca é a Igreja. Hinn reforça o papel da Igreja como agente para a manifestação do Espírito, o que ela não pode negligenciar. A Igreja contribui para que as emoções positivas venham à tona e o caráter positivo seja desenvolvido.

- O que está errado? Por que a primeira igreja teve tanto poder e nós tão pouco? [...] Tudo é na verdade muito simples. [...] Está na hora de você começar a exercer o poder do Todo-poderoso [...] Esta é a única conclusão a que consegui chegar. A razão da igreja e tantos de seus membros estarem tão desanimados é que ela ignorou a pessoa mais poderosa do universo - o Espírito Santo.⁵⁵⁶

⁵⁵² HINN, 1993, p. 20.

⁵⁵³ HINN, 1993, p. 37.

⁵⁵⁴ Cf. DEMO, 2005.

⁵⁵⁵ HINN, 1993, p. 44.

⁵⁵⁶ HINN, 1993, p. 131.

Outros elementos do discurso de Benny Hinn que se aproximam da literatura de ajuda merecem ser considerados, como o uso de versículos bíblicos que confirmam cada uma das premissas que ele defende ao longo do texto, embora muitas delas sejam distorcidas doutrinariamente, como a citação a seguir: “Se o Espírito Santo não estivesse com Jesus, Ele talvez tivesse pecado. O Espírito Santo foi o poder que o manteve puro. Ele não foi só enviado pelo céu, mas foi chamado de Filho do homem”⁵⁵⁷.

Outra característica do discurso de auto-ajuda presente em *Bom dia, Espírito Santo* é a relação causa-efeito para explicar todos os sucessos e insucessos humanos e divinos: “Você já se perguntou por que alguns não foram curados quando Jesus passou por eles? [...] Foi porque o Pai não solicitou ao Espírito Santo para pedir a Jesus que fizesse isso”⁵⁵⁸.

O texto de *Bom dia, Espírito Santo* em vários momentos é irreverente. Ele ordena ao Espírito, ele conversa com o Espírito como um amigo imaginário e seus textos são carregados de visões.

7.3 Observações sobre os dois textos

Ao contrário do texto de Rick Warren, que traz a compreensão da auto-ajuda como desenvolvimento de habilidades para serviço da comunidade, o texto de Benny Hinn defende a auto-ajuda como obtenção de recursos para sucesso pessoal, especialmente sucesso espiritual. A amizade com o Espírito Santo é utilitária e deve ser buscada com intensidade devido aos benefícios que usufrui aquele que a possui.

O livro *Uma vida com propósitos* mostra que o ser humano precisa obter sentido para a vida através da submissão a Deus, do amor ao próximo e do serviço à comunidade. O livro *Bom dia, Espírito Santo*, por outro lado, enfatiza que o sentido para a vida deve ser a busca de mais poder espiritual, o que se obtém através de mais experiências místicas com o Espírito Santo.

Nota-se que o cristão protestante de Belo Horizonte, ao optar por leituras de enfoques tão diferentes, já assume uma postura diante da auto-ajuda: de sujeito de sua história ou de vítima dela. A primeira postura parece ser a defendida por Warren, ao passo que a segunda parece ser a enfatizada por Hinn, quanto aponta o insucesso como resultado da não busca pelo Espírito Santo.

A espiritualidade veiculada nos dois textos também é diferente. No texto de Warren nota-se uma espiritualidade relacional, ao passo que no texto de Hinn destaca-se a

⁵⁵⁷ HINN, 1993, p. 139.

⁵⁵⁸ HINN, 1993, p. 138.

espiritualidade egocêntrica e auto-referenciada. Para Warren, o ser humano se aproxima mais de Deus à medida que serve a outros; para Hinn, a proximidade de Deus está vinculada a mais experiências com o poder d'Ele.

O público alvo das duas obras também é diferente e parece ser diretamente influenciado pela escolaridade de seu autor. Pessoas mais escolarizadas preferem ler livros de seus pares, com os quais a identificação é mais próxima, o que ocorre com leitores de *Uma vida com propósitos*. Os treinamentos e outras leituras decorrentes dessa exigem envolvimento e dedicação com leitura, o que os leitores de Warren parecem assumir.

Como as experiências de Hinn com o Espírito Santo dependeram apenas de passar tempo a sós com Deus, e, não de um aprendizado formal, seu livro parece atrair público semelhante, que se encanta com as sensações místicas em detrimento do estudo e aprendizado formal.

Quanto à relação dessas obras com as demandas do protestantismo, protestantes de missão tendem a encontrar maior semelhança com os pressupostos de Rick Warren, em *Uma vida com propósitos*, do que com os pressupostos de Benny Hinn, que encontrariam maior ressonância em comunidades evangélicas e igrejas pentecostais, tanto pela ênfase carismática (no poder e nos dons do Espírito Santo), como pela pouca preocupação com fontes teóricas que respaldem suas premissas.

Pode-se verificar que as duas obras sustentam a hipótese que norteou todo o trabalho. Híbridos, sob o gênero da devocional cristã, os livros analisados desenvolvem o gênero da auto-ajuda cristã, construído sobre as bases psicológicas humanista e transpessoal. Algumas vezes há a utilização de termos técnicos e jargão próprio da psicologia, em outros, estão adaptadas à simbologia e doutrina cristã protestante. Visam a oferecer orientação religiosa em termos amplos, demonizam a Pós-Modernidade e a cultura. Consideram emblemáticas e positivas as instituições da família e da Igreja e organizam o sujeito religioso para a obediência civil e as regras morais. Como discurso de auto-ajuda cristã, ambas mesclam os discursos psicológico e religioso para oferecer orientação para a vida. As duas obras revelam o deslocamento do imaginário cristão protestante, com a afirmação da pessoa através da saúde física, psíquica e espiritual no presente e não para um futuro além-morte. A forma do testemunho é eficaz na construção do leitor, que pode se identificar com a figura do aprendiz, do discípulo, que recebe as instruções do mestre, no caso de Rick Warren, ou pode assumir o eu da experiência de Hinn.

Quanto à hipótese levantada, esta tem como premissa que os evangélicos são beneficiados pela leitura porque esta não apenas traz orientações para o viver diário, como

também aprimora a espiritualidade. Tanto Warren como Hinn, em seus textos, mostram isso. Warren constrói um texto que valoriza a comunhão, declara os benefícios do serviço cristão e defende o relacionamento com Deus como fundamental. Ao estabelecer tais exigências, atribui ao cristão a responsabilidade de gerir sua vida para que alcance tal padrão.

Hinn tece caminho oposto. Seu texto poderia ser considerado auto-ajuda pela identificação que promove em seus leitores. Em seu texto não traz consolo, mas traz instrução e pauta tais ensinamentos nas Escrituras, ainda que estas sejam organizadas de maneira equivocada.

8 CONCLUSÃO

Como o próprio título desta tese anuncia, *Literatura de auto-ajuda: em busca da felicidade ainda na terra e não só para o céu*, o esforço investigativo aqui empreendido recupera alguns pressupostos da literatura de auto-ajuda, cujo tempo é o presente, cujo foco é a felicidade e cuja escatologia se configura na perspectiva pré-milenista do protestantismo brasileiro. A ironia sutilmente sugere o que se busca demonstrar na pesquisa que é o fato de essa literatura ocupar um espaço vivencial, social, religioso e psicológico específico na experiência religiosa de cristãos evangélicos e revelar traços de um deslocamento havido no imaginário cristão protestante quanto à esperança intra-histórica de realização pessoal.

A problemática que estrutura e motiva esta pesquisa é tanto o questionamento de como as premissas da auto-ajuda podem ser percebidas na literatura cristã como o papel que a literatura de auto-ajuda cristã desempenha junto aos cristãos protestantes. Para se constatar as premissas da auto-ajuda, identificaram-se, no item 1.4, os objetivos gerais da investigação, nos subitens I e II, que englobavam o compreender os pressupostos da auto-ajuda e o buscar as possíveis inter-relações entre a literatura de auto-ajuda secular e a literatura de auto-ajuda cristã. Tais objetivos gerais foram organizados em metas específicas, denominadas na Introdução de objetivos específicos, a saber, os subitens I, II e III: recuperar o histórico da literatura de auto-ajuda e as influências que recebeu e verificar a inter-relação entre escolas psicológicas e a literatura de auto-ajuda cristã.

O desejo de felicidade não é exclusivo ou típico do período da Modernidade que se experimenta na contemporaneidade. Os seres humanos sempre almejavam minimizar o sofrimento e serem felizes. A literatura de auto-ajuda corrobora essa ânsia humana pela felicidade ao oferecer orientações de como alcançá-la, aqui e agora. Munindo-se de discursos autoritários, de testemunhos pessoais para dar credibilidade à narrativa, de frases curtas e estímulo ao pensamento tautológico, ser feliz passa a depender não de circunstâncias externas, mas de cada pessoa. Cria-se a ilusão de que a vida pode ser controlada, planejada conforme as vontades pessoais, como se fosse possível evitar a contingência e a fragilidade humanas, os acasos e as angústias que caracterizam o viver e geram sofrimento. Por isso, a literatura de auto-ajuda é acusada de ser estratégia de espoliação e manutenção da ingenuidade.

Essa literatura se sustenta a partir de bases religiosas, psicológicas e sociais. Quanto à sua história, embora o gênero não seja recente, pois surge no final do século XVII com a proposta de atender à necessidade de capacitação dos cristãos em seu serviço a Deus, foi em

meados do século XIX que ela se expandiu e adquiriu contornos mais específicos.

No início do século XX, a industrialização e suas exigências associaram-se à pouca eficácia da religião para responder às demandas daquele momento e contribuíram para que o ser humano se sentisse despojado de referenciais e fragilizado. Tendo os Estados Unidos como referência não apenas de origem, mas também para mudança de seu enfoque, de religioso-cristão para sucesso e bem estar, a literatura de auto-ajuda conquista diuturnamente cada vez mais novos leitores.

A base religiosa fundamental é a do Novo Pensamento. Esse movimento, construído a partir de pressupostos cristãos, defende que o poder da mente, através da confissão positiva, dentre outros instrumentos, é capaz de mudar a vida e a vontade, de controlar a existência, promover a saúde, proporcionar a felicidade, minimizar os conflitos humanos. Além do Novo Pensamento, a literatura de auto-ajuda se sustenta também na Nova Era, que prioriza a divindade panenteísta e imanentizada, o contato com a espiritualidade e valoriza também a possibilidade de o humano ser feliz e alcançar equilíbrio que se reflete em saúde física, psíquica e espiritual, no entanto sem o discurso cristão do Novo Pensamento.

O contexto pós-moderno com suas urgências, marcado por incrementos tecnológicos, sociais, culturais e biomédicos traz a sensação de impotência, a perda de referenciais, a fragilidade diante da possibilidade de escolhas autônomas e responsáveis. Para contribuir na definição de sua identidade frágil e sem consistência, tem-se buscado a literatura. A sociedade pós-industrial é marcada pela escrita. O livro é a fonte da sabedoria, parece ocupar o lugar outrora ocupado por família, igreja, amigos e funciona como interlocutor para o esclarecimento de dúvidas, definição de papéis, orientação de pensamento, capacitação para atender às exigências da Modernidade.

Influenciada basicamente pela psicologia humanista, que sustenta a importância de se conhecer e desenvolver as potencialidades de cada indivíduo, essa literatura estimula o autoconhecimento e, através de conceitos psicológicos, no mínimo, ecléticos, traz esclarecimentos, definições e taxonomias a respeito do caráter humano e seu agir no mundo. No entanto, parte da premissa de que é possível generalizar os conflitos e as características humanas, como se a personalidade fosse um conceito estático e houvesse características universais, o que suscita várias críticas a esse gênero. Essa busca pelos universais é marca própria da Modernidade, matriz e motriz da escola humanista. A plasticidade e o dinamismo que caracterizam a personalidade são negligenciados e a escuta, instrumento importante de autoconhecimento, é substituída pela leitura.

Compartilhando de alguns traços da Psicologia Humanista, outras escolas psicológicas

desenvolvem categorias e estruturas de percepção da realidade que são apropriadas pela literatura de auto-ajuda. Entre essas, destacaram-se a Psicologia Transpessoal e a Psicologia Positiva.

Cada pessoa não apenas tem potencialidades que desconhece e precisam ser descobertas, como sustenta a psicologia transpessoal, mas também é um ser inteiro e todas as suas dimensões devem ser consideradas, entre elas, a dimensão espiritual. Conforme a Psicologia Positiva, cada pessoa é capaz de ser feliz ou de adquirir virtudes e forças positivas desde que esteja cercada por instituições positivas. Passa-se, assim, a valorizar a melhoria da família, o aperfeiçoamento da Escola, a eficiência do Estado, a ampliação da influência da Igreja, pois são essas instituições que poderão garantir a felicidade do ser humano.

Essas estruturas não são aparentes ou autoproclamadas, mas se deixam perceber em inúmeros vestígios detectáveis na literatura de auto-ajuda. Há livros buscando fortalecer a família, melhorar relacionamentos conjugais, capacitar pais a serem influências positivas sobre seus filhos, estimular professores no relacionamento com alunos, capacitar professores a serem mais eficientes em sua tarefa docente, orientar gestores educacionais em sua tarefa de melhorar as escolas que dirigem, estimular a população a se conscientizar de questões que outrora eram atribuições do Estado. Deslocam-se responsabilidades e culpas entre as várias instâncias sociais; reforça-se o comportamento responsivo positivista; o individualismo é elevado à condição de solução única: nas mãos do indivíduo está a possibilidade de mudar o mundo; o padrão do *self-made man*, do capitalismo e marca da liberdade do Ocidente se desloca para o imaginário religioso e os instrumentais da psicologia se aliam à prática religiosa popular.

Para relacionar a literatura de auto-ajuda, dita secular, e a literatura de auto-ajuda cristã, buscou-se responder aos objetivos específicos III e IV, a saber, identificar as características da literatura de auto-ajuda cristã e verificar como ela se manifesta entre os evangélicos. A verificação de semelhança entre esses pressupostos foi possível através da compreensão das características do movimento de cura interior e das pesquisas do tipo *survey* realizadas no ano de 2007 com evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas. Ainda para relacionar os dois tipos de literatura, fez-se a análise das duas obras mais listadas pelos evangélicos na pesquisa: *Uma vida com propósitos*, de Rick Warren, e *Bom dia, Espírito Santo*, de Benny Hinn, tendo como pressupostos o referencial teórico levantado no que se denominou a primeira parte da tese, os capítulos dois a quatro.

Para caracterizar a literatura de auto-ajuda cristã e o seu papel junto aos evangélicos, que foi a segunda problemática desenvolvida na pesquisa, fez-se necessário trazer

considerações acerca do campo religioso brasileiro. As estratégias desenvolvidas atendem ao objetivo geral III e ao objetivo específico IV que é identificar as características da literatura de auto-ajuda cristã. Nessas considerações, recuperou-se um breve histórico das denominações protestantes e como elas chegaram a Belo Horizonte, uma vez que essa cidade é o campo geográfico da pesquisa realizada. Percebeu-se que as principais denominações chegaram à capital mineira quase simultaneamente à chegada ao país e que elas guardam algumas semelhanças doutrinárias entre si, o que permite, apesar das muitas distinções litúrgicas e teológicas, agrupá-las.

Constatou-se, também, que esse grande grupo compartilha de certa psicologização da fé, através do movimento de cura interior. Os principais representantes desse movimento, cuja origem pode ser localizada geográfica e culturalmente nos Estados Unidos, foram mencionados e as pressuposições de cada movimento foram expostas, entre eles, o movimento que destaca a relação entre cura interior e batalha espiritual. O vínculo com o movimento de cura interior e seus desdobramentos como a batalha espiritual proporcionaram a condição de possibilidade para se concretizar o que se chamou aqui de literatura de auto-ajuda cristã.

A literatura de auto-ajuda também se faz presente como literatura de auto-ajuda cristã. Apesar de ser categorizada apenas em final da década de 80 do século passado, como uma literatura de vocabulário simples, com proposta educativa, repleta de trechos bíblicos e escrita por pessoas com formação acadêmica e teológica pouco sólida, pode-se perceber a presença dessa literatura nas igrejas evangélicas brasileiras desde a década de 50 através dos livros do pastor, Norman Vincent Peale, que recupera o valor do pensamento positivo, associa a ele versículos cristãos e defende a importância de exercitar a fé e pronunciar palavras positivas que confirmem essa fé. Como parte do contexto moderno, em que se busca redefinir a identidade e, ao mesmo tempo, atentar para exigências como sucesso, bem-estar, êxito profissional e familiar, a literatura de auto-ajuda cristã visa atender a um público com exigências não apenas materiais, mas também espirituais.

Todo esse saber, no entanto, demandava confronto com a realidade. Não se localizaram, na literatura disponível, dados empíricos, além dos dados da Câmara Brasileira de Livros e os dados censitários do IBGE. Por isso, optou-se por realizar pesquisa de campo que permitisse verificar a hipótese aqui enunciada e o conjunto de categorias desenvolvidas na pesquisa teórica. A pesquisa se dividiu em dois momentos. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com 768 evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas no primeiro e segundo semestres de 2007. Foram entrevistadas 274 pessoas no primeiro semestre e 494

peças no segundo semestre. Os cristãos evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas apontaram benefícios nos livros que leram que ultrapassam as categorias básicas da auto-ajuda de sucesso e o bem-estar, o que suscitou questionamentos sobre a recuperação da associação entre literatura de auto-ajuda e religião cristã.

Mais de 80% das pessoas nas duas pesquisas mencionaram que a leitura de livros contribuiu na resolução de problemas pessoais. Questionadas acerca do tipo de problemas pessoais que a literatura ajudou a resolver, 41% delas, na segunda pesquisa, apontaram que estes se referiam a questões de caráter, relacionamentos interpessoais, família, cura física e finanças. Na primeira pesquisa, os resultados não foram muito diferentes e os problemas relacionados à orientação de vida e aos relacionamentos foram os mais beneficiados pela leitura.

A pesquisa mostrou que os evangélicos recorrem à literatura após terem buscado orientações ou alívio em Deus (através da oração) e buscado orientações com outras pessoas (amigos, líderes, família). Nota-se, portanto, que existem algumas diferenças importantes entre a literatura de auto-ajuda secular e a literatura de auto-ajuda cristã. A rejeição à segunda é menor do que a rejeição à primeira e esta não apenas é bem vinda nas comunidades evangélicas, como exerce influência positiva, recomendada explicitamente pelos líderes e autoridades religiosas.

Os livros mais lidos pelos evangélicos nas duas pesquisas, *Uma vida com propósitos* e *Bom dia, Espírito Santo* foram analisados a fim de se verificar em que essa literatura se assemelharia à literatura de auto-ajuda. Percebeu-se que a literatura de auto-ajuda cristã, representada pelos dois livros mais citados pelos evangélicos de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas, se vale de dois discursos: o discurso psicológico e o discurso doutrinário. Essa literatura traz informações e procura formar a mentalidade do cristão evangélico acerca de usos e costumes adequados, de relacionamentos pertinentes, de valores a serem adotados pelo grupo cristão. Ela responde, portanto, ao sujeito pré-moderno, que procura um centro unificador para dar conta da identificação com o mundo e sente necessidade de uma lei externa que o oriente. A heteronomia ou a dependência de modelos move essa literatura e estimula a procura por ela. O autoconhecimento, ênfase da literatura de auto-ajuda, se constrói e se estabelece a partir de modelos e não é diferente na literatura cristã de auto-ajuda. Os modelos são outros: personagens bíblicas ou o autor e a autora da obra. Estes porque conseguiram vencer as dificuldades através de exercícios espirituais, e aqueles porque o fizeram através da fé.

Cristãos evangélicos de várias denominações protestantes lêem literatura de auto-ajuda

cristã, camuflada sob o título de literatura de espiritualidade ou como parte do gênero literatura devocional, ou ainda explicitamente definida sob a categoria de literatura de auto-ajuda. Há outra categoria para esse gênero que são os livros de cura interior.

Escrita por pastores, pastoras, pessoas sem formação acadêmica ou com formação precária, ou ainda escrita por pessoas com vasta formação acadêmica, que dominam tanto o discurso teológico, quanto expressões do discurso psicológico, essa literatura assume funções relevantes no campo protestante brasileiro, ao contrário do que ocorre com a literatura de auto-ajuda secular, percebida como espoliativa, como deletéria, como apenas estratégia comercial.

A literatura de auto-ajuda cristã também visa ao mercado, também se caracteriza por promover a busca por outras obras do mesmo gênero, no entanto, há diferenciais entre ela e a literatura secular. Se, nesta, a influência positiva é presumida, naquela esta influência parece, de fato, se manifestar. Utilizada em contextos cristãos protestantes, ela não apenas contribui para disseminar premissas teológicas, mas também é uma literatura formadora de opinião, inserindo-se em diversos campos, como didático, pedagógico, pastoral.

Os objetivos gerais e específicos foram cumpridos. A hipótese que motivou esse trabalho foi demonstrada: há uma literatura de auto-ajuda cristã, construída sobre bases psicológicas humanista e transpessoal, apropriada pelos cristãos, especialmente na área de cura interior. O discurso da literatura de auto-ajuda cristã mescla os discursos psicológico e religioso para oferecer orientação não somente religiosa, mas para a vida, e preenche o vácuo que esses discursos isoladamente não conseguem preencher, assim como revela certo deslocamento do imaginário cristão protestante, com a afirmação da pessoa através da saúde física, psíquica e espiritual no presente e não somente para um futuro além-morte.

Essa literatura instrui, consola, anima, capacita a vencer dificuldades intra e interpessoais, traz esclarecimentos teológicos e trabalha com dificuldades, muitas vezes expressas apenas para amigos, quando se encontra quem se disponha a escutar. Ela contribui para resolver problemas pessoais, psicológicos, ligados ao cotidiano do cristão, de sua experiência na comunidade religiosa e aqueles relacionados à espiritualidade. Essa literatura ocupa espaço importante no contexto protestante brasileiro, que é espaço de interação. Na impossibilidade de se contar com aconselhamento pastoral, ou na dificuldade de expor conflitos para pessoas confiáveis, os evangélicos buscam a Deus e aderem à literatura de auto-ajuda como parceira de diálogo. E, como mostraram as pesquisas, eles têm encontrado na literatura uma boa parceria, ainda que ela não tenha sido listada como fonte inicial de aconselhamento.

A literatura cristã de auto-ajuda recupera uma das possibilidades desse gênero literário pouco citado na atualidade fora do ambiente acadêmico que é a de capacitação profissional. A capacitação a que se propõe não é apenas profissional, é particularmente capacitação ministerial. Para obtê-la é importante valorizar a espiritualidade e o relacionamento com Deus, motivadores principais para o consumo desses livros entre os evangélicos. A capacitação ministerial refere-se ao desenvolvimento de habilidades gerenciais, interpessoais, espirituais, habilidades estas que promoverão a evangelização e trarão mais pessoas para as comunidades religiosas; afinal, uma das razões de a comunidade existir é a sua sobrevivência e expansão.

Além de recuperar a motivação original desse gênero, de serviço a Deus e ao próximo, a literatura de auto-ajuda cristã parece exercer outra função importante, de articular uma possível unidade entre os evangélicos. Evangélicos de várias denominações lêem livros semelhantes, o que contribui para disseminação de teologias e adoção de pressupostos teológicos semelhantes entre as várias igrejas protestantes. Esses livros também uniformizam concepções sobre ser humano e ser cristão. Leitores evangélicos se vêem, assim, orientados a partir de norteadores seguros, uma vez que seus autores têm títulos que trazem credibilidade e utilizam um discurso autoritário que impede quaisquer críticas ou incertezas sobre a veracidade de suas pressuposições.

A felicidade no céu, tema do discurso dos protestantes que chegaram ao Brasil em final do século XIX, é substituída pela felicidade na terra. Mas, essa não é mais a preocupação última dos cristãos evangélicos brasileiros na atualidade. Este é outro dos grandes deslocamentos que a literatura de auto-ajuda cristã desvela: a felicidade, com toda sua frágil consistência, é alvo para o presente. A preocupação é a felicidade aqui, para usufruírem de bênçãos espirituais e “comerem o melhor da terra”. As bênçãos buscadas com a leitura são bênçãos terrenas, relacionadas à família, ao trabalho, ao físico, e vêm confirmadas por versículos bíblicos, o que as legitima. A busca por espiritualidade parece não visar ao “celeste porvir”, mas parece funcionar como estratégia para se obter o favor de Deus e se proteger do avanço do mal. Os apelos ao autoconhecimento para gerar cura interior ou cura da alma e as orientações para que se percebam as estratégias do diabo, encarnação do mal e adversário dos cristãos, presentes nos livros de auto-ajuda cristã são bem recebidas pelos cristãos evangélicos, que cada vez consomem mais dessa literatura.

No protestantismo brasileiro, prioritariamente pentecostal, em que o trânsito religioso é constante, e os processos de pertença e conversão parecem se confundir, esse gênero ocupa importante papel formativo, orientador, unificador e consolador. Apesar de nas pesquisas, a

literatura não ter sido mencionada como fonte prioritária utilizada diante de problemas emocionais, percebe-se que é a ela que os evangélicos recorrem quando não encontram interlocutores disponíveis. O acesso a Deus, mediado pela oração, por vezes também é mediado pela literatura que mostra como podem ser cristãos e cristãs melhores, como podem vencer seus conflitos interiores e conflitos exteriores, como começar a usufruir do céu agora.

Essa literatura de auto-ajuda cristã influencia as igrejas e os cristãos evangélicos. Parece se oferecer como uma espécie de argamassa que, ideologicamente, une os diferentes em um discurso comum. Esse discurso comum é psicologizado e reduzido ao individual e atende aos interesses das lideranças religiosas e do mercado especializado. Pode-se constatar que tem sido pragmaticamente bem recebido e, se configura, imediata e emergencialmente, solução positiva e construtiva para o ser humano da contemporaneidade.

Mas, certamente não são “rumores de anjos”, e o processo de redução e esquematização, como já demonstrados nas vertentes da cura interior e batalha espiritual, mostram traços de discursos autoritários, de manipulação e de espoliação da liberdade e dignidade humanas. A proximidade da agenda moderna de capacitação empresarial; a forma bancária de ensino, com suas fórmulas e estereótipos; a não valorização da criatividade e da responsabilidade pessoal e comunitária; a falta de ênfase ética e o rigor moral; a deificação das instituições como espaços salutareos e de resistência do humano e outras várias características que podem ser identificadas na literatura de auto-ajuda cristã apontam que este material é positivo, encontra resposta no meio protestante, tem se tornado saída possível dentro das condições urbanas da contemporaneidade, mas demanda estudo, aproximações e críticas.

A estrutura da pesquisa realizada, quase um estudo de caso, reclama ampliação e confirmação das premissas levantadas em outros contextos e urbanidades. O caminho da transdisciplinaridade que se configura no Aconselhamento Cristão e no diálogo entre as práticas religiosas e as práticas psicoterapêuticas, a compreensão das categorias do Pragmatismo e do Utilitarismo anglo-saxão como premissas epistemológicas, assim como pesquisas com editoras e com os autores dessas obras poderão, certamente, ampliar a perspectiva que se desvelou timidamente nesta pesquisa. São caminhos que precisam ser trilhados por psicólogos, antropólogos, sociólogos, cientistas da religião e teólogos. São caminhos possíveis e que demandam o olhar crítico e acolhedor, a percepção das funções e pontos positivos, assim como os riscos, as ameaças e as fragilidades das expressões religiosas no tempo que se chama hoje.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

AMATUZZI, Mauro Martins. Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In: MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 123-140.

_____. Esboço de uma teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, Geraldo José de (Org.). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 25-51.

_____. Experiência religiosa: busca de uma definição. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 49-65, jan./abr. 1998.

ANDERSON, Alan. Metaphysics in the metaphysical movement. *New thought movement*. Florida, 23 Oct. 1999. Disponível em: <<http://websyte.com/alan/metameta.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

_____. *The new thought movement: a link between east and west*. Chicago, 03 Sept. 1993. Disponível em: <<http://www.websyte.com/alan/parlsum.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

_____. The practice of the presence of God for practical purposes. *New thought movement*. 09 Oct. 1995. Disponível em: <<http://websyte.com/alan/movement.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

_____; WHITEHOUSE, Deborah. New age and the new thought movement. In: _____. *New thought: a practical american spirituality*. 10 Nov. 1995. Disponível em: <<http://websyte.com/alan/newage.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANTONIAZZI, Antônio et al. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

AOYAGUI, Paula. Caça aos gurus. *Veja*, São Paulo, Abril, ano 38, n. 1930, p. 144-145, 9 nov. 2005.

ARNETT, Ronald. A world in need of dialogue. *Brethren Life and Thought*, Richmond, v. 36, p. 230-236, autumm 1981.

ASSEMBLÉIA DE DEUS. *Ministério Belo Horizonte: história*. 2008. Disponível em: <<http://www.assembleiadedeusbh.com.br/2008/institucional.asp>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

ASSMANN, Hugo. *La iglesia electrónica y su impacto em America Latina*. San Jose: DEI, 1987.

_____; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSIS, Áder Alves. *Pioneirismo e neopioneirismo: cem anos de ação missionária batista em Minas*. Belo Horizonte: Convenção Batista Mineira, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CRISTÃOS. *Prêmio Areté*. São Paulo, 2007a. Disponível em: <<http://www.abec.com.br>>. Acesso em: 06 abr. 2008.

_____. *Quem somos*. São Paulo, 2007b. Disponível em: <<http://www.abec.com.br>>. Acesso em: 06 abr. 2008.

ASSOCIATION FOR HUMANISTIC PSYCHOLOGY. *Humanistic psychology overview*. Alameda - Califórnia, 2001. Disponível em: <<http://www.ahpweb.org/aboutahp/whatis.html>> Acesso em: 22 set. 2007.

BATISTAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Institucional: informações gerais*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.batistas-mg.org.br>>. Acesso em: 08 jan. 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1968.

BAUMANN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERGIN, Allen E. Psychology as a science of inner experience. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 4, n. 1, p. 95-103, 1964. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

BIDERMAN, Iara. Fórmulas simplistas “empobrecem” livros de auto-ajuda. *Folha On-line*, São Paulo, 06 maio 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3447.shtml>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

BINGEMER, Maria Clara L. (Org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

_____. Remédio amargo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 24-33.

BLAZER, Dan. *Freud versus Deus: como a psiquiatria perdeu a alma e o cristianismo perdeu a cabeça*. São Paulo: Editorial Press; Viçosa: Ultimato, 2002.

BRUNELLI, Anna Flora. “*O sucesso está em suas mãos*”: análise do discurso de auto-ajuda. 2004. 149 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - UNICAMP, Campinas.

BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BUGENTAL, James F. T. The third force in Psychology. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 4, p. 19-25, 1964. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

CAMPOS, Haroldo de. Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana. In: _____. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 9-50.

CAPRARA, Gian Vittorio; STECA, Patricia. Affective and social *self*-regulatory efficacy beliefs as determinants of positive thinking and happiness. *European Psychologist*, v. 10, n. 4, p. 275-286, Dec. 2005.

CÉSAR, Elben Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

CHAGAS, Arnaldo. *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. 2. ed. rev. Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. *O sujeito imaginário no discurso da auto-ajuda*. Ijuí: Unijuí, 2002.

CINTRA, Ângela Mércia Valadão. *A história da Igreja Batista da Lagoinha: sua trajetória desde a fundação em 1957 até o ano de 2006*. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - FATEBH, Belo Horizonte.

COHEN, Ralph. Do postmodern genres exist? In: PERLOFF, Marjorie (Ed.). *Postmodern genres*. London: University of Oklahoma Press, 1989. p. 11-27.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.

DANIEL, Silas (Org.). *História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DEBRAY, Régis. *Midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DE LUCA, Arturo; ABRAMS, Bárbara; LLEWELLYN, Richard. *Psicología transpessoal: uma introdução*. São Paulo: Totalidade, 1993.

DEMO, Pedro. *Auto-ajuda: uma sociologia da ingenuidade como condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DUARTE, Dirceu Pense. *Chamas ardentes: Mário de Oliveira e Antônio Genaro*. Belo Horizonte: [s.n.], 1994.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FARRIS, James Reaves. Intervenção na crise: perspectivas teológicas e implicações práticas. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, UEMESP, ano 11, n. 12, p. 101-118, dez. 1996.

FAUS, José Ignacio González. *Desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1996.

FERREIRA, Eli Evangelista. *Galeria dos pastores da Assembléia de Deus*. Belo Horizonte: A Ibérica Indústria Gráfica, 1971.

FONSECA, Alexandre. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

_____. *Nova era evangélica, confissão positiva e o crescimento dos sem religião*. JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, VIII. São Paulo, 22 a 25 set. 1998. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br>>. Acesso em: 29 ago. 2004.

FRAGA, César. Somos hipermodernos. Entrevista com Gilles Lipovetsky. *Extra Classe*, Porto Alegre, Ano 10, n. 84, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades/lipovetsky.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2007.

FRANKL, Viktor. *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante, 1989.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-72.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14. p. 85-119.

FRIEDMAN, Harris; MCDONALD, Douglas A. Toward a working definition of transpersonal assessment. *The Journal of Transpersonal Psychology*, Palo Alto, v. 29, n. 2, p. 105-122, 1997.

GABLE, Shelly; HAIDT, Jonathan. What (and why) is positive psychology? *Review of General Psychology*, v. 9, n. 2, p. 103-110, 2005. Disponível em: <<http://faculty.virginia.edu/haidt/ab/articles/gable.haidt.what-is-positive-psychology.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2007.

GELLER, Leonard. The failure or *self-actualization* theory: a critique of Carl Rogers and Abraham Maslow. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 22, n. 2. p. 56-73, 1982. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Juan Carlos; NISTAL, José Ángel. *New age: una religiosidad desconcertante*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 129-145.

GRAZIANO, Lilian D. *A felicidade revisitada: um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva*. 2005. 126 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.

GUERRIERO, Silas. A diversidade religiosa no Brasil: a nebulosa do esoterismo e da Nova Era. *Revista eletrônica Correlatio*, UMESP, n. 3, p. 1-13, maio 2003. Disponível em: <<http://www.metodista.br/noticias/correlatio>>. Acesso em: 23 out. 2006.

_____. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

HELD, Bárbara. The negative side of positive psychology. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 44, n. 1, p. 9-46, 2004. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

HINN, Benny. *Bom dia, Espírito Santo*. 2. ed. São Paulo: Bompastor, 1990.

HOFFMAN, E. *Abraham Maslow*. 2004. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/articles/index.php?term=19920101-000038&page=7>>. Acesso em: 22 set. 2007.

HOUTART, François. *Mercado e religião*. São Paulo: Cortez, 2003.

HURDING, Roger. *A árvore da cura: modelos de aconselhamento e psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. Número de membros da igreja. *Atos Hoje*, Belo Horizonte, ano 42, nº 9, p. 2, 02 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.lagoinha.com>>. Acesso em: 03 mar. 2008.

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR. *Igreja no Brasil*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.quadrangular.com.br>>. Acesso em: 05 fev. 2008.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Igrejas e pastores*. 2008. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br>>. Acesso em: 01 fev. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2000: religiões*. 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2006.

JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KAMINER, Wendy. Saving therapy: exploring the religious *self-help* literature. *Theology Today*, Princeton Theological Seminary, v. 48, n. 3, p. 301-325, Oct. 1991.

KAREN Horney. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://em.wikipedia.org/wiki/Karen_Horney>. Acesso em 03 out. 2007.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KIRSCH, Dieter. A crise do masculino: análise e perspectivas de solução. In: HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidney Vilmar (Org.). *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 55-71.

KIVITZ, Ed René. *Auto-ajuda versus ajuda do alto?* São Paulo, 01 nov. 2002. Disponível em: <<http://www.jesusite.com.br/acervo.asp?id=315>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

LAJOIE, Denise; SHAPIRO, S. I. Definitions of transpersonal psychology: the first twenty three years. *The Journal of Transpersonal Psychology*, Palo Alto, v. 24, n. 1, p. 79-98, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LAWRENCE, James F. An extraordinary season in prayer: warren felt evans journey. An extraordinary season in prayer: warren felt evans journey into “scientific” swedenborgian spiritual practice. *Sudia Swendenborgiana*, v. 12, n. 3, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.baysidechurch.org>>. Acesso em: 03 nov. 2006.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.

LEVITT, Steven D.; DUBNER, Stephen J. *Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo o que nos afeta*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D’Água, 1983.

_____. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LISBOA, Abdênago. *História da Igreja Presbiteriana em Belo Horizonte até 1972, seu 60º aniversário de existência*. Belo Horizonte: Canaã, 1974.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Roberto. Deus, homem, super-homem. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (Org.). *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 56-71.

MAESTRI, Mário. Auto-ajuda: a literatura da barbárie. *Correio da Cidadania*, versão eletrônica, ano 4, n. 150, jul. 1999. Disponível em: <<http://www2.correiocidadania.com.br/ed150/cultura3.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2006.

MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil da nova era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARDONES, Jose Maria. Que es la postmodernidad? In: _____. *El desafio de la postmodernidad al cristianismo*. Madrid: Fe y Secularidade, 1988. p. 5-21.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MASLOW, Abraham H. A theory of human motivation. *Psychological Reviews*, v. 50, p. 370-396, Aug. 2000. Disponível em: <<http://psychclassics.yorku.ca/maslow/motivation.htm>>. Acesso em: 25 set. 2007.

_____. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

_____. *Motivation and personality*. 2. ed. New York: Harper and Row Publishers, 1970.

_____. *Religions, values and peak-experiences*. Arkana: Penguin Compass, 1994.

MCGEE, Micki. *Self-help, Inc. makeover culture in american life*. New York: Oxford University Press, 2005.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Crise do culto protestante no Brasil: diagnóstico e alternativas. In: _____.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 171-204.

_____. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

MERCADO da auto-ajuda vende individualismo e falsa felicidade. *Jornal de Psicologia CRP SP*, São Paulo, ano 19, n. 126, jan./fev. 2001. Disponível em: <http://www.crp.org.br/a_acerv/jornal_crp/126/set_126.htm>. Acesso em: 30 jul. 2006.

MEYER, Donald. *The positive thinkers: a study of the american quest for health, wealth and personal power from Mary Eddy Baker to Norman Vincent Peale*. New York: Doubleday Company, 1965.

MICHELL, Deidre. New thinking, new thought, new age: the theology and influence of Emma Curtis Hopkins. *Flinders University Postgraduate Conference*, Adelaide (Austrália), Faculty of Education, Humanities, Law and Theology, v. 2, n. 1, p. 6-18, 2002. Disponível em: <http://ehlt.flinders.edu.au/projects/counterpoints/poc_2002/pdf/a2.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2006.

MILL, John Stuart. *A liberdade*. O utilitarismo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MINISTÉRIO BENNY HINN. *Eventos*. [s.d.a]. Disponível em: <<http://www.bennyhinn.org.br>>. Acesso em: 24 mar. 2008.

_____. *Quem somos*. [s.d.b]. Disponível em: <<http://www.bennyhinn.org.br>>. Acesso em: 24 mar. 2008.

MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO. *Tabela de municípios e denominações: religião*. Dados fornecidos pelo IBGE Censo de 2000. 2005. Disponível em: <http://www.mai.org.br/tabelas/denominacoes/denominacoes_list.php>. Acesso em: 21 nov. 2007.

MITTELMAN, Willard. Maslow's study of *self-actualization*. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 33, n. 1, p. 114-135, 1991. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular. In: VALLE, Edênio; QUEIROZ, José J. (Org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1982. p. 81-110.

MORANO, Carlos Dominguez. *Orar depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 1998.

MOSLEY, Glenn. *New thought, ancient wisdom: the history and future of the new thought movement*. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2006.

NEW thought movement. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/New_Thought_Movement>. Acesso em: 07 nov. 2006.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2000.

NOLL, M. A. Puritanismo. In: ELWELL, Walter (Ed.). *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 208-212.

OLIVA, Margarida. *O diabo no reino de Deus: por que proliferam as seitas?* São Paulo: Musa Editora, 1997.

OLIVEIRA, Estevam Fernandes de. *Conversão ou adesão: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2004.

PEREIRA, Júlio Neves. *Gênero auto-ajuda: estratégias lingüístico-discursivas*. 2005. 199 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - PUC-SP, São Paulo.

PERLOFF, Marjorie. Introduction. In: _____ (Ed.). *Postmodern genres*. London: University of Oklahoma Press, 1989. p. 3-10.

_____. (Ed.). *Postmodern genres*. London: University of Oklahoma Press, 1989.

PHINEAS Quimby. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Phineas_Quimby>. Acesso em 30 jan. 2007.

PIMENTEL, Fernanda da Silva. *Quando a psiquê se liberta do demônio: um estudo sobre a relação entre exorcismo e cura psíquica em mulheres na IURD*. 2005. 262 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - PUC-SP, São Paulo.

PETERSON, Christopher. The future of optimism. *American Psychologist*, v. 55, n. 1, p. 44-55, 2000.

POSITIVE PSYCHOLOGY CENTER. *Learn about positive psychology*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2007. Disponível em: <<http://www.ppc.sas.upenn.edu>>. Acesso em: 14 out. 2007.

PURPOSE DRIVEN LIFE. *About Rick Warren*. Lake Forest, 2008a. Disponível em: <<http://www.purposedrivenlife.com>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

_____. *About the book*. Lake Forest, 2008b. Disponível em: <<http://www.purposedrivenlife.com>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

QUEIROZ, José J. As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. In: _____ (Org.). *Interfaces do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'Água; CRE-PUC-SP, 1996. p. 9-22.

_____. Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno: linguagem e religião. *Rever*, PUC-SP, São Paulo, ano 6, n. 2, p. 1-23, 2006.

QUIMBY'S complete writings. *New Thought*, Virginia, Aug. 2006. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20060829153521/http://religiousmovements.lib.virginia.edu/nrms/Newthoug.html#NTM>>. Acesso em 15 nov. 2006.

RASCHKE, Carl. The human potential movement. *Theology Today*, Princeton Theological Seminary, v. 33, n. 3, p. 253-262. Oct. 1976.

RETRATO da leitura no Brasil. São Paulo: ABRELIVROS, BRACELPA, CBL, SNEL, 2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. A verdade e a ilusão do pós-modernismo. In: _____. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 229-277.

_____. Mal estar na modernidade. In: _____. *Mal estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983. p. 96-119.

ROBB, J. Wesley. The hidden philosophical agenda: a commentary on humanistic psychology. *Journal of American Academy of Religion*, v. 3, p. 3-14, 1969.

ROJAS, Enrique. *O homem moderno: a luta contra o vazio*. São Paulo: Mandarim, 1996.

ROSA, Júlio O. *O evangelho quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização*. Belo Horizonte: Betânia, 1977.

RUDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1996a.

_____. Literatura de auto-ajuda e modos de subjetivação na cultura de massa contemporânea. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1-2, n. 4, p. 187-217, 1996b.

_____. *O governo através da auto-ajuda*. São Paulo, 1996c. Disponível em: <<http://members.fortunecity.com/franrudiger/Mat2.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2005.

SADDLEBACK CHURCH. *The Saddleback history*. Lake Forest, [s.d.]. Disponível em: <<http://saddleback.com/flash/story.asp>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

SALERNO, Steve. *SHAM: how the self-help movement made america helpless*. New York: Crown Publishers, 2005.

SCHNEIDER, Kirk J. The deified *self*: a “centaur” response to Wilber and the transpersonal movement. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 27, n. 2, p. 196-214, 1987. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente, o diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*. 2005. 405 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

SEGUNDO, Juan. Intelecto, fé e compromisso social. In: _____. *Da sociedade à teologia*. São Paulo: Loyola, 1983. p. 61-74.

SELIGMAN, Martin E. P. *Aprenda a ser otimista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

_____. *Felicidade autêntica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. Positive Psychology, positive prevention and positive therapy. In: SNYDER, C. R.; LOPES, S. J. *Handbook of positive psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 3-9. Disponível em: <<http://www.us.oup.com>>. Acesso em: 8 nov. 2006.

_____; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, Washington, American Psychological Association, v. 55, n. 1, p. 5-14, Jan. 2000.

SIEPIERSKI, Paulo. Protestantismo e pós-modernidade. In: MARASCHIN, Jaci (Ed.). *Teologia sob limite*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 169-187.

SILVA, Pedro Amaro da. *Sinopse histórica das Assembléias de Deus no Brasil de Belo Horizonte: 1927-1958*. Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

SMILES, Samuel. *Ajuda-te*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1859.

_____. *O poder da vontade ou caracter, comportamento e perseverança*. 6. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier livreiro-editor, 1870.

SMITH, M. Brewster. Psychology and Humanism. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 22, n. 2, p. 44-55, 1982. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com>>. Acesso em: 22 set. 2007.

SOBRAL, Adair Ubirajara. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase "parasitária" de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem) - PUC-SP, São Paulo.

SOMMERS, Christina Hoff; SATEL, Sally. *One nation under therapy: how the helping culture is eroding self-reliance*. New York: St Martin's Press, 2005.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai? Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004.

STARKER, Steven. *Oracle at the supermarket: the american preoccupation with self-help books*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2002.

STEPTOE, Sonja. *Rick Warren: a pastor with a purpose*. 2005. Disponível em: <<http://www.time.com/time/subscriber/2005/time100/scientists/100warren.html>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

STRUNK, Orlo. Humanistic religious psychology: a new chapter in the psychology of religion. *Journal of Pastoral Care*, v. 24, p. 90-97, 1970.

SUNG, Jung Mo. *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SUTCLIFFE, Steven; BOWMAN, Marion. *Beyond new age: exploring alternative spirituality*. Edinburg: Edinburg University Press, 2000.

SUTCLIFFE, Steven. Wandering stars: seekers and gurus in the modern world. In: _____; BOWMAN, Marion. *Beyond new age: exploring alternative spirituality*. Edinburg: Edinburg University Press, 2000. p. 17-36.

TABONE, Márcia. *A psicologia transpessoal: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

TERRIN, Aldo Natalie. *Nova era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996.

THE BENNY HINN SCHOOL OF MINISTRY online. *About school of ministry*. Grapevine - Texas, 2008. Disponível em: <<http://www.bennyhinn.org/swsm.index.aspx>>. Acesso em: 24 mar. 2008.

TOGNINI, Enéas. *História dos batistas nacionais*. 2. ed. Brasília: Convenção Batista Nacional, 1993.

TRIPICCHIO, Adalberto. *Psicologia transpessoal*. São Paulo, 11 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?temid=600>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

UNDERWOOD, Ralph. Freedom and dignity in A. H. Maslow's philosophy of the person. *Zygon*, v. 10, n. 2, p. 144-162, jun. 1975.

VALADIER, P. A pessoa em sua indignidade. In: _____. *Moral em desordem: um discurso em defesa do ser humano*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 121-154.

VALLE, Edênio. *Conversão e pertença religiosas*. São Paulo: PUC-SP, 2005. (Apostila).

_____. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____; QUEIROZ, José J. (Org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1982.

VAUGHAM, Frances. Spiritual issues in Psychotherapy. *The Journal of Transpersonal Psychology*, Palo Alto, v. 23, n. 2, p. 105-119, 1991.

VICH, Miles. Some historical sources of the term 'transpersonal'. *The Journal of Transpersonal Psychology*, v. 20, n. 2, p. 107-110, 1988.

VIDA e obra de Emanuel Swedenborg. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.swedenborg.com.br>>. Acesso em: 11 nov. 2006.

VITZ, Paul C. Psychology in recovery. *First Things: The Journal of Religion, Culture and Public Life*, v. 151, p. 17-22, Mar. 2005.

WALSH, Roger. The search for synthesis: transpersonal psychology and the meeting of east and west, psychology and religion, personal and transpersonal. *Journal of Humanistic Psychology*, Newbury Park, AHP, v. 32, n. 1, p. 19-45, winter 1992.

_____. The transpersonal movement: a history and state of the art. *The Journal of Transpersonal Psychology*, Palo Alto, v. 25, n. 2, p. 123-139, 1993.

WARREN, Rick. *Uma vida com propósitos*. São Paulo: Vida, 2003.

WEIL, Pierre. *O que é psicologia transpessoal*. Cuiabá, [s.d.]. Disponível em: <http://www.plenitude.com.br/noticias/news/index_noticias.php?id=35>. Acesso em: 27 dez. 2007.

WESTHELLE, Vitor. Teologia e pós-modernidade. In: MARASCHIN, Jaci (Ed.). *Teologia sob limite*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 145-165.

WILBER, Ken. An informal overview of transpersonal psychology. *The Journal of Transpersonal Psychology*, Palo Alto, v. 27, n. 2, p. 107-129, 1995.

WOODSTOCK, Louise. Vying constructions of reality: religion, science and "positive thinking" in self-help literature. *Journal of Media and Religion*, v. 4, n. 3. p. 155-178, 2005. Abstract. Disponível em: <http://www.leaonline.com/doi/abs/10.1207/s15328415jmr0403_3?journalCode=jmr>. Acesso em: 08 nov. 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)